ATRAVÉS DOS PORTAIS DO ESPLENDOR

A história que chocou o mundo,
mudou um povo e inspirou uma nação



ELISABETH ELLIOT

VIDA NOVA

Através dos portais do esplendor

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Elliot, Elisabeth
Através dos portais do esplendor: a história que chocou o mundo, mudou um povo e inspirou uma nação / Elisabeth Elliot; tradução Eulália Pacheco Kregness. – São Paulo: Vida Nova, 2013.
recurso digital; 6 MB

Título original: *Through Gates of Splendor.*
ISBN 978-85-275-1013-4 (recurso eletrônico)

1. Índios da América do Sul - Missões - Equador 2. Mártires cristão - Estados Unidos - Biografia 3. Missionários - Equador - Biografia 4. Missionários - Estados Unidos - Biografia 5. Missões - Equador I. Título.

13-00061

CDD-266.02309866

Índices para catálogo sistemático

1. Equador : Missões entre os índios 266.02309866
2. Missões entre os índios : Equador 266.02309866

ELISABETH ELLIOT

Através dos portais do esplendor



a história que chocou o mundo, mudou um povo e inspirou uma nação

VIDA NOVA

Copyright © 1956, 1957, 1981, 2005, Elisabeth Elliot.
Traduzido a partir da primeira edição publicada pela Tyndale House Publishers, Inc., Carol Stream, Illinois, EUA

1.ª edição: 2013

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA,

Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970

vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em citações breves, com indicação da fonte.

ISBN 978-85-275-1013-4 (recurso eletrônico)

DIREÇÃO EXECUTIVA

Marisa K. A. de Siqueira Lopes

COORDENAÇÃO EDITORIAL E REVISÃO

Rosa M. Ferreira

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

REVISÃO DE PROVAS

Mauro Nogueira

DIAGRAMAÇÃO

Luciana Di Iorio

CAPA

Wesley Mendonça

PRODUÇÃO DO ARQUIVO EPUB

Booknando

Edição digital: março de 2020

Todas as citações bíblicas, salvo indicação contrária, foram extraídas da versão Almeida Século 21, publicada com todos os direitos reservados por Edições Vida Nova.

Entregue seus filhos para levarem a mensagem gloriosa,
Entregue seus tesouros para que depressa sigam seu caminho.
Derrame sua alma por eles em oração vitoriosa,
E tudo isso que entregares Jesus restituirá.

(Tradução livre do hino *Far, faraway*)

Os pais dos cinco homens cumpriram, de forma literal, as palavras desse hino. Este livro é dedicado a eles.

Sumário



Agradecimentos

Mapa: Território da “Operação Auca”.

1 “Não ouso ficar em casa”

2 Destino: Shandia

3 “Tudo para com todos”

Fotos

4 Adaptabilidade infinita

5 “Sacrificável a Deus”

6 Missão entre os Jivaro, os encolhedores de cabeça

7 Destruindo as barreiras da floresta

8 Os Auca

9 Setembro de 1955

Fotos

10 Início da Operação Auca

11 Uma corda do céu à terra

12 A resposta dos indígenas

13 Em busca de “Palm Beach”

14 Um Auca no caminho

15 Por que os homens foram?

16 “Não vamos sozinhos”

17 Vitória na sexta-feira

18 Silêncio

Fotos

Fotos

19 “Todavia, não nos esquecemos de ti”

Epílogo I (novembro de 1958)

Fotos

Epílogo II (janeiro de 1996)

Glossário

Agradecimentos



Muitas pessoas, das florestas do Equador aos arranha-céus de Nova York, ajudaram na composição desta história. As outras quatro viúvas — Barbara Youderian, Marj Saint, Marilou McCully e Olive Fleming —, mesmo quando repentinamente viram-se diante de uma dupla responsabilidade, gastaram tempo reunindo os diários, as cartas e outros escritos de seus maridos e prontamente compartilharam tudo.

Abe C. Van Der Puy, da rádio missionária HCJB em Quito, Equador, passou vários meses reunindo material para o artigo da revista *The Reader´s Digest*, preparado por Clarence W. Hall e publicado na edição de agosto de 1956. Utilizei esse material de maneira exaustiva na versão ampliada da história.

Cornel Capa, da agência fotográfica Magnum Photo, voou para o Equador, a pedido da revista *Life*, poucas horas depois que a notícia do martírio dos missionários foi transmitida para a imprensa americana. Com suas fotos perceptivas e sensíveis, ele conta uma história que as palavras não dariam conta de expressar. Não há dinheiro que pague sua direção habilidosa com a câmara. A

Life generosamente disponibilizou as fotografias tiradas por Cornel Capa.

Jozefa Stuart, do grupo de pesquisa da Magnum, fez uma viagem especial ao Equador, a pedido dos editores, para coletar material adicional de que eu precisava para este livro.

Muitas informações sobre os Auca vieram de Rachel Saint, irmã do piloto missionário, que as recebeu de um índio que fugiu da tribo. Sam, irmão de Nate Saint, teve participação especial como consultor e representante oficial das cinco viúvas. Algumas decisões estavam acima de nossa capacidade, e Sam, em consulta conosco por meio de telefonemas internacionais, reunião pessoal e cartas, tomou-as por nós. É impossível contar as horas e os quilômetros que ele dedicou em prol do projeto.

Os editores da Harper & Brothers empenharam-se de corpo e alma para que este livro fosse o que deveria ser. Suas orientações e encorajamentos são inestimáveis.

Sou profundamente grata a todas essas pessoas.

Juntamente com Barbara, Marj, Marilou e Olive, agradeço a Deus por consentir que participássemos de modo tão íntimo das vidas registradas nestas páginas. E ao Senhor que os fez como eram, repetimos as palavras que nossos maridos cantaram poucos dias antes de serem mortos:

Confiamos em Ti, nosso Escudo e Defensor,
Tua é a batalha, Tu serás glorificado
Ao atravessarmos, vitoriosos, os portais do esplendor,
descansaremos contigo por toda a eternidade.

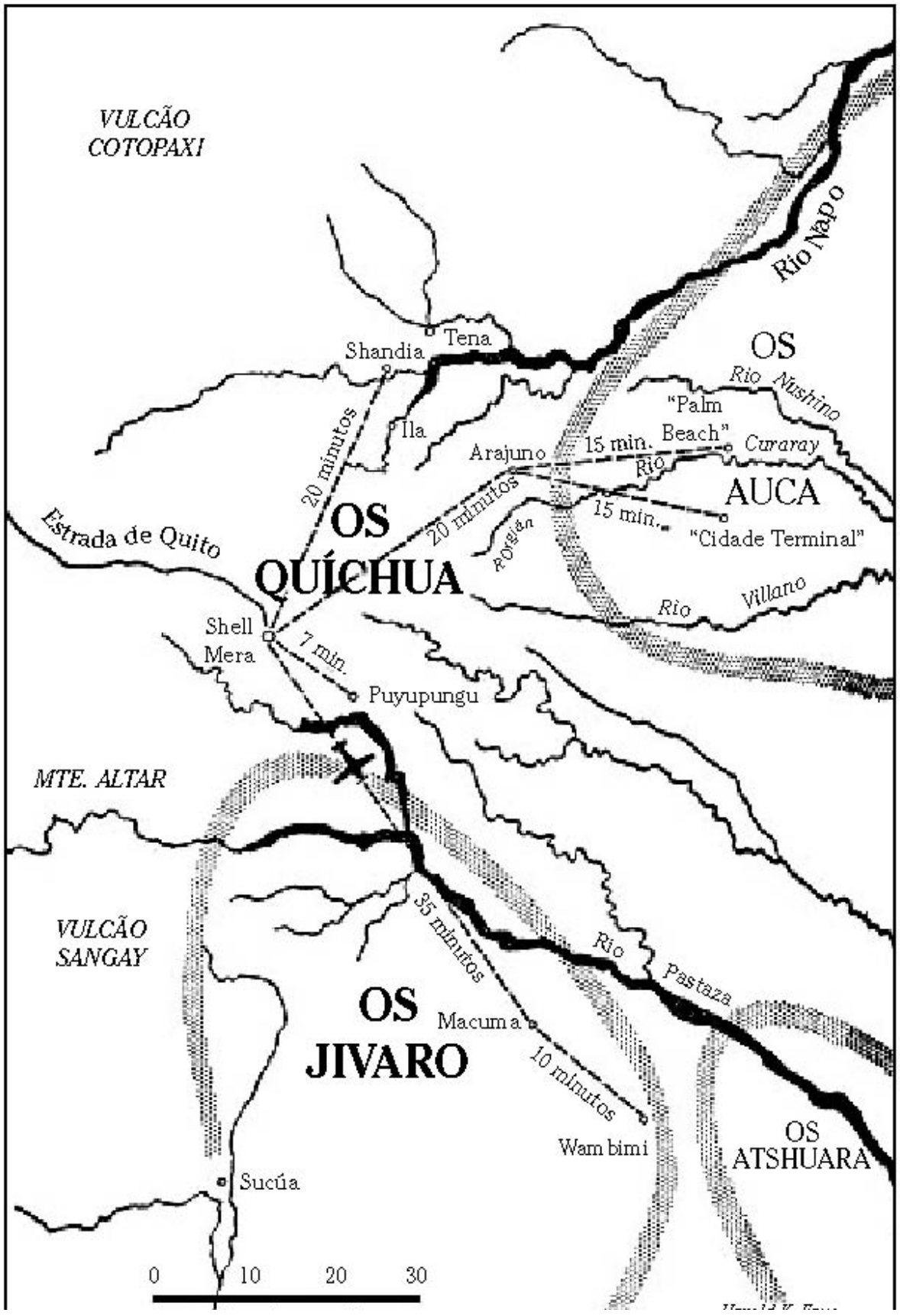
Elisabeth Elliot

Quito, Equador

Fevereiro de 1957


AMÉRICA DO SUL
Quito
EQUADOR
V. mapa
detalhado
PERU
OCEANO
PACÍFICO
Território da
"Operação Auca"
O mapa acima mostra a localização do Equador no
litoral noroeste da América do Sul
Rotas aéreas usadas pelos
missionários




VULCÃO
COTOPAXI
Rio Napo
Tena
Shandia
OS
Rio Nushino
"Palm
Beach"
Curaray
Rio
Ila
Arajuno
15 min.
20 minutos
AUCA
OS
QUÍCHUA
20 minutos
15 min.
"Cidade Terminal"
Estrada de Quito
Rogón
Rio
Villano
Shell
Mera
7 min.
Puyupungu
MTE. ALTAR
VULCÃO
SANGAY
35 minutos
Rio
Pastaza
OS
JIVARO
Macuma
10 minutos
Wambimi
OS
ATSHUARA
Sucúa
0
10
20
30


Escala em milhas
Harold L. Faye

CAPÍTULO 1

“Não ouso ficar em casa”



“O *Santa Juana* está a caminho. Estrelas cintilam através da neblina cerrada. Meia lua. Algas luminosas seguem no rastro do navio. O balanço suave das ondas e o impulso constante do vento.”

Estava abafado na pequena cabine do cargueiro. Jim Elliot, que viria a ser meu marido, escrevia na caderneta com capa de pano que usava como diário. Era uma noite de fevereiro de 1952. Pete Fleming, colega missionário de Jim, estava em outra escrivaninha. Jim continuou:

“Toda a expectativa dos sonhos da infância tomou conta de mim há instantes ali fora, enquanto observava o céu morrer na vastidão do mar. Quando estava na escola primária, meu sonho era velejar, e lembro-me muito bem de ter memorizado os nomes das velas registrados no enorme dicionário Merriam-Webster da biblioteca. Hoje, estou de verdade no mar — como passageiro, claro, porém no mar — rumo ao Equador. Estranho — será? — que

os desejos da infância sejam respondidos conforme a vontade de Deus *agora*?

"Partimos do Outer Harbor Dock, em San Pedro, Califórnia, hoje às 14h06. Lado a lado, meus pais ficaram observando do píer. Enquanto nos afastávamos, o salmo 60.12 me veio à mente, e gritei para eles: 'Faremos proezas com Deus'. Meus pais choraram. Não entendo como Deus me criou. Alegria, pura alegria e gratidão preenchem e envolvem meu ser. Tenho de me segurar para não gritar para Pete: 'Irmão, isto é sensacional!' ou 'A vida nunca foi tão boa'. Deus fez e está fazendo tudo o que sempre desejei, e muito mais do que pedi. Exaltado, exaltado seja o Deus do Céu e o seu Filho Jesus. Porque ele afirmou: 'Nunca te deixarei, jamais te abandonarei', posso afirmar com ousadia: 'Não temerei...'".

Jim Elliot descansou a caneta sobre a mesa. Ele era um jovem de 25 anos, alto, ombros largos, cabelo castanho espesso e olhos azuis-acinzentados. Viajava para o Equador — a resposta de anos de oração pedindo que Deus o orientasse na tarefa à qual consagraria a vida. Alguns acharam estranho que um jovem com tantas oportunidades de ser bem-sucedido tenha optado em gastar a vida nas florestas, entre povos primitivos. A resposta de Jim, encontrada em seu diário, havia sido dada um ano antes:

"Minha ida para o Equador é desígnio de Deus, assim como deixar a Betty para trás, e recusar-me a ouvir conselhos de pessoas que insistem em que eu fique e incentive os cristãos nos Estados Unidos. E como sei que é desígnio de Deus? 'Bendigo o SENHOR que me aconselha, pois até durante a noite meu coração me ensina.' Ah, que maravilha! Pois sei que meu coração me fala por meio de Deus! [...] Não há visões nem vozes, mas o conselho de um coração que deseja o Senhor".

Pete percebeu o estado de ânimo de Jim naquela hora. Pete era mais baixo do que Jim; tinha testa larga e cabelos escuros ondulados. Os dois se entendiam e prezavam um ao outro há muito tempo, e irem juntos para o Equador foi, para eles, um dos "bônus" que Deus lhes acrescentou. Pete, também, enfrentou questionamentos e perguntas discretas ao comunicar que iria para o Equador. Com Mestrado em Literatura, a expectativa era que Pete lecionasse em faculdade ou seminário teológico. Mas desperdiçar a vida entre selvagens ignorantes... — isso parecia um absurdo.

Somente um ou dois anos antes, os problemas do Equador, no bojo da América do Sul, pareciam distantes. Os dois rapazes tinham conversado com vários missionários que haviam estado lá, e estes descreveram as enormes dificuldades de transporte, educação e desenvolvimento de recursos. A obra missionária havia colaborado muito para ajudar o país a diminuir a distância cultural milenar entre as selvas ancestrais e as cidades modernas. Mas o progresso era lento de dar dó. Há 25 anos os evangélicos trabalhavam entre os Jivaro encolhedores de cabeça, os Quíchua no alto dos Andes e os Colorado pintados de vermelho na floresta ocidental. Os Cayapa da região ribeirinha do nordeste também haviam sido alcançados pelo evangelho, e o plano era chegar, em breve, à tribo Cofan, na fronteira com a Colômbia.

No entanto, um grupo de tribos continuava a repelir qualquer avanço do homem branco: os Auca. Eles são remanescentes isolados, inconquistados e seminômades de indígenas da velha floresta. Através do tempo, informações sobre os Auca escapam da selva: por meio de aventureiros, de donos de fazendas, de Aucas capturados, de missionários que conversaram com Aucas capturados ou Aucas que tiveram de fugir das matanças dentro da tribo. Jim e Pete anotavam com muito zelo qualquer informação

que recebiam sobre esses indígenas, e os dois ficavam empolgados só de ouvir o nome do grupo. Será que um dia teriam o privilégio de participar da conquista dos Auca para Cristo?

Os dois rapazes sabiam que o primeiro missionário a pisar em território Auca — Pedro Suarez, padre jesuíta — tinha sido atravessado por lanças e morto em um posto missionário isolado perto da confluência dos rios Napo e Curaray. Isto foi em 1667. Era possível que seus assassinos fossem ancestrais dos Auca da atualidade.

Durante cerca de dois séculos após esse evento, os indígenas foram deixados em paz pelos brancos. Depois, a chegada dos exploradores de borracha escreveu uma página negra na história dessa região da selva. Por volta de cinquenta anos — entre 1875 a 1925, mais ou menos — esses homens vagaram pelas florestas, saqueando e queimando as casas dos índios, estuprando, torturando e escravizando o povo.

Foi um tempo em que o conceito de "raças inferiores vivem sem lei" era aceito praticamente no mundo inteiro. Portanto o ódio dos Auca pelo homem branco era compreensível. Será que o amor cristão conseguiria apagar as lembranças de traições e brutalidades do passado? Esse era o desafio de Jim e Pete em meio à esperança de levar a mensagem do amor e salvação de Deus a esses indígenas. Era um desafio e uma diretriz para os quais eles haviam sido preparados desde a infância.

Deus havia guiado Jim — desde a infância, quando, em Portland, Oregon, ele aprendeu, em casa, que a Bíblia é o Livro dos livros e que obedecer aos seus ensinos não significa necessariamente uma vida de clausura e tédio.

Agora, sentado na cabine do navio, ele se lembrava da casa da família num declive voltado para a Montanha Hood, coberta de neve. O pai de Jim, um escocês ruivo, de mandíbulas de aço, reunia os cinco filhos todas as manhãs depois do café e lia a Bíblia, procurando sempre lhes mostrar que o Livro era para ser vivido e que a vida nele retratada era feliz e recompensadora. As crianças se remexiam em suas cadeiras junto à mesa do café, mas algumas verdades criaram raízes, e Jim, o terceiro filho dos Elliot, aceitou a Cristo como Salvador e Senhor logo cedo.

Ao iniciar o colegial, Jim, seguindo exemplo do apóstolo Paulo, não se envergonhava do evangelho de Cristo. Sempre havia uma Bíblia no topo de sua pilha de livros quando ele entrava na sala de aula. Seu primeiro interesse acadêmico foi arquitetura. Seu talento nessa área era excepcional, e o professor guardava seus desenhos para usar como exemplo em aulas futuras. No entanto, antes de terminar a Escola Politécnica Benson,Jim começou a dirigir sua vida para o campo missionário.

Enquanto estudava no Wheaton College [faculdade evangélica famosa perto de Chicago], Jim limitava suas atividades extracurriculares, pois temia ficar ocupado com coisas supérfluas e perder o que era essencial na vida. Recusou convites para concorrer a vários cargos no campus, mas treinou luta greco-romana e explicou o motivo para sua mãe, numa carta:

“Luto unicamente para fortalecer a musculatura e coordenação, com o objetivo único de apresentar um corpo melhor como sacrifício vivo. Deus sabe disso, e, embora ele tenha permitido que o corpo se esforce e canse, tudo é para a sua glória e a fé que ele honra. Deus espera de nós simplicidade de coração e libertação de qualquer ansiedade, e dá-nos graça para ter as duas coisas”.

No segundo ano da faculdade, Jim concluiu que Deus o queria em um país da América Latina, pregando àqueles que nunca tinham ouvido o evangelho. A decisão foi imediatamente seguida por ação; ele começou a estudar espanhol por conta própria. Jim escolheu grego como especialização, preparando-se para traduzir a Bíblia em algum idioma existente apenas na tradição oral. Seus professores se recordam do vigor, para não dizer absoluta exatidão, com que ele traduziu alguns clássicos antigos — Xenofonte, Tucídides, literatura patrística. Jim se emocionou ao ler pela primeira vez em grego as velhas histórias do Novo Testamento, que conhecia tão bem em inglês.

"Hoje, pela primeira vez, li no original a história da crucificação em João 19", Jim escreveu aos pais. "A simplicidade e ternura quase me fizeram chorar, algo que nunca aconteceu em minhas leituras em inglês. Sem dúvida, é uma linda história de amor."

Em novembro de 1947, Jim escreveu aos pais uma carta na qual revelava sua aspiração: "O Senhor me fez sedento de retidão e santidade que vêm unicamente dele mesmo. Tal sede só pode ser saciada por ele, todavia Satanás engana e oferece todos os tipos de ninharias, vida social, fama, posição, realizações acadêmicas. Estas coisas nada mais são que objeto do 'anseio dos gentios', cujos desejos são deturpados e pervertidos. É lógico que não significam nada para a alma que viu a beleza de Jesus Cristo [...] Sem dúvida, vocês saberão que recebi medalhas de honra ao mérito na faculdade. Elas também são ninharias, e logo acabarão dentro de um baú velho, no porão, ao lado do broche de ouro com a letra 'B', enfeitada com um 'rubi', pelos meus quatro anos de estudo em Benson. Tudo é vaidade debaixo do sol e uma 'corrida atrás do vento'. A vida não é aqui, mas escondida acima com Cristo em Deus, e, ao pensar em tal maravilha, eu me alegro e canto".

Jim e Dave Howard, meu irmão, se formaram juntos no Wheaton College, em 1949. Embora eu também estudasse nessa faculdade, não conheci Jim até o Natal de 1947, quando Dave o trouxe para passar as festas conosco. Achei graça quando, mais tarde, fiquei sabendo que Jim havia escrito aos seus pais sobre "uma garota alta e magra, longe de ser bonita, mas de personalidade dinâmica desconcertante que me atrai".

Ao terminar o terceiro ano de faculdade, Jim escreveu aos pais: "Parece mentira que estou tão perto de terminar os estudos aqui e, pra dizer a verdade, nada disso tem o brilho que eu esperava. Não existem realizações nesta vida; assim que alcançamos a posição tão cobiçada, simplesmente elevamos nossos anseios mais um pouco e buscamos realizações mais importantes — um processo que acaba sendo interrompido pela morte. A vida é mesmo parecida com um vapor que se levanta, serpenteando, evanescente, mudando de curso. Que o Senhor nos ensine o significado de viver tendo em mente o final, como Paulo afirmou: 'Mas em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que cumpra com alegria a minha carreira'".

Naquele verão, depois de pregar numa reserva indígena, Jim escreveu: "Fiquei feliz com a oportunidade de pregar o evangelho da graça inigualável de nosso Deus a estoicos índios pagãos. Meu desejo é que o Senhor me deixe pregar àqueles que nunca ouviram o nome de Jesus. O que mais vale a pena nesta vida? Nunca ouvi nada melhor. 'Senhor, envia-me!'".

Ainda no mesmo verão, Jim anotou em seu diário: "'Ele faz [...] de seus ministros, labaredas de fogo'. Sou inflamável? Deus, liberte-me dos terríveis amiantos de 'outras coisas'. Sature-me com o óleo do Espírito para que eu seja uma chama. Mas a chama é passageira, tem curta duração. Podes aguentar isso, minha alma?

— vida curta? Em mim habita o Espírito do Grande Vida-Curta, que era consumido pelo zelo com a casa de Deus. Faça-me teu combustível, Chama de Deus".

O homem que escreveu essas coisas não era um ermitão. Era um jovem americano prestes a terminar a faculdade, campeão de luta grega da escola, sempre entre os melhores alunos, presidente da Comunidade Estudantil de Missões Estrangeiras, poeta amador e representante da classe no Grêmio Estudantil.

Jim era bastante admirado pelos colegas e tido como "uma das pessoas mais surpreendentes" no campus. Capaz de recitar poemas longos e difíceis, Jim era, ao mesmo tempo, reconhecido como um jovem de estatura espiritual acima dos colegas de classe. George MacDonald afirmou: "O coração que não conhece bem o seu Deus tem medo de rir na presença dele". Jim falava sobre "divertir-se com Deus". "De vez em quando", ele disse, "peço alguma coisa — coisa pequena, quem sabe, e algo responde. Talvez seja apenas eu, mas algo responde, e torna o pedido tão engraçado que dou risada de mim mesmo e sinto que Deus está rindo comigo. Isso tem acontecido muito ultimamente, nós dois rindo de meu 'outro eu' que detesta ser motivo de piadas!".

Seguro de que pertencia a Deus pela fé em seu Filho Jesus Cristo, Jim estava igualmente certo de que o Deus que o havia redimido também o guiaria. "Tenho tanta certeza de sua liderança quanto de sua salvação", ele costumava dizer. Em seu último ano da faculdade, a Universidade de Illinois promoveu uma grande convenção para alunos interessados em missões em outros países. Jim participou e pediu que Deus lhe mostrasse sua vontade.

No fim da convenção, ele escreveu: "O Senhor fez o que eu queria que ele fizesse nesta semana. Em primeiro lugar, queria

sentir paz quanto ao trabalho pioneiro entre os indígenas. Ao avaliar meus sentimentos agora, afirmo com segurança que trabalhar com tribos das selvas da América do Sul é a direção geral de meu propósito missionário. Outra coisa: estou bem certo de que Deus quer que eu vá solteiro para essa obra. Estas são questões sérias demais para serem respondidas em uma semana, porém no momento eu me sinto satisfeito no que diz respeito a elas".

Quase no fim do verão de 1950, a "direção geral" do Jim se tornou específica. Ele conheceu um missionário do Equador que lhe falou das necessidades daquele campo e mencionou o enorme desafio que eram os temidos Auca. Esse foi o apogeu de vários anos de busca da vontade de Deus. Jim consagrou praticamente dez dias à oração para se certificar de que era isso mesmo que Deus queria para sua vida. Sua convicção foi renovada, e o rapaz escreveu aos pais sobre sua intenção de ir para o Equador. Eles, juntamente com outros que conheciam bem Jim, especularam, e é compreensível, se o ministério do filho não seria mais eficaz nos Estados Unidos, onde tantos conheciam tão pouco da mensagem verdadeira da Bíblia. Ele respondeu:

"Não ouso ficar em casa enquanto os Quíchua perecem. As igrejas bem frequentadas aqui de casa precisam ser estimuladas? Elas têm a Bíblia, Moisés, os profetas e muito, muito mais. Sua condenação está escrita em seus talões de cheque e na poeira da capa de suas Bíblias".

Esse sentimento é refletido no que Jim escreveu em seu diário sobre as reuniões evangelísticas que ele e seu colega de faculdade Ed McCully realizaram no sul do estado de Illinois: "Dias inférteis. Tivemos 32 noites dedicadas ao 'Congresso da Juventude' em Sparta, com cinquenta ou sessenta pessoas na quadra da escola

pública. Há pouco interesse, e começo a ver que pouquíssimos jovens são alcançados dessa maneira. Confrontar uma cultura com a verdade de Deus é uma das coisas mais difíceis. A pessoa chega como renovador, persuasor da sociedade, e a sociedade não quer ser persuadida. A firmeza da mente humana é o "muro de Jericó" à pregação do evangelho. *Deus* tem de sacudir, ou nada será sacudido.

"Uma sensação de desencorajamento e dúvida se apodera de mim por causa disso [...] A ideia de que o 'caos criou esse monte de barro à sua própria imagem' — e o descarte de toda a gama de argumentos teológicos — é muito atraente. Repito, estou salvo pela ressurreição de Jesus Cristo. Se eu não cresse que Jesus foi visto pelos homens e provou sua força sobrenatural ao vencer a morte, eu jogaria todas as minhas crenças para o alto e, hoje mesmo, velejaria Mississippi abaixo. Porém o fato é contundente, sedimentado, estabelecido. Nada é mais verdadeiro, e deixa a sensação de que *existem* respostas, ainda encobertas, pelas quais tenho de esperar."

Era típico do Jim: uma vez certo da orientação de Deus, ele não era facilmente dissuadido. A "orientação" era o Equador e, assim, todos os pensamentos e atitudes se inclinavam nessa direção. Jim praticou o que pregava ao escrever em seu diário: "Onde você estiver, esteja *lá de corpo inteiro*. Viva completamente cada situação que você acredita ser a vontade de Deus".

Jim estava orando há algum tempo para que Deus mandasse alguém com ele ao campo missionário, um rapaz solteiro preparado para fazer a obra tribal ao seu lado. Durante um tempo, ele achou que Ed McCully fosse o indicado, mas, quando este se casou em junho de 1951, Jim começou a orar por outra pessoa. Em agosto ele encontrou um velho amigo, Pete Fleming, que acabava

de terminar um mestrado e estava buscando a orientação de Deus para uma obra à qual dedicar sua vida. Mais tarde, Jim escreveu:

"Claro que eu ficaria feliz se Deus persuadisse você a ir comigo, mas, se o Proprietário da Colheita não lhe falar, espero que você permaneça em casa. Para mim, o Equador é o caminho da obediência à ordem simples de Cristo. Há lugar para mim naquele país, e estou livre para ir. Disso tenho certeza. Ele *guiará* você também, e não permitirá que você erre o alvo. Depois da tempestade e do vento, o ruído da 'quietude mansa' será a derradeira palavra vinda de Deus. Aguarde-a com paciência. Lembre-se do que Amy Carmichael disse: 'As promessas de Deus estão sobre mim. Talvez eu não fique para brincar com sombras ou arrancar flores, até findar meu trabalho e prestar contas dele'".

Os desejos de Jim foram realizados quando ele e Pete navegaram de San Pedro em 1952.

Seus caminhos haviam se cruzado quando grupos de jovens de Seattle e Portland, interessados em estudar a Bíblia, reuniram-se para conferências e também para escalar montanhas.

Certa vez Pete foi com Jim Elliot a uma série de conferências e outras reuniões no leste do país. Seis semanas na estrada aprofundaram a amizade que já existia entre os dois. Dirigindo rumo ao noroeste, de volta pra casa, Jim escreveu:

"Pete é um companheiro de viagem muito engajado, interessado nas coisas que observo — geologia, botânica, história e o céu e todas as coisas boas que Deus espalhou, de modo extravagante e variado, pelo oeste americano".

Pete, nascido em Seattle, no estado de Washington, em 1928, aprendeu logo cedo a valorizar a Bíblia e tê-la como regra suprema de vida e conduta. No fim da adolescência e início da juventude, ele impressionava por sua compreensão inteligente da Bíblia, e seu profundo conhecimento espiritual. Pete converteu-se aos 13 anos com o testemunho de um evangelista cego e, igual a Enoque, "andou com Deus" de um modo que o distinguia dos colegas de escola. Destacou-se em basquete e golfe e foi convidado pelos companheiros para ser capelão do time. No seu discurso de orador da turma de formandos, Pete disse: "Para onde olharemos? Para onde iremos? Creio que temos o direito de voltar à Bíblia como âncora. Nela temos um fundamento verdadeiro [...] edifiquemos sobre ela".

Essa convicção fortaleceu Pete quando, no segundo semestre de 1946, começou a estudar filosofia na Universidade de Washington. Ele era um homem de mente crítica, e o estudo o desafiou a reexaminar todo o seu conceito de vida e do mundo ao redor. Durante um tempo, Pete quase naufragou em pensamentos conflitantes, mas o Deus a quem ele há muito tempo havia confiado "a proteção de sua alma" levou-o em segurança ao porto da verdade, sua Palavra eterna.

Pete tinha um emprego de meio período, estudava bastante e era presidente de um grupo cristão universitário. Era um rapaz ocupado, mas mesmo assim gastava tempo em oração e estudo da Bíblia. Em 1951, Pete terminou o mestrado, e sua tese foi sobre *The Confidence Man*, de Melville.

Enquanto isso, depois de se encontrar e se corresponder com Jim, Pete tomou a decisão de sua vida. Surpreendeu os amigos ao dizer que estava certo de que Deus o chamava para trabalhar no Equador.

“Creio que um ‘chamado’ para o campo missionário não é diferente de nenhuma outra forma de orientação”, ele escreveu à noiva, Olive Ainslie. “Um chamado não é nada mais nada menos que obedecer à vontade de Deus, à medida que o Senhor o confirma na alma pelos meios que ele mesmo escolher”.

Pete e Olive se conheciam desde a infância; os dois participavam do mesmo grupo de louvor da igreja. Quando atendeu ao chamado de Deus para o Equador, no entanto, ele foi sem as responsabilidades de chefe de família — pelo menos no primeiro ano, ou um pouco mais.

Em 6 de setembro de 1951, Pete escreveu para o dr. Wilfred Tidmarsh, um missionário inglês que trabalhava há 12 anos na floresta equatorial e que havia falado a muitos grupos evangélicos nos Estados Unidos:

“Desde sua visita, tenho orado muito sobre ir para o Equador. Na verdade, nunca orei tanto a Deus sobre qualquer outra coisa. Eu e o Jim temos nos correspondido e falei a ele sobre o desejo cada vez maior de seguir adiante, e dos versículos que Deus parece me trazer à mente para confirmar essa intenção. Meu pensamento, dentro e fora das Escrituras, foi direcionado à firmeza das palavras de Cristo aos seus discípulos, quando os enviou ao mundo, dizendo: ‘Eu os envio como ovelhas no meio de lobos...’. ‘Se alguém [...] amar pai e mãe [...] mais do que a mim, não pode ser meu discípulo’. ‘Quem não toma a sua cruz, e não me seguir, não é digno de mim’. ‘Quem achar a sua vida irá perdê-la, e quem perder a sua vida por causa de mim a achará’. Parece que as exigências severas de um campo difícil como o Equador estão igualadas em nível espiritual às exigências severas colocadas sobre os discípulos verdadeiros. Parece que o Equador é uma oportunidade oferecida por Deus para que os princípios e as promessas de Deus

sejam testados ao extremo. Essa porta se abriu na hora em que eu buscava o Senhor em relação ao futuro, e, então, esta é sua resposta às minhas orações."

Às vésperas de singrarem dos Estados Unidos, Pete disse a um de seus amigos: "Lembre-se dos últimos versículos de 1Coríntios 3: 'Todas as coisas são vossas, e vós sois de Cristo, e Cristo, de Deus'. Tudo o que somos pertence a Deus, e como foi Deus que criou todo o nosso ser, ficamos muito alegres em saber quem é o nosso Criador. Essa noção deve permear cada área e patamar da vida. Quando apreciamos algo belo, as montanhas, a música, a poesia, o conhecimento, a ciência, as pessoas — mesmo o sabor azedinho de uma maçã —, vemos Deus em tudo isso, refletindo a alegria de sua presença no cristão que entende os propósitos divinos em *todas as coisas*".

CAPÍTULO 2

Destino: Shandia



Depois de dezoito dias no mar, Jim Elliot e Pete Fleming chegaram a Guayaquil, Equador. “Meio caminho acima do rio Guayas”, Pete escreveu, “finalmente entendi que estávamos *mesmo* no Equador. Pela primeira vez, senti-me dominado pela emoção. Eu e Jim cantamos baixinho, enquanto o barco atracava:

> ‘Fé dos nossos Pais, fé santa
> A ti seremos fiéis até a morte’”.

Os dois rapazes saíram do barco e atravessaram a pilha de bagagens rumo à luz quente do sol em Malacon, uma avenida arborizada às margens do rio Guayas.

A maré estava chegando e, no centro da corrente, grandes jacintos de água corriam ligeiros rio acima. Um barco de frutas reluzente havia atracado, e ao lado dele comprimiam-se as barcaças e canoas longas e estreitas feitas de tronco de árvore dos vendedores de bananas. Uma balsa desembarcava multidões de passageiros suados, gritando, carregando malas feitas de palha, trouxas de roupa, galinhas e cestas.

Jim e Pete ficaram observando aqueles rostos até que a multidão se dissipou em várias direções; os dois se voltaram e atravessaram a rua. Portais sobre as calçadas os protegiam do sol tropical; os rapazes olharam as vitrines com sua variedade surpreendente de artigos: suéteres e máquinas de escrever, frigideiras e pneus de carro, falsas cabeças encolhidas confeccionadas pelos índios Jivaro e sabonete branco especialmente para as mulheres. Em uma rua transversal, grãos de cacau estavam espalhados como se fossem tapetes marrons-avermelhados nodosos secando ao sol. Executivos, usando ternos brancos engomados e chapéu panamá, saíam dos escritórios para o almoço de duas horas. Cadilaques e mulas, empurrando uns aos outros pelo direito de passagem, exemplificavam os contrastes dessa terra.

Com uma população crescente de trezentos mil habitantes, Guayaquil é a maior e mais moderna cidade do país, com ruas largas e edifícios comerciais imponentes. As ruas são movimentadas com o vaivém de proprietários, gerentes e balconistas de várias firmas de importação e exportação realizando negócios. Guayaquil é a capital mundial da banana e também é daqui que, desde a Segunda Guerra Mundial, mais de três milhões de sacas de café, mais de trinta milhões de quilos de cacau e mais de cento e trinta e cinco milhões de quilos de arroz são carregados anualmente para o mercado internacional. O ar de prosperidade é dominante, a produção continua crescendo, e esta cidade portuária é o barômetro comercial do país.

Pete e Jim passaram a primeira noite em um hotel de terceira classe. O calor, os pernilongos, o zurrar ocasional de um burrico e o ritmo latino de uma banda num baile próximo tornaram a noite inesquecível. No dia seguinte, os dois pegaram um avião para

Quito, sobrevoaram a parte ocidental da cordilheira dos Andes, atravessando um desfiladeiro de quatro mil metros, e aterrissaram na capital do Equador. Quito fica uns três mil metros acima do nível do mar, e o vulcão Pichincha se ergue do lado oeste.

Ali se apresentava outra oportunidade de "viver intensamente". Essa cidade do velho mundo, com casas de adobe, muros altos de barro, ruas de paralelepípedo, igrejas adornadas, gerânios vermelhos e eucaliptos seria o lar dos rapazes durante seis meses. Antes de irem para o Oriente — a floresta na área leste do Equador, alvo de incansável preparação e planejamento — teriam de cumprir esta última exigência: aprender espanhol, a língua nacional do Equador.

Os dois foram estudar o idioma com uma professora que não esperava nada menos que perfeição; Jim e Pete alugaram um quarto na casa de um médico equatoriano que tinha cinco filhos. Os rapazes conseguiram uma oportunidade inigualável de praticar a língua. Eram forçados a falar espanhol, e as crianças eram bastante desinibidas em apontar os erros e peculiaridades de seus hóspedes.

— Senhor Jaime — perguntou Moquetin, uma criança levada de seis anos — por que seu rosto está sempre avermelhado?

Jim contrapôs:

— Por que o *seu* rosto está sempre amarronzado?

— Porque é mais bonito assim — foi a resposta inesperada.

"Aprender um idioma é uma frustração tirana", Pete escreveu. Mas era necessário aprender. Durante aqueles meses de estudo, Pete escreveu em seu diário: "Estou ansioso para alcançar os Auca, se Deus me der a honra de proclamar seu Nome entre eles [...] Eu entregaria, de todo o coração, a minha vida por essa tribo só para

ver esse povo altivo, inteligente e esperto à volta de uma mesa honrando o Filho — de coração, de coração, de coração! Para o que mais serve viver?

"Esses quase seis meses têm sido repletos de coisas boas e Deus nos tem oferecido privilégios especiais ao não nos dar responsabilidades específicas, em nos prover recurso financeiro e liberdade para viver com uma família do país, e, sem dúvida nenhuma, temos aprendido coisas que nos ajudarão muito na carreira missionária. Tem sido uma bênção maravilhosa orar juntos e testemunhar sobre Deus nos dando fé, entender cada vez mais da Bíblia em espanhol, ver este idioma ficar cada vez mais fácil e fixar na mente frases úteis de modo que não seja necessário traduzir cada uma delas antes de falar. Tudo isso tem sido muito bom e aprendemos muitas coisas, tais como lidar com situações, ficar com a boca fechada diante de alguns assuntos, dar-se bem com as pessoas da terra, entender a perspectiva missionária delas... Deus vai nos fazer fluentes em espanhol, de uma forma ou de outra, e também em Quíchua".

Finalmente chegou o dia em que Jim e Pete deixariam Quito.Os dois observaram suas bagagens serem jogadas no topo de um veículo abarrotado e desajeitado que servia de ônibus. Uma carroceria tinha sido montada em uma superestrutura impressionante que se projetava nos dois lados e acomodava uns trinta ou mais passageiros dentro, e tantos quantos ousassem viajar pendurados do lado de fora. Espremendo-se juntamente com suas máquinas fotográficas — marca registrada de missionários e também de turistas — em meio a outros passageiros, Jim e Pete encontraram um lugar para sentar numa tábua de talvez 25 cm de largura que não deixava um espaço maior do que esse entre as pernas e o banco da frente.

Na verdade, tiveram muita sorte de estar num ônibus com corredor, pois em alguns veículos os alegres passageiros pulavam por cima dos companheiros de viagem para chegar a seus assentos. E conseguiram sentar onde havia apoio para as costas e ainda observar a paisagem através das janelas baixas. Ficar com os joelhos batendo no queixo não é uma posição das mais confortáveis, contudo os dois se revezavam no assento perto do corredor e, assim, conseguiam esticar um pouco as pernas.

— Vamos! — o motorista gritou. Jim e Pete ficaram contentes porque o ônibus iria sair no horário. Mas não tiveram tanta sorte assim — pois essa é a terra do *mais tarde*. Os atrasos inexplicáveis acontecem em todas as áreas, e talvez a coisa mais irritante para um estrangeiro seja o fato de ninguém dar esclarecimentos. Ninguém pergunta nada. Silêncio. Nesse caso, o atraso foi só de uns dez minutos; sem aviso nenhum, o motorista ligou a chave, o motor deu uma partida brusca e o ônibus começou a rodar.

O ônibus deixou a cidade e subiu o páramo [campo situado no alto dos Andes], onde uma garoa fria contribuía para a desolação dos grandes trechos de grama seca. De vez em quando um índio de poncho vermelho de lã esvoaçando ao vento forte passava em seu cavalo, a galope. Uma mulher usando saia pesada de lã e blusa bordada passou a trote manso, o cavalgar comum dos indígenas do alto dos Andes. A filhinha, vestida exatamente do mesmo jeito, incluindo o chapéu tipo diplomata, sacudia levemente no pano que a mantinha presa às costas da mãe. As mãos da mulher se moviam com agilidade, tecendo num fuso.

Quando chegaram a quatro mil metros de altura, os homens avistaram as pequenas choupanas dos Quíchua das terras altas. Esses índios ganhavam a vida com dificuldade no pastoreio de gado e ovelhas e na plantação de batatas e alguns tipos de cereais.

Esse cenário foi logo substituído pelo território árido que rodeava Ambato, cidade vítima de um devastador terremoto em 1949, e a "porta para o Oriente". O ônibus fez uma parada ali, e foi imediatamente cercado por mulheres carregando bandejas com carne de porco frita, torta de carne, copos de suco ou bacias de esmalte carregadas de fatias de abacaxi. Cada vendedora anunciava seus produtos com uma cantarola peculiar.

A viagem foi reiniciada, e o ônibus subiu entre picos imponentes cobertos de neve, depois embicou na ladeira e mergulhou em curvas fechadas vertiginosas no amplo desfiladeiro cortado pelo rio Pastaza através da cordilheira oriental dos Andes,adiante do Tungurahua, extinto vulcão em forma de cone. Com rapidez impressionante, o deserto do declive ocidental e a passagem alta pela montanha foram substituídos pelo verde exuberante da encosta oriental, numa descida de tirar o fôlego. Orquídeas roxas pendiam sobre a estrada enquanto o ônibus oscilava e dava solavancos ao longo do caminho estreito, tendo um precipício à direita e um muro íngreme de pedra à esquerda.

No fim da tarde, o ônibus fez outra curva, e o rio Pastaza surgiu diante deles, fluindo em faixas largas sobre as margens escuras. Esse era o extremo oeste da poderosa bacia do Amazonas, que termina quase cinco mil quilômetros ao leste, quando o rio desemboca no Oceano Atlântico. Depois de uma ou duas vilas, alcançaram Shell Mera. Uma antiga base da Companhia Shell, que explorou petróleo na área, o lugar agora não passa de um amontoado de edifícios de madeira dilapidados; um hotel, várias casas e lojas em um lado da rua e, do outro, uma base militar e um instituto bíblico dirigido pela missão.

A base equatoriana da Missão Asas de Socorro [MAS] ficava no sul do vilarejo. Foi ali que Jim e Pete se encontraram com o dr.

Tidmarsh, missionário com quem haviam se correspondido antes de viajarem para o Equador. Juntos, partiram logo de Shell Mera e foram para o norte, voando sobre o mar verde que era a floresta, seguindo o rio Ansuc em direção a Atun Yaku, cabeceira do rio Napo.

Rumavam para Shandia, o posto Quíchua da missão que o dr. Tidmarsh havia abandonado por causa da saúde de sua esposa. Eles planejavam reabrir o posto, e Tidmarsh ficaria até que os rapazes se estabelecessem.

Na época, Shandia não tinha pista de voo, assim os três passageiros aterrissaram em um posto vizinho e continuaram a pé através da floresta. A caminhada começou no fim da tarde e eles, sabendo que a marcha levaria três horas, apressaram-se contra o repentino lusco-fusco tropical. Escorregando em raízes graminosas, tropeçando e debatendo-se em lodaçais profundos, os homens se apressaram para chegar logo ao local que seria seu lar nos meses à frente. Estavam ansiosos pelas coisas futuras, mas, ao mesmo tempo, deleitavam-se nas belezas da grande floresta amazônica que estavam atravessando.

Era mata virgem. Árvores com raízes em forma de pilares cresciam a alturas espetaculares, geralmente sem galhos, a não ser lá no topo. Sob esses guarda-sóis naturais, uma variedade impressionante de flora viceja. Jim e Pete raramente conseguiam distinguir que folhas pertenciam a que árvores, por causa do enorme entrançamento de cipós, plantas aéreas e fungos que lhes sugam a vida. Orquídeas espalhadas por todos os cantos tingiam de cor o tapete verde. Fungos cresciam em cores vívidas e formas estranhas — vermelhos e franzidos como saias de mulher; turquesas, em formas de conchas, meio escondidos sob troncos apodrecidos.

Na mesma hora em que a lua banhou a floresta, os três homens adentraram a clareira que era Shandia.

"Fomos imediatamente cercados por indígenas", Pete escreveu, "e recordei-me de alguns rostos das fotos de Tidmarsh; senti uma espécie de orgulho por ter lembrado. Meu primeiro pensamento foi: 'Sei que posso amar este povo'. Os desenhos pintados nos rostos das mulheres e as lamentáveis pregas de suas saias azuis desbotadas chamaram minha atenção. Havia crianças por todos os lados, sorrindo de modo acanhado. Bebês mamavam em peitos grandes e murchos, e os meninos nos encaravam com olhinhos ansiosos. Ouvi a primeira conversa de Tidmarsh no idioma Quíchua; fiquei a imaginar se um dia iria aprender essa língua".

Ao mesmo tempo, Jim escrevia: "Chegamos ao destino escolhido em 1950. Minha felicidade é completa. Ah, que cegueira teria sido rejeitar a orientação para este momento. Como ela mudou o curso da minha vida e acrescentou-me tantas alegrias!".

No ponto mais distante da clareira havia uma cabana de sapê onde o dr. Tidmarsh morava. As paredes eram de bambu partido e o assoalho era de madeira; a construção se apoiava em estacas para garantir a circulação de ar e proteger contra a umidade do chão e a invasão de insetos.

"À primeira vista, a casa pareceu-me espaçosa e confortável", Pete escreveu em seu diário, "e pensei que Olive e eu viveríamos muito bem num lugar assim, sentindo-me feliz só de pensar nisso. Depois de trocarmos de roupa e lavarmos os pés na água gelada do rio Napo, demos uma olhada ao redor e nos sentamos para uma refeição composta de sopa de arroz, banana-da-terra, mandioca, arroz e café. Agora estou à mesa de jantar escrevendo à luz de lampião de querosene... cansado, mas profundamente agradecido ao Pai, que nos guia. Na verdade, isto não é o fim, mas o começo".

CAPÍTULO 3

"Tudo para com todos"



Em Shandia, Jim e Pete tornaram-se verdadeiros missionários pela primeira vez. Tinham ido para alcançar os Quíchua com a Palavra de Deus, uma tarefa para a qual se haviam preparado, mas só poderiam realizar se ganhassem a confiança e o amor desses indígenas. Assim, ao viverem entre eles, fazendo parte de suas vidas e lançando os fundamentos da confiança mútua, os dois esperavam abrir a mente e o coração desse povo para a mensagem de Cristo. Jim e Pete sabiam que qualquer conhecimento adquirido de suas experiências entre os Quíchua iria prepará-los para a obra entre outras tribos mais distantes ainda da civilização moderna.

Os dois jovens missionários logo descobriram que os Quíchua caçam um pouco, lavram a terra um pouco e, de vez em quando, trabalham para um fazendeiro vizinho. Estão sujeitos a uma variedade de doenças e parasitas intestinais debilitantes. Vivem entre dois mundos — o da quase extinta cultura dos antepassados e o da cultura crescente do homem branco.

Os Quíchua são gentis, diferentemente de seus vizinhos ao sul, os canibais Jivaro, e os temidos Auca, ao noroeste. Cada aspecto da vida, saúde, educação, nascimento e morte dos indígenas despertava o interesse imediato de Jim e Pete.

Noite após noite, em sua pequena cabana, os dois escutavam a floresta afinar sua orquestra e registravam suas experiências nos diários e cartas. Mariposas e moscas fervilhavam ao redor do lampião, caindo sobre os papéis, obstruindo a ponta das canetas. Besouros enormes zumbiam junto aos seus rostos, que brilhavam com o suor provocado pelo calor do lampião. Todas as noites os dois eram rodeados por um círculo de faces escuras e sorridentes — os meninos que se aproximavam para observar seja lá o que fosse que os missionários estivessem fazendo.

— Os brancos nunca se cansam de papéis? — um deles perguntou ao dr. Tidmarsh em Quíchua. — Esses dois, tudo o que fazem é olhar e escrever no papel. Meu pai diz que os homens brancos têm cheiro de papel. Ele fica bravo comigo porque tenho cheiro de papel quando volto da escola.

Pete Fleming sorria enquanto o dr. Tidmarsh traduzia. Como se concentrar durante cinco minutos? Mas ele amava esses meninos Quíchua. Era isso que ele havia pedido tanto; foi por isso que havia renunciado ao silêncio e sossego dos estudos, coisa que lhe dava tanto prazer antes.





Pista em Shell Mera — base da Missão Asas de Socorro (MAS).
Embaixo, à direita: residência da MAS, casa da família Saint e hangar.
Esquerda: Rio Pastaza. *Alto*: sopé dos Andes.



Com um amigo (à direita), Stevie Saint, cinco anos (à esquerda) observa o pai taxiar o avião Piper Cruiser amarelo brilhante da MAS depois de um voo sobre a floresta repleta de perigos.





Esta foto de Roger Younderian e fotos parecidas de outros missionários foram dadas aos Auca para que se familiarizassem com os rostos de seus amigos voadores. Para ajudar na identificação, Roger segura uma tiara feita de penas, presente dos Auca; na beirada da foto, também um avião foi desenhado.



Em 1953, bem antes de iniciarem a Operação Auca, três missionários fizeram uma viagem de reconhecimento pelo rio Bobonaza. *Da esquerda para a direita*: Ed McCully, Pete Fleming, Jim Elliot. O papagaio domesticado foi um presente de amigos Quíchua.



Nate Saint, o piloto entre os cinco homens, inventou um jeito de descer um balde do avião, permitindo, assim, a troca de presentes entre os missionários e os Auca.



Roger Youderian, usando um gráfico de linguagem desenvolvido por missionários, ensina índios Jivaro a ler no idioma deles.





Primeira foto: Em Puyupungu, Pete Fleming traduz a Bíblia em Quíchua para Atanasio, o chefe local.
Segunda foto: Nate Saint faz uma pausa durante um caldeamento em Shell Mera.



Batismo de uma índia por Jim Elliot.



Ed McCully, Marilou e o filho Stevie no posto da missão em Arajuno. As placas de alumínio usadas como teto foram transportadas de avião por Nate Saint, e as madeiras usadas nas paredes foram resgatadas de uma vila abandonada da Shell. Os barris de gasolina à direita eram usados para pegar água da chuva.

Durante esse período, eu estava no lado oeste da floresta do Equador; Jim e eu nos correspondíamos com a frequência permitida pelo serviço postal da mata. Assim que chegou em Shandia, ele escreveu: “O dia começa às 6 horas com o chiado do

fogão a gás — é o dr. Tidmarsh esquentando água para se barbear. A caixa que usamos como apoio da bacia fica num canto da varanda da frente, e o escoadouro, onde jogamos a água suja, é uma vala que cerca a casa do outro lado da parede. De manhã, comemos uma ou duas tigelas de mingau de banana ou fubá, uma banana fresca e tomamos uma xícara de café.O café da manhã é interrompido às 7h15 para fazermos contato com outros postos missionários da região. Durante as refeições só falamos espanhol. Quando terminamos de comer, lemos Daniel em espanhol e oramos.

"Por enquanto, tenho passado as manhãs observando Tidmarsh realizar seu trabalho médico, estudando ou construindo engenhocas que nos tragam um pouco mais de conforto; essas tarefas são entremeadas por visitas à construção da pista de voo para ver como está indo o trabalho. Hoje uma vara de porcos selvagens apareceu na cabeceira do rio, e todo mundo saiu a caçar; assim, temos apenas uma dúzia de indígenas na construção. Chegaram àquela parte da pista em que há canteiros de banana-da-terra, e todos se opunham a cortar as bananeiras. Ajudei-os a abater algumas árvores, para dar um incentivo. Para os indígenas, isso é como jogar comida fora, e também fiquei chateado; todavia, o número de bananeiras é grande, mas a pista é uma só.

"Nosso quarto é bastante agradável; há uma janela enorme que dá para uma vista linda. A porta nada mais é que um pedaço de estopa entre nosso quarto e a sala. Dois tapetinhos e duas cadeiras de alumínio deixam o lugar habitável, e o índio Venâncio varre a casa diariamente, livrando-a do barro e das baratas mortas".



O velho Venâncio, um Quíchua típico, foi a mão direita do dr. Tidmarsh. Ele se veste como os homens brancos (calça e camisa normais), pois seus pais abandonaram o *kushma*, traje antigo dos Quíchua, há muito tempo. Caminhar pelas trilhas da floresta, muitas vezes com lama até os joelhos, faz dos sapatos algo absurdo para Venâncio, embora alguns outros indígenas calcem os pés em dias especiais como sinal de prestígio. Um alfinete de gancho enfeita uma mancha evidente na frente da camisa amassada, além de estar sempre à mão para a retirada de espinho de palmiteiro de seus pés.

Em suas caminhadas pela floresta, Venâncio carrega o velho facão, que ele gira a esmo nas árvores. Se alcança uma margem íngreme ou escorregadia, o índio cava degraus para os dedos dos pés à medida que vai subindo. Se há um ramo pendurado em seu caminho, basta um golpe de facão para removê-lo. Suzana,esposa de Venâncio, vai se arrastando atrás dele, carregando o bebê — amarrado ao quadril com um pano — e uma cesta enorme contendo panela, galinhas, cobertor e bananas. A cesta fica presa à testa de Suzana com uma "corda" da floresta — uma tira de casca de árvore ou folha longa e fibrosa. Ela também carrega um facão, com o qual extrai e descasca mandioca — que é o principal alimento deles —, apara as unhas e dá fim ao que cresce junto à porta da frente de sua casa.

O facão é a ferramenta mais valiosa deles — na verdade, muitas vezes é a única ferramenta. Funciona muito bem como enxada, pá, machado, faca, tesoura, ou seja lá o que for. Jim e Pete descobriram

logo que o facão é indispensável na mata e se maravilharam de ter conseguido viver sem ele nos Estados Unidos.

Venâncio passa a maior parte do tempo fazendo pequenas cestas para ovos, armadilhas em forma de trompete, redes para apanhar peixe, peneiras trançadas e tamborins de pele de macaco. Sua esposa faz todo o trabalho pesado, como limpar o quintal das árvores e ervas daninhas, cuidar da roça, buscar água e lenha, lavar roupa nas pedras junto ao rio e arrastar cachos de banana, que chegam a pesar até quase cinquenta quilos cada.

A cama de Venâncio é feita de varas de bambu atravessadas sobre algumas estacas. Como cadeiras, ele usa pedaços de madeira, de doze ou quinze centímetros de altura, nos quais se agacha junto ao fogo. Um prato de sopa e uma colher são os utensílios das refeições; para beber, ele usa cuias e tigelas de argila.

O alimento básico de Venâncio e companheiros de tribo é uma bebida chamada *chicha*. É feita de mandioca, que as mulheres cavam diariamente, descascam com golpes certeiros de facão e cozinham numa panela de barro. Depois do cozimento, usam um pilão de madeira para deixar a mandioca na consistência de purê de batata, só que mais grosso e pesado. Então, enchem a boca com essa massa, mastigam bem e cospem numa bandeja.

Assim começa o processo de fermentação, que continuará em grandes urnas de argila onde a massa é colocada, ficando ali durante um ou dois dias, ou até mesmo uma semana se quiserem uma *chicha* mais forte. Os Quíchua vivem literalmente dessa coisa a maior parte de suas vidas, suplementado-a, quando podem, com carne da selva ou peixe, talvez com uma fruta nativa e ovos.

Todos os dias, enquanto observavam os indígenas como indivíduos ou grupo, Jim e Pete aprendiam a se adaptar a esse novo estilo de vida. Certa noite, enquanto os dois conversavam com o colega mais velho, dr. Tidmarsh, e alguns meninos da tribo, na pequena casa de bambu, ouviram alguém correndo lá fora.

— Doutor! Doutor! *Tiangichu*? Você está aí?

— *Ikui. Ikui.* Entre.

— Minha cunhada está morrendo!

No idioma Quíchua isso significa qualquer coisa que vai de uma dor de cabeça a uma mordida de cobra. Se alguém está em excelente estado de saúde ele está "vivendo". Caso contrário, está "morrendo".

— Qual é o problema da sua cunhada?

— Ela está fazendo uma criança nascer. Você pode vir?

A não ser que haja complicações, geralmente o missionário não é chamado para ajudar no parto, mas o dr. Tidmarsh sabia que essa mulher havia perdido cinco bebês. Ele era doutor em filosofia, não em medicina, embora tivesse estudado homeopatia. Assim, ele reuniu os equipamentos simples que possuía para tais emergências e, acompanhado de Pete, desceu o rio. Venâncio, servindo de guia, mergulhou à frente na escuridão, enquanto os outros dois movimentavam seus faroletes tentando aumentar o pequeno círculo de luz que faziam na trilha lamacenta.

Tiveram de atravessar duas ou três vezes o rio Talac, um curso raso de cerca de quinze metros de largura, e, finalmente, chegaram à casa da mulher, um edifício retangular feito de bambu e folhas de palmeiras, trançadas de forma bonita e alinhada.

Ao passarem pela porta estreita, envergando-se sob uma soleira baixa desenhada de modo a impedir a entrada de porcos e galinhas, enxergaram várias pequenas fogueiras brilhando sombriamente através da fumaça que permeia a casa e também serve como selante do teto de folhas, cobrindo-o de alcatrão, que é resistente aos insetos. Havia um homem sentado num canto, trançando uma rede de pesca. Outro "serrava" as cordas de um violino caseiro.

"A mulher estava deitada numa tábua de bambu", Pete escreveu mais tarde em seu diário, "parcialmente protegida do público por dois cobertores mal pendurados, e era ajudada por uma 'parteira'. Aos poucos, tudo escureceu, as fogueiras se transformaram em cinzas, e os familiares foram para suas camas de bambu — as criancinhas ficaram com seus pais, os garotos mais velhos foram para um canto, e as meninas, para outro. Deram uma cama para mim e Tidmarsh, e ali nos deitamos, pois não havia sinal do bebê, e as dores de parto continuavam a intervalos de sete minutos.

"Como o bambu não tinha nenhuma das qualidades flexíveis que muita gente tem em mente e como nossos sapatos e calças ainda estavam molhados da caminhada pelo rio, começamos a sentir frio e, mais tarde, nos levantamos e fomos sentar nos tocos ao redor das fogueiras fumacentas que se recusavam a ficar acesas. Na companhia de dois cachorros sarnentos que eram pele e osso, ficamos em silêncio ouvindo o cantar dos grilos, o estranho coaxar das rãs que mais parecia o grito de gansos, o choro ocasional de uma criança, o estalar do bambu quando alguém se mexia na cama e os gemidos periódicos da grávida que aumentavam de forma estridente em gritos curtos.

"Quando a dor foi aumentando e se intensificando, a moça se ajoelhou, enrolou as mãos num pedaço de trepadeira que pendia

do teto e levantava o corpo quando vinha uma contração. Para mim, aquelas pequenas mãos bronzeadas, erguidas bem acima da cabeça, e os braços, marcados por músculos retesados, revelavam algo da maneira simples e ainda tradicional de dar à luz.

"Depois que a bolsa arrebentou, as dores diminuíram e o bebê começou a descer. A parteira deu o sinal, todos acordaram e, sonolentos, se postaram num canto, espiando sobre as cortinas. Privacidade é um conceito e termo desconhecidos. Alguém preparou uma mistura de água e pó raspado de pata de bicho-preguiça e deu para a parturiente beber. Segundo a crença, isso ajuda a apressar o nascimento da criança.

"Venâncio, nosso cozinheiro, aproximou-se, agarrou a moça pelos ombros e começou a chacoalhá-la violentamente, continuando a fazê-lo até a criança nascer. O bebê caiu com metade do corpo nas folhas de banana e metade no chão de terra, uma coisa branca pequena e frágil ligada ao cordão umbilical, imóvel à luz bruxuleante de querosene. A criança arrotou uma duas vezes, cuspiu, chorou e começou a respirar normalmente.

"Tidmarsh amarrou o cordão umbilical e a parteira cortou-o com uma vareta de bambu afiadíssima. Depois, ela encheu a boca com água que estava numa panela de ferro, pegou o nenê, e cuspiu nele para banhá-lo. A seguir, enrolou o bebê num pano velho e sujo, amarrou-o com um cinto de mulher todo bordado e entregou o recém-nascido a uma criança nua que saiu cambaleando com ele pela sala. Uma mulher pegou o bebê e deitou-o numa folha de bambu onde, aparentemente, ficou esquecido.

"Enquanto isso, a mãe continuava em sua posição de mártir, encolhendo-se e retorcendo-se por causa das contrações subsequentes. Tidmarsh orou dedicando o bebê a Deus."



Aos poucos, os rapazes foram aprendendo o idioma. Os dois não largavam as cadernetas de capa preta e os lápis. Como o idioma não existia em forma escrita, eles anotavam os sons, tentando descobrir, de uma forma ou de outra, o significado das palavras, e então as memorizavam.

"O idioma é fascinante", Jim escreveu aos pais. "A novidade de descobrir uma fala diretamente da boca de um nativo, sem a ajuda de livros, é muito estimulante. Um aspecto particularmente interessante é o valor onomatopaico de algumas palavras. Por exemplo, ouvi alguém descrevendo assim o movimento de um pulso quebrado: 'Ele ficou whi-*lang*, whi-*lang*'. A palavra não está no dicionário, até onde sabemos. Uma lamparina cintilando fica 'li-*ping*, li-*ping*, tiung, tiung, e morre'. A frase 'tukluk, tukluk' descreve a ação de engolir e tragar rapidamente alguma coisa. E há inúmeras outras."

À medida que o conhecimento linguístico de Jim e Pete aumentava, aumentava também a confiança dos indígenas neles. Os missionários passaram a ser convidados a participar cada vez mais da vida e costumes da tribo. "Vocês falam Quíchua melhor do que nós", disse Wakcha, um jovem indígena altivo que usava sempre um capacete colonial, sinal de prestígio entre seu povo. "Vocês nos entendem muito bem. Ficamos conversando, e dizendo entre nós, 'Eles não entendem', e então vocês respondem."



Um dia, o dr. Tidmarsh deixou a floresta e voltou para as montanhas, para sua família. Mas, antes de partir, ele deu a Jim e Pete algumas instruções simples de como cuidar dos enfermos. Sozinhos agora, teriam de prestar qualquer socorro médico possível com a ajuda dos livros de medicina e da oração. Os pedidos de ajuda tinham de ser atendidos. Em uma noite de janeiro, um pai desesperado bateu à porta porque seu bebê estava doente.

— Vocês não podem espetar ele com remédio? — o pai implorou. Os indígenas haviam aprendido rapidinho sobre o poder dos antibióticos em curar suas frequentes infecções tropicais, e achavam que os missionários só ajudavam mesmo quando aplicavam injeção. Não adiantava explicar que a penicilina não curava um caso grave de verminose. Para os indígenas, "beber remédio" não era tão eficiente quanto "espetar o remédio".

Dessa vez, no entanto, parecia que o bebê estava com pneumonia, então Jim lhe aplicou penicilina. Os pais ficaram satisfeitos porque Jim fez o que podia, mas o bebê não mostrou sinais imediatos de recuperação. Assim, foram atrás do maior poder que conheciam — o pajé. Jim perguntou se poderia assistir à cerimônia. "Mostraram-me uma cama", ele relatou mais tarde. "Explicaram que iriam beber *ayak waska* e que eu deveria ficar na cama de taquara e não podia acender meu farolete.

"Todas as luzes foram apagadas às 20h30, e era possível ouvir os três índios que iriam beber a erva, *ayak waska*, conversando do outro lado do cômodo. Fingi que dormia, mas acabei pegando no sono; despertei quando um dos vigias que dormia no chão, ao meu lado, foi despertado para ficar atento e ouvir enquanto a bebida era passada e o "discurso da morte" era aguardado.

Ouvi o zunido rápido e firme do que parecia um monte de folhas secas sendo agitadas e, de algum lugar, não poderia dizer se da mesma fonte, veio o assobio melodioso do arranjo de três tons, bastante comum entre eles. Como eu já havia observado antes, o assobio era entremeado por ruído de vômito e cusparadas e o curioso estalar da fumaça assoprando na cabeça do paciente. (Na hora do jantar, ofereci outra injeção de penicilina, que foi recusada. O pajé insistiu em que esperássemos até de manhã.) Ao zunido, assopro e assobio juntava-se um ocasional ronco forte, e acabei adormecendo.

"Às 23h fui acordado por um índio tocando violino. Conversamos um pouco. À meia-noite, fui dar uma olhada no bebê, e me disseram que o pajé não foi muito bem-sucedido porque os bebedores não ingeriram o bastante para falar o suficiente. A febre parecia um pouco mais alta, e a respiração e situação geral do bebê não tinham mudado. Acabei adormecendo novamente lá pela uma hora. A mãe da criança e uma senhora idosa estavam acordadas, aplicando-lhe compressas de plantas e tabaco. Lamparinas e lampiões tornaram o ambiente um pouco menos lúgubre do que antes. Dormi até ser acordado pelo pranto da morte às três da madrugada. O bebê não se debateu; simplesmente parou de respirar. Hoje de manhã, construí nosso terceiro caixão infantil."

O acontecimento revelou um pouco da vida desse povo. Superstição e medo prendem esses indígenas com garras firmes. Será que o Novo Testamento iria responder aos anseios dos Quíchua por libertação do medo, paz de espírito, livramento dos espíritos malignos? Os missionários oravam e discutiam sobre essas questões, mas continuavam se vendo como estrangeiros — sentiam que seriam sempre estrangeiros. O próprio indígena

deveria ser a resposta — deveria conhecer a Bíblia, ser ensinado, e, por sua vez, ensinar seu próprio povo.

Com esse objetivo em mente, Jim e Pete reabriram a escola missionária em Shandia, a escola que o dr. Tidmarsh tinha sido obrigado a fechar. Ali, na escola de apenas uma sala, as crianças da comunidade começaram a ser alfabetizadas para um dia estudarem a Bíblia por conta própria.

Contudo havia outros indígenas que ainda não tinham tido a chance de ouvir a história que essas crianças ouviam diariamente. Será que Deus mandaria Jim e Pete levar a mensagem aos Auca?

"Às vezes, esse pensamento me causa medo", Pete escreveu, "mas estou pronto. Acreditamos que Deus faz milagres, e isso inclui os Auca. Deve haver milagres em resposta à fé. Qualquer outra coisa seria um atalho. Oh, Deus, guia-nos".

CAPÍTULO 4

Adaptabilidade infinita



Desde a época de faculdade, Jim Elliot e Ed McCully imaginavam se um dia não trabalhariam juntos no campo missionário. Quando Ed, Marilou e Stevie — o filhinho loiro deles — desembarcaram em Quito em dezembro de 1952, era como se um sonho estivesse se realizando.

A família McCully planejou ficar em Quito para aprender espanhol e, depois, juntar-se a Jim e Pete em Shandia. Em junho de 1953, Ed deixou sua família em Quito e fez uma rápida viagem até seu futuro lar na floresta. Em uma carta aos pais, que moravam nos Estados Unidos, ele descreveu o que testemunhou:

> "Acabei de retornar a Quito, depois de passar 12 dias nas florestas com Jim Elliot e Pete Fleming entre os indígenas Quíchua das terras baixas. Se Deus permitir, dentro de alguns meses estaremos morando lá. Depois de passar 12 dias observando os meninos indígenas na escola e a fila interminável de pessoas buscando ajuda médica, depois de visitar lares indígenas, de ouvir o estranho cântico de invocação aos espíritos e o choro desesperado dos enlutados, louvei a Deus por nos trazer a essa terra para trabalharmos com esse povo. Oro para sermos fiéis ao nosso chamado e para que Deus nos use a fim de levar muitos desses indígenas a ele.

> “Passei algum tempo ao lado da cama de um indígena de 18 anos. Vi o rapaz vomitar sangue e, em poucos minutos, morrer. Naquele momento, enquanto observava o corpo sem vida estirado sobre os pedaços de bambu ajeitados no chão de terra da choupana, entendi mais profundamente o que Paulo diz em 1Tessalonicenses 4: ‘[...] para que não vos entristeçais como os outros que não têm esperança’. Não esquecerei facilmente o lamento cantado aos gritos desses pagãos que socaram o peito e choraram durante dois dias e duas noites. Foi uma cena patética da ‘falta de esperança’. Hoje à noite fiz uma oração diferente [...] para que Deus preserve a vida desses indígenas até que nos capacite a lhes anunciar, no próprio idioma deles, a mensagem de esperança, de vida eterna, de salvação”.

Ed McCully, filho mais velho do diretor-executivo de uma rede de panificadoras, cresceu em Milwaukee, meio-oeste americano. Sua família entendia o que era se sacrificar na obra de Deus. O pai de Ed era um evangelista ativo que, em suas viagens pelos Estados Unidos, falava de Cristo a sócios e clientes sempre que tinha oportunidade e também dava palestras para grupos evangélicos onde quer que fosse convidado.

Quando Ed foi estudar em Wheaton College, no segundo semestre de 1945, não tinha intenção de se tornar missionário em outro país. Ele havia decidido estudar administração e economia.

Com quase dois metros de altura e 85 quilos, Ed logo se destacou como estrela do time campeão de futebol americano da faculdade. Sua velocidade incrível para alguém tão grande também fez com que Ed brilhasse nas pistas de corrida. Seu técnico, o campeão Gil Dodds, falou sobre um acontecimento no último ano de faculdade do rapaz. Dez corredores de 400 metros estavam treinando para uma competição especial em Boston. Dos dez, cinco seriam escolhidos. Ed queria muito participar do evento. Assim, apesar de ser corredor de 100-200 metros e de nunca ter corrido 400 metros em sua vida, ele pediu para treinar com os outros. Como era típico dele, Ed conseguiu um lugar no time por

um décimo de segundo. “Ele sempre conseguia o impossível na hora do vamos ver”, Dodds comentou ao terminar a história.

Ed brilhava como nunca quando falava em público. Sua abordagem simples e direta, sem nenhum treinamento formal em oratória, levou-o a conquistar o primeiro prêmio num campeonato nacional, em 1949, em São Francisco, uma competição que reuniu mais de dez mil participantes. Seu discurso sobre Alexander Hamilton foi quase todo memorizado por seus colegas, que insistiam em que ele o pronunciasse em todas as reuniões da classe, e o grupo chegava a se erguer para recitar um trecho com ele.

Esse era o entusiamo que Ed, presidente da turma de formandos, gerava em seus colegas. Quando ele foi eleito para esse cargo, meu irmão Dave escreveu: “Ed foi eleito (ou aclamado) sem um voto contrário. Sinceramente, duvido que alguém tenha pensando em apresentar outro candidato. A decisão foi aceita de forma unânime e definitiva”.

No ano seguinte, Ed McCully, que decidira tornar-se advogado, foi estudar Direito. No início do segundo ano de faculdade, Ed foi trabalhar como recepcionista de um hotel. Como o trabalho era noturno, Ed achou que teria tempo de estudar. Mas Deus, que dirige as pessoas que escolhe e leva-as a realizar seus propósitos eternos, tinha outros planos. Em uma carta escrita em 22 de setembro de 1950, Ed falou sobre isso a Jim, colega de classe em Wheaton College:

“As coisas têm acontecido desde que comecei nesse emprego. Uso meu tempo livre no estudo da Bíblia. Parece que Deus me envolve mais e mais a cada noite. Ontem mesmo, li Neemias. Quando terminei, li tudo de novo. Ali estava um homem que abandonou tudo para fazer uma obra que ninguém poderia

realizar. E porque ele se dispôs a ir, todos os remanescentes de Jerusalém endireitaram suas vidas com Deus. Obstáculos e empecilhos foram vencidos, e uma grande obra foi realizada. Jim, eu não conseguia deixar de pensar no assunto. Deus estava trabalhando em mim. Hoje de manhã, indo pra casa, fiz uma longa caminhada e tomei uma decisão que veio de Deus, tenho certeza. Diante de Deus, afirmo com toda honestidade que nada nem ninguém, a não ser o próprio Deus e sua Palavra, me influenciaram nessa decisão. Tenho um desejo agora — viver inteira e completamente para o Senhor, empregando nisso todas as minhas energias e forças. Talvez Deus me envie a algum lugar onde o nome de Jesus Cristo é desconhecido. Jim, estou levando a sério o que Deus falou e confiando que ele cumprirá o que disse. Estou pondo todos os ovos numa única cesta, mas, como já confiamos nele para nossa salvação, por que não lhe confiar também nossa vida? Se a vida eterna não passa de papo furado, então é melhor perder tudo numa tacada só e desperdiçar a vida presente juntamente com a vida futura. Mas, se a vida eterna é mesmo verdade, então tudo o que Deus afirma também deve ser verdadeiro. Ore por mim, Jim.

"Cara, Deus me pegou na véspera da matrícula na faculdade, imagine só! O dinheiro estava reservado e os formulários preenchidos. Hoje era o dia da matrícula, então fui lá avisar que não voltaria a estudar. Orei exatamente como o apóstolo mandou os efésios orarem, para que eu fale 'com ousadia'. Conversei com meus melhores amigos. Depois fui falar com um professor a quem respeito bastante. Contei-lhe o que planejo fazer, e, antes de sair, vi seus olhos se encherem de lágrimas. Conversei com outro professor, e tudo o que ouvi foi um adeus frio e desejos de boa sorte.

“Bom, é isso aí. Dois dias atrás, eu era um estudante de direito. Hoje, sou um joão-ninguém. Jim, obrigado por suas orações a meu favor. Continue orando. Irmão, também estou orando por você e pelos preparativos da viagem. Gostaria de ir com você.”

O treinamento de Ed aconteceu quando ele foi com Jim Elliot a Chester, Illinois, no fim de 1951. Além das reuniões em tendas e aulas para crianças organizadas com o propósito de anunciar o evangelho naquela cidade, Ed pregava com frequência num programa de rádio semanal que dividia com Jim. Como o apóstolo Paulo escreveu: “Sou devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes. De modo que, no que depender de mim, estou pronto para anunciar o evangelho também a vós que estais em Roma. Porque não me envergonho do evangelho, pois é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê”. Assim Ed acreditava e assim ele pregava.

Em 16 de maio de 1951, Ed usou a lei civil como ilustração em uma das mensagens radiofônicas. De forma mais clara que a maioria das afirmações teológicas, sua mensagem explica a crença compartilhada pelos cinco homens que um dia juntariam forças na Operação Auca:

“Ao ser punido, o destino do criminoso é cumprir a condenação — para algumas pessoas, isso significa anos de encarceramento; para outros, prisão perpétua, e para outros, morte. A condenação de Deus para todos os pecadores é a morte. ‘O salário do pecado é a morte…’. Uma sentença e um castigo para todos os que não creem. Mas você pode argumentar que Deus é amor. Ele não vai castigar alguém eternamente. É verdade que Deus é amor. E a condenação divina não altera esse fato. Deus não deseja que você nem eu soframos o castigo que merecemos, e de modo justo. Assim, ele nos oferece um escape, se o desejarmos.

Deus nos providenciou o perdão, algo que custou a vida de seu Filho Unigênito. Essa é a Palavra de Deus, simples, básica e clara, registrada em seu livro, a Bíblia. 'Quem nele crê não é condenado; mas quem não crê, já está condenado, pois não crê no nome do Filho unigênito de Deus'".

Como aconteceu nos dias em que o próprio Jesus caminhou entre os homens, os resultados não foram admiráveis. Algumas pessoas escreveram à estação de rádio pedindo mais explicações. Algumas aceitaram a Cristo como resultado dos cultos feitos em escolas e tendas. Ed, porém, sabia que havia obedecido a Deus durante aqueles meses de trabalho.

Pouco antes de ir para Chester, ele havia aceitado um convite para falar em um jantar para jovens, no estado de Michigan.O plano de Deus era maior do que Ed imaginava. Foi ali que ele conheceu Marilou Hobolth, uma jovem bonita, de cabelos escuros, que era pianista na igreja em que ele iria pregar.

Sem dúvida nenhuma, durante os meses que passou em Chester, Ed escreveu mais cartas para Marilou do que havia escrito para outras pessoas em sua vida inteira. No início da correspondência, ele escreveu:

"Oro seriamente por duas coisas: que Deus nos dê sabedoria em nosso relacionamento — até mesmo nas cartas que escrevemos um ao outro. Depois, oro para que, enquanto nosso relacionamento durar, um influencie o outro a se relacionar mais profundamente com o Senhor. Não estou dizendo que vamos *pregar* um para outro — mas que a atração mútua seja um instrumento que nos leve cada vez mais para Deus. Sei que você pensa a mesma coisa".

A amizade deles cresceu rapidamente, e os dois ficaram noivos em abril. Alguns dias depois, Ed escreveu para Marilou:

"Ao orar, peça que o Senhor nos mostre claramente onde quer que gastemos nossa vida e para que estejamos prontos a gastá-la nesse lugar, até mesmo ansiemos por isso".

Ed amava de todo coração a garota com quem iria se casar: "Quando alguém está conversando comigo, tenho de me esforçar para prestar atenção. É um sentimento muito louco! Estou começando a acreditar em tudo o que os poetas e compositores dizem sobre o amor!".

Em 29 de maio de 1951, ele escreveu: "Daqui a um mês, você perderá toda a sua liberdade e ficará sujeita à minha mão de ferro, à minha lei intransigente e às minhas ordens cruéis. Você tem exatamente 31 dias para reconsiderar. Acha mesmo que conseguirá me aguentar pelo resto da vida? Não vai ser fácil. Muitas vezes, você se perguntará sobre o porquê de ter se casado comigo. Você mudou de ideia? Mesmo assim, gostaria de dizer que amo você de todo o coração".

Marilou não reconsiderou. Eles se casaram em junho, na igreja dela, em Michigan. A decisão de Ed de ser missionário em outro país levou-o a se matricular na Faculdade Missionária de Medicina de Los Angeles, onde passou um ano em estudos intensivos sobre doenças tropicais e como tratá-las, obstetrícia e odontologia, aprendendo os fundamentos para ajudar não somente os indígenas, mas também para cuidar de si e de sua família.

Em 10 de dezembro de 1952, quando o filho Stevie estava com oito meses, Ed e Marilou navegaram para o Equador, o país onde Deus queria que eles gastassem sua vida.



Na selva, Jim e Pete ansiavam pelo dia em que a família McCully se juntaria a eles. Além de outros edifícios, os dois estavam construindo uma casa para a família. Enquanto isso, os McCully moravam em Quito, numa casa de estuque, com uma família equatoriana, e aprendiam espanhol.

Não era uma situação fácil, e o casal sentia às vezes uma sensação de desânimo e inutilidade. “Oramos por aptidão e exatidão nos estudos, pela graça para atravessarmos a ‘montanha’ e, então, sermos capazes de não só conversar em espanhol como transmitir a Palavra da Vida”, Ed escrevia aos amigos que haviam prometido orar por eles nos Estados Unidos.Ed e Marilou ansiavam mudar-se para a “casa própria” na mata e iniciar o trabalho que almejavam fazer. Um dia Ed foi chamado no rádio de ondas curtas.

— Não entendi muito bem a transmissão. Você disse *todos* os prédios? — ele perguntou. — Câmbio.

— Todos os prédios em Shandia foram levados pela enchente. *Todos* os prédios em Shandia foram levados pela enchente. Jim e Pete gostariam de que você viesse pra cá o mais rápido possível. Câmbio.

— Ok, ok. Avise que irei imediatamente.

Ed entregou o microfone ao operador. A mensagem tinha vindo de Shell Mera. Jim e Pete tinham enviado um mensageiro a Dos Rios, um posto missionário que ficava seis horas distante de Shandia, a pé. Os missionários de lá avisaram, por rádio, sobre a enchente.

Ed ficou tonto. Ele se aproximou da janela e percorreu os olhos pelo vale de Quito, em direção a Antisana, a impressionante montanha nevada entre ele e o pequeno posto missionário que tinha visitado algumas semanas antes.

O posto missionário em Shandia havia desaparecido. Em um dia de águas violentas em quantidade cada vez maior, seguidas de um pesadelo que durou horas de escuridão, o rio enfurecido destruiu tudo. Quinhentas tábuas aplainadas manualmente — cada uma representando um dia inteiro de trabalho de um homem —, empilhadas para a construção de uma casa, uma clínica e uma nova cozinha para a escola haviam desaparecido em uma única noite.

A maioria dos objetos pessoais de Jim e Pete foi resgatada, porém o impagável dicionário Quíchua, inteiramente manuscrito, ficou espalhado por todos os lados e cheio de lama. Cem metros da pista de pouso despareceram. Para os homens, isso foi um lembrete vívido da natureza passageira de sua "habitação" terrena.

Assim como os outros haviam instintivamente buscado o auxílio de Ed, ele agora se voltava para Marilou:

— Querida, o posto inteiro de Shandia foi destruído pela enchente!

Marilou ficou de queixo caído. Ed contou-lhe sobre a catástrofe e que Jim e Pete haviam pedido que ele fosse para a floresta. Ela concordou imediatamente com o plano de ação.

— Mas … e como ficam você e o Stevie?

— Não se preocupe conosco — Marilou respondeu. — Ficaremos aqui e, pelo rádio, você nos diz o que planeja fazer. Sei que tudo vai dar certo.

Como de costume, Ed se animou com o encorajamento da esposa e iniciou os preparativos para a viagem. “Elliot”, ele disse um dia para Jim, “tenho uma esposa eficiente. Ela planeja — e me faz planejar. Juntos fazemos o plano acontecer!”.

Com a ajuda de Marilou, Ed ficou pronto em tempo recorde e logo estava sentado numa cadeira de lona, dentro da barraca que Jim e Pete haviam resgatado em Shandia.

O desânimo deu lugar ao planejamento e imediatamente os rapazes iniciaram a reconstrução do posto da missão e começaram a ajeitar as coisas para os McCully. Assim que teve oportunidade, Ed retornou a Quito para fazer a mudança da família. Um trecho de seu diário revela como foram os primeiros dias na floresta tropical:

“Setembro de 1953. Estamos assentados agora. A vida entrou na rotina de compras, vendas, cuidado dispensado aos enfermos, conserto dos utensílios a querosene e gasolina, estudo do idioma. Conseguir tempo para estudar é uma batalha. O mesmo acontece em relação à Bíblia e à oração. Não é fácil dar conta de tudo; é difícil continuar se regozijando, é difícil amar esses indígenas mal-agradecidos. É difícil manter os olhos no objetivo principal quando somos inundados por coisas secundárias”.

A vida missionária exige flexibilidade infinita — de vencer uma competição nacional de oratória para lutar com um idioma que tinha apenas tradição oral... de ser estrela do time de futebol da faculdade para ensinar um bando de indiozinhos a jogar vôlei... de futuros advogados em uma cidade dos Estados Unidos à vida na floresta da América do Sul.

Marilou, que havia sido diretora de música numa igreja grande, agora ensinava, devagar e com muito jeito, crianças indígenas a entoar cânticos de duas linhas que ela e Ed haviam composto no

idioma Quíchua. Apesar de tudo, estavam prontos. Estavam absolutamente preparados para ser “um absurdo por causa de Cristo”.

CAPÍTULO 5

"Sacrificável a Deus"



Avioneta uyarimun! "O barulho do pequeno avião está chegando aos ouvidos!"

A frase, gritada pelos indígenas, era um aviso a Jim, Ed, Pete e aos outros missionários no Leste que o Piper amarelo brilhante da Missão Asas de Socorro estava para aterrissar na pista do posto da missão. O ruído mais festivo na floresta era o zumbido de seu motor. O missionário interrompia as tarefas da manhã — o tratamento de um bebê com impigem, a venda de um vidro de remédio contra vermes, um grupo de estudo bíblico ou a serragem de tábuas para uma construção.

O corre-corre para desimpedir a pista era enorme; o missionário andava por ela fazendo a checagem final da superfície; depois, quando crianças e cachorros estavam a salvo fora do caminho, o avião deslizava pela grama. Assim que a hélice parava, a porta se abria e o piloto bronzeado, de cabelos loiros e olhos azuis, com um sorriso largo e franco, pulava fora — Nate Saint, o homem cuja perspectiva transformou a vida missionária na selva.

Nate pegava o carregamento daquele posto, checando em voz alta a lista que sua esposa, Margareth, havia lhe preparado:

— Vejamos: um saco de farinha, 15 litros de óleo diesel, carne, legumes, duas vassouras e a correspondência. Sua penicilina está no saco de correspondência. Acho que é só. Como estão as coisas, Ed?

Enquanto os dois amigos conversavam ao lado do avião, eram cercados por indígenas curiosos. Um deles usava uma perna para coçar a outra e espantar as moscas. Um bebê podia chorar, ou um cachorro escapar dos braços de uma criança — nada desviava a atenção deles do avião, não importa quantas e quantas vezes já tivessem visto a aeronave.

De repente, um alarme fraco tocava sem aviso nenhum; era o relógio de Nate! Sendo uma pessoa metódica, ele havia calculado exatamente quanto tempo poderia ficar naquele posto e chegar em casa antes do anoitecer, ou, se tivesse outro voo programado, saberia com precisão quando deveria partir de onde estava. Depois de empilhar e amarrar as latas vazias de óleo diesel no fundo do avião para serem reabastecidas na central em Shell Mera e revisar sua lista, Nate pulava para dentro do avião, colocava o cinto de segurança de três pontos, dava tchau e decolava. Sua visita era uma festa na semana do missionário que vivia isolado.

— Olha, não existe ninguém igual ao velho Nate — Ed dizia a Marilou, enquanto voltavam para dentro de casa.

A verdade é que a chegada de Nate Saint com o Piper deu início a um novo estilo de vida nos postos missionários isolados nessa área da floresta. Até então os missionários e suas famílias passavam longos meses isolados do mundo lá fora; quatro, seis,

oito dias de caminhada difícil por trilhas perigosas separavam o missionário de socorro médico ou de outro tipo de ajuda.

Então, uma a uma, as pistas foram sendo talhadas na mata. Transmissores e receptores radiofônicos foram instalados, e o avião cobria em cinco minutos a distância de um dia longo e difícil nas trilhas. As casas melhoraram bastante; deixaram de ser feitas de sapê e bambus infectados de insetos — materiais de vida curta — e passaram a ser construídas com madeiras cortadas e aplanadas por máquinas, trazidas via aérea.

Nate desenvolveu uma estrutura embaixo do avião para o transporte de folhas de zinco. Esse material providenciava um teto durável e fácil de ser construído. Geradores de luz e combustível para mantê-los funcionando, refrigeradores a querosene, arquivos de aço, fogões, serras elétricas e cimento — tudo contribuía para que a vida fosse mais segura, saudável e eficiente na floresta.

Nate e Margareth, sua esposa, chegaram ao leste do Equador em setembro de 1948. A primeira tarefa de Nate foi arrumar um lugar para os dois em Shell Mera. Uma tenda foi o suficiente por algumas semanas, enquanto construíam uma casa pequena, que logo se transformou em "depósito-dormitório-galpão de ferramentas". Mas a tarefa de servir aos missionários se iniciou antes mesmo que a família Saint estivesse bem acomodada.

Nate foi para o Equador como piloto da Missão Asas de Socorro, uma organização interdenominacional fundada por dois antigos pilotos da Marinha Americana com o objetivo de transportar missionários evangélicos, seus suprimentos e seus enfermos para e de postos fronteiriços. Assim, ao aliviar a carga física que o missionário tem de carregar em virtude do ambiente

primitivo em que vive, a MAS lhe oferece mais tempo e energia para o ministério espiritual.

Quase imediatamente Nate começou a transportar missionários em seu avião, levando suas cargas, fazendo voos de cortesia e cuidando de toda manutenção da aeronave. Margareth entretinha os missionários e visitantes que passavam por Shell Mera. Sempre havia muita gente indo e vindo, e ela era a única hospedeira no espaço de vários quilômetros. Margareth nunca sabia se deveria cozinhar para duas ou doze pessoas. "E esse pessoal come igual a pedreiro!", ela disse. "Calculo o que as pessoas normalmente comem e dobro a receita."

Nate e Margareth eram perfeitamente capacitados para as exigências da tarefa especial que realizavam. Em uma carta, Nate expressou seu reconhecimento pelo papel que a esposa desempenhava: "Gosto imensamente de ter você trabalhando *sempre* ao meu lado. Achei que tinha 'fôlego' e energia suficientes para as corridas, mas Deus sabia que eu precisava de um volante para me estabilizar na longa jornada".

A preocupação maior de Nate era que os voos fossem seguros, eficientes e econômicos: "Os missionários que viajavam pelas velhas trilhas preocupavam-se em levar apenas o que fosse necessário. Hoje, no avião, também nos certificamos de levar apenas o necessário. Quando nossa Missão comprou o avião, ele era equipado com assentos bonitos e macios. Mas descobrimos que pesavam mais de três quilos e meio cada um. Então, decidimos colocar assentos mais duros que pesavam menos de meio quilo, e assim podíamos levar três quilos a mais de alimento e outras cargas".

Num avião desse tipo, cada grama de peso contava. Quando Nate descobriu que as coberturas aerodinâmicas das rodas estavam juntando barro, ele as retirou. Como era de seu costume, Nate usou o fato para ilustrar uma verdade espiritual: "Quando o voo da vida terminar e descarregarmos nosso fardo no outro lado, a pessoa que se livrou do peso desnecessário terá a carga mais preciosa para entregar ao Senhor".

Nate estava sempre pronto a se sacrificar na obra de Cristo.Em uma breve mensagem apresentada na rádio missionária HCJB — A Voz dos Andes em Quito —, ele deu seu testemunho:

"Na última guerra aprendemos a reconhecer que, para alcançar nosso objetivo, *tínhamos de estar prontos a ser sacrificados* [...] Hoje, enquanto falamos, milhares de soldados são conhecidos por seus números de série como homens 'sacrificáveis' [...] Sabemos que a única resposta à exigência de nosso país é que dividamos o preço da liberdade. Mas, quando o Senhor Jesus nos pede que paguemos o preço da evangelização do mundo, geralmente respondemos sem dizer uma palavra. Não podemos ir. O preço é alto demais.

"O próprio Deus estabeleceu a diretriz quando criou o universo. Ao criá-lo, ele sabia qual seria o preço. Ele não poupou o seu único Filho, mas o entregou como pagamento do nosso fracasso e pecado.

"Os missionários vivem enfrentando a questão do autossacrifício. Jesus afirmou: 'Ninguém há que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou mãe, ou pai, ou filhos, ou campos, por causa de mim e do evangelho, que não receba cem vezes mais, agora no presente [...] e no mundo vindouro, a vida eterna'."

No entanto, as convicções de Nate sobre sacrifício próprio não diminuíram o senso de precaução arraigado em qualquer piloto de primeira ordem. Ao contrário, sua cabeça fervilhava com ideias para melhorar a segurança de seu avião. “Tento evitar dispositivos engenhosos, que não têm muita utilidade”, ele escreveu. “Mesmo assim, não consigo evitar as engenhocas que povoam minha cabeça, mas tento escolher o que tem algum valor”.

Um dos dispositivos de valor que Nate colocou em uso foi um sistema de combustível alternativo. Geralmente ele avaliava suas ideias com o irmão mais velho, Sam, um piloto comercial com longa experiência no campo da aeronáutica.

“Na floresta, enquanto fico atento a qualquer barulho problemático que não desejo ouvir”, Nate escreveu a Sam, “tenho em mente pequenas coisas como a mangueira de combustível que, há alguns anos, caiu em minha mão lá no México. Uma ponta da mangueira rachou, mas a pressão natural manteve-a no lugar. Penso também no trabalho rápido das vespas-lama quando elas decidem obstruir uma passagem de combustível. Claro que ainda existe a preocupação com a segurança dos passageiros, sem mencionar com a do meu próprio esqueleto, caso eu bata na copa de uma dessas árvores altas”.

Um dia, enquanto trabalhava no hangar em Shell Mera tentando consertar uma avaria no sistema de combustível, Nate viu um caminhão se dirigindo para Ambato, no alto dos Andes. Caminhões eram incomuns naquela área, e esse tinha algo que chamava a atenção.

Havia um menino agarrado ao teto da cabine do veículo. A criança segurava uma lata de quase vinte litros de gasolina e um sifão, enquanto um garoto mais velho, sentado no para-lama dianteiro, segurava a outra ponta do sifão dentro do carburador

sob o capô parcialmente aberto. O que havia causado problema ao fluxo normal do combustível não interessa, mas ali estava um caminhão se preparando para uma subida de dois mil metros, que exigiria mudança constante entre a segunda e a terceira marchas durante quase todo o trajeto, enquanto um garoto abastecia o motor com uma mangueira de borracha!

A imaginação fértil de Nate transferiu imediatamente esse método de abastecimento à sua própria necessidade. Ele abriu o capô de seu avião, retirou o medidor de temperatura acoplado ao motor e esguichou gasolina. Cada esguichada na mangueira carregada de combustível resultava numa explosão de energia. Incentivado pelo experimento, Nate pegou uma lata de óleo de cozinha da Margareth para usar como tanque auxiliar de doze litros.

Para conseguir um revestimento aerodinâmico para o tanque, ele mandou um garoto indígena buscar um pedaço de madeira balsa, que o menino conseguiu ao derrubar uma árvore de dois metros e meio. O tanque e o revestimento foram amarrados aos suportes embaixo da asa esquerda. As sobras de conectores, filtros e válvulas completavam o equipamento. Nate instalou a válvula na parede corta-fogo e estendeu uma haste de controle até o painel. Até aqui, tudo bem, mas a escuridão o forçou a esperar até o dia seguinte para testar o dispositivo de segurança caseiro.

Ele passou a noite acordado, imaginando os porquês de sua ideia ser totalmente impraticável — mas *havia* o caso do caminhão que rodou em segunda marcha sem sua fonte normal de combustível. Além disso, baseado em sua longa experiência de mecânico, Nate sabia que a complexidade de um carburador moderno é resultante da necessidade de passar suavemente da marcha lenta para a mais rápida. E, quando um motor é desligado

no ar, ele pensou, as hélices continuam girando rápido o bastante, como num moinho de vento, para evitar as velocidades baixas tão perigosas.

Na manhã seguinte, os primeiros testes mostraram que o sistema alternativo de combustível funcionava perfeitamente no chão. Chegou a hora de testá-lo no ar. Nate descreveu a experiência:

"Seiscentos metros acima da pista de voo, empurrei o afogador até o motor parar. Foi uma experiência bem estranha para alguém que estava sempre atento, esperando nunca ouvir o motor parar. Mas, quando virei a nova alavanca no painel, foi maravilhoso sentir o motor acelerar e alcançar suavemente sua potência máxima. Nos vinte minutos seguintes, a fonte normal de combustível ficou totalmente fechada. Ainda que o carburador estivesse completamente desativado, o motor nunca vacilou. Ele acelerou a partir do 'moinho de vento' sem tossir uma única vez.

"Coloquei o avião em todas as posições imagináveis em velocidades diferentes. O motor nunca falhou. 'Sentir' a melhor posição com a alavanca de emergência não foi mais difícil do que 'entender' o motor com o afogador normal. Era igual.

"O equipamento inteiro, tanque e tudo mais, pesa menos de dois quilos. O motor é a única coisa em comum com o sistema de combustível da aeronave. O equipamento resolve todos os problemas comuns, tais como passagens de ar entupidas e mangueiras de combustível rachadas. Com um negócio tão simples e custo tão baixo como esse, por que continuamos a voar com uma única fonte de suprimento de combustível, correndo perigo em muitos pontos entre o tanque e o motor, e sem alternativas? Somos todos a favor da *ignição* dupla: por que não ter um sistema de combustível para emergências?"

Com permissão do governo, todos os aviões da MAS enfrentam a selva como veículos mais seguros porque são equipados com o sistema alternativo de combustível inventado por Nate.

Outra invenção engenhosa do Nate causou surpresa no mundo da aviação. Ele desenvolveu um jeito de descer um balde de lona de um avião em pleno voo até as mãos de alguém em terra. Esta "técnica da corda girante", como ele a chamou, tornou possível, mais tarde, o primeiro contato com os Auca.

Um balde de lona é descido pelo lado traseiro da aeronave por meio de uma corda de uns quinhentos metros. Quando o avião faz uma curva fechada, o balde se move para o meio do círculo traçado pelo avião — a fricção da corda no ar, percorrendo o círculo imaginário, supera a força centrífuga que tenta lançar o balde para o lado. Quando o balde se move para o centro do círculo, vai descendo até ficar quase imóvel como se estivesse no fundo de um cone invertido.

A pessoa em terra não só podia receber correspondência, medicamentos e pacotes pequenos, como, mais importante ainda, enviar mensagens ou coisas para o avião quando o balde era puxado para cima. Às vezes, Nate usava um fio de telefone em lugar da corda, e punha um telefone no balde. Assim, podia conversar com o missionário que estivesse num banco de areia ou numa clareira no meio da selva em áreas onde não havia pista de pouso.

Uma medida de segurança essencial era a manutenção constante da comunicação de rádio de ondas curtas com o avião. Essa era a tarefa de Margareth. Sempre que o avião estava no ar, ela checava regularmente sua localização, altitude e combustível. Margareth verificava as condições meteorológicas em Shell Mera e buscava informações com o missionário dos postos para onde

Nate se dirigia. Cada posto missionário era equipado com um rádio transmissor e receptor e, todas as manhãs, às sete horas, os missionários ligavam para Shell Mera.

Se houvesse uma emergência médica após a última chamada, podia-se conseguir ajuda e voo para o enfermo. Suprimentos do dia a dia eram encomendados, e os voos eram agendados por meio do rádio. Isso significava longas horas ao lado do rádio amador, contudo Margareth tinha certeza de que essa era sua contribuição para a obra missionária, da mesma forma que pilotar era a de Nate. Em uma manhã qualquer, um visitante em Shell Mera poderia ouvir o seguinte diálogo:

— Shell Mera chamando Macuma, Macuma. Câmbio.

— Macuma respondendo. Queremos saber quantos carregadores devemos ter na pista quando a carga chegar. Câmbio.

— Bom dia, Macuma. Acho que dois serão suficientes. Câmbio.

— Certo; agradeço. Como está o menino que mandamos para a clínica? Câmbio.

— Vou ligar para a clínica e ver se ele pode voltar para casa no voo de quinta. Por falar nisso, vocês receberão uma visita na quinta. Um missionário acabou de chegar de ônibus e gostaria de ver um posto típico na selva. Câmbio.

— Tudo bem, Margareth. Será um prazer recebê-lo. Mas é bom nos enviar mais comida esta semana. Câmbio.

— Entendido, Macuma. Shell Mera chamando Shandia, Shandia. Você tem algum pedido para hoje? Câmbio.

— Shandia respondendo. Nenhum pedido, Margareth. Câmbio.

E assim a manhã prosseguia, com Margareth anotando encomendas de mantimentos, provisões para as escolas dos

indígenas, remédio para o ambulatório, sempre de prontidão enquanto um posto falava com outro, passando recados dos missionários para o médico, recebendo respostas por telefone, entregando-as aos missionários e chamando "56 Henry", o avião de Nate, enquanto ele sobrevoava a floresta, anotando cuidadosamente sua posição a cada cinco minutos.

Nos Estados Unidos, algumas pessoas achavam graça da preocupação constante de Nate com segurança. "Afinal", diziam, "os missionários devem confiar em Deus!".

"Já me disseram que meu raciocínio é incrédulo", Nate escreveu para os pais. "Acredito em milagres, sim. Milagres são coisas simples para Deus, claro. Mas a questão é descobrir o molde ao qual Deus quer que nos conformemos. Eu não estaria aqui se não confiasse em Deus. Possivelmente os que dão de ombros dizendo: 'Deus cuidará de você' são os mesmos que dificilmente se exporiam aos riscos bacteriológicos de uma missão com pessoas sem-teto no centro de uma grande cidade. Desculpem se pareço um tanto enérgico nessa questão. Preocupo-me com a segurança, mas não deixo que ela me impeça de realizar a obra de Deus. Cada vez que levanto voo, estou pronto a entregar a Deus a vida que ele me deu. Acho que devemos estar prontos a tirar vantagem de todas as melhorias à nossa disposição quando realizamos a tarefa diante de nós."

Além de facilitar o trabalho dos missionários na floresta, Nate exercia influência direta sobre os equatorianos ao seu redor. Ele nunca parecia estar com pressa, e muitos nativos o procuravam só pra conversar, observando que amava a Deus e que seu coração era terno para com eles. Sua habilidade com o idioma espanhol ia crescendo, e ele era respeitado por seus esforços. Reuniões ao ar livre, aulas de escola dominical e de alfabetização, bate-papos —

essas coisas faziam de Nate um missionário trabalhando como piloto.

Coisas simples que melhorassem o bem-estar e a satisfação da família também chamavam a atenção de Nate. Ele construiu uma cisterna de cimento para apanhar água da chuva que caia do telhado, e também construiu um cercado de muro baixo para que os filhos — Kathie, que nasceu em 1949, e Stevie, em 1951 — brincassem na água que transbordava do tanque maior. Nate instalou um timer na máquina de lavar roupa para que Margareth não tivesse que ir e vir enquanto cuidava do rádio amador. A umidade é um problema sério em Shell Mera, assim Nate construiu um quartinho de secar atrás da cozinha. Para tanto, instalou o fluxo de querosene da geladeira junto à parede da cozinha e instalou a unidade de calefação no quartinho, onde também colocou o aquecedor de água. Assim, as roupas e outros equipamentos permaneciam secos.



O que levou um homem de mente tão criativa e habilidosa, com capacidade técnica tão grande, à selva equatoriana? Igual a Ed, Pete e Jim, Nate foi criado em uma família cujos princípios orientadores estavam enraizados na Bíblia. Ainda criança, Nate entendeu as implicações pessoais do Novo Testamento e colocou sua fé em Cristo como a única base para sua esperança de salvação.

Na família Saint, onde Nate nasceu em 1923, na Filadélfia, cinema e dança eram proibidos, assim como qualquer forma de jogo de azar, desde os mais simples até o pôquer. Mas não viviam em um monastério. As crianças pescavam, caçavam, brincavam no

gelo e na neve e tinham permissão de dormir em barracas no quintal, uma aventura e tanto.

Nate desenhou e construiu modelos de planadores, barcos e locomotivas. Rachel, a irmã mais velha, era um tipo de "mãezinha" do Nate, e lia para ele histórias missionárias sobre a África, o Japão, a Índia e a América do Sul. A imaginação do garoto se agarrava ansiosamente a essas histórias, e ele disse certa vez: "Não sonho em ser pastor, mas um dia eu gostaria de conversar com alguém que nunca ouviu falar de Jesus".

Quando Nate estava com sete anos, fez um passeio de avião com Sam, seu irmão mais velho. Nate era tão pequeno que teve de ficar em pé no assento para enxergar através da cabine do velho bimotor. Dali em diante, ele se tornou cativo das asas do avião e da imensidão do céu.

Aos 13 anos, Nate sofreu um caso sério de osteomielite na perna, e a inatividade forçada lhe deu tempo para pensar. Será que Deus desejava que fosse missionário?

Mais tarde, ele escreveu: "Durante o colegial, eu examinava tudo em termos de máquinas voadoras, e as emoções eram sintonizadas nas aventuras aéreas imaginárias. Tudo mais se tornou um confinamento praticamente insuportável. Na verdade, qualquer ocupação que me impeça de ver o céu por um único dia continua sendo uma de minhas maiores tribulações".

As quatro paredes da sala de aula acabaram sendo insuportáveis, e no último ano escolar Nate arrumou emprego numa oficina de solda e foi estudar à noite, terminando o colegial em poucos meses. Nos próximos seis meses, ele trabalhou num aeroporto inexpressivo, onde aprendeu a pilotar aviões de pequeno porte.

A seguir, ele trabalhou na oficina de retífica de uma companhia aérea e obteve licença para operar como mecânico. O próximo passo foi se inscrever no curso de cadete da Força Aérea. “Parecia que a Águia [símbolo da Força Aérea Americana] estava para botar o ovo de ouro!”, ele disse. “Vinte e cinco mil dólares investidos no treinamento de um piloto!” A essa altura, Nate havia pilotado um avião leve de quarenta cavalos de potência, no total de oitenta horas, mas sonhava muito em pilotar os poderosos aviões militares.

Na véspera de se apresentar para a primeira aula de instrução de voo militar, Nate sentiu uma dor na velha cicatriz da osteomielite. Ao arregaçar a perna das calças, a verdade lhe saltou aos olhos. Havia uma inflamação. Todas as suas aspirações que vinham desde a infância, juntadas e dirigidas para esta oportunidade de ouro de voar em grande estilo, desabaram inesperadamente. “Não contei nada ao meu companheiro de dormitório; apaguei a luz e fui me deitar sem dizer uma palavra. Ali eu me tranquei no espaço pequeno e escuro do coração, que havia agora se transformado em uma masmorra solitária. Debati-me na cama a noite inteira, e, a não ser por isso e pela respiração suspirada e raivosa, ninguém perceberia que eu estava quase sufocando. A coisa era séria; meu coração estava em frangalhos.”

O choque de ter perdido a chance de abandonar os “teco-tecos” e pilotar aviões de verdade deixou Nate em tal prostração que ele não se preocupava com mais nada. Quando recebeu alta do hospital, a Força Aérea lhe deu o cargo de chefe de manutenção. Nessa posição, o rapaz tinha tempo de sobra, e usou-o para estudar a Bíblia, que havia negligenciado.

Um ano depois, Nate foi transferido para Detroit para estudar motores novos e maiores que logo estariam em produção. Foi ali,

num culto de fim de ano, que ele sentiu Deus direcionar seu coração para missões.

"O que aconteceu no culto não é importante", ele explicou mais tarde. "De qualquer forma, eu não estava ouvindo nada mesmo. Eu implorava desesperadamente que meu Pai Celeste revelasse o que me impedia de ter a paz que Jesus prometeu que teríamos. Sabemos que Deus falou com algumas pessoas. Não sei sobre os outros, mas naquela noite vi as coisas de modo diferente ... BING ... num piscar de olhos. Foi como se um slide diferente tivesse sido colocado na tela entre minhas orelhas. Assim que pude, saí do templo e comecei a caminhar... só querendo me afastar das outras pessoas. Estava nevando, e o ruído do trânsito da cidade era abafado pelo acúmulo da neve branquinha no chão, o que normalmente acontece no inverno. Uma alegria como eu nunca havia experimentado desde a noite em que aceitei o perdão de Jesus para meus pecados me deixava quase fraco de tanta gratidão. Pela primeira vez eu tinha ouvido mesmo este versículo: 'Vinde a mim, e eu vos farei pescadores de homens'. O velho costume de correr atrás de coisas passageiras pareceu absolutamente insano."

Foi nessa situação, quando Nate pensou que teria de abandonar os aviões e os voos e enfrentar alguns anos de faculdade, em preparação para o campo missionário, que ele ouviu sobre a Missão Asas de Socorro. Nate escreveu para a mãe: "Acho que a indústria de aeronaves perdeu um 'grande operador', e Deus ganhou para si um 'pequeno operador'".

Pouco depois do final da Segunda Guerra na Europa, ele foi mandado para Salinas, Califórnia, como chefe de um grupo de trabalhadores da Quarta Força Aérea. Ali Nate conheceu os dois antigos pilotos da marinha que haviam fundado a Missão Asas de Socorro [MAS]. Essa missão parecia o lugar certo, sob medida para

Nate Saint. Ele conseguiu um avião velho, detonado, de quarenta cavalos de força, consertou-o, e passou a voar em todos os minutos de folga — praticando, sempre praticando.

Enquanto estava no Exército, Nate conheceu Margareth Farris, a quem mais tarde ele descreveu assim numa carta: "Entre outras bênçãos, a maior. Ela acabou de ser aprovada nos exames estaduais e agora é enfermeira na Califórnia. Ela se formou na Universidade da Califórnia em Los Angeles, é uma ávida estudante da Bíblia e tem um amor impressionante pelos perdidos. Margareth é a pessoa mais altruísta que conheço, a não ser por minha mãe. Ela é uma garota gentil de convicções profundas, pronta a servir ao Senhor da Seara...".

Quando Nate foi dispensado da Força Aérea, pediu que Deus lhe mostrasse de modo específico o caminho a seguir. De repente, deparou com seu primeiro trabalho na MAS. No início de julho de 1946, pediram que ele fosse ao México consertar um avião que havia caído durante o pouso. "Quando Deus tomou conta da minha vida alguns anos antes", Nate explicou, "ele não definiu minhas responsabilidades, mas, de alguma forma, tornou-se claro que esse seria meu primeiro trabalho na aviação missionária".

Menos de duas semanas depois de ter aceitado a tarefa, Nate estava perto da divisa com a Guatemala, na cidade de Tuxtla Gutiérrez. Seu conhecimento do idioma espanhol era "limitado ao que ouviu na TV quando era criança, nos filmes de faroeste".

Ele sabia que estava sendo um espetáculo carregando o saco de lona com uns vinte quilos de ferramentas, além de objetos pessoais. Imaginava, também, se não teria problemas na alfândega. "Não era exatamente normal os turistas carregarem hélices de avião de dois metros de comprimento debaixo dos braços."

“Tentei imaginar o avião danificado. Não devia ser tão ruim — um equipamento de pouso avariado e, provavelmente, uma hélice estilhaçada. Eu nem imaginava que encontraria, em uma cesta de vime, duas asas completamente destruídas.”

O avião tinha se espatifado no mato à beira de uma pista no meio da selva. Pedaços de suportes de asa, equipamento de pouso e os painéis tinham sido levados até o aeroporto de Tuxtla para Nate reconstruir tudo. Com a ajuda de um marceneiro mexicano, a quem tudo tinha de ser explicado com desenhos, Nate começou a reconstrução.

A planta que lhe foi entregue não combinava com o avião, e uma viga de asa construída em uma fábrica não estava de acordo nem com a planta nem com o avião; isso tudo dificultou o trabalho de Nate.

Quando, por fim, ele remontou as peças, o problema era levar as asas à pista que ficava no mato onde o avião quebrado se encontrava. Não era prático encaixotar e carregá-las pela trilha, onde era necessário escalar cânions estreitos; os caixotes se arrebentariam nas curvas. Assim, as asas foram construídas como um kit de avião, peça por peça, sem nenhuma cola; cada peça foi etiquetada, as partes todas separadas, amarradas em blocos e mandadas de avião até a pista na selva.

Ao deparar com o avião arrebentado, Nate descobriu que algumas peças haviam sido roubadas e que vespas-lama haviam se alojado no tanque de combustível e nas mangueiras. Por falta de informações sobre a construção da asa original, Nate teve de escorar a cauda do avião em um toco e encaixar a asa nova na velha, tudo no golpe de vista, exatamente como fazia com os aeromodelos da infância. Assim, ele terminou sua primeira tarefa

para a MAS, e o avião retornou aos ares pouco antes da licença de trabalho de Nate expirar.

Mais tarde, Nate foi para Los Angeles e passou dez dias de pura alegria com sua querida enfermeira. Quando se despediu da garota, Nate lhe disse: “Sabe, Margareth, no que me diz respeito, tudo está nos conformes, a não ser pelas ferramentas!”

No fim de 1947, Nate estava matriculado no Wheaton College, e, em janeiro, Margareth foi ser enfermeira numa cidade vizinha, enquanto estudava numa faculdade evangélica, preparando-se para a vida missionária ao lado de Nate. Os dois iniciaram um clube para adolescentes. Nate se referia ao clube como “uma caixa de doce, recheada com dinamite do evangelho”.

No entanto, o treinamento durou menos tempo do que imaginavam. A necessidade de um piloto no Equador lhes foi apresentada. Os dois encurtaram os estudos, reuniram suas economias, compraram um par de alianças e um carro velho e, à meia-noite de um dia qualquer, rumaram para Long Island, Nova Iorque, numa viagem de mais de mil e quinhentos quilômetros.

Os jovens se hospedaram na casa de Sam, irmão de Nate, e ali se casaram. Depois de quatro dias de lua de mel, rumaram com o carro velho para o oeste, com todos os seus pertences ajeitados no banco de trás. Para as refeições, o casal colocava comida enlatada em cima do motor quente. Finalmente chegaram à Califórnia, e Nate começou os retoques finais num avião que a MAS havia comprado para suas atividades no Equador. Margareth conseguiu trabalho como enfermeira.

No dia 8 de setembro, o avião ficou pronto, e Nate, junto com outro piloto da MAS, voou para o Equador. Margareth o encontraria lá até o fim do mês.

O tempo passou rápido em Shell Mera. A casa foi transformada num grande chalé de madeira escura, com varandas espaçosas, beirais largos que as protegiam das chuvas tropicais, um sistema de água corrente para a cozinha e o banheiro, conectado às calhas da chuva que vinham do telhado de zinco, e com tanques embaixo dos beirais. Depois de elevarem o teto e construírem o segundo andar, havia dez quartos para a acomodação dos muitos visitantes que passavam por ali e uma sala onde Margareth podia trabalhar com mais eficiência nas transmissões do rádio amador e onde os consertos de rádios eram feitos para os missionários.

Outro piloto, Johnny Keenan, chegou com um segundo avião para ajudar no trabalho. Nate logo construiu uma casa bem confortável para a família Keenan e também acomodações no hangar para os dois aviões. Ele instalou um gerador hidroelétrico no rio atrás de sua casa para fornecer energia ao edifício.

Agora estavam prontos a operar com grande eficiência; os postos na mata estavam sendo supridos, e Nate e Margareth começaram a orar perguntando a Deus de que outras maneiras poderiam fazer avançar sua obra na selva equatoriana.

Apesar da carga incessante de responsabilidade que pesava em seus ombros, Nate jamais esqueceu que os Auca estavam somente uns cem quilômetros distantes de Shell Mera.

Pouco depois de chegar à América do Sul, Nate escreveu aos pais: “Há pouco tempo, conversamos com outro missionário que

deseja alcançar a tribo de homicidas, os Auca. Poucos foram os brancos que contataram esses indígenas de forma amigável e viveram para contar a história. Esperamos que o avião desempenhe um papel essencial na transmissão do evangelho a esse povo".

Nate fez voos de reconhecimento sobre o território dos Auca, mas não localizou muita coisa — apenas uma ou duas casas abandonadas. Nate gostaria de saber onde os indígenas estavam. Então, num dia de julho de 1954, correu um boato na selva dando conta de outra matança Auca, e dessa vez Nate se envolveu pessoalmente. Ele escreveu para casa relatando o acontecido:

"Ontem, pousei em Villano, distante uns setenta quilômetros daqui, a oeste. Assim que pousei, um mensageiro correu para me contar sobre um ataque dos Auca. Mais tarde, dois sobreviventes Quíchua apareceram na pista de voo. A mulher estava sendo carregada numa maca de bambu e sustentava uma perfuração grave de lança abaixo da axila. Disseram que a ponta da lança se quebrou na ferida. O agressor iria golpear novamente, mas ela agarrou a ponta da lança e segurou firme para se salvar. A mulher está grávida de seis ou sete meses. O homem chegou pelas próprias forças, embora bastante perfurado no peito, um furo que lhe atravessava uma das coxas e outro na mão que, pelo jeito, havia usado tentando deter uma das hastes mortais.

"Colocamos os dois pacientes no avião. Uma vez lá em cima, contei para Margareth o que havia acontecido; assim, quando chegamos aqui em Shell Mera, ela havia preparado catres para os dois e, com a ajuda de outra mulher, os indígenas receberam os melhores cuidados que as instalações poderiam oferecer.

"Não podemos conversar diretamente com nossos pacientes, mas temos um casal de empregados que fala Quíchua, e eles

conseguem conversar facilmente com os feridos. Ontem à noite, o empregado leu a Bíblia em espanhol para os doentes e, ao mesmo tempo, interpretava para a língua Quíchua. Eles nunca tinham ouvido a Bíblia. Pelo jeito, a verdade ainda não deixou suas marcas, pois esta manhã o índio enfermo perguntou se eu não poderia ir de avião até a selva e matar pelo menos um Auca para ele. Mais uma vez, o intérprete explicou que não tínhamos interesse em tirar a vida de ninguém, mas em salvá-la por meio do Senhor Jesus Cristo."

Por mais que esse incidente intensificasse o sentimento de urgência de Nate em relação aos Auca, havia também outras tribos cuja ignorância do evangelho era um desafio espiritual aos missionários. Em 1954, Nate recebeu uma chance rara de ajudar num avanço mais profundo pela escuridão da selva. Uma das figuras centrais nessa nova página da história do missionário foi Roger Youderian.

CAPÍTULO 6

Missão entre os Jivaro, os encolhedores de cabeça



Roger e Barba Youderian e seus dois filhos, Bethy e Jerry, moravam em Macuma, um posto missionário servido pelo aviãozinho amarelo no sul da floresta. Macuma, gerenciado desde 1945 por Frank Drown, é parecido com qualquer sítio movimentado. Quando o avião se aproxima, as galinhas fogem da pista, enquanto as vacas continuam a ruminar tranquilamente. Os prédios são construídos com tábuas fortes, e não varas de bambu; um ar de estabilidade e constância permeia o complexo.

Macuma está localizado em território Jivaro. Os Jivaro, cujas vidas são marcadas por disputas interfamiliares violentas, são conhecidos mundialmente pela prática de encolhimento de cabeças humanas. Eles ocupam uma área de pouco mais de 18 mil quilômetros quadrados na parte sul da floresta, independentes do homem branco que, teoricamente, governou o território deles durante quatro séculos.

Roger, alto e magro, com uma massa de cabelo preto, nasceu em 21 de janeiro de 1924, em uma fazenda perto de Sumatra, no estado de Montana; era o sétimo filho da família. Com muito cuidado e dedicação, sua mãe o criou nas leis de Deus. Roger era um menino ativo e a caminho de se tornar um pianista dos bons quando, aos nove anos, foi atacado por poliomielite. A enfermidade foi tão incapacitante que Roger não só perdeu a habilidade de tocar piano como, pelo resto da vida, caminhou e correu como um idoso.

Quando fazia o colegial, no estado de Montana, ele superou os efeitos da pólio o suficiente para jogar basquete. Quando se formou, Roger ganhou três bolsas de estudo para a faculdade. Ele queria lecionar agricultura. Roger foi eleito o calouro do ano, em 1942, e, no verão seguinte, trabalhou desenhando mapas das lavouras ao redor de Lewistown, a cidade onde morava; até a época em que este livro foi escrito, o Federal Land Bank [banco americano voltado a empréstimo e financiamentos a proprietários rurais] continuava usando os referidos mapas.

Em outubro de 1943, Roger se alistou no Exército como soldado paraquedista e ficou aquartelado na Inglaterra, onde acabou sendo assistente do capelão do Exército Paschal Fowlkes.O capelão escreveu aos pais de Roger: "A tarefa cristã no Exército não é muito diferente da realizada em qualquer outro lugar, pois o líder tem de depender de um número comparativamente pequeno de pessoas que o ajudem a carregar o fardo e incentivem os colegas. Vocês se orgulharão e ficarão felizes em saber que, para mim, Roger é um desses 'pilares sólidos'". Durante seu tempo na Inglaterra, Roger cresceu e amadureceu na fé; em dezembro de 1944, ele escreveu à sua mãe:

"O dia mais feliz da minha vida foi quando aceitei a Jesus Cristo como Salvador para a remissão dos meus pecados e arrependi-me

de verdade. Com a ajuda de Deus, oro para ter fé e força que glorifiquem nosso Pai por intermédio de meu viver diário como testemunha e seguidor de Cristo. Estudar a Bíblia é a maior fonte de esperança e inspiração que tenho na vida, mas ainda preciso conhecer o poder da oração. Antigamente eu achava que o mundo era maravilhoso. Agora, por causa desta nova fé, minha certeza aumentou mil vezes, e meu coração chega a doer de tanta felicidade e alegria em participar das inumeráveis bênçãos que Deus, por causa de sua infinita graça e bondade, oferece a este mundo".

Roger sobreviveu ao salto do Reno [famoso ataque aeroterrestre que tomou a ponte sobre o rio Reno, na Alemanha] em 1944 e foi condecorado pela participação na Batalha de Bulge. A ideia de se dedicar total e completamente a Deus firmava-se cada vez mais na mente de Roger. Em agosto de 1945, ele escreveu de Berlim: "Mãe, tenho um segredo a lhe contar e, neste caso, desejo, acima de tudo, que minha atitude seja mais importante do que o anúncio. Desde que aceitei a Cristo como meu Salvador pessoal, no outono passado, e decidi segui-lo e fazer sua vontade, sinto o chamado para a obra missionária, social ou ministerial, e quero cumpri-lo depois de dar baixa no Exército. Não sei exatamente a direção do chamado, porém sei que quero testemunhar de Cristo e segui-lo a cada minuto da minha vida".

Roger voltou para Montana em janeiro de 1946 e, durante aquele inverno, seu chamado missionário foi confirmado. Ele foi estudar no College of Liberal Arts at Northwestern Schools em Minneapolis, estado de Minnesota, e ali conheceu Barbara Orton, uma garota loira, tranquila, que estudava Educação Cristã tendo em vista o campo missionário. Barbara cresceu numa família evangélica, em Michigan, e durante toda a infância ouviu sobre o

trabalho missionário, por meio de obreiros que falavam em sua igreja ou se hospedavam em sua casa.

“Creio que Deus falou comigo quando eu era menina”,Barbara explicou, “e me fez ver que o campo missionário era o meu caminho”. Em setembro de 1950, Barbara e Roger matricularam-se num curso de medicina missionária oferecido por uma faculdade evangélica. Durante todo o curso, sentaram um ao lado do outro na pequena sala, com outros nove alunos, e aprenderam a engessar ossos, fazer partos, dar injeções.

Barbara e Roger noivaram no domingo de Páscoa de 1951 e se casaram em setembro do mesmo ano. Foram aceitos como candidatos pela União Evangélica Missionária, agência não denominacional, e partiram imediatamente para um trabalho experimental de seis meses na cidade de Kansas. Ali, tiveram aulas de espanhol, aprenderam a lidar com alguns problemas práticos do campo missionário, revezaram-se liderando cultos aos domingos e trabalharam com crianças de favelas.

Em janeiro de 1953, rumaram para o Equador, levando consigo a filha Beth Elaine, de seis meses. Depois de estudar espanhol em Shell Mera, a família se mudou para Macuma. Frank e Marie Drown, missionários nesse posto, estavam no Equador há oito anos, vindos das lavouras do estado de Iowa. Foi por meio das cartas que Marie escrevia para os Estados Unidos que Roger se interessou pelo trabalho entre os Jivaro.

Uma vez instalados no campo para onde Deus os enviara, Roger e Barbara se atiraram de cabeça no estudo da língua Jivaro, e logo estavam aptos a ajudar no desenvolvimento de um método para ensinar esses indígenas a ler e escrever em seu próprio idioma. Roger fazia pequenos desenhos de cenas conhecidas — um bicho-preguiça pendurado de cabeça pra baixo em um galho,

uma zarabatana, um lagarto descansando no tronco de uma árvore; junto ao desenho, ele escrevia o som das palavras em Jivaro.

Embora o objetivo de Roger fosse a pregação do evangelho, existem muitas coisas que o missionário tem de aprender e realizar antes de preencher as expectativas de sucesso no contato com uma tribo primitiva. Mesmo depois de dominar o idioma, construir sua casa e ganhar a confiança dos indígenas, ele ainda tem de gastar muito tempo no que é mais bem descrito como manutenção.

A mata cresce com velocidade impressionante e, assim, tem de ser controlada pelo constante uso do facão. Geradores de luz usados nos postos maiores quebram numa constância irritante, telhados pingam com a chuva tropical violenta, e a única pessoa capaz de lidar com tudo isso é o próprio missionário.

As habilidades de Roger como carpinteiro e sua alegria nesse tipo de tarefa fizeram dele alguém muito querido assim que a família chegou em Macuma. Barbara escreveu: “Roger está no paraíso aqui em Macuma; há dois homens que serram a madeira, dois que aplainam, dois que fazem os entalhes, mais dois que serram e aplainam as tábuas. A serra elétrica do Roger não tem descanso, e os homens já construíram os pilares de sustentação da casa. Roger plantou 74 pés de tomate das sementes que trouxe do posto em Costa Rica”.

Mas Roger não havia deixado o seu país para ser construtor. Em pouco tempo, estava tentando alcançar os Jivaro com o Evangelho. Um povo ferozmente independente, os Jivaro combinavam hostilidade guerreira com senso de humor ruidoso. “Tudo o que fazem é rir e cuspir”, foi a descrição que um missionário fez dos Jivaro. Não é preciso muito para fazê-los cair na gargalhada, e

enfatizam as conversas com cusparadas bombásticas entre os dedos indicador e médio. Da mesma forma que os Quíchua, os Jivaro vivem espremendo a cara na tela das janelas dos missionários, espiando tudo o que acontece dentro da casa. Roger acabou se acostumando logo com isso, embora, no início, os cochichos e as explosões repentinas de sorrisinhos abafados lhe causassem muita irritação.

Usando shorts, blusa de moletom, boné de pano, *leggings* de lona e tênis, Roger passava bastante tempo visitando os Jivaro em suas casas. Ele seguia pelas trilhas sinuosas e exaustivas da mata, quase sempre com lama até os joelhos. Às vezes, uma fragrância indescritivelmente doce, mais doce que o de flor de laranjeira, prendia sua atenção, mas, devido ao intrincado da floresta, ele não conseguia localizar a fonte do perfume.

As flores mais fascinantes são encontradas no topo das árvores, quase encobertas pela folhagem que se espalha por todos os cantos. Roger também tinha de ficar atento contra a fauna mais perigosa da mata: as cobras. Algumas variedades têm cores que as tornam quase impossíveis de ser vistas. A víbora minúscula descansa no meio da trilha, todavia o salpicado de sua pele mistura-se tão bem com a luz do sol nas folhas caídas que o viajante dificilmente nota sua presença.

A quantidade de veneno que a surucucu tem em sua bolsa é suficiente para matar cem pessoas. A cobra coral, cujo veneno ataca o sistema nervoso central e leva à morte, sem sintomas prévios, em um ou dois dias, é a menor das espécies, e, portanto, muito difícil de ser notada. A trilha por entre a mata terminava de repente, e Roger deparava com uma clareira. Ao sair da penumbra da floresta, a luz direta do sol cegava-lhe os olhos.

Cada residência Jivaro tem sua própria clareira. A construção é retangular, com uma abertura estreita de, mais ou menos, um metro e meio de altura em cada ponta da casa, e serve de janela e porta. O teto é de folhas de palmeira tão longas que quase tocam o chão.

Regras severas de etiqueta guiam o comportamento do hospedeiro Jivaro e do visitante que entra na clareira. Um cumprimento formal, que pode durar dez ou quinze minutos, faz parte do protocolo e consiste em uma série de afirmações parecidas com estas:

— Eu vim.

— Você veio?

— Sim, eu vim à sua casa.

— Você veio bem.

Roger descobriu que não importa quantas pessoas estejam reunidas, o recém-chegado repete o diálogo com todas elas.

Com a estatura de 1,80m, Roger se encurvava bastante para atravessar a porta e entrar no cômodo escuro. Ele mal conseguia distinguir as formas obscuras das mulheres se movimentando lá na outra ponta seguidas de várias crianças nuas. O chão era de terra batida, e pequenas fogueiras cintilavam, enfileiradas ao longo dos nove metros do cômodo. A fumaça exalava um odor pungente e complicava ainda mais a falta de visibilidade.

A casa Jivaro é dividida com precisão entre a área para os homens — que fica na parte da frente, conhecida como *tangamash*, algo como uma varanda, um lugar onde os homens se sentam e fofocam durante horas a fio — e a área de trás da casa, que é de uso exclusivo das mulheres. As mulheres se vestem com um pedaço longo de tecido que desce até os joelhos, e as duas pontas

são amarradas em um dos ombros. Os homens ficam com o tórax desnudo, mas usam um pedaço de pano amarrado na cintura.

Da mesma forma que os Quíchua, os Jivaro têm cabelos pretos bem lisos e compridos. As mulheres vivem de cabelos soltos caindo-lhes no rosto que dificilmente são penteados. Os homens, como é apropriado à posição superior que exercem, capricham no penteado. Seus cabelos, que descem até a cintura, são penteados e enfeitados com penas vermelhas, amarelas ou azuis.

Roger era convidado a se sentar em um banco encostado na parede; o dono da casa se sentava bem à sua frente, em um banquinho. Se o hospedeiro quisesse impressionar o visitante, ele passava os primeiros cinco minutos apresentando uma charada bem elaborada antes de permitir que a conversa tivesse início. Uma de suas duas ou três esposas lhe trazia uma vasilha com água, e ele enchia a boca, mas não engolia. A seguir, cuspia a água nas mãos e lavava o rosto. Depois, penteava o cabelo de modo cuidadoso e calculado.

Tudo isso acontecia em silêncio, com dignidade e deliberação. Então lhe serviam a *chicha* [bebida fermentada]; a tigela era passada ao visitante e a conversa tinha início. Era assim que Roger passou muitas horas conversando com os Jivaro em suas casas, aprendendo vagarosamente seu idioma, absorvendo seu modo de vida e, acima de tudo, contando-lhes a história de Cristo.

Feitiçaria, magia negra, ódio e homicídio criavam raízes logo cedo na vida dos Jivaro. À noite, antes de dormir, as crianças são levadas a repetir os nomes daqueles que têm de aprender a odiar. Nate escreveu o seguinte a respeito da tribo: “Eles não são cruéis por natureza, mas são feitos assim pela religião do medo e dos espíritos malignos, com a ajuda dos quais esperam, de alguma forma, lidar com o problema do pecado. Por exemplo, um feiticeiro

visitou a tribo Macuma há alguns meses. Ele morava em outra parte da floresta. Por uma razão ou outra, o homem ficou com raiva e amaldiçoou uma mulher".

Nate continua: "Geralmente os problemas dos Jivaro envolvem mulheres, que são possessões sem alma dos homens e com frequência são roubadas ou trocadas em negócios comerciais. Por algum motivo, a mulher que foi amaldiçoada morreu dentro de vinte e quatro horas. Seu marido, seus irmãos e seu pai acharam que era obrigação deles vingar o sangue derramado, pois aos seus olhos o feiticeiro era tão culpado como se tivesse dado um tiro certeiro na mulher. Foram à tribo do feiticeiro e, de forma brutal, mataram a ele e a outro homem. Isso aconteceu há algum tempo, e a vida continua como sempre, porém, mais cedo ou mais tarde, outra pessoa será morta. Essa é a rotina entre os Jivaro. Os homicídios não têm fim.

"O triste é que, para acertar essas dívidas, como dizem, não têm de matar o próprio assassino — qualquer parente serve. O medo determina até mesmo como os Jivaro constroem suas casas, que são bem parecidas com fortalezas militares. Geralmente colocam armadilhas nas trilhas por onde caminham para apanhar supostos inimigos. Há pouco tempo, um missionário entre os Jivaro foi fazer visitas pelas matas. Seu guia caminhava descalço à sua frente. Ao se aproximarem de uma clareira dos Jivaro, de repente o guia soltou um grito e parou. Um espinho afiadíssimo de palmeira estava enfiado no peito de seu pé ensanguentado".

Foi com esse povo que Roger conviveu por mais de um ano. Havia aprendido a língua deles no posto Macuma e ajudou a criar uma cartilha para o programa de alfabetização. Às vezes o clima de vingança e homicídio afetava Roger profundamente, mas, com sua energia típica, ele continuava em frente. Nate Saint disse o seguinte

a respeito do companheiro: “Roger é um dos poucos missionários que conheço que demonstram um sentimento verdadeiro de urgência na tarefa de ganhar almas para Cristo”.

Esse sentimento de urgência estava levando Roger a considerar uma mudança. Sabendo que Frank Drown conseguiria realizar sozinho a tarefa nesse posto já estabelecido, Roger começou a orar por uma esfera maior de trabalho, como o apóstolo Paulo escreveu: “Desse modo, esforcei-me por anunciar o evangelho não onde Cristo já havia sido proclamado, para não edificar sobre fundamento alheio”.

CAPÍTULO 7

Destruindo as barreiras da floresta



Entre as tribos que ainda não tinham ouvido falar de Cristo estavam os Atshuara, primos legítimos dos Jivaro, contudo seus inimigos mortais. Roger orava constantemente para que uma porta se abrisse nesse grupo e conversou com Nate, que há tempo compartilhava o mesmo interesse.

Frank e outro missionário haviam tentado uma aproximação cinco anos antes. Na ocasião, Frank e seu colega aproximavam-se da casa do chefe quando um menino lhes entregou o seguinte recado: “Se não voltarem imediatamente, serão mortos”. A reputação do chefe era tamanha que não havia como duvidar da veracidade do recado. Os missionários retornaram para suas casas.

Roger decidiu mudar para mais perto dos índios Atshuara.Em 5 de junho de 1954, ele deixou Macuma e viajou dois dias a pé rumo ao Sudeste, para um lugar chamado Wambimi, onde havia uma pista de voo abandonada pela Shell e algumas casas dilapidadas.

“Esse local é particularmente importante como um possível caminho [para os Atshuara]”, ele escreveu. “Foi maravilhoso como Deus trabalhou por nós preparando esse posto distante. Ele nos capacitou a construir um salão de 6 m x 20 m, com teto permanente para aumentar o espaço disponível nas casas pequenas que já existem no terreno. Durante onze dias, Deus nos protegeu de cobras (pisei em uma), escorpiões, tarântulas, ferimentos, acidentes com pregos e teto caindo enquanto derrubávamos um prédio velho, e outras coisas.”

A pista precisou apenas de uma ajeitada na grama e já estava pronta para o avião do Nate aterrissar. Nate gravou os seguintes eventos em seu gravador: “Bárbara e as crianças vieram comigo de avião, ajeitaram a casa, começaram o trabalho linguístico e de alfabetização, assim como o de evangelismo, entre os Jivaro locais. Enquanto o Roger estava aqui, colocou em prática o ministério médico, como qualquer outro missionário faz. Uma das doenças que infestam os Jivaro é a leishmaniose. Ela afeta a cavidade nasal, o nariz, a garganta e o céu da boca. É uma doença trágica, de longa duração, fatigante e fatal. Também causa muita vergonha, claro, pois desfigura terrivelmente o rosto; os indígenas morrem de pavor dessa enfermidade. Há vários anos, médicos missionários pesquisaram e descobriram um remédio que cura essa doença. Roger tinha alguns frascos e conseguiu resultados notáveis entre os Jivaro locais. Apesar da briga constante entre os Jivaro e os Atshuara e dentro das próprias tribos, existe um ponto de contato na trilha, e a notícia da cura chegou aos Atshuara. Um dos chefes dessa tribo se chamava Santiaku. (Nesse caso, como na maioria das situações na floresta, o chefe é a pessoa mais importante dentro de uma pequena área. Os Jivaro e os Atshuara não se agrupam; estão espalhados por toda a região, e o homem mais

forte ou mais temido em uma área pequena torna-se o chefe.) O chefe,Santiaku, foi contaminado por essa doença terrível e, apesar do medo e dos acontecimentos passados, finalmente apareceu em Wambimi. Naturalmente esse foi um evento histórico, que causou muita alegria porque foi resposta de oração. Roger ajudou o chefe; o remédio tratou da doença em seu nariz, e o chefe retornou mais tarde e convidou Roger para visitar sua casa. Era o que todo mundo estava esperando, mas, como no caso da fábula da aranha e da mosca, Roger não iria aceitar o convite sem refletir bem. Assim, ele respondeu a Santiaku 'Está certo. Irei visitá-lo em sua casa, mas o senhor terá de mandar alguém me buscar'. E ele mandou; o acompanhante veio e levou Roger Youderian, Frank Drown e outro missionário ao território Atshuara.

"Ao longo do caminho, Frank deu uma tossida, e o indígena parou imediatamente; o grupo não seguiria adiante, pois os Atshuara morrem de medo de pegar resfriado. Aparentemente qualquer resfriado ou gripe mata os indígenas, que não têm muita resistência porque a doença nunca alcançou o grupo quando a geração atual era mais nova. Foi com muita dificuldade que Frank convenceu-o de que só estava limpando a garganta. Frank contou que, durante a noite, enquanto acampavam ao longo da trilha, sentiu uma coceira na garganta e não tinha a menor ideia do que fazer. Então, inventou que precisava se aliviar no mato, afastou-se bem e limpou a garganta, sempre com medo, lógico, de ser ouvido pelos Atshuara e acabar com a expedição toda.

"Quando chegaram, descobriram que a casa de Santiaku era grande, quem sabe três vezes maior do que as casas compridas dos Jivaro. Roger disse que a casa talvez comportasse uma quadra de basquete. Os Atshuara falam um dialeto diferente, mas entendem Jivaro, seus traços faciais são diferentes, e as mulheres

têm quadris estreitos, e não largos como os das mulheres Jivaro. Quando chegaram, Frank apresentou o evangelho no idioma Jivaro, falando sobre o amor de Cristo, explicando que ele morreu por nós. Era preciso contar a história desde o início, pois esses indígenas nunca tinham ouvido nada parecido. Frank falou até ficar rouco e exausto.

"Os missionários tinham levado um pequeno toca-discos e punham gravações do evangelho no idioma Jivaro até a voz de Frank melhorar, e então os Atshuara pediam: 'Tudo bem, Panchu (apelido espanhol carinhoso para o Frank), fale mais", e assim foi durante três dias — ficaram sentados em círculo, ouvindo a história de Cristo; uma oportunidade extraordinária, e Santiaku mostrava interesse verdadeiro.

"Por causa do isolamento dos Atshuara e da situação tensa com os Jivaro vizinhos, a chave para chegar até eles e fazer um bom trabalho era por via aérea. Sem pestanejar, Frank sugeriu a construção de uma pista de pouso. Para mim a ideia era um passo arrojado de gênio, algo que, com certeza, eu não tinha fé para sugerir logo de cara.

"A ideia tomou rumo — Deus abençoou o projeto, que foi tomando forma, pois iniciaram a limpeza do terreno onde seria a pista. Os missionários mandaram que as árvores fossem cortadas em alinhamento com a plantação de mandioca, para que o avião conseguisse aterrissar se beneficiando da clareira que já havia sido aberta. Feito isto, os missionários foram embora.

"Depois de vários meses, achamos que era bom irmos incentivar os Atshuara, e voamos para seu território para ver como estavam. Descobrimos que haviam limpado cerca de cem metros de mata para uma pista de pouso. Mas cem metros de clareira cercada de árvores de trinta, quarenta e cinquenta metros de altura

não servem como pista de pouso. Jogamos algumas peças de roupa para os Atshuara como quebra-gelo e voltamos para casa; alguns meses se passaram.

"Sobrevoamos o local outro dia. Ficamos decepcionados ao ver que a direção da pista na mata era paralela à casa grande. Todo mundo sabe que não é bom ter uma casa bem no fim da pista na hora do pouso. E o progresso havia sido mínimo — pelo jeito, necessitavam de ajuda. Assim, demos meia-volta e realizamos um pequeno conselho de guerra. Roger disse: 'Bom, é óbvio que precisam de ajuda, e acho que devo ir lá ajudar'. Ele tinha um rádio à manivela, contudo lhe faltavam outras provisões.

"Na realidade, Roger nunca havia considerado uma viagem desse tipo. Ele possuía um facão, e só. Acontece que a necessidade existia, a oportunidade surgiu e ele poderia chegar lá em dois dias de caminhada. Roger decidiu pedir que alguns Jivaro o ajudassem a carregar o rádio e servissem de guias pela trilha que ia de Wambimi ao território Atshuara.

"Deixamos Roger em Wambimi numa quarta-feira, e na quinta-feira ficamos de ouvido no rádio esperando notícias dele. Achamos que Roger ligaria o rádio em algum ponto do caminho, ou talvez ainda estivesse em Wambimi. Não tivemos notícias na quinta nem na sexta nem no sábado.

"Na segunda, achamos que receberíamos notícias — que ele já havia estado com os Atshuara e agora faria contato por rádio. Não recebemos notícia nenhuma, e Roger não estava com nenhum outro missionário, mas com os ímpios Jivaro que, segundo a fama, eram traiçoeiros. Imagino que vários deles já haviam matado outras pessoas — afinal, tratavam-se de indígenas homicidas, e alguns certamente já tinham escapado de ser assassinados. Enfim,

não eram o tipo de gente que você quer por companhia numa trilha perigosa.

"De qualquer forma, na segunda-feira, ainda sem notícias, resolvemos ir atrás do Roger para saber se estava tudo bem. Reunimos algumas provisões, alimento e remédio, e escrevemos bilhetes que jogaríamos para ele. Pegamos também o telefone que usávamos para falar do ar com a terra. Eu e o Frank fomos de avião. Para usarmos o telefone, se necessário, tivemos de voar sem a porta. Chegamos ao local e quase chorei ao ver a pista de pouso.

"Quase chorei porque vi imediatamente que nenhum melhoramento havia sido feito, e eu sabia que, se o Roger estivesse por lá, ele teria posto a mão na massa. Quando o Roger estava por perto, nada ficava do mesmo jeito — especialmente se precisasse ser consertado. A seguir, tentei descobrir uma camiseta branca lá embaixo. Observamos ansiosos durante alguns minutos antes de, finalmente, vermos o Roger na pista de pouso.

"Eu não sabia o quanto estava preocupado com a segurança dele até o momento que comecei a procurá-lo, entendendo que poderia ser tudo ou nada. Só então percebi como também estávamos preocupados com ele sozinho na mata, a não ser pela companhia do guia Jivaro, e sem muitas provisões. As cobras passeiam pela trilha. Quando o enxergamos lá embaixo, nossos corações se encheram de alegria.

"Voamos baixo algumas vezes sobre a pista. Na primeira vez, desaceleramos o motor para diminuir o barulho, e gritei para que Roger tirasse os indígenas da pista, pois iríamos jogar algumas coisas para ele. Roger nos ouviu perfeitamente e tirou o pessoal do caminho. Demos quatro voltas, jogando os alimentos e alguns machados e roupas de presente para os indígenas.

“Precisávamos saber como estava a situação lá embaixo, então pegamos altura e colocamos o telefone num cabo de arame duplo, usando a técnica do espiral. Desenrolamos cerca de 450 metros de cabo telefônico e começamos a girar em círculos. O telefone na ponta daquele fio comprido duplicou nosso giro, moveu-se devagar para o centro e começou a descer. Finalmente, pairou no ar e girou um tanto descontrolado; sua velocidade horizontal talvez fosse de 9 a 12 quilômetros por hora, enquanto a nossa velocidade lá em cima era de quase cem quilômetros por hora. Depois de alguns erros e acertos e compensando os giros, conseguimos colocar o telefone nas mãos de Roger. Ouvi Frank falando: ‘Alô, Roger; alô Roger’, e entendi que havíamos feito contato com ele.

“Frank conversou uns dez minutos com Roger, obtendo informações. Depois que Frank conseguiu todas as informações de que precisava, começamos a subir para colocar tensão no cabo telefônico. O Roger amarrou a sacola de correspondência no cabo — cartas para amigos e para sua esposa — e soltou o telefone. O aparelho subiu quase verticalmente, escapando de todas as árvores e voando atrás de nós na ponta de 450 metros de fio, que tivemos de enrolar. Acenamos para Roger e voltamos para Wambimi.”

Quando Nate pousou em Wambimi, Frank lhe disse que Roger havia pedido que pousassem na sexta-feira seguinte. “Impossível”, Nate respondeu. “A pista não vai estar pronta”, e então acrescentou: “Mas acho que isso não é meu departamento. É melhor eu ir, como foi pedido, e então decidir se dá ou não pra pousar naquela pista”.

Roger também havia dito pelo telefone que precisava de remédios. Os Atshuara pegaram gripe de um grupo de soldados que havia passado por lá. Era por isso que Roger estava sem o

rádio. O Jivaro que prometeu carregar o rádio ouviu sobre a doença entre os Atshuara e, sabendo que a gripe pode ser fatal, recusou-se a continuar em frente.

"Sexta-feira chegou e eu estava ficando meio ansioso sobre isso de inaugurar a pista de voo", Nate continuou no gravador. "Não é brincadeira de criança; não é piquenique da escola dominical, como dizem. É assunto sério, que exige que você calcule tudo muito bem e verifique as coisas repetidamente e, então, confiando em Deus, vá e cumpra sua responsabilidade.

"Sexta-feira amanheceu chovendo. Ao meio-dia, percebemos que seria impossível viajar; a pista estaria molhada, e não poderíamos acrescentar lama aos outros perigos inevitáveis em um projeto desse porte; assim, cancelamos o voo. Entendemos que Deus estava mostrando que aquele não era o dia para a viagem. Na manhã seguinte, preparamos tudo e, depois do almoço, eu e Frank partimos para Wambimi. Frank desembarcou do avião, descarregou as latas extras de gasolina, e eu decolei sozinho, com uma quantia bem limitada de combustível. O avião estava completamente desnudo, pois até mesmo a poltrona direita foi retirada, e ele ficou tão leve quanto possível e com gasolina suficiente para garantir a segurança. Havia uma reserva de combustível que daria para uma hora e meia de voo, e a viagem de ida e volta até a casa de Santiaku seria de uns quarenta minutos. Então, eu tinha cem por cento de reserva."

Ao decolar, Nate foi em direção a um riozinho que ficava no meio do caminho entre o rio Macuma e o Pastaza. Esse riozinho era o único ponto de referência da casa de Santiaku. Quando Nate viu o rio, imaginando que estava ao sul de onde ficava a casa, foi para o norte, perscrutando o horizonte perto e longe em busca da pequena ilha no meio de um mar de árvores. Nada. De repente, viu

uma casinha — do tipo quadrado feita de estacas, mas sem uma *chacra* [clareira de agricultura na floresta].

"Estranho", Nate pensou. "Talvez pertença a algum índio que acabou de matar alguém e sumiu por um tempo. Talvez ele tenha sua *chacra* em outro local, para enganar o inimigo."

Confuso, continuou em frente. Ah, lá estava o lugar! Nate ligou para Maegareth, no rádio:

— 56 Henry. Em dois minutos estarei na casa do Jimmy. 56 Henry. Em dois minutos eu chego no Jimmy. Câmbio. Como Santiaku é o correspondente espanhol para James, eles usavam o apelido deste nome para manter o local em segredo.

Nate continuou gravando: "Cheguei lá em dois minutos, e não havia pista de pouso! O lugar parecia o terreno do Santiaku, mas não havia pista. Foi meio desconcertante, porque eu não tinha muito combustível, então voei um tanto mais para o norte e subi mais um pouco, ganhando altitude, tentando decidir o que fazer. Resolvi que seria melhor voltar para Wambimi, onde aterrissei às 16h30. Não tive pressa antes, porque queria chegar à casa de Jimmy no fim da tarde, quando o ar é fresco e manso. É mais seguro para esse tipo de operação.

"Frank ficou um tanto surpreso com meu retorno antes da hora. Descrevi a casa que tinha visto, e ele a reconheceu como o local por onde passamos a caminho da casa de Santiaku. Frank me entregou vinte litros de gasolina e decolei em direção ao leste, vi o riozinho e dobrei para o sul."

Nate espremeu seus olhos azuis para enxergar através do para-brisa. A visibilidade era de 160 quilômetros de distância, e "você até imagina ver fumaça de navio a vapor lá no horizonte", mas na vastidão do espaço não havia um único sinal de vida.

“Rumei para o sul”, Nate continua. “Fui bem para o sul. Comecei a imaginar que, como não tinha avistado nada até o momento, não teria muitas chances agora! De repente, avistei uma casa à beira do rio, bem construída; pela localização da casa, era difícil enxergá-la bem, a não ser voando diretamente sobre ela. Escondida na floresta, a casa havia sido construída de modo diferente das outras casas que eu já tinha visto, tanto as dos Quíchua como as dos Jivaro. Senti que o território não era lá muito amigo. Entendi que, de alguma forma, a mão de Deus estava naquela situação (em meus voos de reconhecimento, eu nunca tinha me distanciado tanto para o sul).”

Embora Nate estivesse muito ansioso para encontrar Roger,ele examinou cuidadosamente essa casa e memorizou sua localização, “porque aquela gente que vivia tão isolada também precisava ouvir o evangelho. Você fica convencido de que a vontade de Deus é que façamos todo o possível, que cada indígena tenha a chance de conhecer a graça de Deus e de ouvir o Nome que é sobre todos os nomes.

“Assim, prossegui. Senti-me revigorado pela provocação do isolamento daquelas pessoas e o desafio de ajudar outros missionários a levar-lhes o evangelho. Os riscos envolvidos eram compensados e justificados pelo desafio espiritual da situação.”

Nate continuou voando até perceber que o combustível estava baixo e ligou o transmissor:

— 56 Henry para Shell Mera. Vasculhei o rio. Não consigo localizar o Jimmy. Estou voltando. Estou indo para a cabeceira do rio, ganhando altitude. Entendeu, Shell Mera? Câmbio.

— Ok, ok — Margareth respondeu, e Nate observou o horizonte à procura de fumaça, pois tinha certeza de que estava em território

Atshuara e, se Roger o ouvira, teria começado uma fogueira.

Logo Nate viu o que procurava — pelo jeito, havia uma coluna de fumaça ao sudeste. Mas parecia estar na direção errada. Será que a bússola estava maluca? Ou será que ele não estava tão bem orientado quanto achou que estava? A situação era desconcertante, todavia, Nate pensou, "de vez em quando a gente depara com uma situação dessas, e a resposta, quando ela chega, é surpreendente. Com isso em mente, e sabendo que onde há fumaça também há fogo, e onde há fogo há gente, decidi confiar em Deus, atravessar a coisa e ver o que causava tanto fumacê. Quando me aproximei, fui bem recompensado, mas não do jeito que esperava.

"Lá embaixo, num barranco íngreme que tinha sido capinado, junto a um riozinho, vi um terreno pequeno e plano. Nesse terreno existia uma casa grande de beiradas arredondadas quase escondida pela mata; um grupo de índios tomava conta da clareira."

Mais uma vez, Nate memorizou o local para uso futuro. Depois de uma vistoria rápida, e com o combustível acabando, "dei uma volta, comecei a subir, olhei para a esquerda e, bem ali na minha frente, vi uma casa grande, maior do que aquela à margem do rio, retirada para um canto. Não sei por que cargas d´água a gente só enxerga uma coisa quando dá de cara com ela. É como procurar agulha num palheiro."

Nate começou a subir, ainda dando voltas. "Imaginei que, se subisse bem alto, de onde pudesse avistar aqueles pequenos grupos de seres humanos isolados, talvez descobrisse mais coisas interessantes. Eu era todo olhos e estava muito animado com as descobertas, feliz por estar completamente nos braços do Todo-poderoso lá em cima, pois em terra tenho certeza de que sempre

estou. Se o velho motor desistisse de trabalhar no céu, só Deus poderia me salvar. Admito aqui com toda sinceridade: não gosto de sobrevoar a selva, e tem de haver um motivo muito forte para eu fazer isso sem um bom ponto de referência e um rio bem visível que indiquem minha posição. Mas Cristo morreu por aquelas pessoas e, para falar-lhes do evangelho, primeiro você tem de encontrá-las. Assim, fiquei contente por ter 'tropeçado' nelas.

"Dei uma última olhada ao redor antes de voltar para Wambimi e notei uma pequena marca ao leste. Achei que poderia me arriscar a voar mais um ou dois minutos e descobrir do que se tratava. E foi o que fiz. Dentro de dois minutos, vi uma casa e, alguns segundos depois, uma clareira; observei terra firme atrás de umas árvores, e algumas árvores bem altas me confirmaram que ali era o terreno do Jimmy; vi, então, a pista de voo completamente escondida atrás das árvores altas. Tive dificuldade em encontrar o local porque o sol da tarde atingia as serras baixas em um ângulo diferente do que eu tinha visto nas viagens anteriores àquela área. Bem, quando vi a clareira, liguei o rádio, conversei bem rápido e iniciei a descida. O velho avião começou a despencar e o indicador de velocidade vertical mostrava uma descida de mais ou menos 500 metros por minuto. Espiralando para baixo num movimento rápido, comuniquei-me com Shell Mera, confirmei minha posição, circundei a clareira e dei uma olhada — uma triste olhada — na pista de voo. Não era o que você descreveria exatamente como uma pista de voo. Meu coração apertou. Eu sabia que Roger precisava sair dali, pois sei como ele trabalha. O homem não se poupa. Ele estava trabalhando ali há umas duas semanas, e eu tinha certeza de que meu amigo estava um caco, precisando sumir do lugar. Assim, fiquei ansioso para fazer tudo o que podia, sem

me esquecer da segurança e de nossa responsabilidade com MAS e com as pessoas a quem ela serve.

"Enquanto fazia o círculo de volta, abanei a cabeça e disse em voz alta: 'Não, isso não é bom; é simplesmente impossível'. Mesmo assim, achei que, por amor a Roger, deveria observar o local com mais precisão. Então desci uma ou duas vezes. Estava para desligar o motor e gritar para Roger: 'Sinto muito, mas não vai dar'. Resolvi, porém, dar outra volta e outra olhada. Ele havia marcado a pista muito bem com tiras de gaze. Marcou 50 metros na ponta da pista próximo à casa e fez uma linha com a palavra 'PNEUS'. Eu sabia que podia tocar no chão a partir dessa marca. Na outra ponta, ele marcou 250 m. Imaginei que não poderia dizer 'não' com base apenas na intuição; mas, por outro lado, poderia. Às vezes a intuição salva a vida da pessoa, especialmente quando os cálculos dizem 'sim' e a intuição diz 'não'. Então pensei: 'O avião é leve; tenho uns 250 metros de pista, mais ou menos; talvez devesse tentar me aproximar'. O ar era bem constante e achei que, se conseguisse chegar pertinho, as coisas seriam diferentes. Preparei-me para um voo rasteiro e rápido, desci bem perto das árvores e sobre o teto da casa de Santiaku, a uns 160 quilômetros por hora. Quando cheguei lá embaixo, vi uma árvore despontando na beira da pista e falei alto, como se alguém conseguisse me ouvir: 'Roger, cara, este troço aqui tem asas apontando pra fora'; peguei altitude e avaliei o problema. A superfície parecia boa. Eu confiava no Roger; sabia que ele teria cuidado em não deixar terra fofa em nenhum lugar. Ele já me acompanhara na inauguração de duas outras pistas de voo, ou seja, ele tinha ido na frente e verificado o chão. Então me senti confiante.

"Não havia muito tempo sobrando. O combustível estava bem baixo. 'Lá vamos nós', pensei. 'Talvez eu consiga desviar da

árvore'. Foi aí que pensei na impossibilidade de decolar mais tarde. Imaginei que em dois dias eu, Roger e os indígenas conseguiríamos derrubar um número suficiente de árvores para sairmos dali. O rádio funcionava no avião; eu avisaria minha esposa sobre o meu paradeiro. Tinha avisado a Barbara que o Roger estava bem. 'Ok', fiz uma chamada rápida, 'preparando para descer no local do Santiaku'.

"Recolhi a antena, reduzi a velocidade do avião e, alinhado com a pista, fui em direção às árvores. Ao me desviar delas, desci bem para o lado, puxei o controle dos flaps e passei a cinco ou sete metros da casa de Santiaku. Ao avaliar a situação, não levei em conta somente a árvore apontando para fora, mas o cenário todo, observando tudo de uma vez só. Na verdade, nem vi a árvore; pelo menos, não estava consciente de sua presença.

"Em uma situação dessas o subconsciente do piloto praticamente toma conta do voo. É como se o avião estivesse no piloto automático, porque você não tem tempo de pensar nos problemas individuais. Eles foram analisados enquanto eu circulava lá em cima, pensando objetivamente em tudo, e decidi que poderia descer em segurança; dali pra frente, como alguém disse, 'a gente vai no puro instinto'. E fui; desci o avião de modo tão íngreme quanto podia — a consistentes 70 quilômetros por hora. Endireitei apenas quando estava em cima dos 50 metros irregulares no começo da pista; arremessei as rodas um tantinho depois do sinal 'PNEUS' e parei pouco além da metade dos 250 metros disponíveis.

"Agradeci primeiramente a Deus por estar são e salvo em terra firme. A primeira coisa que você faz numa situação dessas é estender a antena do rádio e transmitir as boas-novas de sua chegada, sem acidentes nem incidentes, à esposa, entes queridos e

colegas que estejam orando e ouvindo junto a seus rádios. Mas não foi o que fiz dessa vez. A ideia nem me ocorreu; havia muita coisa acontecendo de uma vez só.

"Roger veio correndo e perguntou: 'Você trouxe remédios?' Respondi que sim: 'Estão aqui', e joguei para ele a sacola, que estava bem amarrada, pronta para ser atirada do avião. Nada de "Oi, que bom ver você' ou 'O senhor é o dr. Livingstone, estou certo?', ou qualquer cumprimento parecido. O estado de Roger era lamentável. Dava dó só de olhar para ele: não se barbeava há uma semana; usava uma camiseta imunda, cheia de furos; havia emagrecido. Ele atacou a sacola com tudo, pegando os remédios. A seguir, começou a berrar — a voz quase sufocada de emoção — com os indígenas no fim da pista, dando ordens para todos os lados.

"Eu nunca tinha visto o Roger daquele jeito. Sei que, às vezes, quando a pressão aumenta, ele estrila com as pessoas. Mas, nesse caso, não entendi bem o que acontecia, então agarrei-o pelo braço: 'Calma, Roger, calma; temos tempo'. Com os olhos arregalados, ele respondeu: '*Não temos* tempo. *Não temos* tempo'. Não discuti com ele. Roger me passou dois frascos de penicilina: 'Pegue; agite bem', e simplesmente obedeci. Ele gritava ordens aos indígenas, e pensei: 'Gente, como esse pessoal vai achar que o Roger é amigo, com ele berrando desse jeito?'

"Quando me dei conta, todo mundo e seus vizinhos estavam tomando injeção. Ficou óbvio que praticamente o grupo todo estava com gripe. Tive a impressão de que alguns índios iriam cair mortos ali mesmo, enquanto lidávamos com os remédios. Fiz o que pude para ajudar Roger. Santiaku estava sentado num toco, todo encurvado, com cara de muito doente, corpo pintado 'a

rigor', fazendo de tudo para manter a pose de chefe, porém se sentindo muito, muito mal.

"Enquanto aplicava injeções, Roger me contou que um dos chefes havia morrido na semana anterior. Disse que, quando chegou no local, cuidou dos casos piores, e os enfermos melhoraram; agora, estava cuidando dos casos menos graves que estavam piorando, e dá pra imaginar como o pessoal se sentia sem nenhuma ajuda médica.

"Tínhamos dois frascos pequenos de penicilina. Aqueles frascos eram preciosos, decisivos entre a vida e a morte. Quando Roger descartou o primeiro frasco, sugeri: 'Dê uma olhada para ver se não há uma gota de remédio sobrando ali dentro'. As mães empurravam os bumbuns pelados de seus filhos em direção a Roger, que os limpava com álcool. O frasco de penicilina era muito pequeno e Roger poderia deixá-lo cair, pois suas mãos tremiam iguais a varas verdes. Ele gritava para os índios: 'Não se mexam', e todo mundo obedecia. Naquele momento, ele estava no comando da tarefa, era o marechal da batalha. Não havia dúvida quanto a isso."

Roger examinava os rostos dos índios à medida que se aproximavam. Os casos mais graves eram medicados. Roger olhou através da clareira e viu Tysha, um Atshuara muito amigo, saindo da mata. Na tentativa de salvar sua vida, os indígenas tinham levado Tysha pra uma base do exército, mas o rio era um obstáculo muito grande para sua condição tão frágil. Tysha chegou em tempo para a última gota de penicilina na agulha de Roger. "Graças a Deus!, Roger exclamou. "É inacreditável, mas ele chegou, e esta gota provavelmente salvará sua vida!" Pela primeira vez, Roger se endireitou, olhou para Nate e sorriu. O fardo caiu de seus

ombros. Nate olhou o relógio — o prazo para saírem dali iria expirar em questão de minutos.

Enquanto Roger se encaminhava para o avião, finalmente mais tranquilo e relaxado, Nate correu e estendeu a mão ao atordoado chefe indígena. "O homem não sabia o que fazer com ela, mas eu simplesmente agarrei sua mão e comecei a falar em inglês: 'Até logo, foi um prazer conhecer vocês', e rumei para o avião."

Roger balançou a cabeça, sorrindo. "Bem, é claro que a mão de Deus está nisso tudo." Primeiro Nate decolou sozinho para ter certeza de que podia sair dali com uma carga mais pesada e depois voltou para buscar Roger. No avião, a caminho de Wambimi, Roger contou que o trabalho na pista de voo ficou atrasado por causa da doença; que, por causa da doença, o índio carregador se recusou a levar o rádio; que ele, Roger, havia trabalhado sozinho na pista de pouso porque não havia ninguém para ajudá-lo. Uma vez, um índio gritou para ele: "Cuidado! Tem uma cobra perto do seu pé! Não se mexa!". Roger ficou imóvel, e ali, a meio metro de seu pé, estava uma surucucu, pronta para atacar. O índio pegou uma vara. "Não vai dar — é curta demais!", Roger gritou. Com a frase "Que Deus me ajude" em seus lábios, Roger acertou seu facão na cabeça da surucucu, decepando-a totalmente com um golpe certeiro.

"Você não imagina como eu orei para que você não viesse na sexta-feira, como planejado", Roger disse. "Então, no sábado, orei para que você *viesse* e me perguntei se você conseguiria chegar. Já eram quatro horas da tarde, e nada do avião. Eu estava ficando bem desanimado. Finalmente, o avião apareceu. Ouvimos o motor, com certeza, mas — o avião estava indo embora! Morri mil vezes naquela pista de voo. Estava totalmente esgotado depois de trabalhar embaixo de chuva na sexta-feira inteirinha, extenuando cada músculo para terminar a tarefa e ficando de ouvidos

escancarados no sábado. Bem... meia hora depois, ouvimos você de novo. Mais uma vez, o barulho diminuiu em vez de aumentar. Os indígenas dispararam para a *chacra* e viram o avião desaparecer no céu. E foi isso aí. Decidi encerrar o dia, reuni os índios e começamos um pequeno estudo bíblico. Mal havíamos começado quando os índios gritaram, dizendo que o avião estava retornando. Alguns responderam: 'Não está, não; você ouve com o coração!'. Logo em seguida, vimos o avião. Cara, você não sabe como é bom ver essa coisinha amarela sobrevoando as árvores!".

Esses dois homens, imbuídos do espírito pioneiro cristão do primeiro século, usando ferramentas do século 20, haviam estendido mais um pouco os limites de sua fé. Não somente Roger e Nate, como também Jim, Pete e Ed foram missionários pioneiros — sempre de olho nas regiões além do horizonte imediato. Pouco além das colinas distantes, estavam os Auca. "Um dia desses, iremos ver aquele povo", Jim Elliot afirmou, "e, depois disso, eles nunca mais serão os mesmos!".

CAPÍTULO 8

Os Auca



"Há muito tempo", Nate escreveu, "os Auca têm sido um perigo para os exploradores, uma vergonha para a República do Equador e um desafio para os missionários do evangelho".

Desde que chegou à região leste, Nate sobrevoou o território Auca muitas vezes; seus olhos bem treinados tentavam descobrir casas ou vilarejos. Não é fácil encontrar um grupo constituído de, quem sabe, quinhentas a mil pessoas em uma floresta densa que cobre 31 mil quilômetros quadrados. Nunca houve nenhum censo, claro; a área é meramente uma estimativa dos Quíchua — e, sem dúvida, é bem maior do que os próprios Auca admitem, pois os Quíchua (de modo bem compreensível) ficam longe deles o mais que podem.

Essa área da floresta fica quase 250 quilômetros ao leste de Quito. É margeada por três rios: Arajuno a oeste, Napo ao norte e Villano ao sul. O Peru é seu vizinho ao leste.

A história da região remonta à época em que o Equador foi conquistado pela Espanha. Em 1541, Gonzalo Pizarro — irmão do famoso Francisco Pizarro, destruidor do Império Inca — atravessou os Andes, explorou seus declives do leste e permitiu que um de seus tenentes aventureiros seguisse o rio Amazonas até sua foz.

Em suas explorações incríveis, Gonzalo perdeu centenas de soldados; sobraram-lhe apenas 97. Alguns morreram em consequência das dificuldades, porém muitos foram mortos pelos indígenas hostis.

Sem dúvida, alguns desses indígenas foram ancestrais dos Auca. No século 17, os conquistadores foram seguidos por missionários jesuítas, alguns dos quais também foram mortos por índios inimigos. Do século 17 até meados do século 19, pouco se fez para estabelecer ou desenvolver a área. Então, a demanda por borracha feita pelo mundo industrializado levou seringueiros à bacia do rio Amazonas, que na época produzia o melhor látex que se conhecia.

Inescrupulosos, traidores e cruéis, os seringueiros atraíam os indígenas com presentes para logo em seguida invadir suas aldeias, saquear qualquer coisa de valor que encontrassem, levar os jovens saudáveis como escravos às suas fazendas e matar o restante para que não houvesse represália.

Em 1874, um missionário jesuíta desceu o Curaray na tentativa de estabelecer um posto missionário. No entanto, de acordo com seu próprio relatório, passou o tempo todo protegendo os indígenas dos seringueiros violentos. Outro registro chamava os caçadores de borracha de “selvagens civilizados contra selvagens pagãos”.

Certamente daquela época em diante o ódio permeou o território Auca, e um legado de represálias foi passado de pai para filho. Foi o comportamento do homem branco que fechou essa área à colonização. Houve um tempo em que o país poderia ter-se desenvolvido com a cooperação dos Auca, mas a oportunidade foi perdida. No início do século 20, existiam fazendas espalhadas no espaço que é hoje um território "fechado".

A crescente desconfiança dos Auca em relação ao homem branco é ilustrada numa história conhecida na região leste do Equador sobre o dono de uma fazenda, o senhor Sandoval. Ele vivia entre os Auca pouco depois da virada do século 20. Sandoval havia capturado duas famílias Auca, que agora trabalhavam para ele, e mantinha um comércio ativo de borracha com os Auca que ainda habitavam na floresta. Os indígenas deixavam a borracha nos arredores da propriedade e, como pagamento, Sandoval lhes deixava facões, canivetes e roupas. Durante dez anos, esse comércio tranquilo continuou sem nenhuma violência.

Os Auca capturados eram trabalhadores tão eficientes que Sandoval lhes pediu que convencessem seus companheiros de tribo a trabalhar na fazenda. Por meio dos intermediários,Sandoval ofereceu um bom salário, boas condições de moradia, roupa e o que mais necessitassem. A oferta foi recusada de imediato com a explicação de que os Auca não queriam nada do mundo dos brancos, que eram independentes e pretendiam continuar assim.

Sandoval faleceu em 1917, e sua morte foi um sinal para que os Auca atacassem a fazenda. Quase todos os trabalhadores indígenas foram mortos; os sobreviventes, incluindo alguns dos que haviam sido capturados, mudaram-se para longe dos ataques dos Auca e lá permaneceram.

A Companhia de Petróleo Shell, que de 1940 a 1949 explorou petróleo na região, teve de enfrentar não somente os perigos habituais e as inconveniências da floresta, mas também os ataques dos Auca a seus funcionários. Em 1942, três trabalhadores da Shell foram mortos no acampamento da empresa em Arajuno. Em uma carta, um executivo da Shell descreve o acontecimento:

"É com grande pesar que lhes informamos uma tragédia ocorrida na quarta-feira, 7 de janeiro último, em nosso acampamento em Arajuno. Um grupo de indígenas hostis atacou um grupo de nossos funcionários que trabalhava perto do acampamento; nosso capataz e dois trabalhadores equatorianos foram mortos a golpes de lança. O ataque causou pânico entre os trabalhadores, e a sensação de temor aumentou quando na manhã seguinte esses indígenas apareceram novamente, e, pelo visto, cercaram o acampamento [...] Tememos que seja mais difícil do que antes contratar um número adequado de trabalhadores para nosso campo em Arajuno".

Um ano mais tarde, a companhia perdeu oito empregados. Numa tentativa de conquistar a confiança da tribo e evitar outras matanças, a empresa fez uma visita a uma família Auca. Os visitantes levaram facões, camisas, revistas e garrafas vazias de presente aos moradores, que não estavam em casa quando os homens brancos foram lá. Os Auca retribuíram com uma cesta de vime trançado que foi deixada na trilha.

Isso animou os executivos da Shell, e um deles relatou: "Nossa esperança de fazer amizade está no caminho certo. Acho que essa amizade se concretizará em um futuro próximo, desde que nosso pessoal não se desvie do padrão de conduta, que pode ser resumido como 'respeito absoluto à propriedade privada...'. Uma

bala perdida poderá, em minha opinião, ser considerada uma declaração de guerra, o que seria fatal para nós".

A Shell também fez uma tentativa de jogar presentes de um avião, mas, como Nate observou mais tarde, "um veículo com dois mil cavalos de potência, rugindo sobre a vila em baixa altitude, certamente espantaria qualquer um e, de modo particular, um povo da idade da pedra sem absolutamente nenhum conhecimento científico". Apesar dessas iniciativas, as esperanças da Companhia Shell de Petróleo não foram realizadas e ninguém mais fez tentativas sérias de conquistar os Auca.



Estava se tornando cada vez mais importante para os jovens missionários obter qualquer informação sobre os Auca. Eles liam os relatórios da Shell e conversavam com qualquer pessoa que tivesse tido contato, por menor que fosse, com esse povo.

Uma fonte inestimável de informações era o senhor Carlos Sevilla, proprietário e administrador de uma fazenda localizada a dez minutos de voo de Sandia. Don Carlos viveu em território Auca durante 26 anos, antes de ser afugentado por repetidos ataques. Sevilla era um equatoriano alto e magro, de sessenta e poucos anos, que conhecia os Auca como ninguém. Ele carregava seis cicatrizes infligidas pelos Auca durante seu último encontro com eles.

Sua primeira fuga, que aconteceu por um triz, foi em 1914, quando sete indígenas e um colombiano que trabalhavam para ele foram mortos na fazenda "El Capricho", junto ao rio Curaray. Em 1919, enquanto Sevilla estava procurando borracha, deixou quinze

famílias indígenas em um acampamento junto ao rio Tsupino e subiu o rio em busca de remédios. Quando retornava, um menino indígena foi ao seu encontro; a criança estava com o braço machucado e era o único sobrevivente de um ataque Auca.

Rapidamente, Sevilla reuniu sessenta Quíchua e foi atrás dos Auca responsáveis pelo massacre em seu acampamento. Avistou uma casa Auca, onde uma mulher trabalhava tranquilamente na plantação de mandioca. Ela foi capturada, mas, quando os homens de Sevilla iam cercar a casa, a índia escapou e saiu berrando mata adentro. Os berros da mulher deram o alarme, e o pessoal que estava dentro da casa fugiu enquanto os guardas tentavam recapturar a índia. Quando Don Carlos repetia essa história, muitos anos mais tarde, era possível sentir uma nota de amargura e decepção em sua voz.

Carlos Sevilla observara os Auca bem de perto, de modo estratégico. Parece que os ataques eram sempre de surpresa, e os Auca estavam sempre em número maior que seus oponentes.

Um modo de surpreender os viajantes era esperar na curva de um rio até que a força da corrente arrastasse a canoa para a margem, quando os remadores tentavam desesperadamente levar o barco de volta para o meio do rio. Os Auca, então, arremessavam as lanças e berravam a todo pulmão para confundir as vítimas. Os indígenas ficavam em posição de vantagem. O conselho de Sevilla a quem se aventurasse por território selvagem é que a pessoa viaje com duas canoas, pelo menos; assim, uma canoa atira e também protege a outra, em caso de ataque.

Em 1925, Don Carlos e seus indígenas foram atacados duas vezes em quatro meses. Sevilla e seus homens estavam viajando de canoa contra a correnteza do rio Nushino quando, em uma curva estreita do rio, tornaram-se alvo de dezenas de lanças

Aucas.A canoa virou, e cinco índios foram mortos na hora; Sevilla e um índio escaparam. Lutando para atravessar a chuva de lanças, ele conseguiu matar dois de seus agressores com suas armas de fogo, mas ficou seriamente ferido. Uma semana depois, Don Carlos chegou à sua fazenda no rio Ansuc, com o corpo todo infeccionado e as feridas sendo comidas por vermes.

Um ataque ocorrido em 1934 finalmente o fez sair do território. Mas não o desencorajou de fazer planos para retornar.

“Não acho que seja tarde demais”, Sevilla explica. “É verdade que perdemos nossas melhores chances, mas, talvez, se construirmos uma casa resistente, à prova de lança, vizinha dos Auca, abrirmos uma clareira bem grande ao seu redor, ficarmos vigilantes e nunca usarmos arma de fogo, eles acabem aceitando nossa amizade.”

No entanto, homens que corriam a região em busca de borracha, ouro ou petróleo quando a região era “território aberto” garantem que os Auca nunca, jamais permitirão que o homem branco viva em paz na terra deles. É tarde demais.

Sob a luz bruxuleante das lamparinas a querosene, esses velhotes sentam-se noite após noite nas varandas das fazendas relembrando suas experiências e conjecturando sobre os verdadeiros motivos dos Auca. Eles são assassinos de nascença? Matam somente para impedir que sua terra caia nas mãos de invasores? Matam para roubar? Ninguém sabe, e não existe um padrão que revele um motivo único para as matanças.

Sabe-se que algumas mortes foram seguidas de roubo.Objetos considerados úteis pelos Auca, especialmente o facão, foram roubados. Outras coisas, cuja utilidade eles desconhecem, são deixadas para trás. Em alguns casos, todas as possessões das

vítimas foram deixadas intactas. Surpreendentemente, no verão os Quíchua têm permissão para pescar no centro do território Auca; sem ser perturbados, eles descem com suas canoas pelo rio Napo ou pelo Curaray durante semanas.

No entanto, aparentemente sem motivo nenhum, os Auca partem para o ataque. Talvez matem ou machuquem um grupo de pescadores Quíchua dentro dos limites do território Auca, ou vão um pouco além de suas fronteiras e ataquem famílias Quíchua trabalhando nas *chacras*.

Somente um fato continua imutável: o homem branco é indesejado. Quando ele coloca o pé em terreno que os Auca delimitaram para si mesmos, está arriscando a vida.

As matanças também ocorrem dentro da tribo. A raiva se expressa imediatamente em homicídio. As brigas explodem com frequência, e cada morte deve ser vingada pelos familiares sobreviventes, iniciando-se uma reação em cadeia de matança. Assim, tirar a vida de alguém não é estranho aos Auca. Logo cedo os meninos aprendem a usar com maestria lanças de quase três metros de comprimento.

Certa vez, Don Carlos deu de cara com uma palhoça Auca abandonada e descobriu lá dentro uma figura humana de tamanho normal esculpida em madeira balsa. O coração e o rosto estavam claramente delineados com urucu vermelho vivo, e a figura inteira estava espicaçada com marcas de lanças. Esse método, tão moderno quanto o treinamento com baionetas feitas por tropas de combate, tem sido usado para o desenvolvimento de tiro ao alvo mortal que faz a fama dos Auca.

Don Carlos tem a seu serviço na fazenda uma indígena Auca que escapou, faz tempo, de uma matança tribal. Aconteceu uma

típica briga de família, na qual seus pais, seus irmãos e suas irmãs foram mortos por um grupo vizinho. Dayuma, então adolescente, conseguiu escapar e ficou escondida na *chacra* até os invasores irem embora. Ela caminhou até o povoado mais próximo dos Quíchua, que a levaram até Don Carlos.

Igual a qualquer refugiado, Dayuma passou os primeiros anos entre os Quíchua, adaptando-se o mais rápido e completamente possível aos costumes deles. Um dos ajustamentos mais difíceis foi com relação à comida de seus hospedeiros. Os Auca não usam sal, e só depois de quase um ano é que Dayuma passou a gostar de comida temperada.

Vestimenta foi outra mudança grande. Os Auca andam completamente nus, a não ser pelos ramos de planta que amarram bem apertado nos pulsos, tornozelos e cintura. Hoje em dia, Dayuma usa o costumeiro vestido de algodão sem modelo nenhum que as índias Quíchua usam.

Na tentativa de esconder sua origem Auca, ela mantém os cabelos soltos para cobrir as orelhas deformadas pelos ornamentos de mais de dois centímetros de diâmetro, feitos de madeira balsa.

Quem observa Dayuma trabalhando na fazenda, alimentando os animais, ajudando na cozinha, notará pouca diferença entre elas e as Quíchua. As mulheres Auca também têm cabelos pretos bem lisos, a mesma pele cor de chocolate e a mesma altura — pouco mais de um metro e cinquenta.

Dayuma nos explicou vários aspectos etnológicos interessantes. Os Auca bebem *chicha*, preparado da mesma maneira que os Quíchua preparam, só que não fermentado; Dayuma nunca viu ninguém bêbado até sair do meio de seu povo.

Marido que bate na esposa também foi novidade para ela. As casas Aucas são longas, retangulares, com piso de terra batida, e eles dormem em redes penduradas no teto.

De vinte a cinquenta membros de um clã vivem na mesma casa. As mulheres trabalham nas plantações de mandioca e algodão. Os homens trabalham em suas lanças, formatando as pontas afiadas com facões roubados. Cada homem da família tem uma coleção de nove ou dez lanças, que leva consigo na busca por alimento ou numa invasão e pilhagem.

Segundo Dayuma, os Auca reconhecem as pisadas de uma pessoa como se fossem um rosto conhecido. Ela contou a Don Carlos que seu povo sabia de cada passo que ele dera no território Curaray. Também gastaram muito tempo espiando o acampamento da Shell em Arajuno.

Certa vez, durante a ocupação da Shell, os Auca pensaram em se aproximar do homem branco. Conversaram seriamente quanto à possibilidade de enviar dois observadores. Se não fossem mortos, o restante do grupo iria após eles. Na verdade, o oposto aconteceu; os Auca atacaram e mataram três funcionários da Shell.

Animais de estimação são comuns entre os Auca; eles prendem papagaios, macacos e javalis quando ainda são pequenos e depois os mantêm em choupanas que cercam a casa grande. Iguais aos povos do mundo inteiro, os Auca têm suas lendas e contos de fada. Certa vez, diz a lenda Auca, “caiu fogo do céu; o fogo espalhou-se pelo mundo inteiro, queimando todas as árvores. Os Auca se esconderam embaixo de folhas de batata-doce até o fogo morrer; então, deixaram o esconderijo e repovoaram a terra”. Eles temem maus espíritos, como acontece com todos os povos da floresta. Os Auca são carinhosos com os filhos e divertem as

crianças contando-lhes fábulas. Dayuma contou uma historinha cujo herói é uma tartaruga:

Uma tartaruguinha encontrou uma poderosa onça no meio da estrada.

— Arrá! — exclamou a onça. — Seus pais estão longe e não há ninguém pra proteger você.

Morrendo de medo, a tartaruguinha encolheu a cabeça.

— Estique sua cabeça para fora — a onça exigiu.

Ao som da voz estrondosa, a tartaruga esticou a cabeça. Então, observando a boca feroz da onça, disse: “Que dentes terríveis você tem!”.

A onça ficou toda envaidecida e abriu a boca ainda mais para exibir os dentes ameaçadores. A tartaruga, que era mais rápida do que parecia, pulou para dentro da boca da onça e mordeu sua garganta com tanta força que ela morreu na hora.

A tartaruga foi embora e contou para os vizinhos Auca que ela havia matado uma onça e deixado o animal caído na estrada. Os índios foram verificar e lá estava a onça morta. Cheios de alegria, arrancaram os dentes e as garras da onça para fabricar enfeites para si mesmos e foram embora sem agradecer à tartaruguinha. Ela simplesmente retornou à floresta, cresceu e virou uma tartarugona!

Há sempre alguém perguntando à Dayuma porque os Auca matam, e sua única resposta é que são homicidas. “Nunca, nunca confie neles”, ela repete enfaticamente. “Eles fingem ser amigos, mas voltam atrás e matam.” No entanto, algumas pessoas não aceitam e nunca aceitarão isso como veredicto final — pessoas que não podem descansar em paz enquanto gerações dos Auca continuam além das fronteiras do cristianismo.

Pete Fleming era uma dessas pessoas que não podiam viver satisfeitas enquanto os Auca permanecessem na escuridão. Ele escreveu em seu diário: “O problema é muito sério, grave mesmo; um povo não alcançado que mata com ódio extremo. Sinto a força de Deus me impelindo a fazer alguma coisa; tenho a forte sensação de que devo dedicar a maior parte do meu tempo a colher informações linguísticas a respeito dessa tribo e a fazer intensa pesquisa aérea para descobrir famílias Auca [...] Essa talvez seja a decisão mais importante da minha vida, contudo sinto muita paz quanto à questão”.

CAPÍTULO 9

Setembro de 1955



Foi em setembro de 1955 que a Operação Auca realmente teve início. Foi nesse mês que Deus começou a tecer cinco fios distintos em uma tela esplendorosa para sua própria glória. Cinco homens de personalidades completamente diferentes e de locais diferentes dos Estados Unidos foram para o Equador. Representando três missões diferentes, esses homens e suas esposas estavam unidos pela crença na Bíblia como a palavra literal, sobrenatural e perfeita de Deus aos homens. Cristo tinha ordenado: “Ide”; a resposta deles foi: “Senhor, envia-me”.

Os missionários que iriam unir forças na Operação Auca tinham mudado várias vezes. Depois da enchente, decidiram reconstruir Shandia, mantê-la como o posto principal da região e construir postos missionários satélites. É particularmente importante manter vários desses postos na região leste do Equador porque os indígenas dessa parte do mundo, como já foi dito, não moram em vilas muito grandes, mas se espalham em pequenos grupos através de amplas regiões da floresta.

O acordo foi que haveria um posto em Puyupungu. Jim, Ed e Pete tinham visitado esse pequeno grupo Quíchua durante uma viagem de reconhecimento pelo rio Bobonaza, em agosto de 1953. Na ocasião, conheceram Atanasio, o chefe indígena que pediu que construíssem uma escola para seus filhos. "Por amor a Deus, vocês não ficariam aqui?", ele perguntou. "Precisamos muito de vocês. Eu tenho — vamos ver — treze, catorze, mais um, é isso aí, *quinze* filhos. Eles nunca tiveram professor. Eles querem aprender a ler papel. Existem alguns órfãos na minha casa, também. Vocês não viriam?"

Geralmente é difícil conquistar a confiança das pessoas em um novo lugar. Todavia, aqui a porta não somente se abriu como o convite foi direto. Três homens entenderam isso como resposta às suas orações para que as fronteiras se alargassem.

O planejamento foi feito. A família McCully mudou-se para Shandia para iniciar os estudos da língua dos Quíchua. Pete, que ainda estava solteiro, foi escolhido para ficar ali e ajudá-los a se adaptar. Jim e eu entendemos que o tempo de Deus para nos casarmos havia chegado, pois, juntos, abriríamos o posto de Puyupungu.

Foi assim que, em novembro de 1953, eu e Jim chegamos com todos os nossos pertences materiais acomodados em quatro canoas. Depois de nos cumprimentarem com muitos tapinhas nas costas, apertos de mão e risadas, os indígenas carregaram a incrível quantidade de equipamentos do homem branco morro acima, onde as duas esposas de Atanasio e um bando de crianças esperavam ansiosamente.

Jim não se ocupou apenas em construir a casa e a pista de voo. Começamos a nos reunir com os indígenas, contando-lhes, em sua própria língua, a história mais espetacular que já se ouviu na terra:

que o Filho de Deus tinha vindo ao mundo e, com seu próprio sangue, pagou o preço do pecado do homem. A mente indígena precisou de tempo para reconhecer o imenso amor de Deus. Um dia, porém, exultamos quando Atanasio disse a Jim: “Sou muito velho. Talvez velho demais para entender bem as coisas. Mas acho que você fala a verdade. Vou morrer em suas palavras”.





Durante três meses os missionários fizeram voos semanais sobre o assentamento Auca, que chamavam de “Cidade Terminal”, descendo uma corda com presentes (como esse caldeirão). Às vezes os Auca amarravam presentes na corda para eles. Nate Saint mostra uma tiara feita de penas.



Páginas seguintes: Uma casa Auca construída com folhas de palmeiras, fotografada durante uma entrega de presentes. A casa de vinte metros de comprimento, mais ou menos, podia abrigar de vinte a cinquenta pessoas. Os pequenos abrigos ao redor são para os animais de estimação dos Auca.





Uma amistosa cabeça de ponte em território Auca inimigo. Depois de meses de preparação, os missionários pousaram num banco de areia do rio Curaray que chamaram de “Palm Beach”. Na terça-feira, 3 de janeiro de 1956, Nate Saint fez cinco voos partindo de Arajuno — transportando Ed McCully, Jim Elliot, Roger Youderian e também suprimentos.



Enquanto Nate voava, os outros construíram um abrigo a dez metros do chão, em cima de uma árvore. No último voo daquele dia, Nate atravessou a “Cidade Terminal” e gritou no idioma Auca: “Vão amanhã ao Curaray”.



Na quarta-feira os missionários começaram a esperar a visita dos Auca. Eles pescaram, leram e estudaram suas anotações de frases Auca.
Jim, Roger e Nate retornam a Palm Beach depois de cortarem árvores que atrapalhariam as aterrissagens e decolagens do avião.



Jim segura um peixe-gato.



“A não ser pelos 47 bilhões de insetos de todos os tipos, este lugar é um pequeno paraíso”, Nate escreveu em seu diário. Na foto, segurando a revista *Time*, ele faz o que chamava de “siesta hidráulica” para fugir dos insetos.



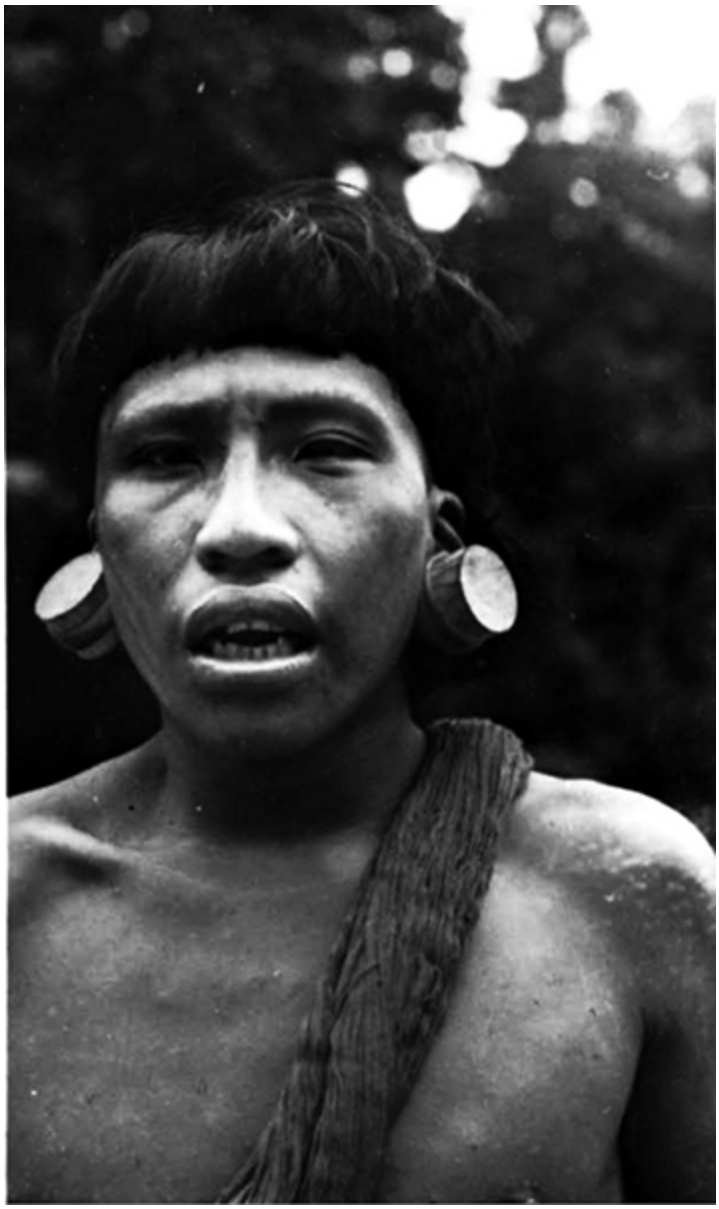
Na quinta-feira, a espera continuava. Durante o dia, Nate sobrevoou Palm Beach várias vezes, acelerando o motor para ajudar os Auca a identificar o lugar onde estavam.
Dois missionários descansam à sombra do abrigo na praia.



Durante a espera, os missionários desconfiaram que estavam sendo vigiados de longe, mas não viram nenhum “vizinho”. Jim Elliot, em pé na parte rasa do rio, com seu caderno de anotações em mãos, grita frases amigáveis em direção à floresta na esperança de que alguns Auca estejam espreitando dali.



Ed McCully, de braços abertos, mostra por gestos e palavras a qualquer observador oculto que ele e os outros emissários do odiado mundo lá fora esperam em espírito de amizade.



Os esforços dos missionários foram recompensados na sexta-feira às 11h15, quando três Auca saíram da floresta para conhecer seus primeiros amigos brancos. Este é o homem do grupo, apelidado de “George” na hora. Ele usa a marca de identificação dos Auca nas orelhas e um entrelaçado de lã vermelha no peito — presente de Roger.



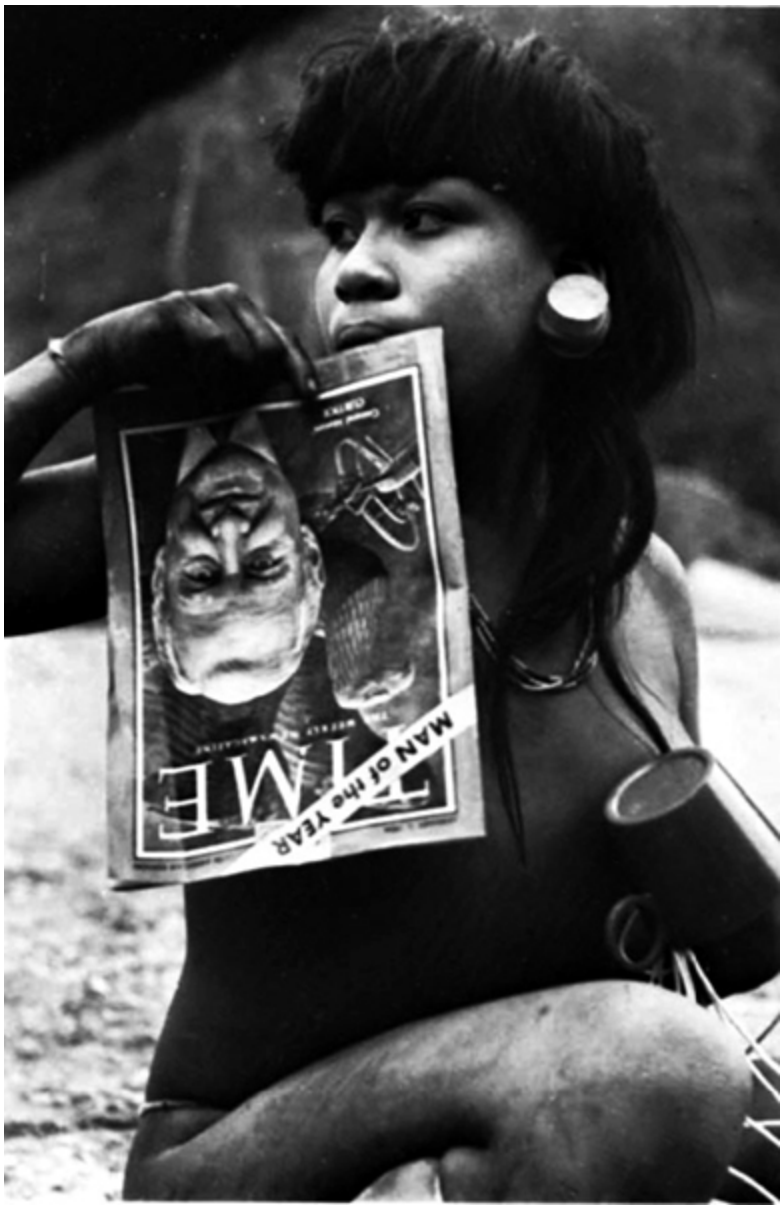
Com o livro de frases na mão, Pete Fleming mostra as diferentes partes de um aeromodelo a “George”, que está sentado à moda Auca. Mais tarde, os missionários tentaram lhe explicar a necessidade de os Auca derrubarem algumas árvores para que uma pista de pouso fosse construída perto de seu vilarejo. Lá, ao contrário de “Palm Beach”, a pista não estaria ameaçada pelas enchentes.



“George” saboreia seu primeiro hambúrguer na vida enquanto Roger passa repelente em suas costas. A maior alegria de “George” foi passear de avião sobre seu vilarejo Auca. No momento em que entrou no avião, ele gritou pela janela — imitando os missionários, que, durante a entrega de presentes, falavam com os Auca lá embaixo.



A mais velha das duas mulheres do grupo ficou mais tempo que seus companheiros. Ela se sentou junto à fogueira, ao cair da tarde, tagarelando com Roger, despreocupada com o fato de ele não poder seguir sua conversa. Naquela noite ela se ajeitou ao lado da fogueira, mas foi embora logo cedo; quando os homens acordaram, ainda havia lenha queimando em sua fogueira. Nate Saint, que tirou fotos na praia, também fez um filme curto, em cores, de sua experiência. Uma índia Auca, Dayuma, que fugiu de sua tribo há anos, e agora vive numa fazenda fora do território Auca, viu o filme. Ela acredita que a mulher mais velha é a irmã caçula de sua mãe. Dayuma não reconheceu as duas outras pessoas do trio Auca.



A mais jovem dos visitantes Auca foi logo apelidada de “Dalila” pelos missionários. No fim do dia, ela saiu furiosa pela praia. “George” chamou-a de volta, mas, quando não foi atendido, seguiu-a floresta adentro.



“George” ao lado do aeromodelo que os missionários transformaram na insígnia da Operação Auca. O índio está de posse do modelo em seu vilarejo Auca e, quando os pilotos da Missão Asas de Socorro sobrevoam as casas indígenas, ele corre para fora e acena com o aviãozinho. Atrás, vemos o Piper Cruiser de Nate Saint.

Enquanto isso, em Shandia, os McCully faziam progresso no aprendizado da língua. Pete Fleming havia construído uma cabaninha perto da casa de bambu em que Marilou e Ed moravam e fazia as refeições com eles.

Pete escreveu em seu diário: “É impressionante a alegria e o prazer que senti em construir minha casinha de dois cômodos. Foi muito divertido e, embora o trabalho não tenha levado mais de quatro ou cinco dias, mal consegui esperar para fazer a mudança. A casa é *muito* confortável, e é *puro luxo* ter um lugar só meu, uma cama, uma escrivaninha e uma cadeira, um lugar onde não sou constantemente observado. O melhor de tudo é que isso facilita a vida disciplinada, cada coisa tem o seu lugar, e tenho privacidade para orar. Recomecei meu sistema de arquivo dos estudos do Novo Testamento, que havia negligenciado desde que parti dos Estados Unidos. Sinto muita alegria em fazer as coisas de modo organizado outra vez. Sem dúvida nenhuma, nasci para ter hora de ir para a cama, tempo de estudar à noite e uma hora inteira para dedicar ao estudo da Bíblia logo cedo”.

Enquanto observava os McCully se adaptarem ao trabalho, Pete começou a pensar mais em seu próprio futuro e em sua noiva, Olive Ainslie, uma garota magra e bonita, de sobrancelhas escuras em contraste admirável com a pele clara e os olhos azuis. Eles haviam ficado noivos por correspondência enquanto Pete estava na floresta. Com sua franqueza típica, esse homem estudioso e calmo imaginava se não existiria nenhum conflito entre o casamento que se aproximava e seu “chamado” para trabalhar com os Auca.

“Ontem à noite, conversei bastante com o Nate sobre a questão dos Auca”, ele escreveu. “Pode parecer estranho, mas não acho que o casamento vai me impedir de trabalhar na evangelização dos Auca. Creio que, se Olive tivesse de decidir, ela iria preferir que eu morresse depois de estarmos casados a adiarmos o casamento indefinidamente por medo de que alguma fatalidade aconteça. Nossa vida se tornou uma, e creio que Deus não irá colocar

propósitos diferentes em nossos corações." Em junho de 1954, Pete sentiu-se à vontade para ir aos Estados Unidos casar-se com Olive. Quando Pete viajou, eu e Jim retornamos para Shandia e fomos morar com Ed e Marilou McCully.

Depois que Puyupungu foi estabelecido como posto afastado, programamos fazer visitas e dar aulas naquele lugar. Shandia,onde havia uma escola, uma clínica médica e uma pequena loja, era considerada nossa base permanente de operações.

Concordamos em que Jim e eu seríamos responsáveis pelo posto de Shandia. Com isso, Ed e Marilou pensaram em ter seu campo missionário — um lugar onde o evangelho de Cristo ainda não era conhecido. Eles tinham ouvido falar de Arajuno, a base que a Companhia Shell tinha abandonado e que fazia fronteira com o território Auca.

Em voos de reconhecimento sobre a região, Ed estimou que a população Quíchua era de mais ou menos cem índios. Por que não aproveitar a excelente pista de pouso que a Shell havia construído e passar um tempo lá pregando o evangelho a esses indígenas?

A pista não exigiria mais de um dia de limpeza, se tanto, para ficar livre do mato — e o chão de cascalho ficaria novo em folha.

Arajuno, um dos vários projetos da Shell na busca de petróleo na região, tinha custado uma fábula. A floresta foi desbastada para dar lugar a uma cidadezinha; construíram estradas; um hotel, quadras de tênis, uma padaria e até mesmo uma estrada de ferro de bitola estreita foram incluídos no projeto. Agora os edifícios, abandonados desde 1949, estavam por conta da decomposição e ruína causadas pela floresta. Contudo, alguns materiais poderiam ser recuperados e utilizados. A ideia de abrir um posto missionário em Arajuno parecia muito boa.

Ed passou a visitar Arajuno todos os fins de semana, voando para lá na companhia de Nate nas sextas-feiras. Nos sábados e domingos, Ed visitava as casas dos índios e reunia-se com eles. A boa recepção incentivou Ed a construir uma casa simples, usando os alicerces de um dos edifícios abandonados da Shell e madeira recolhida nos arredores.

Quando Ed decidiu ficar em Arajuno de uma vez por todas, Marilou e os dois filhos se mudaram para a "nova" residência. Em pouco tempo, ela deixou a casa bem bonita, com cortinas coloridas nas janelas protegidas por telas, um "sofá" de tijolos recuperados dos prédios antigos e cobertos por um colchão e um pedaço de plástico, quadros nas paredes de bambu e tapetes equatorianos coloridos no chão de cimento. Nate Saint passou várias noites instalando um alarme antirroubo e uma cerca elétrica, pois os McCully, assim como seus colegas em outros postos, estavam bem cientes dos perigos de morar perto dos Auca.

O rio Arajuno faz divisa a oeste com o território dos Auca, e o novo posto missionário ficava no lado Auca do rio. Era exatamente o mesmo lugar onde os funcionários da Shell tinham sido mortos há alguns anos. Os ataques esporádicos, quando os Auca se arremessavam da floresta para matar rapidamente e desaparecer de novo, fizeram deles um povo temido e fascinante aos olhos dos vizinhos Quíchua.

Os Quíchua estavam sempre relembrando aos McCully que os Auca poderiam surgir a qualquer momento. Eles se recusavam a ficar naquele lado do rio Arajuno depois das quatro horas da tarde. "Isso aqui é o lado dos Auca", explicavam. De vez em quando corria o boato de que alguém tinha visto pisadas dos Auca perto da casa ou de que a grama estava amassada, indicando que eles tinham se escondido por ali, espiando os estrangeiros.

A cerca elétrica foi instalada a uma boa distância, a uns trinta metros da casa, fora do alcance de um arremesso perfeito de lança, e Ed e Marilou sempre tinham um revólver ou rifle à mão. “Mesmo achando que os Auca não estão rodeando por aqui”, Ed explicou, “é bom saber que a cerca está ativada. Com as luzes acesas em casa, somos um alvo perfeito!”.

Foi assim que Deus levou Ed e Marilou a um lugar estratégico que se tornaria a base da Operação Auca.



Nesse meio tempo, Pete retornou dos Estados Unidos com Olive, e ambos ficaram em Quito. O casal passou um ano nas montanhas enquanto Olivia aprendia espanhol e Pete traduzia a Bíblia no idioma Quíchua, usado nas reuniões dos indígenas, e também renovava seu conhecimento de espanhol.

No outono de 1955, Pete e Olivia rumaram para o leste para iniciar o trabalho entre os índios em Puyupungu e foram morar na pequena casa de sapê que eu e Jim havíamos construído. Pete recomeçou a ensinar os índios ali, devagar e com cuidado, revisando o que já haviam estudado, apresentando-lhes novas verdades.

A iniciação de Olivia na floresta incluiu uma vista espetacular do vulcão ativo Sangay, avistado da sala de estar em Puyupungu. “À noite”, Pete escreveu, “o vulcão parece uma enorme fogueira, lançando, em um longo e gracioso arco, fagulhas que pousam a alguns milhares de metros lá embaixo, na encosta da montanha. Com binóculos, podiamos ver bolas de fogo individuais explodir e espalhar-se por todos os cantos. Era um verdadeiro espetáculo.

Nuvens de vapor saindo da lava que escorria pela neve encobriam o show pirotécnico, mas logo desapareciam, e tudo recomeçava".

Às vezes Olivia e Pete se entristeciam diante do comportamento de índios embriagados em uma festa. É fácil imaginar o resultado dessas festas — maridos espancando as esposas; pobres crianças nuas largadas sozinhas e tendo de encontrar um lugar para passar a noite, enquanto seus pais cambaleavam ao redor até desmaiar de tanto beber.

Certa vez uma mulher bêbada rolou em cima de seu bebê de duas semanas, sufocando-o. Às vezes um índio tentava achar o caminho de casa através da floresta escura, acabava dormindo na trilha lamacenta e, quando acordava, horas mais tarde, descobria que besouros enormes estavam cavando embaixo de suas pernas, tentando enterrá-lo.

Mas também havia sinais de que a mensagem do evangelho estava atingindo esses filhos da selva. O diário de Pete registra:

"Os anjos estão se alegrando hoje por causa de Puyupungu,e nós também estamos. Deus é mesmo fiel. Hoje cedo, alguns índios aceitaram Jesus. Senti-me inspirado a falar sobre batismo, porque notei alguns erros enquanto ouvia os índios conversando.

"Depois de falar sobre Filipe e o eunuco, tentei explicar de maneira simples e clara a diferença entre fé e batismo. Depois que os bebês chorões se aquietaram, todo mundo prestou bastante atenção e senti que o Espírito Santo tocava os corações. Expliquei o que significava entregar-se a Jesus e pedi que quem desejasse fazer isso levantasse a mão. Um punhado de mãos se levantou — Tito, Benito, Pascual e outros. Outras mãos começaram a se erguer quando Alejo se pronunciou lá do fundo, dizendo que isso

significava dar um basta na bebedeira e na vida imoral. Algumas mãos se abaixaram.

"Terminei com uma oração e convidei aqueles que estavam realmente arrependidos a se dirigirem a uma sala no fundo da escola onde eu cuidaria melhor deles. Doze índios compareceram. Incentivamos e exortamos a todos e marcamos uma reunião para sexta-feira à tarde com os novos convertidos. Vários outros se mostram bastante interessados. Que alegria! Foi para *isso* que viemos aqui.

"Em meus 26 anos, Deus tem sido bom, perfeito e bendito em seus caminhos. Agradeço a Deus continuamente por me trazer aqui, praticamente superando o impossível e impulsionando-me adiante. Senti-me 'empurrado', e como sou agradecido por Deus me impulsionar".



Em setembro de 1955, "o empurrão de Deus" levou cinco famílias missionárias pioneiras a colocar em ação, conjuntamente, seus planos de meses e anos. Verdadeiramente foram "empurrados" a levar a Palavra de Deus aos Auca. Ed e Marilou McCully, no posto de Arajuno, estiveram na vanguarda. Jim e eu ficamos em Shandia. Pete e Olive Fleming, em Puyupungu. Roger Youderian e família haviam retornado de seu posto em Wambimi e estavam novamente ajudando a família Drown em Macuma. Nate Saint, com seu aviãozinho amarelo, e Margareth,no rádio amador, continuavam em Shell Mera, a base permanente deles no centro desses postos remotos da floresta.

CAPÍTULO 10

Início da Operação Auca



Ao anoitecer do dia 2 de outubro de 1955, Nate Saint colocou papel amarelado em sua velha máquina de escrever e começou:

"Esta é uma tentativa de relatar alguns eventos que resultaram na decisão de entrarmos em contato com a tribo Auca. Estas observações, naturalmente, referem-se somente a pontos de vista pessoais quanto à situação e não abordarão esforços de missionários do passado.

"Ontem à noite, Ed McCully, Jim Elliot, Johnny Keenan e eu ficamos de quatro no chão examinando um mapa das florestas no leste do Equador. Havíamos decidido que o tempo de Deus havia chegado para entrarmos em contato com os Auca, uma tribo selvagem que vive ao leste de Arajuno, um posto missionário entre os índios Quíchua dirigido por Ed.

"Mais tarde, na cozinha, enquanto tomávamos chocolate quente, decidimos que deveríamos manter a operação em segredo o quanto possível, para não chamar a atenção nem despertar a

competitividade de grupos não missionários. Certamente esses grupos empregariam artilharia pesada na invasão por terra. Nosso medo era que isso atrasasse em décadas o esforço missionário entre esse povo da idade da pedra.

"Hoje à tarde, enquanto analisava a situação, achei uma pena que nosso sigilo impedisse nossos companheiros de oração nos Estados Unidos de serem abençoados com relatórios atualizados e em primeira mão sobre nossos esforços e sobre como a mão de Deus dirigia toda a obra. Assim, decidi por conta própria relatar como anda a situação e atualizar as informações à medida que fazemos progressos.

"Alguns esforços esporádicos foram empregados para mudar a condição desses homicidas da floresta. Ataques armados e contra-ataques da parte dos brancos apenas contribuíram para dizimar a tribo e inflamar o ódio já existente. O medo de homens armados não diminuiu o desejo de vingança dos Auca, embora a vingança tivesse de acontecer numa emboscada com lanças de madeira.

"A tentativa de aproximação feita por Rolf Blomberg,explorador sueco, guiado em 1947 por um missionário, foi relatada em detalhes. O grupo se aproximava do território Auca quando foi atacado em um ponto onde a correnteza puxou a balsa para a margem do rio.

"Um índio que ajudava no transporte do grupo abriu fogo imediatamente e saltou no rio, seguindo o missionário que nadava submerso. Esse acontecimento nos deixa vacilantes em combinar esforços com pessoas que não têm interesse nem respeito pelos Auca."

Quando Ed McCully e família se mudaram para Arajuno, ele pediu que Nate fizesse um levantamento aéreo do território Auca,

e, juntos, vistoriaram o vale do rio Nushino, onde, segundo relato, os Auca haviam habitado há sete anos.

Os dois não descobriram nada além do que Pete e Jim tinham descoberto há dois anos — apenas o vasto mar de topos verdíssimos das árvores que sumiam no horizonte escuro. A impressão de mar é salientada pelas colinas fendidas e onduladas que se levantam ao longo do terreno.

Os rios cor de café com leite que serpenteiam através da floresta são lembretes de que a paisagem é terrena, e não marítima. Porém somente os olhos bem treinados conseguiriam descobrir alguma casa nessa floresta — talvez um fiapo de fumaça se elevando sobre o verde ou um ponto minúsculo indicando uma *chacra* indígena.

Nate continua em seu diário: "O levantamento propriamente dito só tomou pé na manhã de 19 de setembro, quando eu estava aterrissando em Arajuno no voo semanal dos legumes. Eram cerca de 8h30 e, se não me falha a memória, o ar estava claro como nunca. A visibilidade era de 120 quilômetros, e todos os vales dos riozinhos, que normalmente estão camuflados pela combinação de neblina leve e folhagem, podiam ser vistos claramente na distância.

"Quando aterrissei e cumprimentei Ed, perguntei se ele gostaria de ir procurar seus 'vizinhos'. Ele topou na hora. Atacamos a despensa da Marilou em busca de enlatados, fuçamos por todos os cantos atrás de equipamentos de emergência e decolamos meia hora depois.

"Seguimos o rio Nushino em direção ao leste, mas dessa vez pelo lado esquerdo. Inspecionamos uma faixa de dez a treze quilômetros. Quando percorremos 80 quilômetros ao leste da casa

de Ed, no meio do nada, viramos bem para o norte em direção a Coca, no rio Napo. Uns cinco minutos depois, avistamos alguns pontos que pareciam antigas plantações de mandioca dos Auca. Quando se está lá em cima, é difícil saber exatamente do que se trata, mesmo depois de você ter estudado bem a floresta. Fizemos uma volta e fomos para o norte até nos aproximarmos do rio Napo, mas não descobrimos nada.

"Tínhamos de virar à esquerda para voltar para casa. O combustível não era suficiente para continuarmos, e já havíamos sobrevoado a área determinada para essa viagem. No entanto, não dava para desistir. Demora chegar tão longe assim, e é difícil encontrar condições atmosféricas tão boas.

"Vi uma mancha quase indiscernível na floresta, talvez a uns oito quilômetros de distância. Ed não sabia o que era, contudo decidimos voar naquela direção só por uns minutos. Se não encontrássemos nada concreto, voltaríamos para casa.

"A mancha se transformou em uma área rebaixada bem definida; depois, em uma clareira de bom tamanho coberta de pés de mandioca bem cuidados. *Era o lugar*.

Voávamos bem devagar; o combustível estava acabando, mas ainda tínhamos uns quinze minutos antes de apelar para a reserva. Assim, continuamos lá em cima. Ao todo, acho que vimos umas quinze clareiras e algumas casas. Era um momento empolgante ... um momento pelo qual aguardávamos ansiosamente.

"Não descemos para observar melhor. Em primeiro lugar, tínhamos de ficar de olho no combustível; em segundo, não queríamos assustar ninguém logo na primeira visita. Retornaríamos depois que descobríssemos o melhor jeito de nos aproximarmos dos Auca.

“Na viagem de volta, Ed me disse que provavelmente havia clareiras perto de sua casa. Ele achava que do assentamento que descobrimos os Auca teriam de caminhar muito para chegar até sua casa ou vizinhança. Discordei. Parecia lógico que os Auca vivessem bem lá no meio da floresta, pois haviam sido atacados no antigo território, que ficava junto ao rio Nushino.

“Decidimos pensar mais no assunto e comparar anotações mais tarde. Também achamos melhor manter a ‘descoberta’ um segredo de família até que fosse seguro espalhar a notícia.

“Margareth, e Ruth e Johnny Keenan ficaram exultantes com a notícia. Ao analisarmos a questão, entendemos que foi oportuno termos investigado aquele ponto minúsculo que acabou sendo a primeira clareira Auca em que pusemos os olhos.

“Algumas semanas depois (29 de setembro), tive de levar Jim Elliot e Pete Fleming a Villano onde passariam vários dias pregando entre um grupo Quíchua que não conhecia o evangelho.

“A rota seria por Arajuno; como teríamos de voar sobre o território Auca e como seriam necessárias duas viagens para levar Jim, Pete, dois guias indígenas e todo o equipamento — e assim eu atravessaria a região quatro vezes —, decidimos ficar espertos e fazer um caminho ligeiramente diferente em cada viagem.

“Na primeira viagem, levei Jim e o equipamento, e não vimos nenhum sinal de vida lá embaixo. A viagem de volta não foi diferente. Então eu, Pete e os dois guias iniciamos a viagem. Como decidimos ir bem ao leste para observar uma região por onde ainda não havíamos passado, ziguezagueamos devagar, dando preferência aos vales da floresta que pareciam mais hospitaleiros.

“A uns quinze minutos de Arajuno, avistamos algumas clareiras. Eu e Pete só conversávamos em inglês, mas não havia

como esconder o entusiasmo. Nossos guias indígenas também enxergaram as clareiras. Os dois eram espertos e sem vacilar disseram: 'Auca'. Era a primeira vez que esses índios andavam de avião, mas sabiam exatamente onde estavam e conheciam todos os rios.

"Voamos perto de um riozinho e avistamos cerca de meia dúzia de casas grandes cercadas por casas menores. Não havia erro. Tão claro quanto a luz do dia, ali estavam eles, *e a uns quinze minutos de voo da casa de Ed em Arajuno*.

"Quando nos aproximávamos de Villano, pensamos em como impedir que os guias falassem por aí sobre a descoberta. Avisamos aos dois que eles correriam perigo se alguém soubesse da localização dos Auca e, caso os Quíchua ou outros grupos atacassem os Auca por causa disso, a retaliação Auca seria grande.

"Aterrissei do lado habitado de Villano e fui em alta velocidade, para dar a impressão que teria de usar a pista inteira. Com isso, ficamos distantes do povo que nos aguardava, e Pete teve tempo de admoestar os guias. Eles concordaram em guardar segredo... (provavelmente um segredo que ficaria tão escondido quanto um elefante de brinquedo em tamanho natural embaixo da árvore de Natal).

"Mais uma vez, as pessoas que souberam da descoberta ficaram entusiasmadas. Para alguns de nós o mais significativo não era a descoberta em si, mas termos localizado o primeiro grupo de Aucas após tantas buscas infrutíferas e, então, algumas semanas mais tarde, termos paraticamente tropeçado em outro grupo deles. Entendemos que Deus estava abrindo as portas para trabalharmos com esses indígenas. Mais uma vez, concordamos em orar e voltar a conversar depois de termos mastigado o assunto.

“Dias mais tarde, quando Johnny Keenan ajudava Jim, Pete e seus guias a voltarem de Villano para Arajuno, o tempo ficou ruim, e eles tiveram de aterrissar em Shell Mera, onde passaram a noite. Foi nessa noite que nós quatro ficamos ajoelhados no chão da sala estudando o mapa, quatro homens que agora agiam sob a convicção de que Deus os estava mandando trabalhar entre os Auca.

“Durante aquela noite e madrugada, rodeamos o problema uma dezena de vezes. O mais fascinante era imaginar como esses indígenas responderiam a essas abordagens.”

Um dos problemas com que os missionários lutaram naquela noite foi o idioma. Convencer os Auca de que os missionários eram homens brancos amigos seria mais fácil se a mensagem fosse comunicada na linguagem deles. Isso era importantíssimo.

Enquanto discutiam o problema, Jim Elliot encontrou a solução. Ele se lembrou de ter visto Dayuma na fazenda do senhor Carlos Sevilla, que distava apenas quatro horas de caminhada de Shandia. Jim se ofereceu para ir até lá conversar com a moça e aprender algumas frases que seriam úteis caso fizessem contato com os Auca.

Alguns dias mais tarde, Jim partiu. Dayuma se dispôs a ajudar, embora Jim tenha tido o cuidado de não explicar a razão de seu interesse em aprender as frases. Entre os Quíchua a fofoca se espalha tão rapidamente quanto em qualquer lugar. Felizmente, Dayuma — acostumada aos hábitos estranhos de pessoas estranhas — achou que ele só estava interessado em aprender a língua dos Auca.

“*Biti miti punimupa*”, que significa “Gosto de você; quero ser seu amigo”, Jim anotou cuidadosamente em seu caderno. A seguir

veio: “*Biti winki pungi amupa”*, que quer dizer: “Gostaria de me aproximar de você”, ou, mais informalmente: “Vamos nos reunir”.

— O que eu falo se quiser saber o nome de alguém? — Jim perguntou em Quíchua.— *Awum irimi* — Dayuma respondeu em Auca.

Assim, Jim construiu um vocabulário prático, e um dos obstáculos no caminho dos missionários foi parcialmente superado. Claro que oferecer presentes aos indígenas seria o próximo passo. Talvez algumas entregas cuidadosas de presentes feitas por ar mostrariam aos indígenas que esses homens brancos eram amigos e bem-intencionados. Se os presentes continuassem vindo, gradualmente os Auca iriam se convencer dessa verdade.

CAPÍTULO 11

Uma corda do céu à terra



Os missionários decidiram começar a entrega de presentes aos selvagens Auca o mais rápido possível. Iriam usar a técnica do espiral [veja explicação no capitulo 7] que Nate Saint havia desenvolvido no território dos Atshuara. Ali a exatidão da técnica foi essencial.

Nesse novo empreendimento, a técnica teria o benefício adicional de mostrar aos Auca que os visitantes no avião tinham poder de dar ou reter o presente até o momento da entrega. Segundo os Auca cativos, os indígenas achavam que os presentes jogados pela Shell caíram do estômago do avião que havia sido machucado ou assustado pelas lanças que eles atiraram.

Nate datilografou a continuação da Operação Auca:

"Naquela noite, ali no chão da sala, decidimos fazer visitas aéreas semanais aos Auca, entregando um presente diferente de cada vez, para lhes despertar a curiosidade. Imaginamos que, mais cedo ou mais tarde, a hostilidade desapareceria.

“No dia seguinte, Johnny, Jim e Ed voltaram para Arajuno. Em Shell Mera, comecei a testar a corda para descobrir que tipo de mecanismo simples e seguro poderíamos usar para soltar os presentes quando eles tocassem o chão. Johnny e eu sobrevoamos a pista várias vezes testando o nosso método. Margareth e Ruth enganchavam na ponta do fio os pesos usados no teste e observavam sua descida na pista de voo. Tentávamos acertar o alvo que marcamos na pista.

“Finalmente estávamos prontos para o ensaio geral. Fomos aprovados no teste, todavia, quando sobrevoamos a pista para jogar a corda, ela se enroscou no suporte e tivemos de amarrar uma faca numa vara para cortar o nó e desenrolar a corda. Não era nada perigoso, mas a corda poderia se soltar antes de sobrevoarmos o campo. E foi exatamente o que aconteceu. Vi a corda se embaralhar em algumas árvores bem altas um pouco além do fim da pista. No entanto, até que aterrissamos e chegamos ao local, já estava muito escuro; assim, a corda ficou pendurada lá até o outro dia.

“Fiquei tão alvoroçado que dormi bem pouco naquela noite. Por outro lado, sabia que tudo estava nas mãos de Deus. Eu não poderia prever quanto tempo gastaria na manhã seguinte para desembaraçar a corda presa nas árvores, mas disse para Margareth que, se eu estivesse pronto para decolar às 9 horas, conseguiríamos realizar a tarefa; caso contrário, deixaríamos tudo para o dia seguinte.

“Logo de manhã, equipei a ‘linha de pesca’ com um peso que poderia ser jogado sobre a corda presa nas árvores. Com isso, depois de muita andança entre a vegetação, consegui retirar a corda inteira e, por volta das 9 horas, estávamos prontos para decolar.

“Dia 6 de outubro de 1955. O primeiro presente foi um caldeirão de alumínio pequeno com tampa. Colocamos uns vinte botões coloridos dentro do caldeirão — claro que não eram para as roupas que os indígenas não usavam! No entanto, botões podem ser usados como ornamentos. Também incluímos um saquinho com alguns quilos de sal grosso. Sabemos que os Auca não usam sal nenhum. Se eles descobrissem a utilidade do sal, tínhamos certeza de que conquistaríamos alguns amigos. Amarramos uns quinze pedaços de fitas coloridas de um metro, mais ou menos, nesses presentes. Tudo estava pronto.

“Em Arajuno o clima era de prontidão, alegria e espera. Eu estava bastante ansioso, pois tinha medo de dar um ‘furo’ e estragar essa nossa primeira tentativa.

“Colocamos o equipamento de emergência no avião, preparamos os utensílios especiais, fizemos um ‘test drive’ do dispositivo para entrega dos presentes e rumamos para o leste. Era difícil acreditar que teríamos o privilégio de fazer a primeira tentativa de contato com os Auca. Após quinze minutos de viagem, começamos a sobrevoar as primeiras clareiras. Ed deu a primeira olhada em seus ‘vizinhos’, e ficou entusiasmadíssimo.

“Decidimos descobrir a margem jusante do domínio indígena, pois, caso fôssemos obrigados a aterrissar, iríamos rio abaixo, para bem longe do território deles. Depois de observarmos por mais uns quinze minutos, tivemos certeza de estar sobre a casa que nos interessava.

“Estávamos a uns mil metros do chão e não víamos ninguém lá embaixo, mas tudo indicava que a casa era habitada. A casa grande era de palha, com beiradas arredondadas, no estilo Jivaro, e cercada por várias casas menores e quadradas com telhado de palha e cantos pontudos. Trilhas bem gastas ligavam as casas

menores à casa grande. Essa casa ficava a cerca de 40 metros da margem do rio e tinha à sua frente uma praia bonita de uns 70 metros de comprimento e uns 20 metros de largura em seu ponto mais amplo. Uma trilha mostrava que os indígenas iam à praia com frequência. Ela seria nosso alvo. “Diminuímos a velocidade do avião para uns 90 quilômetros por hora, seguramos os presentes do lado de fora — a porta havia sido retirada em Arajuno — e acionamos o mecanismo de lançamento automático. Com muito cuidado, abaixamos o pacote com os presentes até ele ficar longe do avião.

Aumentamos a velocidade para cem quilômetros por hora e iniciamos a tarefa angustiante de desenrolar a corda. Digo angustiante porque, se houvesse um nó malfeito em qualquer pedaço da corda, o trabalho estaria completamente perdido. Mas tudo deu certo e começamos a circular a pouco mais de cem quilômetros por hora.

“Como nosso altímetro marca somente a altitude acima do nível do mar, não tínhamos como saber a que distância estávamos do chão. Nenhum sinal de vida lá embaixo. Continuamos a sobrevoar em círculo até que o presente começou a descer em círculos pequenos e vagarosos, com as fitas esvoaçando de um jeito bonito.

Se ninguém estivesse observando, era ainda mais importante deixarmos o presente bem à vista. O pacote ainda estava bem alto, então começamos a descer em espiral, sentindo bastante o vento do norte, e então tivemos de corrigir nossa posição constantemente para nos mantermos sobre o alvo.

“Por fim, o presente parecia estar bem perto das árvores. Era hora de fazer uma tentativa. O vento dificultava a tarefa e as colinas nos dois lados do rio eram cobertas de árvores altas.

Algumas vezes, escapamos por um triz das árvores que cercavam a praia. Em certo momento, as fitas se arrastaram sobre uma árvore e ficaram agarradas por um tempinho. De qualquer forma, conseguimos a altura certa para a tarefa. Fizemos seis tentativas nessa altura, descendo o presente bem devagar contra o vento até ele ficar sobre a areia. A seguir, rodamos em um círculo ainda mais fechado e seguramos a respiração enquanto o pacote abaixava em direção à praia. Não seria bom que ele batesse na água, e estava chegando perto... perto... perto... ploft! O presente caiu a menos de um metro da água, diretamente alinhado com a trilha que levava à casa. Não havia como os indígenas não descobrirem o pacote, porque era bem ali que, provavelmente, buscavam água para fazer a comida.

"Agora havia outro problema. Achei que vi o presente se mexendo um pouquinho quando começamos a subir vagarosamente, ainda em círculos. A pergunta era se o pacote havia sido liberado ou ainda arrastava-se pela corda. Mas percebemos que a corda estava livre... e lá embaixo, a dois mil metros, na areia da praia, se encontrava nossa mensagem de boa vontade, amor e fé. Em certo sentido, tínhamos transmitido a primeira mensagem do evangelho na linguagem de sinais a um povo que se encontrava distante meio quilômetro em sentido vertical, oitenta quilômetros em sentido horizontal, e continentes e vastos mares em sentido psicológico.

"O que essas pessoas sabiam? O que achavam do mundo lá fora, baseadas no pouco que conheciam dele? Estavam habituadas a ver os aviões da Companhia Shell de Petróleo aterrissar e decolar de Arajuno, pois os trabalhadores da empresa haviam notado pontos onde os indígenas se escondiam na mata para observar os mensageiros colossais de outro mundo.

“A viagem de volta a Arajuno foi curta e alegre. Em casa, todos os que guardavam nosso segredo perguntaram se vimos algum Auca. Quando admitimos que não vimos uma única alma, duvidaram de que alguém fosse encontrar o presente. Mesmo assim, o primeiro passo foi dado.

“Sexta-feira, 14 de outubro de 1955. Estou meio atrasado no meu diário, mas em vez de deixar a notícia quente esfriar enquanto ponho a narrativa em dia, vou contar o que aconteceu hoje.

“O tempo estava bom de manhã, então decolamos por volta das oito horas. Pelo caminho, observamos que a névoa ainda perambulava nos vales dos rios ao leste e, assim, não nos apressamos. Aterrissamos em Arajuno e nos preparamos para o ‘lançamento’, que era um facão novo. Sabemos que os Auca matam por causa de facões. Ou seja, já mataram pessoas que estavam trabalhando na roça só para lhes roubar os facões ou machados. É fácil ver a importância de tais instrumentos para um povo da idade da pedra. Protegemos a lâmina com um pedaço de lona para que ninguém se machucasse e amarramos várias fitas coloridas.

“Preparamos o liberador automático e subimos no avião para um ‘test-drive’. Revisamos nossos planos e precauções e achamos que estávamos prontos. Depois de orar pelo sucesso da viagem, decolamos.

“Sempre fico meio estressado quando tenho de desenrolar a corda no ar. Mas diminuí a velocidade do motor e, com muito cuidado, mandei para baixo nossa segunda ‘mensagem de boa vontade’. A corda estava quase toda desenrolada quando chegamos ao destino. Dessa vez, usamos menos corda.

“Queríamos dar uma olhada onde havíamos deixado o presente na semana anterior. Havia algumas nuvens no caminho, mas

encontramos a casa e a praia. O presente havia desaparecido. Os binóculos removeram qualquer dúvida. Ou os indígenas haviam 'aceitado' o presente ou ele havia sido levado pela maré. Não vimos ninguém, porém era óbvio que havia muita gente morando no local.

"Dessa vez, nosso plano era voar rio acima até a próxima casa e deixar o presente ali. Entendemos que, ao favorecer uma família, os outros moradores poderiam ficar com inveja ou desconfiar que o vizinho tinha alguma ligação conosco ou, de alguma forma, era um traidor de seu povo. Quando chegamos à casa escolhida, vimos que ela estava encoberta por uma nuvem. Assim, entendemos que a vontade de Deus era que fôssemos para outra casa.

"Ao nos aproximarmos do local escolhido, vimos três ou quatro canoas na praia em frente da casa. Achamos aquilo interessante pois, segundo dizem, os Auca não possuem canoas... mas ali estavam elas. Isso também significava que havia gente por perto.

"Quando começamos a sobrevoar a casa, a uns 750 metros de altura, tivemos a impressão de que ficaríamos dentro da nuvem cerca de dez por cento do tempo, mas, como todas as outras condições eram favoráveis, decidimos ir adiante. O facão pendurado do lado de fora se comportava muito bem. Ed estava com o binóculo grudado nos olhos. De repente, ele deu um grito e quase se pendurou na porta aberta para olhar melhor lá embaixo. Estávamos vendo o nosso primeiro Auca! Ele corria para lá e para cá, mas não tentava se esconder.

"Logo em seguida, três deles estavam em frente da casa grande coberta de folhas. Assim, tivemos certeza que o presente da semana passada havia sido pego e que a notícia se espalhara

rapidamente. Se eles sentiam metade da animação que nós sentíamos, o entusiasmo lá embaixo era totalmente compreensível.

"Depois de umas quatro voltas, compensamos o vento e começamos a descer o presente. Não me preocupei mais com a possibilidade de não receberem o pacote, pois tínhamos certeza que estavam de olho na prenda balançante. Soltamos o presente. De início, achamos que ele bateria na casa, mas o pacote foi em direção ao rio... Chuá! E, mais rápido que um piscar de olhos, outro chuá; um Auca havia mergulhado em busca do tesouro. Alguns minutos depois, uns seis ou oito homens estavam na praia examinando o presente. Nossos corações ficaram agradecidos. Achávamos que isso demoraria meses para acontecer. Claro que ficamos curiosos para saber o que os indígenas estavam pensando.

"Várias coisas eram evidentes: eles receberam o primeiro presente; não temiam esse tipo de aproximação; de um jeito ou de outro, estavam tão animados quanto nós com a coisa toda."

De volta em Arajuno, Ed ficou sabendo de outra coisa interessante. Os indígenas de sua localidade disseram ter visto rastros de Auca que, aparentemente, haviam se escondido no mato perto de sua casa para observar o que acontecia por lá. Embora não desse para comprovar o fato, ele era digno de crédito. Joaquina, uma Quíchua que havia sido capturada pelos Auca, contara uma vez ao dr. Tidmarsh que esses indígenas costumavam sentar-se em uma colina que dava para o acampamento Arajuno e ficar de olho no que acontecia ali. Pelo jeito, os Auca tinham um intrincado sistema de espionagem, que naquele exato momento poderia estar em ação perto da casa da família McCully.

Os missionários planejaram construir um modelo de avião em madeira — adornado com fitas coloridas — e pendurá-lo do lado

de fora da casa do Ed para identificá-lo com a Operação Auca.



Uma semana depois de escrever o relatório acima, Nate Saint datilografou este cabeçalho em uma folha em branco:

"Relatório sobre a terceira visita aos 'vizinhos'", e continuou:

"Usamos os termos 'vizinho' e 'vizinhança' quando falamos dos Auca e do território deles no rádio ou diante de pessoas que não precisam saber de nossas intenções.

"Não pudemos fazer a 'visita' na quinta-feira conforme planejamos porque o Exército pediu que sobrevoássemos o rio Curaray, no interior, em busca do corpo de um soldado que se afogou. Não vimos sinais do homem, mas vimos muito da área desabitada do Equador. Soubemos que, além da área que checamos, em direção ao Napo, existem outras marcas de civilização. Mas voamos durante 45 minutos, seguindo cada curva do rio, sem avistar uma viva alma... observamos um mínimo de vida selvagem: várias antas, algumas tartarugas gigantes e uma abundância de aves do paraíso... coisas lindas planando sobre a floresta lá embaixo.

"No dia seguinte, eu e Ed partimos de Arajuno por volta das 11 horas, enquanto Marilou segurava os índios na escola para que não fizessem muitas perguntas complicadas.

"Primeiro sobrevoamos o rio Curaray em busca de possíveis acampamentos ou pistas de pouso improvisadas. (Esse trecho fica 60 ou 80 quilômetros acima do início da área onde, ontem, procuramos o soldado desaparecido.) Vimos algumas

possibilidades interessantes, contudo nada que servisse como boa pista de voo.

"No entanto, lá no horizonte, ao longo das colinas, notamos algo parecido com fumaça. Parecia estar nas cercanias de onde os Auca vivem, então decidimos dar uma olhada. Talvez os indígenas tivessem feito uma fogueira para nos mostrar onde largar o presente. Mas não havia fumaça nenhuma; o que vimos foi uma nuvem baixa. Contudo, sobrevoávamos o território Auca em altitude mais baixa do que havíamos feito antes e aproveitamos a ocasião para circundar cada uma das quatro casas grandes e tirar algumas fotos. Havia índios por todos os lados; alguns vinham correndo da margem do rio, pela plantação de mandioca, rumo à casa; outros vinham de direções opostas. Não pareciam ter medo nenhum. Gritamos frases na língua Auca até ficarmos roucos.

"Depois de sobrevoarmos a casa que nos recebeu tão bem na semana passada, voamos em direção a outra casa. Pelo jeito, os índios entenderam que o espetáculo desta semana seria no vizinho, pois correram rio abaixo para não perderem o show.

"Depois de circundarmos a casa escolhida dessa vez, decidimos sobrevoar a primeira casa como forma de recompensar a confiança dos índios. Ao voltarmos, encontramos o local vazio, a não ser por duas mulheres que estavam por ali. Mas logo os homens voltaram correndo rio acima. A animação devia ser grande lá embaixo.

"O presente desta semana foi outro caldeirão de alumínio contendo um monte de bugigangas e contas de enfeite, adornadas com fitas coloridas. Também amarramos uma cestinha de palha (vazia) na esperança de que os índios mandassem alguma coisa para nós.

No entanto, depois que colocamos tudo para fora do avião, o lançador automático falhou e o caldeirão se perdeu na floresta lá embaixo, a uns trezentos metros de uma pequena plantação de mandioca. Talvez os índios encontrassem o caldeirão, mas não era provável, uma vez que todo mundo estava reunido na grande clareira esperando o início do espetáculo.

"Estávamos ficando cansados de tanto fotografar e gritar para os índios, mas não poderíamos ir embora sem lhes dar um presente. Assim, amarramos um facão do nosso kit de emergência e a cestinha de palha e abaixamos tudo sem disparar o mecanismo.

"Uma das coisas mais cansativas dessa viagem foi o ar espesso. Passamos quase o tempo inteiro chacoalhando para lá e para cá. Sofremos uma rajada vinda do nordeste; com isso, o facão balançava demais. Várias vezes, quando estávamos abaixando em direção aos índios, eles corriam como doidos rumo ao facão. Não sabemos se têm uma regra sobre quem fica com o presente. Mas, enquanto o estoque não acabar, eles se mantêm animados.

"Finalmente, depois de alguns malogros, deixamos o pacote a três metros da porta da casa grande. Os índios agarraram a corda imediatamente e a puxaram com o facão até a praia. O vento atrapalhava a operação porque eu tinha de mudar totalmente a volta para compensar a força dele e ficar sobre a casa. E cada vez que eu saía do círculo, a corda puxava bastante. Os índios devem tê-la segurado por vários minutos. Não dava para ver se estavam colocando alguma coisa na cesta. Talvez tivessem colocado algo muito pesado para ser erguido ou amarrado a corda em alguma coisa. De qualquer forma, acabamos vendo um homem correr em diagonal para dentro do rio, parar de repente e agir como se estivesse desembaraçando a corda. Percebi a corda se soltar, e ficamos livres. Gritamos um para o outro sobre a alegria que era

segurar uma ponta da corda enquanto um Auca segurava a outra ponta.

"Nossa próxima decisão foi sobrevoar bem baixo para que eles nos vissem. Para tanto, tivemos de puxar a corda inteira, o que era uma tarefa difícil, todavia, depois de dez minutos de trabalho duro, a corda estava dentro do avião. Então começamos a descer. Enquanto descíamos, o grupo, que era formado de umas oito ou dez pessoas, diminuiu até restar somente duas ou três. Tínhamos outro rolo de fita para jogar quando passássemos. Jogamos a fita de uma distância de 60 metros, e um homem de pele bronzeada agarrou-a como uma aranha agarra uma mosca. Gritamos para ele. Pelos gestos do homem e pela experiência em operações semelhantes com outros indígenas, não tive dúvidas de que ele gritou de volta para nós, agitando os braços como um doido. Ele era o único que avistávamos; quando voamos para o outro lado da casa, o homem correu para dentro dela e saiu pelo outro lado.

"Fiquei muito decepcionado ao pensar no quanto os amedrontamos ao chegar tão perto. Contudo, quando começamos a subir lentamente cada vez mais alto, os índios recuperaram a confiança e começaram a aparecer novamente. Finalmente, parece que todo mundo estava de volta. Esperávamos de todo o coração que eles recobrassem o espírito "festeiro" e rissem do próprio medo.

"Na volta, voamos diretamente para o rio Curaray, pois temos cada vez mais certeza de que este será o local do primeiro contato com os Auca, se Deus continuar abençoando nossos esforços."

CAPÍTULO 12

A resposta dos indígenas



Aparentemente, os Auca compreenderam a tentativa do homem branco de se apresentar a eles. Pelo jeito, haviam entendido a regularidade dos voos e, nas semanas seguintes, apareceram em grande número, mais ansiosos que nunca em receber os presentes. Será que eles tinham alguma ideia de reciprocidade? O que achavam mesmo de tudo aquilo?

No quarto voo, Nate equipou o avião com um alto-falante à bateria. Ao se aproximarem das clareiras, Jim falou em Auca: "Gosto de vocês! Sou seu amigo! Gosto de vocês!" A seguir, desceram outro facão, amarrado e enfeitado como de costume. Em seu diário, Jim descreve a reação:

"Um grupo correu para o meio das árvores atrás da casa, e um único homem caminhou até a praia. Ele colocou as mãos em concha ao redor da boca e pareceu gritar alguma coisa, depois lampejou o facão acima da cabeça. Descemos um caldeirão pequeno de alumínio, com fitas coloridas. Dentro do caldeirão havia uma camisa amarela e pequenas contas de enfeite. Os Auca

correram para o caldeirão ‘iguais a mulheres no bazar da pechincha’, como disse o Nate, e logo um deles agitava a camisa no ar.

“Ao nos aproximarmos da casa, duas canoas que estavam um pouco distantes, descendo o rio, voltaram imediatamente. Em certo momento, notei pessoas saindo às pressas da água em direção à praia e também vi alguém com um pano branco.

“Na volta, sobrevoamos o rio Curaray, tentando descobrir praias onde poderíamos aterrissar. Não tínhamos muitas esperanças. Guia-nos, Senhor Deus”.

De volta em Arajuno, os três pioneiros se reuniram em conselho de guerra e decidiram que a próxima lua cheia testemunharia a primeira tentativa de contato em terra com esse povo remoto que havia conquistado o coração deles.

Naquela noite, Nate escreveu: “Que Deus mantenha sua boa mão no projeto e que deixemos o projeto de lado quando não tivermos certeza absoluta de sua orientação. No momento, a certeza de que Deus está conosco é unânime. Que a glória seja toda dele e que alguns Auca, revestidos da justiça de Jesus Cristo, juntem-se a nós quando elevarmos nossas vozes em louvor diante do trono de Deus. Amém”.

Na viagem seguinte, a recepção foi ainda mais calorosa. McCully pegou o microfone e gritou: “Gostamos de vocês! Gostamos de vocês! Viemos fazer uma visita”. Os Auca pularam de alegria, agarraram o facão que os missionários haviam descido e arrancaram a lona que protegia a lâmina, fazendo-a reluzir ao sol. Quando sobrevoavam baixo, Ed se dobrou bem para fora da porta e estendeu as duas mãos. Cerca de três indígenas estenderam suas mãos também.

Ed observou o seguinte a respeito dessa viagem:

"Nenhum sinal de medo hoje, nem mesmo quando o avião voou baixo. Ninguém correu para dentro de casa nem foi se esconder. A maioria ficou embaixo das bananeiras, talvez por causa do sol. O avião chega perto, mas a vontade da gente é de chegar mais perto. Nenhum sinal de má intenção ou raiva. Nenhuma lança à vista. Se houvesse uma escada do avião até os indígenas, acho que seria bom e seguro ir para junto deles".

A essa altura, todos os homens do grupo tinham tido tempo de formar sua opinião. "As ideias abrangem desde a impaciência até o conservadorismo", Nate escreveu. Pete, que sempre consultava os outros três, não achou que a próxima lua cheia seria a hora adequada para o primeiro contato. Era muito cedo para supor que o ódio antigo pelo homem branco havia se desfeito.

A barreira da língua era grande — e seria vantajoso que os missionários aprendessem mais, estudando com Dayuma, a fugitiva Auca com quem Jim havia colhido seu material linguístico. Ed achava que o próximo passo não deveria ser necessariamente uma tentativa de contato, mas a construção de uma boa pista de voo perto do rio Cararay, talvez a uns oito quilômetros da "vizinhança". Jim, por sua vez, "roía as unhas" de ansiedade. Se houvesse um contato amigável, eu e o Jim estávamos prontos a deixar o trabalho em Shandia por um tempo e viver entre os Auca. Nate era de opinião que seguissem o plano já estabelecido de fazer contatos regulares, que nada deveria ser feito às pressas e que cada avanço ficasse um tempo em "banho-maria" antes de darem outro passo.

No dia 12 de novembro, Nate Saint retornou à tarefa autoimposta de registrar a Operação Auca:

“Nessa semana, fizemos a sexta visita consecutiva aos ‘vizinhos’. Era uma linda manhã de sábado. Não tínhamos muita carga para levar nem havia muito nevoeiro nos vales dos rios, então cheguei à casa do Ed às 8h30min. Ele já estava me esperando na pista.

“Decolamos levando o alto-falante e a bobina de corda. Ed havia arrumado um facão, um caldeirão pequeno e um grande de alumínio ornamentados com fitas. Mais uma vez, sobrevoamos o Curaray em baixa altitude para examinar as praias e os possíveis locais de aterrissagem ao longo do rio. Quanto mais olhávamos, mais as praias se tornavam adequadas aos nossos objetivos.

“Quando chegamos bem perto dos ‘vizinhos’, decidimos que, em vez de fazer a visita imediatamente, voaríamos um pouco mais rio abaixo para ver se encontrávamos alguma área adequada para aterrissarmos. Não achamos nada. Uma vez que havíamos chegado ali, decidimos ir mais adiante, até um afluente do Curaray, onde havia um grupo de Aucas.

“Depois de uns dez minutos de voo rio acima, topamos com uma casa... uma que não tínhamos visto anteriormente. O teto da casa era de folha bem grossa e descia até o chão; era um teto triangular. Os beirais também eram de folha e tinham uma inclinação de dez a quinze graus a partir da linha vertical.

“Não vimos ninguém que nos ajudasse a determinar o tamanho da casa. Ela parecia menor que as outras, mas, se fosse mesmo menor, então seria necessário que as pessoas se abaixassem bastante para atravessar as portas. No quintal, observamos duas plantações distintas — dois trechos de terreno. O plantio mais alto era verde-escuro e talvez ocupasse meio hectare de terra. Não parecia ser mandioca, pois sua folhagem era mais alta e mais grossa. O interessante, porém, é que o terreno era protegido por

uma cerca bem construída com estacas distantes uns dois metros uma da outra, entrelaçadas no estilo de cesta com o que poderia ser bambu aberto. Do modo que a cerca foi construída, nenhum animal maior que um gato conseguiria atravessá-la.

"Depois de sobrevoar três vezes o local para dar uma boa investigada, subimos o rio até a próxima casa, a mesma que, anteriormente, achamos estar mais ao leste em relação às outras desse grupo. Foi nessa casa que deixamos nosso primeiro presente, um baldinho cheio de botões.

"Agora, pela primeira vez nesta viagem, avistamos gente lá embaixo, talvez seis pessoas. Uma delas se dirigiu à praia onde, em outra viagem, havíamos deixado o caldeirão e esperou pacientemente. Quando acenamos e gritamos, ele acenou de volta, mas não com o entusiasmo sempre demonstrado no outro local. Imaginamos que fosse um homem mais velho. Parecia que seu corpo estava coberto com algo opaco, parecido com argila. Pelo jeito, o homem estava nu. Demos uma volta e jogamos um facão, em queda livre. O objeto caiu em cima de um banco de areia e foi carregado sem muita cerimônia ou entusiasmo. Mesmo assim, não houve nenhuma demonstração aparente de hostilidade nem de medo. Depois de afirmarmos pelo alto-falante que éramos amigos, prosseguimos a viagem.

"Na casa seguinte, observamos alguns 'vizinhos' na praia. Voamos bem baixo, gritando e acenando para eles sem usar o sistema de som. Então, descemos o caldeirãozinho, que atingiu a areia bem perto dos indígenas e foi recebido com muita alegria. O pessoal saltou ao redor com grande entusiasmo.

"Nessa casa (se enumerarmos as casas a partir do leste, essa é a número 3), observamos dois itens em especial. Primeiro, em cada lado da entrada havia tábuas de mais ou menos 65 cm de largura x

1,5 m de comprimento, enfeitadas com objetos grandes e bem vermelhos. Imagino que sejam algum tipo de porta. A outra coisa que observamos foi que os proprietários haviam construído uma parede para fechar um lado da casa; anteriormente o lado que dava para o rio era aberto.

"Dali, fomos para a casa número 4, a que havíamos visitado mais vezes e que nos recebeu com mais entusiasmo. Um bom grupo de pessoas estava reunido para nos receber. Para nossa surpresa, vimos que, atrás da casa, onde antes existia uma aglomeração de árvores e vegetação rasteira, havia agora uma nova clareira de uns 80 metros de diâmetro. Ainda existiam alguns tocos de árvores por lá, mas, fora isso, o local estava tão limpo quanto uma quadra de basquete.

Pela reação dos indígenas, eu diria que eles tentavam adivinhar se o presente seria despejado na clareira ou perto da casa, como de costume".

O diário de Ed continua o relato dessa operação:

"Voamos baixo e despejamos um machado sem cabo, enrolado em lona. Ele caiu no lado oeste da clareira, no meio dos arbustos. O pessoal se atirou sobre ele imediatamente. Gritamos: 'Vamos dar um caldeirão para vocês', e voamos mais alto. Amarramos e descemos o caldeirão. Não tivemos dúvida da mão de Deus nisso tudo, pois quase jogamos o caldeirão em queda livre em vez de amarrá-lo à corda. Nate fez uma descida perfeita. Eu segurava a corda e senti que os indígenas estavam agarrados a ela. Eles cortaram o caldeirão fora — *e amarraram algo na ponta da corda!* Nate viu o objeto e glorificou a Deus. Quando chegamos em Arajuno, descobrimos que era um *llaitu*, uma bandana de penas entrelaçada: uma verdadeira resposta de oração, outro sinal para seguirmos adiante e um encorajamento de que conseguiríamos

nos relacionar de forma amigável com os Auca e que eles ouviriam o evangelho!".

No dia 26 de novembro, Nate Saint registrou outros progressos:

"Na semana passada, Jim Elliot foi comigo, pois o Ed ainda não tinha retornado de Quito. Peguei o Jim em Shandia, depois de algumas idas e vindas entre Pano e Tena e Pano e Shandia. Descemos em Arajuno para pegar o 'equipamento'. Havia dois índios perto do avião e, apesar de nosso cuidado, pelo jeito eles conseguiram descobrir nossos suprimentos e disseram ao Jim: 'Por que vocês, seus malucos, dão todas essas coisas boas para os Auca?'. Jim ignorou a pergunta; mas com toda certeza o segredo já não estava tão oculto assim, embora eles não soubessem detalhes.

"Segundo me lembro, voamos praticamente direto para a 'vizinhança' e iniciamos nossa ronda de visitas. Na casa número 4, dois homens estavam no topo do que nos parecia um abrigo contra o sol — um telhado alto de bambu ou uma plataforma, quase dois metros acima do chão. Circundamos baixo várias vezes e decidimos colocar em ação o plano que havíamos discutido antes: fazer com que os Auca cortassem algumas árvores no lado mais distante da clareira para que tivéssemos um tipo de caminho ou 'balão de trânsito' que nos permitisse voar baixo o bastante para que eles nos vissem e, assim, nos reconhecessem mais tarde em terra firme.

Nosso plano era descer os presentes no meio das árvores que deveriam ser cortadas.

"Primeiro descemos o machado. Infelizmente ele caiu no pé das arvores que havíamos escolhido. A seguir, jogamos quatro pentes de plástico enfeitados com tiras de gaze. Felizmente alguns se enroscaram nas árvores, pelo menos isso.

“A seguir, fomos para a casa número 3. A turma nos esperava em grande estilo. Um homem estava usando uma das camisas que havíamos entregado. (O restante do pessoal estava em ‘traje típico’.) Rodeamos e acenamos e fomos para a casa do velho. Ele estava no quintal com suas duas mulheres. Achamos que ele não precisava de um presente tão bom e lhe atiramos um par de calças ‘de loja’. Depois de rodearmos para garantir que o homem estava de posse do presente, retornamos à casa 3. Jogamos um facão com um par de shorts amarrado a ele.

“Dali subimos para a casa 4, onde desceríamos o caldeirão, nossa última tarefa do dia.

“Esqueci-me de mencionar que, ao inspecionar o kit de emergência que Ed havia preparado, encontramos um rolo de papel. Achamos que, se decorássemos os topos das árvores mais altas com o papel, conseguiríamos que elas fossem derrubadas.

Nossa atitude pode dar a impressão de que estávamos usando a curiosidade dos Auca para levar vantagem, mas, por outro lado, eles eram bem recompensados pelo trabalho que faziam. No entanto, quando jogamos o papel, ele se desenrolou cerca de dois metros e foi cortado pelo vento. Repetimos o processo até conseguirmos uma linha branca salpicada e estranha flutuando entre as árvores.

“O vento soprava forte hoje e tive problemas em sobrevoar a clareira e também em descer o caldeirão. Só depois de umas seis ou oito tentativas é que o caldeirão tocou o riozinho à margem da clareira. O pessoal agarrou-o imediatamente. Contudo, na mesma hora, tive de virar contra o vento e sair do padrão circular de voo para não ficar muito longe da clareira. A manobra deu um puxão forte na corda no momento em que o pessoal tentava lidar com ela. Em uns trinta segundos, os índios soltaram a corda. Pelo jeito,

haviam amarrado um presente nela... algo pequeno, meio parecido com os pentes (que recebemos antes juntamente com a bandana).

"Quando saímos dali, chamei a base e avisei que estávamos retornando. Margareth respondeu dizendo que o bebê dos Drown estava doente e que eu deveria chegar o mais rápido possível e levar a criança a Macuma, se necessário. Assim, voei a pouco mais de 110 quilômetros por hora e, em algum ponto do caminho, perdemos o presente. Na metade do caminho, mais ou menos, dei por sua falta. Foi uma decepção e tanto."

No relato que Jim fez desse dia, ele escreveu: "Vi algo que me entusiasmou — tive a impressão de que um velho ao lado da casa acenou com as duas mãos como se estivesse nos convidando a descer! Um *Auca*, convidando-me a descer! Senhor, envia-me logo aos Auca!".

No fim do relato sobre a oitava visita, Nate escreveu: "Um dos problemas que enfrentamos agora é conseguir outra pessoa que fortaleça nossa mão de obra. A capacidade de Deus é infinita!".

Embora cinco missionários viessem a participar da "Operação Auca", somente três — Nate, Jim e Ed — estavam totalmente comprometidos com ela no momento. Pete, que havia mostrado tanto interesse quanto os outros três, não tinha certeza se a vontade de Deus era que ele participasse do projeto.

Foi então que Nate pensou em Roger Youderian. Eles haviam trabalhado juntos no início da missão em Atshuara, onde construíram duas pistas de pouso, e Nate confiava nas habilidades de Roger. Nate via Roger como um soldado de Cristo, 'um homem capaz de grandes esforços, bem treinado e disciplinado", ele escreveu em seu diário. "Ele sabe como é importante não se desviar das ordens de seu Capitão. Obediência não é uma opção

momentânea; é uma firme decisão que tomamos antecipadamente. Ele foi um soldado paraquedista disciplinado. Naquela batalha, ele deu o melhor de si para a nação, e agora decidiu que o Senhor Jesus Cristo não receberá nada que não seja o seu melhor. Tudo o que fez de Roger um bom soldado foi consagrado a Cristo, seu novo Capitão!" Ed e Jim mal conheciam Roger; como trabalhavam com indígenas diferentes em outra parte do Leste, não tinham tido muitas ocasiões de firmar amizade. Mas confiavam implicitamente no discernimento de Nate.

Aconteceu de Roger estar em Shell Mera nessa ocasião. Ele tinha vindo de Macuma para ajudar na construção do hospital de uma missão. Certo dia, quando Roger estava pregando folhas de zinco no teto, Nate apareceu, contou-lhe sobre a Operação Auca e pediu que ele se juntasse ao grupo, pois precisavam demais de uma quarta pessoa.

Nate não queria deixar seu avião na praia à noite, temendo expô-lo a danos. Também não estava disposto a deixar os dois colegas passarem a noite sozinhos ali. Será que Roger aceitaria ir com eles?



Roger concordou imediatamente. Contudo, o que ninguém sabia é que, no momento, ele enfrentava uma batalha espiritual profunda e hesitava em se unir aos outros numa tarefa física quando seu espírito não estaria totalmente com eles.

Barbara era a única que sabia da luta que o marido atravessava. Roger questionava se, afinal de contas, estava mesmo sendo útil

no campo missionário. Ele havia conquistado a barreira da língua, claro, mas por que seus esforços não produziam frutos?

O missionário labuta no primeiro ou segundo ano, achando que as coisas serão diferentes quando souber o idioma da terra. Ele fica perplexo ao descobrir que, na maioria das vezes, isso não acontece. O missionário é despido de tudo o que pode ser considerado "romântico". De certo modo, a vida entra numa rotina. Um dia segue o outro sem novidade nenhuma. Não há crises, não há conversões em massa, não há uma ou duas pessoas sobre quem ele possa dizer: "Aquela vida foi transformada. Se eu não tivesse vindo para cá, aquela pessoa não teria conhecido Jesus".

Entre os indígenas, alguns afirmam ter aceitado Jesus como Salvador, mas por que não abandonam o paganismo e o pecado e adotam uma vida de santidade? O missionário observa e anseia por isso, e seu coração padece.

As forças do mal, sem oposição há tanto tempo, voltam-se agora contra o missionário.

Roger Youderian estava descobrindo a magnitude dessas forças. Ele anotou em seu diário: "Estou a ponto de jogar a toalha. Minha impressão é que não há futuro para nós na Jivaria, e o melhor mesmo é arrumar as malas. Vou conversar com a Barbara primeiro e ver o que ela acha. Podemos ficar aqui até o Natal, terminar o hospital em Shell Mera e depois voltar para casa.

"O motivo? Não atingi o padrão missionário e não consegui fazer contato com os indígenas. No que diz respeito ao meu coração e às minhas aspirações, a questão está encerrada. É meio difícil discernir o motivo do meu fracasso e as forças por trás dele. Desde março, quando saímos de Wambimi, Deus não fala conosco. Agora mesmo, peguei a Bíblia e fui conversar com o mesmo Senhor

que me fez uma nova criatura há onze anos, na Inglaterra. Ele não me deu uma só palavra de encorajamento.

"Deus tem sido maravilhoso ao cuidar de nós e suprir nossas necessidades, porém a questão vai mais além. Não existe oportunidade de ministério para mim entre os Jivaro nem entre os que falam espanhol, e não vou tentar me enganar. Eu não sustentaria um missionário que estivesse na situação que estou e não pediria que ninguém sustentasse. Três anos é tempo mais do que suficiente para alguém aprender uma lição, e aprender muito bem. Algumas pessoas demoram a entender.

"Vai ser difícil para Barbara e as crianças, mas sempre achei que vale a pena ser honesto e sincero. Não vou ficar chorando sobre o leite derramado. A obra de Cristo na Jivaria não será prejudicada porque estivemos aqui, mas, sendo bem honesto, confesso que ela não tem sido *ajudada* com nossa presença. Acho que poucas pessoas ficarão surpresas, e muitas dirão: 'Eu sabia!'.

"Não existe opressão espiritual nessa questão, e, na verdade, há pouca emoção ou estresse envolvidos; talvez nem haja. Sei que muita gente vai dizer que desisti cedo demais. Pode ser. Todavia, acredito que a regra de Deus é encarar o problema e deixar que o seu *sim* seja *sim* e seu não seja não. Sou completamente a favor da obra de Cristo, porém creio que a parte que esc–, não, não posso dizer a parte que escolhi. Estou certo que Deus escolheu a Jivaria para nós, entretanto não dei conta do recado. Você dirá que, quando Deus chama, ele provê. Se alguém quiser nos substituir, a cadeira é sua. Não levo jeito. Não sei fingir.

"Não culpo ninguém nem as circunstâncias; o fracasso é meu, e fracassei porque não atingi a experiência individual de Cristo que supriria as necessidades aqui. Não deu certo. Não é culpa da

esposa nem dos filhos. O posto em Macuma é um excelente lar para eles e temos tudo de que precisamos.

"O assunto é pessoal, e continuará sendo. Qual é a resposta? Não sei. E não tenho esperança de encontrar uma solução satisfatória. Faz meses que batalho e medito na questão. Não há resposta. É uma combinação de situações e talentos que me deixam atormentado. Esta é a primeira vez na vida que largo mão de alguma coisa, mas, como dizem, há uma primeira vez para tudo.

"Somos uma família feliz. Deus tem cuidado bem de nós e nos dado saúde física e, acredito, mental. O que ele nos oferece é sempre bom, mas acho que tudo o que tem a ver com missões desapareceu de mim. Se não passei no teste aqui em Macuma, não sou tão bobo a ponto de achar que ir para outro lugar irá *me* mudar. Encontrei meu próprio 'Waterloo' como missionário.

"É estranho parar e rever tudo de modo impessoal. De uma coisa tenho certeza: a situação me levará a estudar mais a Bíblia, a ser mais paciente com as pessoas e menos arrojado em meus empreendimentos.

"Alguém talvez pergunte por que não vamos trabalhar entre os Quíchua ou os de fala espanhola. Sinceramente, não tenho interesse. Principalmente depois dessa experiência, não quero saber de mais dores de cabeça. Somente os tolos cometem o mesmo erro duas vezes. Um estrago me é suficiente.

"Aqui estou eu, numa quarta-feira, às 11 horas, ouvindo o culto. Da janela, avisei que não iria à reunião. Primeiro cantaram um hino que fala sobre as maravilhosas palavras de vida e depois cantaram outro que fala sobre a alegria do cristão. Peguei um hinário em inglês para ver se achava consolo em algum hino. Nada. Não entendo. Gente, desperdicei tempo demais. A rotina fincou raízes e

não vai ser fácil mudar de hábitos e abrir mão do terreno perdido ou deixar que Deus se aposse dele. Mas a batalha valerá a pena. Minha mente foi criada só para adorar a Deus, e meu corpo também foi criado para isso, incluindo minha língua e tudo o que ela pronuncia. Algumas pessoas demoram a aprender.

"Sou guiado e inspirado unicamente pelo Espírito Santo. Deus espera que nossas faculdades se desenvolvam de modo pleno, útil e ativo. O Espírito Santo pode e irá me guiar na proporção direta do tempo e esforço que emprego em conhecer a Deus e fazer sua vontade. Tenho de estudar a Bíblia para conhecer a vontade de Deus. Obedecerei e farei a vontade dele em tudo.

"Antes dessa fase, passei uma semana em Shell Mera, e, muitas vezes durante o dia, eu orava: 'Seja feita a tua vontade'. Isso me deixou forte para encarar a situação atual".

Roger continuava na "escuridão de alma" quando Nate o abordou. Nos dias seguintes, Roger lutou desesperadamente para descobrir a vontade de Deus. Ele sabia bem o que desejava — ir com os outros, se fosse o caso. Mas ir sem a bênção de Deus — seria impossível.

"Se não fores conosco, não nos leve a canto nenhum."Roger tinha consciência do que a decisão significaria pra ele. As horas passadas de joelhos na presença de Deus testemunharam a agonia de sua alma. Porém Deus, que "sempre nos conduz em triunfo", o libertou do lamaçal de desânimo.

"Ele foi purificado pelo Espírito Santo para a tarefa que o aguardava", Barbara explicou mais tarde, "e partiu cheio de expectativa e satisfação e o coração repleto de alegria".

Em 19 de dezembro, Roger anotou em seu diário: "Morrerei pra mim mesmo. Pedirei que Deus me coloque em situações em que

para viver Cristo eu tenha de matar o ego. Viverei para Deus. Que eu aprenda a amá-lo de coração, mente, alma e corpo".

Pouco antes de partir de Macuma para encontrar os outros quatro missionários em Arajuno, ele escreveu:

> "Há uma busca de amor sincero
> Fluindo do coração que foi ferido.
> Uma busca para ganhar a Cristo,
>
> Para abençoar o cego, o exausto, o perdido.
> Quem buscou encontrar o Amor Celeste
> E foi saciado com a alegria divina
> Hoje caminha com Cristo na glória
> ....."

A última linha lhe escapou. Roger descansou a caneta na mesa e disse: "Barbara, termino isso quando chegar em casa".

CAPÍTULO 13

Em busca de “Palm Beach”



Embora os missionários passassem cada vez mais tempo planejando o encontro pessoal com os Auca, não deixaram de fazer as visitas semanais à “Cidade Terminal”, como chamavam o vilarejo desses indígenas. Em 3 de dezembro, Nate registrou a nona visita:

“Partimos de Arajuno às 8h45 em boas condições meteorológicas. Antes de decolarmos, eu e Ed tiramos algumas fotos que esperamos ampliar em tamanho natural, mais ou menos, para que os ‘vizinhos’ nos reconheçam quando os encontrarmos pela primeira vez face a face. Tiramos fotos de nossos rostos, mostrando os pentes e bandanas que recebemos deles.

“Quando sobrevoamos a primeira casa, a número 4, notamos que algumas árvores bem altas tinham sido cortadas na área em que jogamos os presentes com esse objetivo em mente. Não sobraram muitas árvores entre as duas clareiras. Se conseguirmos que cortem o restante, poderemos voar baixo ali.

“Esta manhã descemos tanto que os dois homens que estavam na plataforma ‘dirigindo o trânsito’ tiveram de se abaixar. Quando sobrevoamos baixo novamente, os dois acharam melhor observar tudo lá do chão mesmo. A plataforma parece estar quase a três metros do chão. Os dois homens vestiam camisas, e só: camisas que foram presentes nossos, claro. Nesses voos, descemos um machado, um copo de plástico e uma faca barata. Tentamos deixar os objetos nas árvores que ainda separavam as duas clareiras. Havia uma meia dúzia de pessoas ao redor da casa 4.

“Dali, fomos para a casa 3. Ao sobrevoarmos baixo, quase caímos do avião, pois vimos no teto de grama um aeromodelo! Será que haviam construído o aviãozinho com base no modelo que viram na casa de Ed? De qualquer forma, foi um gesto simpático, e um talento que até agora ninguém sabia que esse povo tão primitivo possuía.

“Vimos outra plataforma, maior e mais alta, construída de babunha. Acho que devia estar a uns cinco metros do chão. Havia um índio completamente vestido (com a camisa) em cima da plataforma. Quando lhe acenamos, ele acenou de volta. Sobrevoamos algumas vezes e jogamos um facão, que caiu bem perto do ‘guarda de trânsito’. Observamos que a parede de folhas que dava para o leste havia sido retirada da casa e conseguíamos ver lá dentro... fogueiras, etc. A coisa toda parecia amistosa ou, talvez, fossem substituir a parede de folhas por uma de babunha. Chequei a foto que tiramos da casa 3 há algum tempo e vi que ela é fechada com folhas, exceto no lado que dá para o rio. É fácil ver como a disponibilidade de uma ferramenta tão simples como o facão pode alterar profundamente uma cultura.

“A seguir, decidimos olhar de perto uma nova clareira no cume logo acima da casa 3. Não havia ninguém por ali. Conversamos

rapidamente sobre as vantagens de atrair os indígenas lá para cima e decidimos tentar.

"Na primeira volta jogamos um caldeirão de alumínio. A mira foi ruim e o caldeirão despencou para o meio da mata; felizmente ele caiu na ladeira em frente à casa 3. Nesse momento, percebemos que a grama da ladeira estava sendo cortada. Isso significa que o pessoal irá derrubar as árvores ao redor da clareira, o que nos permitirá voar em perfeita segurança a seis metros dos Auca. Para reforçar a 'isca', Ed achou que deveríamos jogar uma faca simples com cabo de plástico. (Todos os presentes foram enfeitados com fitas e gaze.) Em vista do erro com o caldeirão, eu disse para o Ed enquanto nos aproximávamos: 'Vamos deixar este presente bem em cima da casa', referindo-me ao abrigo modesto que deve servir de proteção contra o sol enquanto os indígenas trabalham na nova clareira. E foi exatamente onde ele pousou... no meio do telhado.

"'Vamos conferir se o velho gostou da calça nova que lhe demos', sugeri. 'Tudo bem'... e lá fomos nós. O homem mora a dois minutos da casa 3. Ele nos aguardava usando calça e camiseta. Suas duas mulheres estavam com ele. Uma 'vestia' um bebê e a outra, nada. O terreiro em volta da casa estava bem limpo, a grama estava bem cortada, etc.

O velho exibia a reserva e a total falta de entusiasmo de sempre. Jogamos um facão para ele. Uma das mulheres teve de buscar o presente. Suas atitudes mostram interesse, mas não pressa. Voamos a 60 metros deles umas três vezes e subimos o rio em direção à casa 3.

"Ao chegar à área, vistoriamos novamente a clareira no topo do morro. De uma distância de 400 metros, notei que havia alguém ali. Ficamos exultantes com o resultado rápido, pois achávamos que gastaríamos semanas tentando persuadi-los. Na verdade, eram

duas moças, entre 15 e 20 anos. Elas pegaram a faca, e voamos a quinze metros das duas tirando fotos. Demos umas quatro voltas e, pela primeira vez, olhamos diretamente num rosto Auca. A moça era bonita, com franja até o meio da testa. O 'controlador de trânsito' da casa 3 continuava na plataforma. Demos tchau para ele e fomos rumo à casa 4.

"O pessoal estava aguardando a última cena, a 'descida do caldeirão'. Subimos uns 900 metros e diminuímos a velocidade para 70 quilômetros por hora com o motor desligado. Quando planamos dessa forma, o caldeirão se afasta do avião com muito jeito. Tivemos de sobrevoar apenas três vezes para soltar o caldeirão no meio da grande clareira atrás da casa. A turma lá embaixo corria de um lado para o outro, e ficamos curiosos para saber por que faziam isso. Achei que estava soltando corda demais após o caldeirão... mas a tensão na corda era muita para isso. Finalmente, depois de um minuto e pouco, os indígenas liberaram a corda e ela subiu com um presente... vermelho-brilhante e de bom tamanho.

"Voltamos para Arajuno a uns 90 quilômetros por hora para não perder o presente; se dependesse de nós, ele não cairia. Aterrissamos o presente na pista sem problema nenhum e jogamos a corda. Descemos do avião e corremos para ver o que era. Encontramos outra coroa de penas — nunca usada, novinha em folha, e havia uma meada de fios de algodão fiados a mão. Os presentes estavam amarrados na ponta da corda com um nó quadrado."

Naquela noite, Ed escreveu em seu diário: "É hora de nos aproximarmos deles no chão". Jim escreveu: "Tenho pensado na viagem e cheguei a esta conclusão: temos de estabelecer quantos dias esperaremos por eles no rio Curaray e, se não aparecerem,

devemos ir atrás deles. Da minha parte, estou pronto a ir, e acho que seria razoavelmente seguro... se é que podemos usar esse termo em nosso primeiro contato cara a cara com essa tribo! Quando formos, devemos: 1) usar as coroas de penas; 2) levar aeromodelos iguais aos que tenho aqui; 3) levar presentes embrulhados iguais aos que já foram entregues; 4) gritar '*biti miti punimupa*' (gosto de você) ou outras frases que temos gritado do avião. Se Deus estiver conosco — e, até aqui, temos certeza de que ele está —, acho que conseguiremos. O plano todo está se desenrolando mais rápido do que ousamos esperar no início e, embora eu não queira nunca ir adiante de Deus, acho que não podemos nos delongar mais".

No dia 10 de novembro, o diário de Nate relata a visita seguinte:

"Apesar de nossa estratégia evasiva, os índios amigos de Ed lhe disseram que estavam no rio Curaray na semana passada e viram quando passamos por lá. Disseram (que senso de humor!) que ficaram despidos quando ouviram o avião e seguraram varas como se fossem lanças para acharmos que eles eram 'vizinhos'. Talvez tenham imaginado que jogaríamos presentes.

"Durante a semana, depois de conversarmos um pouco, marcamos nossa tentativa de aproximação para o dia 2 de janeiro. Pensamos em ir com alguns índios e construir um abrigo. Isto feito, eles iriam embora e ficaríamos esperando pelo contato dos Auca. Com o avião, tentaremos fazer com que os 'vizinhos' se disponham a nos fazer uma visita. Sabemos dizer 'venha até minha casa" e 'Curaray' no idioma deles. Tenho certeza de que, se sobrevoarmos algumas vezes as colinas perto de onde moram, a curiosidade os levará até o grande rio.

"De modo geral, de acordo com a estratégia, somente os missionários carregam armas, e escondidas. Achamos que o

primeiro tiro dado marca o fracasso do projeto inteiro e a destruição de qualquer esperança para um futuro próximo. Assim, tomaremos todo o cuidado possível, e as armas serão usadas somente para assustar os indígenas, caso tenhamos de nos defender deles.

"Temos duas possibilidades a considerar: 1) erguer uma casinha em Palm Beach (nome que demos à praia onde iremos aterrissar), depois nos afastarmos até que os 'vizinhos' tenham tempo de visitar o local, e voltarmos mais tarde; 2) tentar fazer contato na primeira viagem. Uma vez que os acontecimentos de hoje cedo também influenciam essa escolha, discutirei o assunto mais tarde.

"Hoje cedo decolamos de 'Centerville' (Arajuno) por volta das 9h15, levando facões, machados e faquinhas embrulhados para presente e alguns objetos pequenos de plástico.

"Levamos também três pares de sacos de papel, de meio quilo cada, contendo tinta em pó de três cores vivas. A tinta será usada para marcar os locais apropriados para ser Palm Beach. Ontem fizemos alguns testes aqui em Shell Mera e descobrimos que, voando a cem quilômetros por hora, podemos jogar pequenos sacos de farinha a intervalos de sete segundos; na maior parte do tempo, conseguimos que caíssem entre 170 a 190 metros de distância um do outro. Fizemos isso em vista da impossibilidade de estimarmos corretamente a extensão das praias, onde não existe nada que sirva como base de comparação.

"Fizemos uma rota que descia o rio Nushino, porque alguns índios do posto de Ed estavam pescando de novo no rio Curaray. De forma gradual, dirigimo-nos para o sul e pegamos o Curaray na região onde esperamos encontrar uma boa área para ser Palm Beach. Não demoramos a descobrir uma possibilidade. Em geral,

as praias maiores se localizam nas curvas do rio e, portanto, não são úteis sem que as árvores próximas sejam cortadas a fim de abrir espaço adequado para aproximação e pouso.

"O rio serpenteia tanto que há poucas chances de haver praia ao longo da extensão reta. Nós nos arrastamos (voamos baixo) sobre a primeira praia. O local parecia razoável. O único obstáculo é que essa praia exigiria decolagens com o vento... uma dificuldade daquelas. Mesmo assim, após nos arrastarmos uma ou duas vezes, 'bombardeamos' a areia com a tinta em pó e descobrimos que havia quase 200 metros úteis. Outra dificuldade foi uma árvore morta enorme caída na areia, o que, forçosamente, empurrava a área de pouso para bem perto da folhagem à beira do rio.

"A outra praia que encontramos ficava a menos de dois quilômetros rio abaixo. Parecia melhor — áreas melhores para aproximação, especialmente em direção contra o vento normal. A aproximação seria íngreme, mas possível. A praia fica bem rente ao rio e seria facilmente coberta por uma cheia, mas é seixosa e parece firme.'Bombardeamos' a areia e descobrimos pelo menos 200 metros utilizáveis; não ficaria surpreso se fossem 215 metros. E, pelo jeito, mesmo que passássemos da marca de aterrissagem, acabaríamos em água rasa. Arrastamos uma vez, mantendo boa velocidade no ar até ficarmos mais acostumados com a área de escape. Nessa área, as árvores ao longo das margens se estendem por cima da água a ponto de atrapalhar um pouco, mas, se derrubarmos duas árvores depois do primeiro pouso, resolveremos o problema definitivamente.

"Pelo jeito, havíamos encontrado nossa 'Palm Beach'. Decidimos simular uma aterrissagem. Mais perto da área, consegui ver bem a superfície e toquei as rodas no chão duas vezes bem de leve, antes de acelerar novamente para subir. A superfície era lisa

como uma pista de cascalho e parecia firme. O lugar é ideal, a não ser por sua vulnerabilidade às cheias do rio.

"A descoberta enfatiza a possibilidade de o grupo descer bem ali, onde também podemos construir uma casa pré-fabricada na árvore e com telhado de zinco. Isso significa que nenhum índio [Quíchua] tem de saber o que anda acontecendo. Se não houver enchente, depois de um contato com os Auca, poderei levar os colegas embora de avião.

"O esquema seria mais ou menos o seguinte: 1) Numa sexta-feira de manhã, Deus permitindo, iríamos a Palm Beach levando os suprimentos e equipamentos que podem ser jogados de pouca altura (bem perto da pista) para termos certeza de que não cairiam no espaço de aterrissagem. 2) Desço com Jim e Roger, mantendo o avião bem leve. 3) Desço com Ed e as folhas de zinco. 4) Desço com Pete e mais suprimentos (se Pete achar que deve ir).

"Na chegada, Jim e Roger derrubam as duas ou três árvores de médias a pequenas perto da cabeceira. Depois escolhem uma árvore apropriada para a casa pré-fabricada e começam a limpeza ao redor. Quando os outros se juntarem a eles, todos descem o rio até a primeira curva e derrubam pelo menos uma das duas árvores nas margens opostas que deixam a passagem estreita demais. (Isso não é absolutamente necessário, mas seria muito bom.) Durante essa parte da operação, alguém estará sempre com uma arma na mão dentro de uma sacola, pronto a atirar e assustar um possível lanceiro.

"Na praia, dois homens alargam a clareira no pé da árvore enquanto dois colocam a casa no lugar e a cobrem com o zinco. A casa estando pronta, os homens se revezam na formação da clareira, e um deles coloca os alimentos, o fogão, a água, e outras coisas na plataforma. Um dos homens, tirando uma folga da

limpeza, fica na plataforma de olho na segurança dos colegas, sempre mantendo a arma absolutamente fora das vistas de quem quer que seja. Ao anoitecer, a clareira embaixo da árvore já estará de bom tamanho e ligada à praia. O avião volta para Arajuno depois de checar a instalação do rádio na casa da árvore, etc.

"Na manhã seguinte, o avião convida os 'vizinhos' para dar uma chegada em Palm Beach. O convite será feito por meio de frases em Auca, buscando persuadi-los; o avião sobrevoará onde os indígenas estão e pousará em Palm Beach, repetindo a manobra de hora em hora ou até termos certeza de que eles entenderam. Outro detalhe é que colocaremos um aeromodelo grande no local.

"Talvez precisemos de cinco dias para realizar a tarefa toda. Se não formos bem-sucedidos, bateremos em retirada, pelo ar ou enviando um grupo de índios rio abaixo em canoas. Os suprimentos guardados na casa na árvore seriam suficientes para duas semanas, caso fiquemos sem a praia devido à cheia ou a um ataque, duas circunstâncias dificílimas, mas possíveis de acontecer.

"Devemos considerar a possibilidade de construir uma jangada feita com colchão de ar e bambu como saída rio abaixo até uma base militar no Curaray, caso os índios se recusem a nos resgatar.

"De volta à narrativa: Checamos curso e distância entre a possível Palm Beach e a Cidade Terminal — eram 135 graus e três minutos a 145 quilômetros por hora. Isso significa quase oito quilômetros entre a praia no Curaray e o vilarejo Auca.

"Enquanto descíamos, rumamos para a casa daquele Auca velho. Ele não estava lá, mas um jovem abanava algo parecido com tecido feito à base de casca de árvore, e era óbvio que queria trocá-lo por alguma coisa nossa. No curso de três voltas, jogamos (acho

eu) uma faquinha, um copo de plástico e, possivelmente, alguma peça de roupa... não tenho certeza quanto à roupa.

"A seguir, fomos para a clareira na colina acima da casa do avião, ou seja, a número 3. Havia três mulheres lá. Jogamos uma faquinha. O chefe estava junto à casa, em sua plataforma, dirigindo o trânsito. Ele usava uma camisa vermelha e preta xadrez que jogamos do avião na semana passada. Acenamos e gritamos para ele, indicando que gostaríamos de que ele subisse ao topo da colina. Enquanto circundávamos mais um pouco, o homem desapareceu e dois garotos tomaram seu lugar.

"Depois, fizemos um voo raso para jogar um machado distante da plataforma. Acho que assustamos os meninos, porque um deles estava de lança na mão quando retornamos. Era um gesto agressivo e voamos baixo novamente para ver se eles agiriam de modo hostil. Alguém deve ter falado com eles, pois a lança desapareceu e tudo voltou ao normal. Na colina, vimos o mandante da camisa xadrez. Como não poderíamos ignorá-lo, fizemos duas voltas e, na segunda, jogamos um par de calças, que ele pegou no ar. (Esses caras estarão na maior elegância quando os encontrarmos em terra firme.)

"A seguir, rumamos à casa 4 para a cena principal. Os chefões, quatro deles, estavam usando camisetas brancas. Mulheres, crianças e jovens usavam a roupa com que nasceram. As árvores sobre as quais jogamos presentes com a intenção de levar os indígenas a cortá-las estavam no chão. As paredes (babunhas) foram retiradas da casa. (Deixei de mencionar que o mesmo aconteceu na casa 3.) Além da casa, haviam construído uma plataforma mais alta, igual à da casa 3.

"Fizemos alguns voos rasos, gritando para os Auca: 'Gosto de você, gosto de você'. No último voo baixo, jogamos um facão. Na

última volta, notamos que um dos quatro manda-chuvas segurava um pacote redondo marrom. Imaginamos que fosse um item de troca conosco. Nós nos afastamos e começamos a pegar altura. Ed estava se sentindo muito mal. O trabalho havia sido mais pesado que o normal e, de manhã, Ed havia cuidado de um bebê doente na margem do rio oposta à sua casa. Ele já não estava se sentindo bem, e eu também me sentia como se tivesse sido arrastado pelo buraco de uma fechadura, mas valeu a pena. À altura de 900 metros, desliguei o motor, puxei os flaps e comecei a planar silenciosamente a 70 quilômetros por hora enquanto Ed descia o presente que estava amarrado na corda. Nessa semana, entregamos alguns novelos de barbante, alguns objetos pequenos, quatro fotos coloridas de 15 cm x 22 cm do pessoal do nosso grupo, com a insígnia da operação, e um aviãozinho amarelo. Tudo isso estava colado numa placa de fibras de madeira.

"Quando o pacote chegou perto do chão, os indígenas o pegaram e o levaram rapidamente para o centro da clareira. Eles 'caíram' com tudo em cima do saco de pano branco onde estava a placa com os objetos, menos o cara que estava ocupado amarrando na corda o presente que nos mandariam. Vi o presente se afastar do homem, flutuando preguiçosamente no ar. Fiz a volta e acelerei. Em três ou quatro segundos o pacote rumou para o céu, distanciando-se deles, e o homem acima mencionado juntou-se ao grupo que olhava as fotos. Daríamos qualquer coisa para ver a expressão e a reação daquela gente enquanto examinavam nossas fotos!

"Voltamos para casa a 100 quilômetros por hora com o presente balançando no fim da corda. Em Arajuno, deixamos o pacote cair à beira da pista, cortamos a corda e aterrissamos. No chão, saí correndo entre o mato ao longo da pista enquanto o Ed 'perdia' o

café da manhã. Essa foi a primeira vez que cheguei ao presente antes dele. (As pernas do Ed são pelo menos meio metro mais compridas do que as minhas.) Quando peguei o saco feito de casca de árvore, fiquei emocionado. Na semana passada, demos uma galinha de presente aos índios, então imaginei que tivessem nos retribuído com algum tipo de pássaro, mas, quando me inclinei para olhar através de um buraco, a imagem de uma cobra atravessou meu pensamento. Porém, o que havia era um bonito papagaio dentro de um cesto coberto com casca de árvore. O papagaio estava bem amarrado e vinha acompanhado de uma banana, parcialmente mordiscada, como lanche de viagem!

"Almocei na casa do Ed e Marilou e conversamos sobre as oportunidades que se abriram para nós quando descobrimos uma praia para aterrissarmos. Louvamos a Deus por isso — outro sinal de sua orientação e cuidado. Cremos que em pouco tempo teremos o privilégio de contar aos Auca a história da graça de Deus".

CAPÍTULO 14

Um Auca no caminho



Manhã de sexta-feira! Esse foi o cabeçalho que Nate escreveu usando uma máquina de datilografar emprestada em Arajuno, e continuou: “Hoje cedo em Shell Mera, enquanto me vestia no quarto ao lado da sala do rádio, ouvi Margareth conferindo uma mensagem que acabara de receber de Marilou McCully, que estava cuidando sozinha de Arajuno enquanto Ed participava de uma conferência missionária em Puyupungu.Marilou dizia ter bons motivos para acreditar que os Auca tinham andado pela vizinhança.

“Duas coisas me vieram à mente: a oportunidade de fazer contato com os Auca e o perigo de um dos índios locais dar um tiro e destruir todos os esforços conquistados até agora — fechando a porta que parece abrir-se para nós.

“Enquanto Margareth enviava a Ed a mensagem que recebeu, eu tirava o avião do hangar. Tínhamos muito a perder para ficar vacilando. Além do mais, as condições meteorológicas ameaçavam piorar na região norte. A casa da missão em Puyupungu fica a uns

cinco minutos da pista. Cheguei à pista um minuto antes de Ed. Retornamos a Shell Mera imediatamente. Enquanto John abastecia o avião, Margareth e Ruth preparavam apetrechos e vegetais. Ed carregou o avião e peguei alguns equipamentos úteis à natureza da expedição. Senti-me bem em ter no bolso o pequeno revólver de bala de festim que comprei em Quito. Um disparo talvez interrompesse um ataque, mas sem que ninguém saísse ferido. A arma também lança gás lacrimogêneo, porém, como Ed observou, se houver um ataque e eu chegar perto o bastante dos Auca para lançar o gás... já sabe, não é?

"As condições meteorológicas continuaram boas até chegarmos à cabeceira do rio nos vales de Arajuno. Ali, como não havia teto, precisamos voar baixo através do vale, e a cinco minutos de Arajuno as nuvens estavam sobre o planalto que margeia o vale de quase um quilômetro de largura.

"Fiquei de olho nas condições do vale atrás de mim, dei uma examinada final na área clara à margem da área nublada e avaliei as alternativas. Caso houvesse problemas, eu subiria em espiral até quase dois mil metros em direção ao sudoeste, para uma área clara que ficava a cinco minutos de distância. Dei uma balançada no avião para checar o indicador de inclinação e curva, sem o qual seria impossível fazer essa manobra. Tudo certo.

"Uma chuva leve — mais pesada em alguns trechos — nos obrigou a dar uma ou duas voltas para avaliarmos bem o céu adiante. Deslizamos através da colina e fomos para o outro lado do vale. Um minuto depois (o tipo de minuto que parece durar uma hora), vimos a pista lá embaixo. Imaginamos que os Auca tinham pensado em examinar o avião em terra e, como não o viram em Arajuno, retornaram para casa.

“Circulamos várias vezes para que os ‘vizinhos’ soubessem que fomos lhes dar as boas-vindas. Aterrissamos por volta das 8h30. Quando o mau tempo se voltou para o sudoeste, percebemos que, se tivéssemos demorado cinco ou dez minutos, a situação se complicaria.

“Enquanto caminhávamos da pista para casa, achamos que estávamos sendo observados. Ed continuou em frente carregando um monte de apetrechos. Se os indígenas estavam atrás de preciosidades, dessa vez deixaram escapar uma boa oportunidade. Eu tinha uma mão no bolso e, sem dar na vista, travava e destravava o pino de segurança do revólver de bala de festim. O tempo inteiro eu me perguntava até onde as coisas teriam de ir antes que o primeiro tiro sinalizasse o fim de toda a operação. Sentimos novamente a necessidade da orientação e intervenção de Deus de um jeito muito especial.

“Ao nos aproximarmos da casa, ouvimos cânticos de Natal no idioma Quíchua. Ed explicou que Marilou estava ensaiando os indígenas locais para o programa natalino. Entramos, e Ed tomou a liderança e falou animadamente durante alguns minutos sobre ‘Como fazer amigos e influenciar pessoas’, exortando também os indígenas quanto à nossa obrigação cristã de levar o evangelho aos Auca. Parece que a essa altura o padrão do zelo missionário entre esses novos convertidos dependeria muito de quem viu quem primeiro e em que circunstâncias.

“O ensaio de Natal prosseguiu de maneira bem desanimada por mais alguns minutos e acabou. Com muita gentileza, Ed mandou os índios colocarem o pé na estrada. Ed ofereceu doce para eles irem embora. Todos aceitaram. Os dois líderes ganharam alguns doces especiais como prêmio por ato de bravura.

“Quando finalmente estávamos sozinhos, Ed se aproximou de Marilou como um policial bonachão de faroeste e disse: ‘Por favor, senhora, controle-se. Vai dar tudo certo. Só queremos saber o que aconteceu’. (A capacidade que esses missionários têm de falar desse jeito numa situação complicada é um talento e tanto. É meio como puxar o freio de mão quando você está pisando fundo no acelerador.)

“Parece que às 5h40 da manhã, Fermin, o índio que está dormindo na escola para ajudar na segurança enquanto o Ed está de viagem, foi em direção à roça atender ao ‘chamado da selva’. Ao chegar perto do mastro onde o aeromodelo está pendurado, Fermin viu um homem no fim da trilha... nu, segurando uma lança, com o cabelo preso num coque. Quando viram um ao outro, o Auca correu floresta adentro. Dez segundos depois, Fermin bateu à janela de Marilou. Felizmente sua espingarda (lá na escola) não estava carregada, e ele foi atrás de pólvora e chumbo. Claro que Marilou não lhe deu nada. Fermin achou que ela estava doida e tentou convencê-la a mudar de ideia por meio de conselhos de quem era experiente em lidar com os Auca. Fermin estava lívido e eufórico. A coisa parecia verdadeira.

“Para começar, Marilou tomou a espingarda do coitado. Depois, apesar de estar grávida de sete meses, pegou um facão e foi em direção à trilha presentear o tal Auca, exclamando: ‘*biti miti punimupa*’... Gosto de você... Gosto de você. Entre uma frase e outra, Marilou ouvia Fermin resmungando em Quíchua: ‘Você é louca... Você é louca... vão matar você primeiro’.

“Bem perto de onde o Auca tinha sido visto, Fermin e Carmela, a garota indígena que ajuda Marilou em casa, chegaram correndo bem a tempo de os três verem marcas de passos ainda úmidas numa tábua seca que atravessava uma vala curta. As marcas iam

em direção à casa. Junto à trilha, encontraram grama pisada recentemente, rumo à floresta.

“Marilou jogou o facão na grama amassada, gritou as frases novamente e voltou para casa. Meia hora depois, quando o pajé local chegou para a aula, ele acompanhou Marilou até onde tinham visto as marcas de passos. Não encontrando mais nenhuma indicação de visitantes, Marilou pegou o facão, e os dois retornaram para casa.

“Carmela disse que, se não tivesse visto as pegadas, ela diria que Fermin tinha imaginado coisas. Quando Marilou perguntou se ela estava com medo, Carmela respondeu que só um pouquinho, porém tinha certeza de que Deus cuidaria delas. Marilou ouviu Fermin perguntar à menina se a senhora estava assustada. Carmela respondeu que, pelo jeito, não estava.Fermin disse que, quando a noite chegasse, ela ficaria com medo, mas ele não estaria ali para protegê-las. Marilou perguntou se o índio passaria a noite de guarda. ‘Passo, se tiver uma espingarda carregada. Sem a arma, todos nós vamos morrer’, foi a resposta.

“Discutimos o assunto enquanto Ed preparava um facão e uma panela do jeito que fazemos quando entregamos presentes na ‘vizinhança’. Às dez e meia da manhã (ainda chovia manso), marchamos para a pista de voo usando as bandanas de pena que os indígenas nos deram, gritando frases em Auca enquanto abanávamos os presentes no ar. Devíamos estar com cara de Don Quixote na função de Papai Noel colocando presentes embaixo das árvores.

“Às 14h30, fizemos outra investida até o fim da pista de voo oferecendo nosso presente bastante incomum. Concluímos que a melhor hora para entrar em contato com os indígenas seria à noite.

Assim, voaríamos rumo à ‘vizinhança’, contaríamos o número de pessoas e entregaríamos hoje os presentes de amanhã.

“Decolamos e avistamos Palm Beach às 15h30. Ficamos ali uns dez minutos, reavaliando a praia. A tinta e a gaze ainda estavam na areia, embora, pelo jeito, as praias vizinhas tenham sido inundadas desde nossa visita na semana passada. Tocamos os pneus do avião bem de leve na areia por uns 70 metros e depois pisamos fundo. A aproximação é difícil, mas a arrancada é boa, a não ser em um lugar estreito, porém este fica bem mais rio abaixo. O cenário todo nos pareceu convidativo dessa vez. Ao longo da praia, observamos algumas árvores que talvez sustentem a casa lá em cima; então, fizemos o voo de três minutos até a ‘vizinhança’.

“Encontramos nossos amigos espalhados por todos os cantos — mas sem o diretor de trânsito — e isso nos levou a acreditar que os indígenas ficaram acostumados a nos ver um dia por semana, por causa da regularidade de nossas visitas. Fizemos alguns voos baixos sobre a casa do índio velho, filmando em câmara lenta. Alguém apareceu segurando o mesmo item da semana passada. Não jogamos nada. Na casa do aeromodelo, vimos quatro pessoas ao redor da casa e da plataforma e três na clareira da colina. O homem no topo da colina usava um calção de banho vermelho (presente nosso). Jogamos uma faquinha com fitas coloridas e fomos rapidamente para a casa grande, pois agora estávamos convencidos da ausência de alguns homens, o que tornava bastante provável a visita em Arajuno.

“Fizemos alguns voos baixos para tirar fotos e subimos e descemos um caldeirão pela corda. Havíamos posto no caldeirão porções pequenas de alimento enrolado em folhas de bananeiras, tais como carne, chocolate, mandioca, biscoito, doce e algumas contas de enfeite. Os indígenas pegaram as coisas, puxaram de 20 a

50 metros de corda e amarraram um presente. Era maior e mais pesado do que todos os outros. Voltamos com ele para Arajuno. Descemos o presente, cortamos a corda, aterrissamos e corremos pelo mato, na certeza de que qualquer cobra inteligente seria esperta o bastante para sair do caminho. (Carregamos antiofídico no avião.) O presente era um pássaro preto grande, talvez a galinha deles, em uma gaiola de vime reforçada com tela e um pedaço de tecido feito de casca de árvore. Ainda não decidimos o que fazer com o pássaro. Encontramos também um fuso de tear cheio de fio de algodão, um presente muito bem-vindo.

"Tarde e noite em Arajuno..."

CAPÍTULO 15

Por que os homens foram?



A ocasião era iminente. Nós, os casais de missionários, gastamos várias horas discutindo esse projeto com o qual sonhamos durante tantos anos. Olive Fleming se lembrou de ter lido no diário de Pete que ele estava disposto a dar sua vida pelos Auca. Lembrei ao Jim que nós dois sabíamos bem o que sua ida poderia significar.

— Bem, se esta é a vontade de Deus — ele respondeu tranquilamente —, estou pronto a morrer pela salvação dos Auca.

Enquanto ainda estava na faculdade, Jim escreveu em seu diário: "Não é tolice dar o que não podemos manter para ganhar o que não podemos perder".

Marilou McCully esclareceu:

— Não quero que ninguém ache que o Ed está sendo pressionado a ir. Essa é uma decisão que cada casal tem de tomar sozinho.

Antes do início efetivo da operação em terra, ainda havia duas viagens de entrega de presentes. No dia 23 de dezembro, quando

as famílias Elliot e Fleming foram passar o Natal com os McCully em Arajuno, Nate e Jim sobrevoaram o vilarejo dos Auca. Ao ver o mesmo índio velho de sempre em pé numa clareira, voaram a não mais de 15 metros dele.

— Uau! — Jim exclamou. — O velho quase morreu de medo!

Nate concordou. Mais tarde, escreveu em seu diário: "Parece que se determinaram a não mostrar medo nem hostilidade. Talvez não queiram espantar a galinha dos ovos de ouro. Porém seus olhos não mentem — estão aterrorizados. E é compreensível. A expressão é a de um garoto de seis anos sentado na primeira fila da arquibancada do circo quando o palhaço vem e aponta a espingarda bem no seu rosto. O menino sabe que é tudo brincadeira, mas... ai, ai, ai!

"Na casa grande, o 'diretor de trânsito' estava vestido a rigor — camisa e calça — e o restante da turma usava a roupa com que nasceu. Jim contou treze pessoas lá embaixo. Na primeira vez que voamos baixo, um dos indígenas mostrou algo que deveria ser um presente para nós. Jogamos uma rede de carga com um pedaço de tecido branco, uma lanterna, uma calça e muitas bugigangas. Daríamos tudo para vê-los tentando descobrir para que serve a lanterna!

"Jim avisou que o presente deles estava amarrado à corda e interrompi a volta para pegar altura. Esse era o presente mais pesado que já nos deram. Voltamos para Arajuno a cem quilômetros por hora e deixamos o presente enrolado em tecido de casca de árvores descer com tudo. O pacote caiu no meio de umas árvores a uns vinte metros da casa de Ed. Conteúdo:

"Peixe cozido

Dois ou três pacotinhos de amendoim

Alguns pedaços de mandioca cozida
Uma banana-da-terra cozida
Dois esquilos, que, pelo jeito, morreram na queda
Um papagaio, vivo, mas muito agitado
Duas bananas juntas com o papagaio
Dois itens de argila, que viraram cacos
Um pedaço de carne cozida e um rabo de macaco defumado

"Até agora, esta foi, de longe, a maior tentativa da parte dos vizinhos de reciprocidade. Estamos muito alegres. Jim e Ed provaram a carne, e todos nós comemos um pouco do amendoim. Depois, sem querer ofender as pessoas que nos mandaram essas guloseimas, sentamos para nos deliciar com o jantar que a Marilou havia preparado".

Embora Pete ainda não tivesse tomado sua decisão, no dia 23 ele e a Olive se reuniram para um bate-papo com três outros casais que pensavam em se envolver diretamente no projeto. (Roger e Barbara Youderian ainda continuavam no posto no sul da floresta.) A maior preocupação das esposas era com a segurança de seus maridos. Todos concordaram em levar armas, que ficariam escondidas. Caso a situação se complicasse, as armas apareceriam, simplesmente para que os Auca soubessem que o homem branco estava no controle. Se isso não fosse suficiente, seriam disparadas com a única intenção de assustar os indígenas.

Roger redigiu o plano da operação. Jim recebeu a incumbência de pré-fabricar a casa da árvore. Isso garantiria a segurança à noite, principalmente se deixassem um lampião à gasolina aceso para iluminar a área ao pé da árvore. Ed recebeu a tarefa de juntar objetos para troca com os Auca. Roger montaria um kit de primeiros socorros. Nate cuidaria da comunicação e do transporte. Jim ficou encarregado das armas e munição. Se Peter decidisse ir,

sua tarefa seria ajudar Nate nos voos de ida e vinda de Arajuno, nos voos sobre as casas dos Auca, quando ele usaria o alto-falante, e seria responsável em manter os suprimentos na praia. Roger preparou um código de sinais que seriam desenhados na areia em caso de emergência e desenhou mapas para todos eles com o código que deu aos pontos estratégicos.

O material linguístico que Jim e eu havíamos reunido foi organizado e memorizado por todos os componentes do grupo. A tarefa de Margareth era ficar de prontidão junto ao rádio amador em Shell Mera enquanto o avião estivesse no ar e manter contato regular com os homens em terra. Foi decidido que Barbara ficaria em Arajuno auxiliando Marilou a preparar as refeições que Nate levaria diariamente a Palm Beach.

O aparecimento do Auca em Arajuno, o fato de os Quíchua estarem de olhos muito abertos a tudo o que acontecia, o grande incentivo recebido na distribuição de presentes — na verdade, até mesmo as condições atmosféricas — pareciam estar empurrando os missionários rumo ao dia D com a força do "é agora ou nunca". A estação das chuvas começaria dentro de um mês; os rios transbordariam e seria impossível aterrissar. A época ideal para estabelecerem o quartel-general em território Auca seria no início de janeiro, durante a lua cheia.

Terça-feira, 3 de janeiro de 1956 foi a data escolhida.

O Natal em Arajuno foi tão parecido com o dos Estados Unidos quanto a genialidade de Marilou conseguiu alcançar. Ela até enfeitou uma pequena árvore de bambu com luzes e tiras de papel cintilante. Ed e Jim, que já havia "reservado" seu lugar na viagem a Palm Beach, estavam num ânimo só. Pete continuava orando e esperando em Deus antes de tomar sua decisão.

Certa noite, eu e as outras esposas conversamos sobre a possibilidade de ficarmos viúvas. O que faríamos? Deus tranquilizou nosso coração e nos deu certeza de que, independentemente dos acontecimentos, sua Palavra continuaria fiel. Sabíamos que "quando o Senhor manda o rebanho caminhar, ele vai à frente". A liderança de Deus era evidente até aqui. Quando casamos com nossos maridos, sabíamos claramente quem teria, de modo inquestionável, o primeiro lugar na vida de cada um deles — Deus e sua obra. Essa era a condição do verdadeiro discipulado, o que se tornava devastadoramente significativo agora.

Esse era o momento de vasculhar a alma, de avaliar o possível custo. Será que era a emoção da aventura que atraía nossos maridos? Não. Suas cartas e diários deixam bastante claro que não partiram como se estivessem indo caçar um leão ou escalar uma montanha. O estímulo deles tinha origem em outra fonte. Cada um dos homens havia feito um pacto pessoal com Deus, reconhecendo que pertencia ao Senhor, primeiro por direito de criação, e, segundo, pela redenção oferecida na morte de seu Filho, Jesus Cristo. Este direito duplo sobre a vida de nossos maridos eliminava qualquer dúvida quanto à lealdade deles. Não era questão de lutar para seguir o exemplo de um grande Mestre. É impossível o ser humano moldar-se perfeitamente à vida de Jesus.

Para nossos maridos, Jesus Cristo era Deus e, sem dúvida nenhuma, havia tomado a forma de homem para morrer e, com sua morte, oferecer não somente o escape da punição que os pecados mereciam, mas também, um novo tempo de vida, a eterna, tanto em extensão quanto em qualidade.

Isso significava simplesmente que Cristo tinha de ser obedecido, e, mais ainda, que ele daria forças para tanto. A decisão havia sido tomada. A ordem de Deus — "Ide e pregai o evangelho a

toda criatura" — era um imperativo categórico. A segurança pessoal era totalmente irrelevante.

Na tarde de domingo de 18 de dezembro, Nate sentou-se à máquina de escrever para contar ao mundo o motivo de estarem indo — caso algo acontecesse depois. Ele falava também em nome dos colegas: "Quando avaliamos o futuro e buscamos a vontade de Deus, será que vale a pena nos arriscarmos por causa de uns poucos selvagens? Quando nos fazemos essa pergunta, entendemos que não é o clamor de milhares de necessitados que nos faz ir, mas é a afirmação profética da Bíblia de que pessoas de todas as tribos se apresentarão no último dia diante do Senhor. Sentimos no coração que a vontade de Deus é que, em nome de Jesus, comecemos a desmantelar a prisão dos Auca.

"Que em meio à alegria deste Natal, nós, os que conhecemos o Senhor, ouçamos o pranto dos perdidos sendo empurrados para a escuridão da noite sem a presença de Cristo, sem nunca terem tido uma única chance.

Que sejamos movidos pela compaixão como Jesus foi. Que choremos de arrependimento por causa dos que deixamos de resgatar da escuridão. Que além do cenário feliz de Belém, vejamos a agonia excruciante do Gólgota. Que Deus renove em nós a visão de sua vontade quanto aos perdidos e nossa responsabilidade com eles.

"Quem dera compreendêssemos o destino desse povo da idade da pedra que morre de medo de ser emboscado na floresta... para quem um tiro de espingarda significa morte repentina e misteriosa... que acha que todo mundo é homicida igual a eles.

"Se Deus nos concedesse a visão, o termo 'sacrifício' desapareceria de nossos lábios e mente; odiaríamos as coisas que

agora nos são preciosas; de repente, nossas vidas seriam curtas demais, desprezaríamos as distrações que nos roubam as horas e, com todo vigor, atacaríamos o inimigo em nome de Jesus.

"Que Deus nos ajude a julgar a nós mesmos à luz da eternidade que separa os Auca da compreensão do Natal e daquele que, embora rico, tornou-se pobre por nossa causa, para que sua pobreza nos fizesse ricos.

"Senhor Deus, fala ao meu coração e faze-me conhecer a tua santa vontade e a alegria de caminhar nela. Amém".

CAPÍTULO 16

“Não vamos sozinhos”



No dia 1º de janeiro de 1956, Ed e família e Pete e Olive Fleming estavam em Shandia comigo e Jim. Roger e Barbara Youderian ficaram na casa de Ed e Marilou, em Arajuno, para o caso de os “vizinhos” aparecerem.

Nate estava dando os toques finais na importante incumbência de transportar os missionários e equipamentos para o quartel-general na praia.

A manhã de segunda-feira, 2 de janeiro, era perfeita para um voo. Como Pete havia decidido participar da Operação Auca, Nate planejou buscá-lo juntamente com Olive e a família McCully em Shandia e levá-los para Arajuno, deixando para buscar Jim na terça-feira. Porém, no contato pelo rádio, feito de manhã, Nate avisou: “Jim, é melhor você ir para Arajuno hoje mesmo. Temos de organizar algumas coisas ainda esta noite e aproveitar o céu claro”.

Jim começou a jogar suas coisas numa rede de carga indígena, enquanto os McCully e os Fleming eram levados para Arajuno. Ele colocou na bagagem tudo o que pudesse ajudar ou divertir os

Auca, caso aparecessem para uma visita: gaita de boca, kit contra veneno de cobra, farolete, um *View-Master* [projetor de slides de brinquedo parecido com óculos], ioiô e, principalmente, o valioso caderno de frases no idioma Auca, juntamente com um arquivo morfológico que havia sido organizado com muito capricho.

Enquanto ajudava meu marido a reunir suas coisas, um pensamento não me abandonava: "Será esta a última vez que o ajudo a arrumar as malas? Esta será sua última refeição em Shandia?".

Quando o pequeno avião sobrevoou a pista, preparando-se para aterrissar e levar Jim, sua bagagem e as últimas partes da casa na árvore que ele havia construído, nós dois atravessamos a porta da frente juntos. Jim não olhou para trás. Na pista, ele me deu um beijo de despedida, e o avião decolou.

Naquela noite em Arajuno, os cinco homens organizaram um cronograma provisório para a aterrissagem em Palm Beach no dia seguinte, pois queriam arrumar tudo lá antes do escurecer. Não se esqueceram de nenhum detalhe; fizeram listas de equipamentos para cada voo, e todos os missionários ficaram com uma cópia. Depois do jantar e do planejamento, reuniram os materiais. À medida que cada um checava e completava sua lista de equipamentos, o lugar foi ficando parecido com um quartel-general de verdade estabelecido numa praia.

Nate mal conseguiu dormir naquela noite, pois em seus ombros repousava um enorme fardo de responsabilidade. Ele havia ficado em Arajuno para ganhar tempo de manhã. Seu diário revela como foi aquela noite.

"Cochilei de imediato, mas chequei o relógio à meia noite, depois às duas horas; dali para frente, fiquei deitado, porém

vigilante. Orei, recitei versículos da Bíblia e até contei ovelhinhas. Era como se toda a minha participação no projeto dependesse da primeira decolagem e aterrissagem.

"Eu tinha avisado meus colegas que apenas um deles iria comigo na primeira viagem. Isso significava que alguém ficaria sozinho na praia durante algum tempo. Roger ficou de fora automaticamente porque só conhecia o idioma Jivaro. Jim perdeu para o Ed no sorteio de palitos, mas protestou dizendo que era mais magro que o amigo. Quando expliquei que uma diferença de sete quilos seria decisiva, os dois correram atrás de uma balança. Ed era somente três quilos mais gordo que Jim. 'Ah, seu catador de algodão! Você fez regime, né?', foi a reação de Jim."

Nate continua em seu diário: "Se meus cálculos estivessem errados, eu e Ed estaríamos em apuros. Caso o avião sofresse danos, ficaria exposto à cheia do rio; talvez fosse necessário até desmantelar o avião todo e abrir uma pista em terreno mais elevado — e tudo numa floresta habitada pelos Auca! Havíamos cogitado essa possibilidade em testes anteriores e decidimos seguir adiante. Quando dormi, ou tentei dormir, a decisão continuava difícil. Contudo, não havia em mim nenhuma sombra de dúvida de que deveríamos seguir em frente. As vantagens justificam os riscos.

"A última vez que 'bati o relógio de ponto' foi às quatro horas. Consegui dormir até quase seis horas, quando fui acordado pela movimentação na casa".

O dia 3 de janeiro amanheceu límpido. Nate acabou encontrando tempo para relatar os eventos desse dia — o dia da primeira aterrissagem em território Auca.

“Logo cedo, eu e Roger fomos até o avião. Estávamos perdendo óleo no freio direito. Com uma seringa de 10 ml e uma agulha calibre 22, retiramos óleo de freio do cilindro mestre esquerdo e injetamos no direito. Não funcionou. Não foi o bastante. Perdêramos muito fluido ao consertar o sistema de freios na noite anterior. Meus companheiros arrastavam tábuas, equipamentos e folhas de zinco até a pista e arranjavam o material em ordem de prioridade.

“No contato das sete da manhã pelo rádio com Margareth,pedimos que Johnny trouxesse óleo de freio o mais rápido possível. Soubemos que Olive passara mal à noite e planejava voltar para Shell Mera com Johnny. Com o atraso, tivemos tempo de tomar café da manhã tranquilamente e orar juntos.”

Quando terminaram de orar, os cinco missionários cantaram um de seus hinos favoritos, “We rest on Thee” [Descansamos em Ti], cuja melodia é inspiradora. Jim e Ed cantavam esse hino desde os tempos de faculdade e sabiam a letra de cor. No ultimo verso, suas vozes ressoaram com profunda convicção.

“Confiamos em Ti, nosso Escudo e Defensor,
Tua é a batalha, Tu serás exaltado
Ao atravessarmos, vitoriosos, os portões da glória,
descansaremos contigo por toda a eternidade.”

[Tradução livre]

Nate continua sua narrativa concisa: “Fazia um dia lindo. Não parávamos de nos coçar por causa dos ácaros, contudo nosso ânimo era fantástico. Johnny apareceu às 7h40. Achamos que ele deveria ficar até vermos como seria a primeira aterrissagem. Às 8h02, eu e Ed decolamos. O curioso é que no cronograma este voo

estava marcado para as oito horas, e, quando alcançamos a primeira cordilheira, observamos que o nevoeiro sobre o rio Curaray teria impedido um voo mais cedo. O nevoeiro logo abaixo estava denso demais para nosso gosto, porém aberturas aqui e ali nos permitiam ficar de olho no rio. O sol brilhava, e achamos que seria melhor esperar pelas aberturas corretas do que retornar mais tarde.

"Quando estávamos a dois minutos do local, o nevoeiro diminuiu; então deslizamos em segurança para baixo dele e fomos nos aproximando. Começamos a descer, simulando uma aterrissagem de verdade e checando o comprimento total da pista para ver se havia galhos e outros empecilhos, e então subimos.

"Planejei fazer três voltas antes de pousar, mas tudo era exatamente igual ao que já havíamos observado muitas vezes. Na segunda volta, quando nos aproximamos, descemos entre as árvores em inclinação lateral. Era muito bom fazer a última volta e ir em direção à areia; então me preparei para tocar o solo.

"O pneu direito bateu a menos de dois metros da água, e o esquerdo, três metros depois. Quando o avião assentou nos pneus, notei que a areia era fofa — tarde demais para mudar de rumo. Puxei o manche e aguardei. Se atingíssemos uma área mais fofa ainda, o avião embicaria — ou empinaria. Não aconteceu nada.

"Saltamos na areia, agradecendo pelo livramento. O alívio de ter vencido tranquilamente esse obstáculo me fez cego à possibilidade evidente de eu não conseguir decolar. Estar ali era simplesmente maravilhoso.

"Examinamos a praia de uma ponta à outra em busca de um espaço que servisse para aterrissagem e fomos retirando gravetos

que pudessem furar um pneu. Ed pegou a filmadora, e comecei a taxiar buscando a posição de decolagem.

“A uns trinta metros do fim da pista, senti o pneu direito afundar, e meu coração foi junto. Desliguei o motor, e Ed apareceu logo em seguida. Ele ergueu a asa baixa e eu ergui a cauda do avião e puxei para um lado. A seguir, dei partida e, com Ed puxando a asa, conseguimos sair da areia macia e desliguei o motor.

“Saímos de novo à procura de área mais firme. Decidimos empurrar o avião de ré para o meio de uns arbustos bem à margem da praia. Com isso, perdemos 30 metros dos 200 metros à disposição — perda significativa em vista da consistência macia do terreno. Contudo, o avião estava com menos carga, e agora trabalhávamos somente 300 metros acima do nível do mar, onde conseguiríamos mais força de sustentação na asa.

“Subi no avião, e Ed foi novamente para a ponta da praia. Fiquei meio preocupado com o que ele poderia filmar. Dei uma última examinada geral e fui em frente. A areia agarrou forte os pneus, contudo a aceleração parecia satisfatória. Assim, continuei firme, e estava no ar em menos de 120 metros (35 ou 45 antes de atingir o rio), a uns 50 quilômetros por hora.

“Voei perto da água para ganhar velocidade e saí inclinado daquele cânion de árvores. Fiz um retorno, acenei para Ed e peguei a estrada de volta para Arajuno — sem saber exatamente o que faria depois. Pelo menos eu sabia o que me aguardava.

“Em Arajuno, todo mundo se alegrou com o retorno do aviãozinho, porém meu relatório foi um balde de água fria no ânimo do pessoal. Descartamos a lista do segundo voo, e Jim e Roger, mais os equipamentos absolutamente essenciais — como

walkie-talkie e um pouco mais de alimento —, voaram comigo. Os passageiros me deram mais estabilidade de popa.

"Se qualquer coisa desse errado — se embicássemos na areia ao aterrissar —, pelo menos quatro de nós estariam ali. Johnny continuava de prontidão. Ele sugeriu que esvaziássemos um pouco os pneus para que ficassem elevados na areia. Isso nunca havia me ocorrido, porém me senti muito melhor ao deixá-los com um pouco menos de pressão.

"Decolamos com três minutos de atraso. O nevoeiro havia quase desaparecido. Demos uma volta, examinamos o equipamento de segurança e descemos entre as árvores. Com menos ar, os pneus se comportaram muito melhor em cima da areia, e o sol secava tudo ao redor.

"O encontro dos três mosqueteiros foi uma festa. Eles se puseram a limpar os entulhos da praia enquanto eu ajeitava o avião para decolar como havia feito da última vez — sobrevoar a água, subir e tchau.

"Na terceira viagem, carreguei o rádio, algumas ferramentas e as tábuas mais importantes da casa na árvore. Acho que saí com uns dez minutos de atraso.

"Lá na praia, os três colegas localizaram uma boa árvore junto à praia aberta e levemente inclinada. Eles não perceberam que era uma árvore do tipo pau-ferro — que faz jus ao nome que tem.

"Nos voos seguintes, levei objetos pessoais, um rádio grande, mais comida, as últimas tábuas e folhas de zinco".

Mais tarde, Nate relatou: "Vinte e cinco minutos de atraso no cronograma porque gastei tempo em uma reunião extraordinária lá na praia".

Trabalhando com cintos de segurança, atacados por miríades de abelhas do suor e mosquitos minúsculos, os homens conseguiram montar as duas plataformas de teto de zinco, onde iriam dormir.

Ao terminar a quinta viagem, Nate se dirigiu para a Cidade Terminal. Lá de cima, ele gritou no alto-falante para os Auca: "Vão amanhã no Curaray". Os indígenas "ficaram confusos com o chamado". Nate deu uma passada rápida em Palm Beach,contou aos amigos que havia feito o convite aos Auca, e foi dormir em Arajuno.

No dia seguinte, 4 de janeiro, quarta-feira, Jim me escreveu uma carta: "Trabalhei igual a um doido na manivela do rádio. Ninguém nos ouve direito, mas nós ouvimos bem todo mundo hoje cedo. Passamos bem a noite e fizemos um lanche às duas da manhã. Não montamos um esquema para vigiar a área ontem à noite, uma vez que nos sentimos bem acomodados e seguros em nossa casinha a dez metros do chão. A praia é boa para aterrissagens, porém fofa demais para decolagens. Temos três alternativas: 1) esperar que o sol endureça o solo e aguardar até que uma brisa forte possibilite a decolagem; 2) abrir uma pista na Cidade Terminal; 3) sair a pé. Vimos rastos de puma [onça-parda] na areia e ouvimos seu barulho ontem à noite. A floresta é linda, aberta, cheia de palmeiras. Aqui faz mais calor do que em Shandia. Ontem à noite suei demais e me cobri apenas com um mosquiteiro. Estamos cheios de esperança, mas nem sinal dos 'vizinhos' ainda. Talvez hoje seja o dia em que os Auca serão alcançados. Foi uma luta montar a casa na árvore mas, sem dúvida nenhuma, vale a pena estar acima do chão. Vamos descer agora. Pistolas, presentes, novidades e orações em nossos corações. Por enquanto, é so...".

Ed escreveu para Marilou:

Amor da minha vida:

É uma hora e acabamos de almoçar; Nate vai tentar ver o pessoal. Estamos esperando por eles. A comida é boa e farta. Vou mandar um punhado de roupa suja pelo Nate hoje à noite. Os insetos são uma praga. Precisamos das seguintes coisas:

1. Dois colchões infláveis — estamos devolvendo os de plástico.
2. A agulha de limpar as bocas do fogareiro à gasolina.
3. Três *shigras* [bolsas indígenas de malha] para pendurarmos em nossa casa na árvore e guardarmos coisas.
4. Uma lata vazia de leite para guardarmos doce.
5. Álcool para o fogareiro a pressão.
6. Meus óculos de sol.
7. Repelente.
8. Leite e limonada.
9. Pedaços imprestáveis de carne para isca de peixe.

Amo você muito. Um beijão para os meninos.

Ed

Obrigado por tudo.

10. Meu chapéu de sol, se estiver por aí.

Na quarta-feira de manhã, Nate e Pete partiram de Arajuno, sobrevoaram a Cidade Terminal e notaram que "multidão havia diminuído" por lá. Esperançosos, acharam que os "rapazes" estavam a caminho de Palm Beach. Quando aterrissaram em Palm Beach, encontraram Ed, Roger e Jim caminhando pela praia, erguendo alguns presentes e gritando frases de boas-vindas em direção às árvores. Nate foi checar o rádio e descobriu que o transmissor não estava funcionando por causa de um fio solto no microfone. Ele ficou feliz em falar com Margareth em Shell Mera. Roger e Nate construíram um abrigo na praia e depois foram nadar enquanto Ed e Jim "desmaiaram" na casa na árvore.

A tarde se arrastou preguiçosa, e quando o sol tropical começou a se esconder atrás das árvores da majestosa floresta, Nate levou o aviãozinho por sobre o rio, e ele e Pete foram dormir em Arajuno. “Senhor Deus, obrigado pela bênção extraordinária que recebemos ontem e hoje”, Nate escreveu em seu diário, “Obrigado, Senhor, por um time excelente de colegas, e que nenhum de nós deixe de louvar a Deus”.

Na quinta-feira, 5 de janeiro, Nate, mais uma vez levado por um sentimento de urgência, relatou os acontecimentos. Os eventos diários da última semana foram rabiscados a lápis em um caderno escolar (não havia máquina de escrever em Palm Beach):

“O silêncio é total em Palm Beach. No entanto, temos certeza de que estamos sendo vigiados. Vindo para cá hoje cedo, eu e Pete sobrevoamos a Cidade Terminal; duas mulheres e duas crianças estavam na casa do Índio Velho. A casa do aeromodelo está vazia. É provável que mulheres e crianças estejam na casa grande. Lá na casa grande, vimos cinco ou seis mulheres, várias crianças e alguém parecido com o velho.

“Enquanto descíamos em Palm Beach, verificamos mais de um quilômetro e meio de praia abaixo do acampamento. Vimos diversas pegadas, provavelmente de tapir e outros animais pequenos. Rumo ao acampamento, seguimos o leito do rio, pensando em saudar os companheiros quando, em uma das curvas abaixo do acampamento, vimos pegadas de gente. Ganhamos subida e voltamos para uma outra olhada. As pegadas eram claras. Sobrevoamos o acampamento, saudamos a turma, pegamos altura, circulamos as duas praias logo acima (não vimos ninguém) e aterrissamos. A notícia sobre as pegadas humanas animou consideravelmente o grupo.

“Todo mundo dormiu bem na casa na árvore. Às nove da noite, um vento forte balançou as árvores e fez tanto barulho que acordou os três homens, mas todos voltaram a dormir novamente. Deixaram uma lanterna acesa lá em cima para que o alvo ficasse bem iluminado. Às cinco horas, apontaram a lanterna em direção da praia para ver se um facão deixado de presente ainda estava lá. Tinha sumido! Durante os próximos quinze minutos a floresta ressoou com frases em Auca — talvez com um sotaque do meio-oeste americano. Os homens apontaram a lanterna novamente para dar uma olhada mais de perto. Uma folha enorme, caída de uma árvore, encobria o facão. Que droga!

“Quando eu e Pete descemos, Jim, praticamente ‘vestido’ de Auca, pescava no meio do rio. Perdemos um pouco do recato depois de observar como nossos ‘vizinhos’ se vestem. A julgar pelo que estamos vestindo, já entregamos tudo aos Auca. Pete fica com cara de catador de praia em suas calças, camisa de manga comprida e chapéu de palha. As moscas mantêm o restante de nós bem vestidos em camisetas, calças e tênis. Quando não está pescando ou ‘pregando’ suas frases em Auca no meio do rio, Jim se senta perto da fumaça que vem da fogueira.

“A não ser pelos 47 bilhões de insetos voadores de todos os tipos, este lugar é um paraíso em miniatura. Com a ajuda de fumaça e repelente, estamos gostando demais da experiência. Agorinha mesmo, o Jim pescou um peixe-gato de quase 40 cm. O peixe está assando na fogueira. Ed e Roger estão ali na curva limpando um grupo de árvores na cabeceira da pista. Quando aterrissamos, passamos raspando por elas — a pista ficará muito melhor agora.

“Pete está se mexendo. Deve estar com fome. Acabou de despejar os vegetais temperados e crus, conservados em um saco

plástico, na panela de pressão, que estava quase cheia de pedaços de carne. Ele foi à casa na árvore buscar sal.

"A 'armadura' que Roger fez (couraça que cobre o peito e o abdômen) usando um tambor de gasolina funciona muito bem como fogão. Enquanto aquecíamos o ensopado, jogamos ninhos de cupim no fogo para afastar os mosquitinhos, como os indígenas fazem. Quando os três mosqueteiros retornaram, o ensopado estava pronto e todo mundo estava disposto a prová-lo. A comida desceu fácil, ajudada por generosas quantidades de limonada morna.

"Desde que Pete e eu contamos sobre as pegadas humanas junto às de tapir e outros animais, temos sido motivo de gargalhadas retumbantes. No entanto, a curiosidade acabou vencendo, e Jim e Roger desceram o rio, percorrendo as praias para examinar tudo bem de perto. Concordamos que, se não voltassem em uma hora, iríamos procurá-los de avião. Eles apareceram cinquenta minutos depois. Entrei no rio para encontrá-los e saber o que viram — 'Tapir', gritaram. Depois, chegando mais perto — 'Auca' — pelo menos uns trinta deles'. Engraçadinhos! Claro que havia pegadas de gente — um adulto, uma criança de uns doze anos e uma menor, porém as marcas eram de uma semana atrás. A lama em que pisaram estava rachada de tão seca. A mais de 95 quilômetros por hora ou não, tínhamos, sem dúvida nenhuma, diferenciado as pegadas humanas dos vários rastos deixados por animais.

"Entre outros, havia rasto de jacaré, puma, tapir. Também vimos alguns patos de bom tamanho. Alguém disse: 'Que pena que estão fora de temporada'. (Abolimos o uso de armas de fogo para não assustar os indígenas.)

“Quando alguém comentou, achando graça, que estávamos no Equador, mas não falávamos espanhol, a resposta foi: ‘Ninguém por aqui fala’.

“Tínhamos descoberto os benefícios de nos refestelar quase submersos em água rasa e, como eu havia terminado o contato das duas horas da tarde pelo rádio, tirei a roupa e apostei corrida com os mosquitos até o rio, levando meu chapéu de sol. Meus companheiros acharam a cena majestosa — só de chapéu e com os dois pés descalços fora da água, e foram rapidinho buscar suas câmeras. Realçamos algumas fotos com o acréscimo da revista *Time* à ‘siesta hidráulica’.

“Jim começou a ler um romance em voz alta. Caíamos na gargalhada ao ouvir qualquer descrição que tivesse um mínimo de graça; finalmente, pulamos para a última página para descobrir quem casava com quem, pusemos o livro de lado e fomos ler a revista *Time*. Uma descrição exagerada quase nos matou de rir: ‘Ele parecia um gato de beco iniciando sua nona vida no circuito das latas de lixo’.

“Às três horas, peguei o avião e subi a quase dois mil metros, de onde conseguia ver a clareira Auca e Palm Beach ao mesmo tempo. Então, desci planando bem devagar, parando aqui e ali para fazer uma volta fechada em toda velocidade para que alguém me ouvisse e soubesse de onde vinha o barulho. Quando me preparava para aterrissar, achei ter visto pegadas humanas frescas rio acima, a somente duas curvas do acampamento. Estavam entre os rastos antigos de tapir — e não despertaria o entusiasmo dos meus colegas. Eu também estava carente de entusiasmo — por qualquer coisa que fosse.

“Lá pelas quatro e meia, começamos a achar que os Auca ainda não haviam descoberto nossa localização. Mas estávamos

determinados a persistir até que nos localizassem e aparecessem. Uma coisa é certa: se *nós* estamos exaustos só de ficar esperando na praia, os Auca vão estar abatidos e sem vigor quando nos encontrarem depois de caminhar dois ou três dias pela floresta. Perto das cinco horas, eu e Pete estávamos prontos para voltar a Arajuno.

"O ar estava parado. Deixamos todo o equipamento desnecessário para trás. Começamos a brigar com a areia macia da pista de decolagem e vimos que a coisa ia mal. Na metade do caminho, diminuí a velocidade e parei depois de uns trinta metros. Pelo jeito, Pete teria de vigiar a casa na árvore durante a noite, mas voltamos à posição de decolagem para tentar mais uma vez.

"Roger nos convenceu a desligar o motor e empurrar o avião o mais distante possível, em ré. O pneu traseiro ficou somente alguns metros longe da água! Jim foi para o indicador de vento fazer a sinalização; com Ed e Roger empurrando os suportes da asa, decolamos. Dessa vez tudo deu certo e voamos direto para a Cidade Terminal. Rodeamos a casa grande duas vezes, repetindo a frase 'Curaray Apa' (rio).

"Quando sobrevoávamos a Cidade Terminal, o motor deu uma falhada (problema com as velas). Havia um homem ajoelhado na plataforma; ele estava voltado para o acampamento e apontava com as duas mãos. Ficamos cheios de ânimo. Voltamos às pressas e plainamos sobre Palm Beach gritando a boa notícia. Os colegas acenaram, e voltamos para casa. Em Arajuno, sobrevoamos a mata algumas vezes, dando as boas-vindas a qualquer um que estivesse por lá, e então aterrissamos. Eu e Pete caminhamos pela pista de voo com um facão para dar de presente — mas não apareceu ninguém.

“Descobrimos que gostamos cada vez mais desses indígenas. Não podemos deixar que o sentimento nos leve a agir erroneamente. Construir uma ponte entre o século 20 e a idade da pedra não é tarefa fácil. Que Deus nos ajude a ser cuidadosos.

“Aqui, todo mundo já está dormindo. Sobrou para mim descer a trilha e fechar o diesel [gerador]. Meu revólver de festim é uma companhia agradável nesta aventura. Mas a segurança está nas mãos de Deus. Tomara que ‘os’ conheçamos logo. Boa noite”.

CAPÍTULO 17

Vitória na sexta-feira



Na sexta-feira, 6 de janeiro, lá pelas onze horas da manhã, Nate e Pete estavam sentados na pequena cozinha que tinham construído na areia. Ed estava na parte mais alta da praia, Roger, no meio e Jim, na baixada; os três davam sequência ao bombardeamento verbal da floresta.

Às onze e quinze o coração quase lhes saltou pela boca quando uma voz masculina muito clara estrondou da outra margem do rio em resposta ao chamado de Ed. Logo em seguida, três Auca apareceram. Eram um rapaz e duas mulheres — uma delas parecia ter uns trinta anos; a outra, não mais que dezesseis; estavam nus, a não ser por cordões amarrados na cintura, punhos e coxas, e pinos de madeira enormes enfiados nos lóbulos distendidos das orelhas.

Os missionários ficaram mudos de surpresa com a aparição dos Auca, mas logo se recuperaram e conseguiram gritar, a uma só voz: "*Puinani!*... Bem-vindos!".

O rapaz respondeu com uma enxurrada verbal, apontando com frequência para a moça. Sua linguagem era ininteligível, mas seus

gestos eram claros. “Ele está oferecendo a menina como objeto de troca”, Pete exclamou, “ou talvez como presente”.

Quando ficou claro que os Auca desejavam que alguém fosse para a outra margem, Jim ficou só de shorts e começou a atravessar o rio. Os colegas o advertiram a ir com calma. Jim hesitou, e os Auca pareceram um tanto incertos, porém, à medida que Jim foi se aproximando devagar, a garota andou em direção à água e parou junto a uma tora. O rapaz e a mulher vieram logo atrás. Jim pegou na mão deles e ajudou-os a atravessar o rio.

Com sorrisos largos, muitos “*puinanis*” e várias referências aos cadernos de frases, os cinco missionários disseram aos visitantes que eles “chegaram bem” e não precisavam ter medo. A intranquilidade dos Auca desapareceu, e eles começaram a papear alegremente entre si e com os homens, “pelo jeito sem se darem conta de que não entendíamos nada”.

Roger os presenteou com algumas faquinhas, que foram aceitas com exclamações de alegria. Nate lhes deu um facão e um aeromodelo. De repente, os outros missionários se lembraram dos revólveres na cozinha e na casa na árvore e foram esconder as armas embaixo de suas bagagens. Pegaram suas câmeras e tiraram dezenas de fotos, enquanto as mulheres folheavam uma revista *Time* e o rapaz era banhado em repelente para saber como o mundo civilizado lidava com pragas voadoras. De modo espontâneo, o grupo chamou o rapaz de “George”.

Daí a pouco, a garota — a quem chamaram “Dalila” — aproximou-se do Piper, esfregou o corpo no avião e imitou seus movimentos com os braços. Ela parecia “meio aérea”, Pete escreveu, “enquanto o rapaz se comportava de modo natural e seguro, completamente à vontade. Eles não pareciam ter medo das máquinas fotográficas nem compreender o que elas faziam”.

Pete continuou: “O rapaz logo se interessou pelo avião e, pela conversa, entendemos que ele queria sobrevoar o vilarejo e gritar para seus amigos. Depois de vestir uma camiseta que lhe demos (é frio lá em cima), ele subiu no avião sem revelar outro sentimento que não fosse disposição em fazer sua parte. O rapaz ensaiou o que iria gritar e repetiu as frases. Nate taxiou na pista e decolou enquanto ‘George’ gritava o tempo todo. Depois de algumas voltas e gritos ali por perto, Nate aterrissou, achando que o rapaz queria descansar antes de sobrevoar seu vilarejo. Nada feito! Ele queria ir imediatamente”.

Eles subiram novamente; desta vez, iriam sobrevoar a Cidade Terminal. O que será que aquele jovem tão primitivo pensou ao enxergar o topo das árvores e o mar de folhas verdes ali embaixo, e, de repente, ver a clareira tão conhecida, cercada de pessoas igualmente conhecidas? “George” gargalhou de felicidade e se inclinou para acenar e gritar para seus amigos do vilarejo. “A mulher na casa do Velho”, Nate escreveu, “ficou de queixo caído quando viu o ‘George’... expressão de alegria no rosto do jovem na plataforma”.

Quando retornaram à praia, “George” saltou do avião, batendo palmas. Os cinco missionários agradeceram a Deus imediatamente, com o rosto voltado para o céu numa tentativa de mostrar aos visitantes que estavam falando com o Pai Celeste. Como o profeta Jeremias disse: “A tua mensagem [...] queima como fogo no meu coração” [20.9, NTLH), e o impulso dos missionários em anunciar aos Auca a mensagem de redenção por intermédio do sangue de Cristo era detido apenas pela barreira da língua. Quem dera conseguissem transpor essa barreira e transmitir aos indígenas um pouquinho que fosse do amor de Deus!

Os missionários apresentaram aos visitantes algumas maravilhas da era moderna tais como elástico de escritório, bexigas e ioiô; serviram limonada e hambúrguer com mostarda, que, pelo jeito, foram bastante apreciados. Os missionários tentaram deixar claro que aceitariam um convite para visitar o vilarejo Auca. "George" não mostrou nenhum entusiasmo pela ideia.

— Por que ele vacila quando falamos no assunto? — um dos cinco missionários quis saber.

— Talvez ele não tenha autoridade para nos convidar — outro respondeu.

"Perto das cinco horas", Nate escreveu, "decidimos voar novamente. 'George' resolve ir conosco. Respondemos 'não'. Ele coloca no avião o facão e o envelope com os outros presentes, olha para o Pete como se este já tivesse concordado e pula dentro. No caminho, finalmente entramos em contato com a Margareth pelo rádio. Alegria total.

"De volta a Pam Beach, fizemos uma reunião de estratégia; iríamos à casa dos Auca se, digamos, seis deles aparecessem e ficassem felizes em nos levar. Depois, empreenderíamos todos os esforços em construir uma pista de voo no vale que pertencia aos Auca. Meus colegas tentaram explicar ao 'George' como preparar o local para uma pista de voo em seu vilarejo".

De início, o rapaz não entendia a palavra para árvores. Quando finalmente entendeu, corrigiu a pronúncia. Os missionários enfiaram gravetos na areia como se fossem árvores; Nate pegou um dos aeromodelos e mostrou ao "George" que o avião bateria contra as árvores e cairia no meio delas. Com o aeromodelo deitado de costas entre os gravetos, os missionários sacudiram as cabeças e

gemeram como se estivessem muito angustiados. A cena foi reapresentada, mas agora os missionários pegaram facões e derrubaram as árvores (gravetos) e alisaram a areia com muito cuidado. O aeromodelo aterrissou sem problema nenhum, acompanhado de muita alegria.

Ao final do dia, "Dalila" começou a dar sinais de impaciência. Em certo momento, Jim Elliot rumou para a casa na árvore; a menina se levantou num pulo e foi atrás. Quando ele percebeu e voltou para o grupo, ela fez cara de chateada.

Mais tarde, quando Nate e Pete se preparavam para retornar a Arajuno, "George" pareceu entender que não iria acompanhá-los. Antes da decolagem, os missionários reuniram cuidadosamente todos os filmes que haviam usado e as anotações que haviam feito para que ficassem bem guardados longe dali. Se algo desse errado, não queriam que os registros se perdessem.

Quando os Auca deram a entender que passariam a noite na praia, os três mosqueteiros revelaram hospitalidade e ofereceram o pequeno abrigo que servia de cozinha, indicando por meio de gestos que o local estava à disposição, se quisessem usá-lo. "Dalila", porém, tinha outras ideias. Ela virou as costas e foi embora. "George" chamou-a de volta, mas ela continuou andando. O rapaz a seguiu floresta adentro. A outra mulher permaneceu junto ao fogo, "tagarelando com Roger". Ela ficou na praia quase a noite inteira. Na manhã seguinte, quando Jim desceu para acender o fogo, a mulher tinha ido embora, mas as brasas de sua fogueira continuavam incandescentes.

Os acontecimentos do sábado, 7 de janeiro, foram permeados pela expectativa de um clímax. Cheios de esperança, os missionários esperavam que os Auca surgissem a qualquer

momento e fizessem um convite para irem ao vilarejo. Mas ninguém apareceu. Jim consultou seu relógio perto do meio-dia.

— Muito bem, meninos. Espero mais cinco minutos. Se ninguém aparecer, vou atrás deles!

O bom senso o impediu de cumprir a ameaça, contudo Jim entrou na floresta por uma trilha rudimentar que havia descoberto atrás da casa na árvore, na esperança de encontrar algum indício dos Auca. Descobriu que o chão da floresta era bem aberto, e havia rastos de animais por todos os lados, mas nenhuma pegada humana.

Nate e Pete voaram para a Cidade Terminal e ficaram desanimados ao notar expressões de medo. No primeiro voo, todas as mulheres e crianças correram para se esconder. Alguns homens à vista pareciam felizes em ouvir o convite de Nate: "Venham, venham, venham!". Ele jogou um cobertor e um calção para renovar a confiança dos indígenas.

No segundo voo, "George" apareceu com um grupo de homens. Um velho apontou em direção a Palm Beach, e "parecia amigável, mas não entusiasmado". No terceiro voo, o medo havia desaparecido. Nate escreveu: "Ganhei alguns sorrisos abertos de 'George' e de outro jovem que, imagino, também queria passear de avião".

Naquela tarde, Ed escreveu para Marilou:

> Amor da minha vida:
>
> São quatro e meia e nem sinal de nossos visitantes, mas confiamos que irão aparecer, se não hoje à noite, talvez amanhã cedo. Mais uma vez, obrigado pelas roupas e comida. Sem dúvida nenhuma, estamos bem nutridos. Esta operação está sendo bem alimentada do começo ao fim.
>
> Achamos que é imperativo ir lá e construir a pista o mais rápido possível — mas temos de esperar e ver como Deus irá nos direcionar, e a eles também. Parece

que Pete estará aí de manhã para ajudar você. Diga ao Stevie e ao Mikey que eu os amo muito e que logo estarei em casa; lembranças para Carmela. É só, por enquanto.

Com todo o meu amor,

Ed

Naquela noite, enquanto se revirava na cama em Arajuno, Nate imaginava se haviam feito tudo para interessar os visitantes e incentivá-los a voltar com seus amigos. Por que haviam sido tão vagos? Pensando bem, até pareceram *enfastiados* algumas vezes. A explicação de Jim fez sentido:"É o jeito dos indígenas. Se eles aterrissarem na Lua, ficarão entediados depois de cinco minutos."

No domingo de manhã, quando subiram no avião, Pete gritou: "Tchau, meninas. Orem. Creio que hoje é o dia".

Em Palm Beach, os missionários se deliciaram com o sorvete e os bolinhos, recém-saídos do forno, que Marilou havia mandado. Todos concordaram com uma visita à Cidade Terminal.Dessa vez, Nate foi sozinho. Ao sobrevoar a Cidade, ele viu somente um punhado de mulheres e crianças. Certamente os homens estavam a caminho do Curaray! E não deu outra — na volta, Nate observou um grupo de homens a caminho de Palm Beach. Ao tocar os pneus no chão, ele gritou para os quatro companheiros: "É hoje, amigos! Eles estão a caminho!".

Eles haviam marcado um contato com Margareth, em Shell Mera, para as doze e trinta. Quase sem fôlego e falando por código, Nate lhe contou que uma "comissão de dez" havia partido da Cidade Terminal, e acrescentou: "Hoje é o dia! Chamo você às quatro e meia".

CAPÍTULO 18

Silêncio



Às quatro e meia em ponto, Margareth Saint, cheia de expectativa, ligou o rádio amador em Shell Mera. Era hora de receber a grande notícia. Será que os missionários tinham sido convidados a visitar a casa dos Auca? O que mais Nate iria contar?

Ela checou o relógio novamente. Já eram quatro e meia. Nenhum som chegava de Palm Beach. Margareth e Olive se encurvaram junto ao rádio. As condições meteorológicas não estavam causando nenhuma interferência. Talvez o relógio de Nate estivesse um pouco atrasado.

Em Arajuno, Marilou e Barbara também estavam com o rádio ligado. Silêncio. Esperaram alguns minutos e chamaram Shell Mera.

— Arajuno chamando Shell Mera. Arajuno à espera de Shell Mera. Alguma notícia de Palm Beach, Margareth? Câmbio.

— Shell Mera respondendo. Não, nada ainda. Vamos ficar de plantão.

Nenhum estalido rompeu o silêncio.

Será que os homens estavam tão ocupados entretendo os visitantes que se esqueceram do compromisso? Cinco minutos... dez minutos... Não, era inconcebível que todos os cinco tivessem esquecido. Desde que Nate começou a voar sobre a floresta, em 1948, essa era a primeira vez que ele e Margareth passavam uma hora sem se falar.

Mas talvez o rádio deles não estivesse funcionando. Acontecia de vez em quando. As mulheres se agarravam a qualquer fio de esperança, recusando-se a pensar que poderia, sim, ter acontecido algo errado. O suspense era ainda mais angustiante porque a maioria dos missionários com quem eles tinham contato não sabia que a Operação Auca estava em andamento.

Em Arajuno, Barbara e a pequena Beth Youderian tinham se enfeitado um pouco, pois Roger havia planejado vir para casa naquela noite, e Pete dormiria na casa na árvore. Certamente o aviãozinho iria aparecer sobre as árvores antes do pôr do sol. Mãe e filha caminhavam pela pista de voo, aguardando...

Assim que o sol se escondeu, Art Johnston, um dos médicos do Hospital Vozandes, afiliado à estação de rádio missionária HCJB em Quito, entrou na sala de rádio em Shell Mera. O rádio continuava ligado, entretanto Margareth estava sentada com a cabeça apoiada na mesa.

— O que aconteceu, Margareth?

Ela resumiu a situação, mas pediu que ele não contasse a ninguém. Se havia mesmo acontecido uma infelicidade, seria desastroso anunciar os fatos. As esposas passaram aquela noite em claro.

Às sete horas da manhã de segunda-feira, 9 de janeiro de 1956, Johnny Keenan, colega de Nate da MAS [Missão Asas de Socorro]

voava em direção à pista de areia que Nate havia lhe mostrado pouco antes. Durante o voo de Johnny, Margareth me chamou em Shandia:

— Não temos notícias dos rapazes desde ontem ao meio-dia. Você pode ficar de prontidão às dez horas para o relatório de Johnny?

Só então fiquei sabendo que havia algo errado. Um versículo que Deus havia gravado em minha mente assim que cheguei ao Equador voltou de maneira rápida e aguçada: "Quando passares pelas águas, eu serei contigo; quando passares pelos rios, eles não te farão submergir...". Subi para continuar a classe de alfabetização das meninas indígenas, orando silenciosamente: "Senhor, não deixe o rio nos submergir".

O relatório do Johnny chegou às nove e meia. Margareth o retransmitiu para mim em Shandia:

— Johnny encontrou o avião na praia. Está completamente destruído. Nenhum sinal dos rapazes.

Em Shell Mera, um piloto do Instituto de Linguística, Larry Montgomery (também oficial da reserva da USAF [sigla da Força Aérea Americana] contatou imediatamente o tenente-general William K. Harrison, chefe do comando no Caribe, que incluía o Serviço de Resgate Aéreo dos Estados Unidos no Panamá. A estação de rádio HCJB também foi informada e a notícia se espalhou pelos quatro cantos da terra: "CINCO HOMENS ESTÃO DESAPARECIDOS EM TERRITÓRIO AUCA".

Por volta do meio-dia, todas as forças possíveis de contribuir para o resgate deles, incluindo as orações de milhares de pessoas de todas as partes do mundo, foram postas em ação.

Barbara e Marilou foram levadas de avião de Arajuno para Shell Mera. Elas acreditavam que haveria sobreviventes. Assim, deixaram um bilhete na porta da casa em Arajuno explicando onde guardavam remédios e alimentos. E se um deles viesse cambaleando até em casa todo machucado, ou se todos os cinco voltassem depois de uma caminhada extenuante pela floresta?

Marilou decidiu voltar para Arajuno, pois queria estar lá quando eles retornassem. Segunda-feira à tarde ela foi levada de volta para casa, onde ficaria mais três dias. Segunda-feira à noite, tomou-se a decisão de formar uma equipe de busca por terra, na suposição de que um ou mais dos missionários estivessem vivos. Frank Drown, colega de Roger Youderian, um homem com doze anos de experiência entre os Jivaro na floresta, foi escolhido por unanimidade para liderar a equipe. O dr. Art Johnston se ofereceu para ir junto como médico. Treze soldados equatorianos se ofereceram imediatamente como voluntários.

"A notícia me fez gelar", Frank explicou, "contudo perguntei à minha esposa, Marie, se ela consentia com a minha ida". Ela respondeu: "Claro que você tem de ir", e Frank aceitou sem hesitação.

Na terça-feira de manhã, voei de Shandia com Rachel, irmã de Nate, que me fazia companhia desde que os homens embarcaram no projeto Auca. Frank veio de Macuma, e muitos missionários vieram de Quito para Shell Mera. Alguns seriam voluntários na equipe de resgate por terra.

Por ondas curtas, chegou a notícia de que um helicóptero estava vindo do Panamá, e todo mundo se encheu de esperança em Shell Mera. Naquela noite, o piloto de uma companhia aérea equatoriana procurou as esposas dos missionários para contar que havia sobrevoado o local por volta das seis horas da tarde e

notado, um pouquinho rio acima, um fogaréu, “mas sem fumaça”, o que indicava fogo a gasolina ou fogo de mensagem. Nate sempre carregava foguetes de sinalização em seu kit de emergência. A notícia foi um raio de esperança para as cinco esposas levarem para a cama naquela noite.

Na quarta-feira, Johnny Keenan decolou novamente no segundo *Piper Cruiser* da MAS — avião semelhante ao do Nate — em sua quarta viagem sobre Palm Beach para ver se descobria algum sinal de vida. Margareth, que mal havia se afastado do rádio desde domingo à tarde, ficou de plantão para receber suas mensagens. Barbara, Olive e eu estávamos no andar de cima da casa. De repente, Margareth chamou: “Betty!Barbara! Olive!”.

Corri escada abaixo. Margareth estava em pé, de olhos fechados, a cabeça contra o rádio. Depois de um tempo, ela falou: “Encontraram um corpo”.

Rio abaixo, a meio quilômetro do despojado aviãozinho, Johnny viu um corpo boiando de rosto na água, com calça cáqui e camiseta branca, roupa que os missionários normalmente usavam. Barbara achou que não era o Roger; ele usava jeans.

Alguns membros da equipe de terra foram para Arajuno preparar a pista de voo para os aviões maiores que iriam chegar do Panamá. No fim da tarde de quarta-feira, ouviu-se o ruído dos motores, e as silhuetas dos enormes aviões se revelaram no horizonte voltado para o oeste, onde se eleva o vulcão Sangay — uma pirâmide fumegante. Quando os aviões sobrevoaram a pista, as cores vermelho, branco e azul da Força Aérea dos Estados Unidos se tornaram visíveis.

Durante o dia, os voluntários remanescentes da equipe de terra foram transportados para Arajuno, onde índios, soldados e alguns

missionários vagueavam junto à pista, aguardando a hora de ir.

Apesar de todo o estresse, Marilou não perdeu a eficiência; preparou um jantar para todos os homens antes de eles partirem em direção ao rio. Foi um tanto difícil conseguir carregadores Quíchua; eles já viviam perto demais dos Auca e não queriam mais nenhum tipo de proximidade. No entanto, a lealdade para com os homens que trabalharam entre eles venceu a indecisão, e lá pelas dez e meia o grupo estava pronto a colocar o pé na estrada, armas em mãos, olhos bem abertos.

Dee Short, missionário no oeste do Equador, estava em Quito quando a notícia da tragédia foi anunciada e viajou para Arajuno. Quando a equipe de resgate partiu, Marilou se voltou para ele e afirmou com absoluta certeza:

— Não há esperança. Todos os homens morreram.

É provável que a maioria da equipe de resgate concordasse com Marilou, porém, assim mesmo, cada vez que dobravam uma curva do rio, olhavam com expectativa ao redor tentando encontrar um ou mais dos missionários desaparecidos.

Em Shell Mera, o rádio chamou novamente. Margareth atendeu:

— Shell Mera respondendo.

— Outro corpo foi encontrado uns 60 metros abaixo de Palm Beach — relatou Johnny Keenan.

Mais uma vez, Deus, que havia prometido sua graça e ajuda em tempos de necessidade, cumpriu sua palavra. Nenhuma de nós, esposas, sabia de quem eram os dois corpos encontrados até agora, mas todas nós sabíamos “em quem havíamos crido”. Sua graça era suficiente.

Perto das quatro horas da tarde a equipe de resgate chegou a Oglan, um povoado indígena localizado onde os rios Oglan e Curaray se encontram. A equipe montou acampamento para a noite. Frank Drown organizou o grupo e escolheu um homem para alugar canoas, outro para cuidar da carga, outro para decidir quem iria em que canoa, outro para cozinhar e dois para fazerem a segurança do local. Usaram folhas de bananeira como colchão. Havia alguém de plantão a noite toda.

Antes de a equipe sair na quinta-feira de manhã, os missionários oraram, entregando-se nas mãos de Deus; os soldados equatorianos, seguidores de outra crença, uniram-se a eles. Com muita atenção e cuidado, a equipe desceu o Curaray; o rio estava em seu nível mais baixo, dificultando a navegação, e o pessoal usou de grande precaução nas muitas curvas, temendo que os Auca estivessem à espreita.

Por volta das dez horas, Johnny Keenan e seu *Piper* sobrevoaram a equipe de resgate, e Frank Drown fez contato com ele por meio de um rádio emissor-receptor que o Serviço de Resgate Aéreo havia suprido. Johnny contou que viu duas canoas de Quíchua subindo o rio em direção à equipe de resgate; seu medo era que alguém da equipe se assustasse e atirasse no primeiro índio que visse pela frente.

Pouco depois, as duas canoas apareceram. Era um grupo pequeno de indígenas do posto de Ed McCully em Arajuno. De iniciativa própria, haviam adentrado corajosamente o território Auca antes de qualquer pessoa e foram até Palm Beach. A tristeza tomou conta do grupo quando um dos homens, que conheceu Jesus por intermédio de Ed, em Arajuno, disse que encontrou o corpo do missionário na praia, à beira d´água. O indígena estava com o relógio de Ed.

Agora os missionários sabiam quem era um de seus colegas mortos, porém havia chance de que ao menos três tivessem sobrevivido. O grupo seguiu em frente.

Na casa grande em Shell Mera, as crianças brincavam, bebês eram alimentados e banhados, o Serviço de Resgate ia e vinha, Margareth mantinha contato pelas ondas curtas, refeições eram preparadas e servidas da melhor forma possível, visitantes eram recebidos e informados das últimas notícias, e orações subiam a Deus continuamente. Os mecânicos faziam os últimos ajustes nas pás do helicóptero do Exército, que havia sido desmontado e enviado do Panamá em um cargueiro da Força Aérea.

Meu diário relata os eventos da quinta-feira à tarde, quando o helicóptero decolou rumo a Palm Beach:

"14h. O *Piper* do Johnny e o helicóptero rumaram para Arajuno. Também o cargueiro da Marinha, capitão McGee, e o major Nurnberg foram de helicóptero.

"15h. Neste momento, as aeronaves estão se aproximando do local do acidente. Estou ficando com náuseas.

"15h20. 'Bem-aventurada a que creu...'. As aeronaves estão sobrevoando o local.

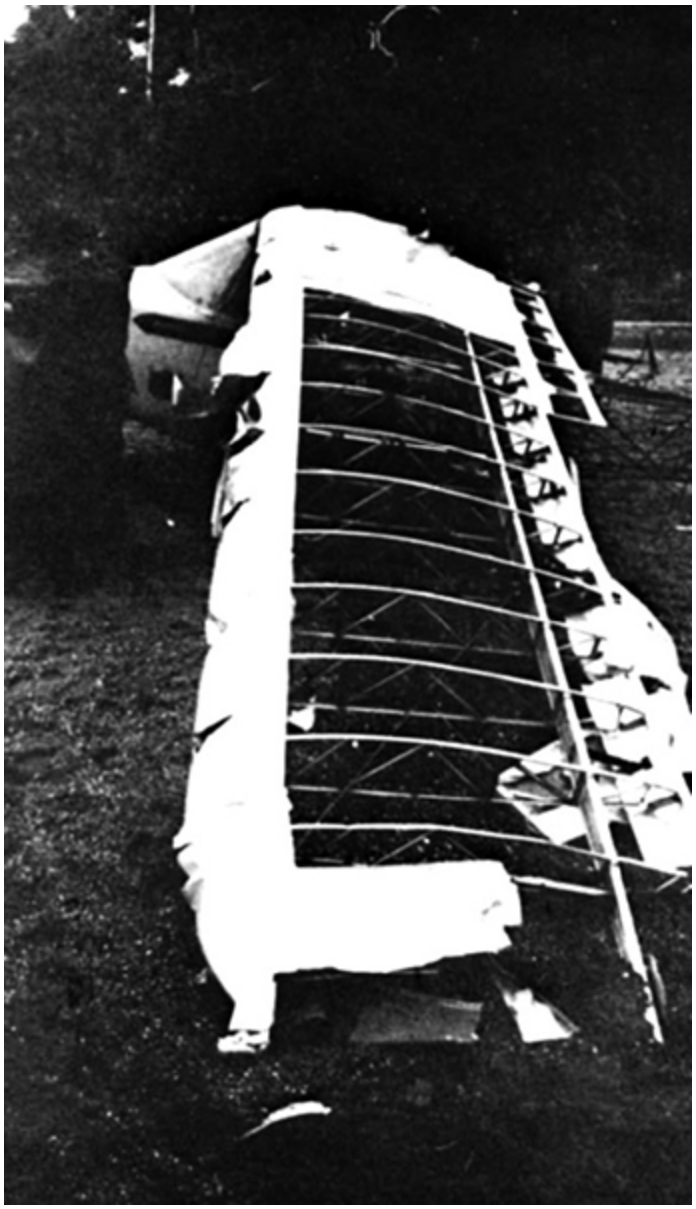
"15h30. 'SENHOR, temos esperado por ti no caminho dos teus juízos; o teu nome e a tua reputação são o desejo da nossa alma'.

"16h. Ainda sobrevoando. 'Espera em Deus, pois ainda o louvarei...'".

Enquanto as esposas mantinham a esperança, oravam e esperavam, o desfile de máquinas voadoras seguia vagarosamente rumo a Palm Beach; os aviões volteavam para manter o passo com o helicóptero que vistoriava ao longo do topo das árvores, seguindo as curvas do rio. Os aviões estavam em diferentes

altitudes para evitar colisão enquanto os pilotos sobrevoavam de olhos na floresta lá embaixo.

Johnny Keenan, em seu pequeno *Piper* amarelo, voava mais baixo. Trinta metros acima estava o R-4D (a versão da Marinha do conhecido DC-3), e mais acima, o enorme anfíbio do Serviço de Resgate Aéreo. Perto deles, o coronel Izureta fazia círculos amplos num avião da Força Aérea Equatoriana, pronto a ajudar, se fosse necessário. O esforço conjunto do Exército, Força Aérea e Marinha dos Estados Unidos e do governo e forças militares do Equador foi um conforto para as esposas.



Primeira evidência anunciando a tragédia da Operação Auca: o avião missionário depenado visto pelo piloto Johnny Keenan na segunda-feira de manhã. Ele transmitiu um relatório conciso a Margareth Saint, que fazia plantão junto ao seu receptor de ondas curtas em Shell Mera. Ela enviou a notícia imediatamente às outras esposas em seus postos na floresta: “Johnny encontrou o avião na praia. O tecido que cobria as asas foi arrancado completamente. Não há sinal dos rapazes”. Amigos missionários e militares americanos e equatorianos organizaram imediatamente uma equipe de resgate. Na quarta-feira a equipe saiu de Arajuno para Palm Beach. À cada curva do rio, muitos corações se enchiam com a esperança de encontrar pelo menos um dos cinco missionários caminhando em sua direção.



Páginas seguintes: Quando a equipe de resgate chegou a Palm Beach,encontrou quatro corpos. Aqui, o pessoal arrasta para a sepultura comum o corpo de um dos missionários, encontrado no rio. Uma lança Auca quebrada se projeta do quadril direito.





A equipe de resgate conduziu um breve culto funerário. Durante o culto, uma violenta tempestade tropical se abateu, encharcando todo mundo e apavorando os indígenas (eles creem que os pajés Auca invocam uma tempestade sempre que seu povo planeja uma matança). Na escuridão da tempestade, o grupo, liderado por Frank Drown, louva a Deus em oração e dedicação.



Soldados guardam a pequena equipe, protegendo-se da chuva com uma folha de zinco que tinha servido de teto da casa na árvore.



Logo após o enterro, a equipe de resgate partiu de Palm Beach, numa caminhada por território Auca. De início, o motor do helicóptero tossiu e estrepitou, e todos acharam que ele teria de ficar para trás. Mas a aeronave acabou subindo.



Para aliviar o peso da canoa na subida e para evitar as curvas tortuosas do rio, o grupo entrecortou o Curaray — alternando caminhada e canoa.



Páginas seguintes: Equipe de resgate na longa viagem de volta, armas em punho enquanto atravessam o território Auca.





Ainda a caminho, membros da equipe leem uma reportagem sobre o massacre. O helicóptero havia trazido um jornal de Quito. Molhado da chuva, foi pendurado para secar.



Os homens oram antes de uma refeição em território Auca.



Páginas seguintes: Acampando à noite na volta para casa, a equipe de terra vigia atentamente. Quando os guias indígenas insistem em afirmar que os rugidos de um animal vindos da floresta à volta são imitações feitas pelos Auca, o major Nurnberg atira com sua carabina. O barulho cessa.

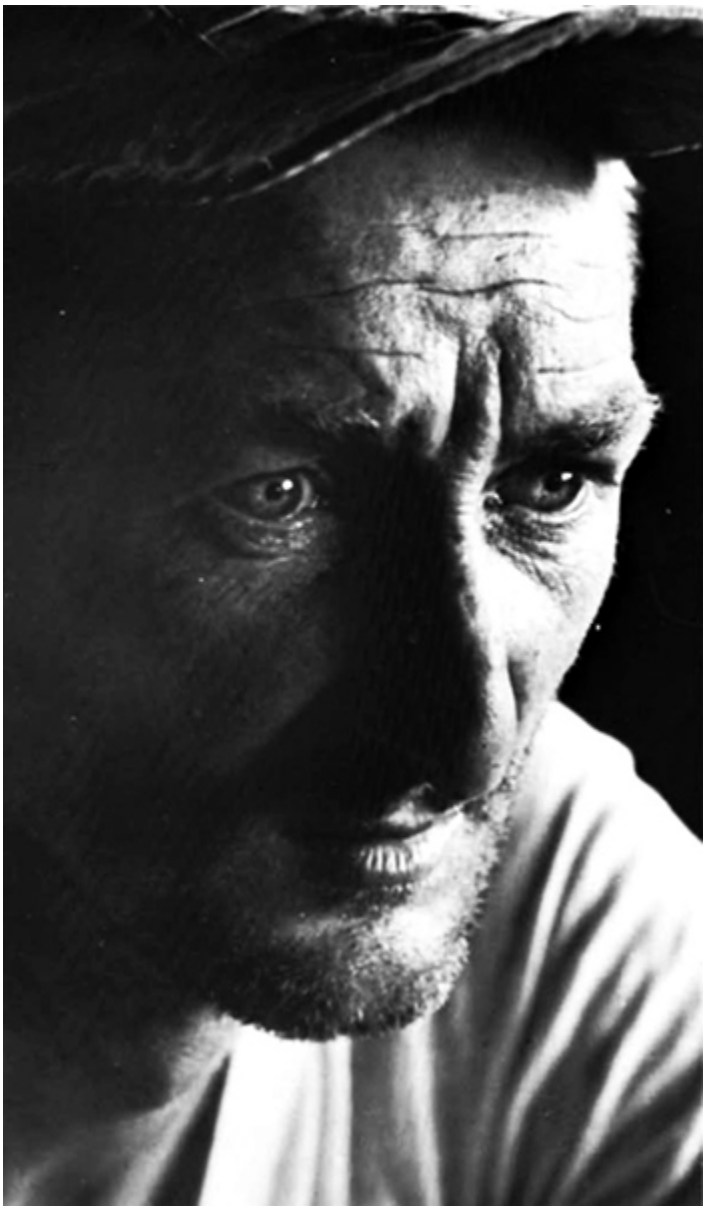




No sábado à tarde, a equipe havia deixado o território Auca. O resto da viagem foi uma caminhada exaustiva. À noite o grupo acampou, ainda a seis horas de caminhada de Arajuno. No domingo, por volta das 15 horas, os homens chegaram cambaleantes em Arajuno. Os índios carregavam as lanças Auca encontradas na praia e também os suportes do avião *Piper*. Os suportes serviriam de partes sobressalentes para o segundo avião da MAS.



Olhar assombrado pela tragédia: Dee Short, membro da equipe de resgate por terra, fotografado na volta para Arajuno.





O fim do relatório da Operação Auca: essas folhas, arrancadas do diário de Nate Saint e postas para secar, foram encontradas com ele e entregues a Margareth.



Em Arajuno as viúvas conversam sobre o relatório que Nurnberg fez do massacre. A partir da esquerda: Betty Elliot, Olive Fleming, Marilou McCully, Barbara Youderian e Margareth Saint.



Marilou ouve o relatório de Fermin, um cristão de Arajuno, enquanto ele demonstra a posição do corpo de Ed.



Primeira foto: Margareth ouvindo o relato de Nurnberg. *À direita, abaixo, segunda foto*: Olive e Barbara fazem uma pausa enquanto ajudam Marilou a empacotar seus pertences.



No sábado as viúvas sobrevoaram Palm Beach em um dos aviões do Serviço de Resgate e dão uma olhada rápida na sepultura comum embaixo da casa na árvore.



Apesar do enorme estresse desses dias, Margareth continua trabalhando no rádio, mantendo contato com os aviões do Serviço de Resgate Aéreo que sobrevoam o Curaray.



De volta aos Estados Unidos para o nascimento de seu terceiro filho, Marilou se despede da comunidade Quíchua em Arajuno.



Páginas seguintes: O lamento fúnebre Quíchua se levanta ao redor de Betty Elliot, no avião, quando ela deixa Shandia. Betty foi lá contar pessoalmente aos indígenas o que aconteceu.





A tarefa de cuidar dos filhos continua.
Betty tem no colo a filha Valerie, de dez meses. Margareth alimenta o pequeno Philip, sob o olhar de Kathy Saint.



Na varanda de trás da casa em Shell Mera, Margareth Saint lida com o problema de lavagem de fraldas devido à presença de quatro bebês embaixo do mesmo teto.



Uma semana depois do martírio dos cinco missionários, foi realizado um culto memorial no Instituto Bíblico de Shell Mera.



Páginas seguintes: Na cozinha em Shell Mera, as viúvas ouvem o dr. Art Johnston falar sobre a descoberta dos corpos de seus maridos.





Lembrança viva dos contatos uma vez amistosos com os Auca:



Stevie Saint com o papagaio recebido de presente da tribo.



Algumas lanças Auca estavam entre os objetos trazidos de Palm Beach. Esta, retirada do corpo de Nate Saint, tinha um folheto evangélico preso à sua volta. É provável que um presente jogado aos Auca estivesse embrulhado no folheto. Alguns membros da equipe de resgate sugeriram que Nate, como piloto do avião missionário, foi escolhido pelos Auca para ser morto com esta lança em particular.



Objetos restantes da Operação Auca: Novo Testamento em espanhol, aliança, câmera, relógio e diário de Nate Saint.



Página seguinte: Da câmera de Nate Saint, encontrada no fundo do rio, vieram estas últimas fotos de "Dalila" e da mulher mais velha.

O major Nurnberg, da Força Aérea, que estava no helicóptero do Exército, fez uma aterrissagem rápida para conversar com a equipe de terra, que continuava rio acima, um tanto distante de Palm Beach. O nome de Ed McCully foi mencionado com cautela no rádio. Quem ouviu imaginou que, de alguma forma, o corpo de Ed tinha sido identificado. Será que seu corpo era um dos dois que

foram vistos lá de cima? Será que três dos missionários conseguiram escapar floresta adentro? Ou foram levados cativos?

Depois de alguns minutos, o helicóptero continuou. Por fim, ao sobrevoar uma curva, chegou a Palm Beach e aterrissou. Nurnberg, de carabina em mãos, saltou e vistoriou ao redor. Passaram-se alguns minutos de ansiedade. De volta ao helicóptero, ele transmitiu pelo rádio: “Ninguém por aqui”. A esperança renasceu mais forte nos ouvintes.

O helicóptero decolou e dirigiu-se vagarosamente rio abaixo. Enquanto atravessava para a outra margem, ele parou e ficou suspenso no ar, o vento criado pelas pás agitando a superfície lamacenta do rio. Após alguns minutos, ele prosseguiu e parou novamente a uns duzentos metros. Pela terceira e quarta vezes, Nurnberg e McGee pairaram imóveis três metros acima da água, as pás do rotor girando perigosamente junto às árvores protuberantes da floresta. Na aeronave acima, corações se apertaram quando os observadores entenderam o significado daquelas paradas.

A aeronave retornou a Arajuno. Uma vez em terra, Nurnberg,com o rosto tenso, confirmou as suspeitas. Falando em voz baixa ao círculo fechado de militares, ele explicou que o corpo de McCully, identificado pelo pequeno grupo de Quíchua no dia anterior, havia desaparecido da praia, certamente levado pela chuva e ondas durante a noite. Ele folheou sua caderneta de anotações. Alguns indígenas permaneciam silenciosos junto à grama ali perto, ouvindo, observando.

— Encontramos quatro no rio — Nurnberg revelou finalmente. — A identificação será impossível segundo o que tenho aqui — ele continuou, indicando a caderneta. — Um deles talvez seja o McCully.

Nurnberg não teve de adivinhar o que se passava na cabeça dos homens ali com ele. Talvez um dos missionários tivesse escapado, possivelmente ferido, floresta adentro.

A questão mais importante para os militares era como informar as esposas. Deveriam contar para Marilou? Ela estava bem ali em Arajuno, dentro de casa.

— É melhor esperar — Nurnberg sugeriu. — DeWitt está no comando. Vamos para Shell Mera discutir o assunto.

O capitão DeWitt, no enorme anfíbio da Força Aérea, volteava lá em cima, não querendo arriscar uma aterrissagem na pista tão pequena de Arajuno. Todos retornaram a Shell Mera e os militares se reuniram na cabine do anfíbio. As esposas teriam de saber. Mas como?

Alguém tomou a decisão sábia de contar para Marilou que quatro corpos haviam sido encontrados. No fim da tarde,Johnny a levou para Shell para ficar na companhia das outras quatro esposas.

No fim das contas, foram as esposas que convenceram DeWitt e Nurnberg que era desnecessário abrandar o golpe. Queríamos saber todos os detalhes. Fomos para o quarto de Margareth, longe das crianças. O major Nurnberg abriu sua caderneta e em frases tensas descreveu o que tinha encontrado. Ficou logo evidente que seria impossível identificar os corpos. Um corpo estava preso sob os galhos de uma árvore caída; apenas um pé grande calçando meia cinza aparecia na superfície da água barrenta. Ao ler as anotações sobre o outro corpo, Nurnberg disse:

— Ele estava usando um cinto vermelho de material trançado.

Quatro de nós, mulheres, olhamos para a quinta, Olive Fleming.

— É o Pete — Olive respondeu com simplicidade.

Quando o major concluiu, ainda não sabíamos se o corpo de Ed estava entre os descobertos no rio. Ainda havia esperança de que um deles tivesse escapado.

Os militares, experimentados em dar notícias desse porte a familiares, deixaram o quarto em silêncio. A notícia que trouxeram foi recebida com serenidade. Lágrimas não brotariam da confiança profunda que sustentava as esposas.

Barbara Youderian escreveu em seu diário:

"Agora à noite, o capitão nos informou que descobriu quatro corpos no rio. Um vestia camiseta branca e calça jeans. Roger era o único vestido dessa maneira... Deus me deu este versículo dois dias atrás, Salmos 48.14: 'Porque este Deus é o nosso Deus para todo o sempre; ele será nosso guia até a morte'. Quando recebi a notícia da morte do Roger, meu coração se encheu de louvor. Ele foi digno da recepção no Lar. Ajude-me, Senhor, a ser pai e mãe. 'Para conhecer a sabedoria e a instrução...'. Antes de dormir, Beth orou por seu papai no céu e me perguntou se o papai viria do céu pegar uma carta que ela queria lhe escrever. Respondi: 'Ele não pode descer. Ele está com Jesus'. Ela argumentou: 'Mas Jesus pode ajudar o papai a descer, e Deus segura na mão dele para ele não escorregar'.

"Escrevi uma carta para nossos missionários, tentando explicar a paz que me envolve. Não quero sentir autocomiseração. Ela é instrumento de Satanás para a destruição da vida. Tenho certeza de que esta é a perfeita vontade de Deus. Muitos perguntarão: 'Por que o Roger estava envolvido nisso, se ele trabalhava com os Jivaro?' Porque Roger escolheu fazer a vontade daquele que o enviou. Deus bloqueou nossos corações para a aflição e a histeria e envolveu-nos com sua perfeita paz".

Naquela quinta-feira à noite, a equipe de resgate por terra armou acampamento em “El Capricho”, antiga fazenda onde os Auca mataram algumas pessoas. Depois de improvisar abrigos com folhas, criaram um grupo de guarda com dois missionários, dois soldados e dois indígenas. Quando não estavam de plantão com os outros, os missionários tentavam decidir qual seria o melhor curso de ação, sabendo, por meio de contato com o helicóptero, que quatro de seus colegas estavam mortos. Foi uma noite longa, e Frank Drown sentiu um medo antigo que o assombrara a vida inteira: encontrar o cadáver de um amigo. “Eu estava cada vez mais perto de ver os corpos dos cinco homens que me eram tão queridos como se fossem meus próprios irmãos.”



Recomeçando às seis da manhã do dia 13 de janeiro, sexta-feira, a equipe estava na última etapa de sua missão e ficou de encontrar o helicóptero em Palm Beach às dez horas. Os homens tiveram de se apressar, e todos estavam agitados por causa da viagem e da tarefa que os aguardava. Nesse ponto, o curso do rio Curaray é uma série de curvas e voltas abruptas e fechadas, criando uma armadilha perfeita para um ataque dos Auca.

Finalmente, chegaram à praia. Os Quíchua tinham sido mandados adiante, uma vez que eram mais qualificados a identificar marcas recentes deixadas pelos Auca. Não havia marca nenhuma. O restante do grupo seguiu em frente. “Lembro”, disse Frank Drown, “que a primeira coisa que me atingiu quando chegamos à praia foi o cheiro de uma panela de feijão que tinha sido derrubada; havia feijão por todos os lados. Acho que nunca me livrarei daquele cheiro horrível, de coisa podre”.

O helicóptero ainda não tinha aparecido. O grupo se pôs a trabalhar, cada um em sua tarefa: os soldados equatorianos se espalharam em semicírculo junto à floresta atrás da praia para dar cobertura aos outros; dois indígenas foram abrir uma sepultura única embaixo da casa na árvore; outros entraram no rio à procura de objetos pertencentes aos cinco missionários. Dee Short e Frank Drown subiram na casa em busca de pistas sobre o que havia acontecido. Alguns homens desmantelavam o avião, enquanto outros procuravam por corpos.

Só depois que o helicóptero chegou, às doze e quinze, e pairou em cima da água lamacenta do Curaray, é que a equipe encontrou os cadáveres. Frank Drown descreveu a cena:

"Primeiro Nurnberg apontou para um lugar no rio; Fuller pulou na água e puxou um corpo. Depois, Nurnberg apontou o corpo de Nate Saint; entramos numa canoa, descemos o rio e vimos um braço fora da água. Tentei amarrar uma corda no braço, porém era demais para mim. Tentei estender a mão para puxar o braço, mas parei e tentei novamente, até que o homem que me acompanhava o alcançou. Tínhamos agora três canoas subindo o rio, com três corpos amarrados a elas. Enfileiramos os quatro corpos na areia, com os rostos voltados pra baixo. Nunca encontramos o quinto corpo, que era o de Ed McCully. Venci meu temor de tocar em cadáveres, pois um cadáver nada mais é que uma casa, e os companheiros haviam deixado suas casas; depois que a alma se vai, o corpo não é de muito valor. O que é belo para nós é a alma, não o corpo".

Os corpos foram identificados pelas alianças, relógios, bolsinha de moedas, cadernos. Ed não era um dos quatro, mas o resultado era definitivo: os cinco homens estavam mortos. Pela providência de Deus, o corpo desaparecido fora identificado pelos

Quíchua no dia anterior. Além de pegarem o relógio, eles tiraram um de seus sapatos (um sapato enorme — tamanho 45) e o jogaram na praia. Naquele mesmo dia, Nurnberg levou o sapato para Shell Mera.

Enquanto os corpos eram arrastados para a areia, uma violenta tempestade tropical estava se formando. Naquele momento o helicóptero se aproximou rapidamente. Cornell Capa, fotógrafo-correspondente enviado pela revista *Life*, saltou fora, câmera nas mãos, e correu pela praia. Então, a fúria da tempestade golpeou com violência, e os missionários sentiram como se os poderes da maldade estivessem à solta.

Capa mais tarde escreveu sobre sua aterrissagem e os eventos subsequentes:

"Pairamos sobre a floresta uns sessenta metros acima das árvores. O avião da Missão Naval sobrevoando logo acima não nos perdia de vista. De repente o sol desapareceu e fomos em direção a uma tempestade tropical. O piloto tinha uma expressão sombria e aterrissou imediatamente em Palm Beach.

"O ambiente na praia era bizarro. Todo mundo estava com o dedo no gatilho, olhando para a floresta. Não tive de perguntar o motivo. A chuva descia a cântaros; meu lenço não servia mais para secar as lentes da câmara. De repente, avistei um grupo de homens lutando para carregar o último dos missionários à vala comum. O corpo estava em uma maca improvisada, feita com folhas de zinco que serviram de telhado para a casa na árvore onde os homens haviam se abrigado.

"Era um cenário terrível. A luz era lúgubre. Os homens que carregavam o corpo se debatiam contra o barranco lamacento que levava à sepultura. Cheguei a tempo de ver as pernas inanimadas

desaparecerem na cova. Missionários tristes e exaustos deram o último adeus a seus amigos, a quem não conseguiam mais identificar. Alguém disse: 'É melhor assim. Sinto menos tristeza'. Ficaram ali mais um pouco, fazendo orações. O major Nurnberg, com a carabina em mãos e observando a floresta, voltou-se para o pequeno grupo de homens ao lado da sepultura e chamou: 'Vamos embora daqui!'.

"A chuva havia diminuído um pouco, o helicóptero estava pronto para decolar e era hora de tomar uma decisão. Eu poderia voltar com o piloto ou ficar com a equipe de resgate que caminharia à noite de volta para casa. Foi uma decisão fácil. Ir embora seria um engano. Entreguei ao piloto os filmes a serem revelados. O esforço dos vivos para continuarem vivendo tinha apenas começado.

"Por fim, fomos embora. As canoas estavam abarrotadas e, ao menor movimento, a água entrava pelos lados. Isso não será nem um pouco divertido, pensei com meus botões. O major Nurnberg ia à frente com sua carabina e, mesmo pelas costas, eu podia ver que ele tinha um olhar de mau. Nurnberg apoiou suas costas em Dee Short (um missionário ruivo, de pernas compridíssimas, em um barco bem pequeno) que se apoiou em mim, e eu me apoiei numa roda que recuperamos do avião danificado. Minhas costas doíam. Igual a uma galinha com seus pintinhos, eu tentava proteger da chuva meus rolos de filme e câmeras. Tudo em vão.

"O distanciômetro da câmera ficou embaçado num instante. Tive de arriscar o foco. Pouco depois o visor também embaçou. Então, eu simplesmente apontava a câmera e orava — igual a um missionário — para que a pontaria estivesse na direção certa.

"Entramos e saímos da canoa repetidamente... caminhando com água esguichando nas botas. Olhares ansiosos por todos os lados.

Desabotoei o coldre 45. Felizmente não havia sinais dos Auca. Foi assim por umas duas horas; então paramos para dormir.

"O major Nurnberg, o missionário Drown e o suboficial equatoriano escolheram uma clareira para armar o acampamento. O objetivo era que avistássemos os Auca antes que tivessem a chance de atirar suas lanças. Guardas ficaram de plantão em todo o perímetro e se revezavam a cada duas horas. Um dos missionários preparou o jantar. Construímos abrigos com as folhas de zinco que estávamos carregando; as paredes e assoalho eram de folhas de palmeiras. Um paraíso temporário.

"O missionário Don Johnson, sentado na escuridão do abrigo, cobriu o rosto com as mãos e orou. Agradeceu a Deus por tê-los ajudado a achar e enterrar os amigos. A seguir, com imensa ternura, relembrou as qualidades humildes e amáveis dos falecidos. Na escuridão da noite, com a luz da fogueira refletida em seu rosto, o piar dos pássaros e o rugir dos pumas cortando o ar, essa 'conversa' clara e aberta com Deus causou grande impacto emocional. Mais do que um lamento pelos amigos, Don testemunhava sua confiança na vontade de Deus. Quando ele terminou, somente o crepitar da fogueira repercutia pelo ar.

"Contudo, o sono fugiu de nós. Passamos a noite em total estado de alerta.

"O som das águas impetuosas do rio Curaray era constante. O ruído ocasional de uma árvore caindo mandava para o gatilho o dedo dos guardas apreensivos. Em intervalos regulares, as lanternas brilhavam, enquanto os guardas faziam suas rondas. A madrugada chegou lentamente e nossa apreensão aumentou, porque, segundo nos disseram, era neste momento que os Auca gostavam de atacar. Nossos guias indígenas se agitavam, especialmente ao ouvir o ruído contínuo de um puma. Os Auca são

famosos por sua imitação perfeita dos animais da floresta, e os guias tinham certeza de que nossos 'vizinhos' escondiam-se por todos os lados nas sombras da luz matinal. O major Nurnberg arrastou-se adiante e, com um estouro repentino de sua arma, silenciou o 'puma'.

"A refeição da manhã foi mingau de aveia e café. Depois de comermos, reunimos o equipamento e a marcha recomeçou. Meias secas ficaram molhadas novamente. Pés cansados se arrastavam. Os olhos atentos e os dedos ligeiros de Nurnberg e Drown vigiavam a retaguarda.

"Animação repentina: o helicóptero apareceu, sempre observado por seu 'irmão mais velho', o R-4D da Marinha. Num piscar de olhos, o século 20 surgiu no ermo da floresta. O helicóptero tinha ido me buscar... Ao partir, fiquei triste em deixar meus amigos, mas nem um pouco triste em sair daquele lugar".



No sábado de manhã, o capitão DeWitt, do Serviço de Resgate, perguntou a nós, as cinco viúvas:

— Gostariam de sobrevoar Palm Beach para ver a sepultura de seus maridos? Respondemos que, se não fosse dar muito trabalho, ficaríamos agradecidas. O R-4D da Marinha nos levou sobre a floresta, por onde o Curaray serpenteia igual a uma cobra marrom entre o verde onduloso. Ajoelhadas no avião, com o rosto pressionado contra a janela, vimos a faixa de areia branca onde o *Piper* ficava. Olive Fleming recitou os versículos que Deus havia colocado em seu coração naquela manhã: "Sabemos que, se esta nossa tenda, nossa casa terrena, for destruída, temos um edifício

da parte de Deus, uma casa eterna no céu, não feita por mãos humanas [...] *Foi Deus mesmo quem nos preparou para isso* [...] Portanto, estamos sempre confiantes, sabendo que, enquanto presentes no corpo, estamos ausentes do Senhor" (grifo nosso).

Enquanto o avião guinava para retornar, Margareth Saint falou: "Este é o cemiteriozinho mais bonito do mundo".



Marilou e Michael McCully



Betty e Valerie Elliot



Olive Fleming



Barbara e Jerry Youderian



Margareth e Philip Saint



Betty Elliot, acompanhada de mulheres e crianças da comunidade de Shandia, a caminho da escola. Atrás dela está a casa que Jim construiu.



Betty consola Eugenia, uma amiga Quíchua. Betty permaneceu em Shandia para dar continuidade ao trabalho que Jim havia começado três anos antes.



O jovem Venancio, um Quíchua convertido em Shandia, prega, ali mesmo, no domingo depois da morte de Jim. O rapaz foi um dos primeiros a fazer amizade com Jim e Pete, e depois foi professor auxiliar na escola de Shandia.



Dayuma, a moça Auca que ensinou a Jim Elliot o vocabulário para a Operação Auca, ajudou Rachel Saint a preparar uma lista de palavras-chave da tribo. A lista ajudaria futuros missionários a propagar o evangelho a essa tribo selvagem.

CAPÍTULO 19

“Todavia, não nos esquecemos de ti”



Dois dias depois, nós, as viúvas — já estávamos nos adaptando ao uso do termo —, sentamos à mesa da cozinha em Shell Mera para ouvir o doutor Art Johnston contar sobre como os corpos foram encontrados. Quando ele hesitava, insistíamos para que nos contasse todos os detalhes.

Era evidente que a morte fora causada por ferimentos de lanças. Mas como dez Auca conseguiram vencer cinco homens fortes armados com revólveres? Repetíamos a pergunta a nós mesmas. Emboscada — essa era a única resposta possível. De alguma forma, os Auca devem ter convencido os missionários que estavam ali em paz. Nate havia garantido a Margareth que nunca deixariam que os Auca armados com lanças se aproximassem deles. Talvez a “comissão de dez”, mencionada por Nate, nada mais fosse que uma isca. Se esse grupo estivesse com lanças nas mãos, certamente Nate teria contado, e os colegas não ficariam tão animados com a chegada deles. Essa turma deve ter se aproximado tranquilamente pela praia enquanto outro grupo, carregando lanças, se esgueirava pela floresta pronto para atacar.

É bem possível que os missionários e o grupo desarmado dos Auca estivessem se conhecendo, como na sexta-feira anterior, por meio de palavras e gestos amistosos. E, então, a um sinal combinado...

Havia sinais de luta na areia — marcas da sola dos sapatos de couro de Ed; um buraco de bala no parabrisa do avião. No entanto, não havia sangue. Se algum Auca fora machucado, não deixou sinal nenhum. Será que os missionários, evitando atirar nos indígenas, correram para o rio? Havia uma lança enfiada no fundo do rio junto ao corpo de Jim Elliot. O fato de todos os corpos estarem na água talvez demonstre que os missionários tentaram desesperadamente mostrar aos Auca que só atirariam em último caso.

A condição do *Piper* revelou sinais de maldade. Pelo jeito um Auca furou o tecido do avião com uma lança, e, descobrindo sua vulnerabilidade, começou a depená-lo. Outros foram ajudar e pelaram o avião em pouco tempo, jogando os pedaços de tecido no rio. Mas alguém queria tirar de circulação, de uma vez por todas, esse pássaro carregador de gente. Partes da estrutura foram dobradas, e parte do equipamento de aterrissagem, feita de aço tubular, parecia ter sido amassada por um objeto muito pesado. Mas a hélice e o painel estavam intactos. Talvez tocar a "alma" da criatura fosse proibido; contudo rasgaram o estofamento dos assentos, como se estivessem desentranhando a besta voadora.

Por que, depois de mostrarem amizade na sexta-feira, os Auca se voltaram com ódio tão repentino e violento contra os visitantes brancos no domingo? Só podemos imaginar a resposta. Uma das pessoas mais qualificadas a se aventurar numa suposição é Frank Drown, cujo trabalho entre os Jivaro lhe deu perspicácia em relação à maneira de pensar dos indígenas. Ele explica: "Quando o indígena ouve ou vê algo pela primeira vez, ele aceita. Talvez aceite

como simples curiosidade natural, mas aceita. Contudo, depois de pensar um pouco sobre a novidade, começa a se sentir ameaçado, e é aí que ataca. Com muita disposição, um grupo de indígenas se reúne para discutir o novo objeto ou a nova maneira de fazer as coisas; todavia, os pajés, que são muito conservadores, certamente rejeitarão o que é novo. Eles exercem muita autoridade e, quando insistem com a tribo para que rejeite a novidade, dificilmente são contrariados.

"Como em qualquer cultura, os mais jovens buscam novas maneiras de vida, no entanto os mais velhos se agarram às tradições e mantêm as coisas como sempre foram. Além disso, a maioria dos indígenas duvida de qualquer coisa que o homem branco lhe ofereça, e é uma atitude compreensível. E não esqueçamos que, afinal, essa foi a primeira vez, segundo se sabe, que os Auca conheceram homens brancos que eram verdadeiramente amigos. Nossa esperança é que estejam avaliando isso neste exato momento".

Na cozinha, permanecemos em silêncio enquanto o relatório chegava ao fim, tocando os relógios e alianças que foram trazidos de volta, tentando pela centésima vez imaginar o cenário. Qual dos homens assistiu à morte dos outros quatro? Qual deles teve tempo para pensar na esposa e nos filhos? Será que um deles estava de guarda na casa na árvore e desceu para tentar salvar os colegas? Será que sofreram muito? As respostas continuam um mistério. Tudo o que sabemos é isto: "Pois quem quiser preservar sua vida, irá perdê-la; mas quem perder a vida por minha causa, este a preservará". Não existia dúvida nenhuma quanto à situação atual de nossos amados. Eles estavam "com Cristo".

Mais uma vez, palavras milenares do Livro dos Livros vieram à mente: "Tudo isso nos sobreveio. Todavia, não nos esquecemos

de ti [...] Nosso coração não voltou atrás, nem nossos passos se desviaram dos teus caminhos. Apesar disso, tu nos esmagaste onde habitam os chacais e nos cobriste de trevas profundas".

A tranquila confiança das mães ajudou os filhos a entender que não havia acontecido uma desgraça. Era o que Deus havia planejado. "Sei que meu papai está com Jesus, mas tenho saudade dele e queria que ele descesse para brincar comigo de vez em quando", disse o pequeno Stevie McCully, de apenas três anos. Algumas semanas depois, Matthew, irmãozinho de Stevie, nasceu nos Estados Unidos. Um dia, quando o bebê estava chorando, alguém ouviu Stevie lhe dizer: "Fique tranquilo; quando formos para o céu, eu mostro para você quem é o *nosso* papai". O preço foi alto demais?

Para as pessoas em geral, infelizmente cinco jovens perderam a vida. Mas Deus tinha seus planos e propósitos em todas as coisas. Muitas vidas foram transformadas pelo que aconteceu em Palm Beach. No Brasil, um grupo indígenas de um posto missionário no interior de Mato Grosso, ao ouvir a notícia, caiu ajoelhado, clamando que Deus lhes perdoasse o desinteresse por outros indígenas que não conheciam Jesus Cristo. De Roma, um oficial americano escreveu a uma das viúvas: "Conheci seu marido. Para mim ele era o retrato perfeito de um cristão". Um major da força aérea que estava posicionado em Londres e que tinha muitas horas de voo começou imediatamente a fazer planos para se unir à Missão Asas de Socorro. Um missionário na África escreveu: "Nosso trabalho nunca mais será o mesmo. Conhecíamos dois dos missionários. A vida deles marcou nossas vidas".

Próximo à costa da Itália, um oficial da marinha americana sofreu um acidente no mar. Enquanto boiava sozinho numa jangada, o homem se lembrou das palavras de Jim Elliot (que

foram citadas num jornal): “Quando a morte chegar, certifique-se de que tudo o que você tem para fazer é morrer”. O oficial orou para sair vivo dali, sabendo que precisava fazer mais do que apenas morrer. Não estava pronto para isso. Deus respondeu à sua oração, e ele foi resgatado. No estado americano de Iowa, um rapaz de 18 anos orou durante uma semana em seu quarto e depois anunciou a seus pais: “Entreguei minha vida completamente a Deus. Quero substituir um daqueles cinco homens”.

As cinco viúvas foram inundadas de cartas. De uma faculdade no Japão: “Estamos orando por vocês”; de crianças esquimós de uma classe de escola dominical no Alasca; de uma igreja chinesa no Texas; de um missionário no Rio Nilo que viu a foto de seu amigo Ed McCully na revista *Time*.

Somente a eternidade revelará o número de orações que subiram a Deus em favor das viúvas, de seus filhos e do trabalho no qual os cinco homens estavam engajados. As orações das viúvas são pelos Auca. Aguardamos o dia em que esses indígenas selvagens se unirão a nós em louvor a Cristo.

Imediatamente foram feitos planos para a continuidade do trabalho dos mártires. O posto de Arajuno foi equipado com pessoal pronto a lidar com os Auca, caso tentassem fazer contato amigável. Johnny Keenan recomeçou a entrega de presentes por avião, para que os Auca soubessem, sem nenhuma sombra de dúvida, que os motivos do homem branco eram totalmente amistosos. Vingança? O pensamento nunca passou pela cabeça das esposas nem pela cabeça de outros missionários.

Barbara Youderian retomou suas atividades entre os Jivaro, com dois filhos pequenos. Eu voltei para Shandia com Valerie,de dez meses, para realizar todo o trabalho que pudesse no posto Quíchua. Outro piloto, Hobey Lowrance, com sua família e um

novo avião, foi mandado para a base aérea em Shell Mera, enquanto Margareth Saint foi mandada para um novo posto em Quito. Marilou McCully, depois de ter dado à luz seu terceiro filho, nos Estados Unidos, algumas semanas depois da morte de seu esposo, retornou ao Equador com os meninos para trabalhar em Quito com Margareth. Para Olive Fleming, que havia passado somente dois meses na floresta quando seu marido morreu, a decisão quanto ao futuro era mais difícil. Mas, para ela, como para todas nós, uma coisa era certa: sua vida pertencia a Deus, como foi o caso de seu marido, e o Senhor lhe mostraria o caminho.

Nos meses seguintes à morte dos cinco homens, Rachel, irmã de Nate Saint, continuou o estudo do idioma Auca, trabalhando com Dayuma, pertencente a essa tribo. Muitos voos foram feitos sobre as casas dos Auca. O primeiro grupo de casas havia sido queimado, prática comum após uma matança, porém, não muito longe dali, os missionários descobriram novas casas, e presentes foram jogados do avião aos indígenas que esperavam lá embaixo. Quando Johnny sobrevoa o local,"George" aparece pulando e acenando com o aviãozinho que Nate lhe deu. Parece que "Dalila" está morando ali com ele. Pedaços de tecido amarelo vivo do avião de Nate enfeitam o telhado de algumas casas.

Pessoas do mundo inteiro oram diariamente para que "a luz do conhecimento da glória de Deus" chegue aos Auca, um povo praticamente desconhecido até então. Como isso pode ser feito? Deus, que enviou os cinco, enviará outros, em seu tempo e à sua maneira.

Entre os Quíchua com quem Jim, Ed e Pete trabalharam, vários entregaram a vida para a obra de Deus, para anunciarem o evangelho a seu próprio povo — ou até mesmo aos Auca. Eles estão continuando o trabalho que os missionários iniciaram,

falando de Cristo a seus familiares, estudando a Bíblia que lhes foi traduzida, viajando de canoa algumas vezes e atravessando caminhos barrentos para ensinar a mensagem de Deus a quem não a conhece.

Um indígena convertido, que era um beberrão famoso, aproximou-se de mim e disse: "Senhora, passo a noite acordado pensando em meu povo. 'Como vou alcançá-los? Como irão ouvir sobre Jesus?' Não posso falar a todos eles. Mas eles *precisam saber*. Oro a Deus e peço que ele me mostre o que fazer". Nas pequenas reuniões de oração, os indígenas nunca se esquecem de pedir que Deus abençoe seus inimigos: "Ó, Deus, o senhor sabe como os Auca mataram nossos queridos senhor Eduardo, senhor Jaime e senhor Pedro. Ó, Deus, o senhor sabe que fizeram isso porque não conhecem o senhor. Não sabiam que era um grande pecado. Eles não entendem por que o homem branco veio. Mande mais mensageiros e dê aos Auca corações amáveis, no lugar dos corações ferozes. Espete o coração deles, como se fosse com lança. Eles espetaram nossos amigos, mas o senhor pode espetá-los com sua palavra, para que ouçam e creiam".



Para as esposas e familiares dos cinco homens, o desejo silencioso de seus corações ecoava nas palavras encontradas no diário de Jim Elliot: "Fui à colina agora mesmo. É enaltecedor, delicioso ser abraçado pelas sombras de uma árvore amiga com o vento soprando em sua roupa e os céus saudando o seu coração, fitar e glorificar e entregar-se a Deus novamente — o que mais pode alguém querer? Oh, a plenitude, o prazer, a alegria pura de conhecer Deus na terra! Não me importo se nunca mais puder lhe

dirigir minha voz; amá-lo e agradá-lo será o bastante. Talvez em sua misericórdia Deus me conceda uma multidão de filhos para que os guie através de multidões de estrelas, acesas pela ponta dos dedos de Deus, para conhecerem suas belezas. Se isso não acontecer, gostaria apenas de contemplar seu rosto, tocar suas vestes e sorrir para ele — ah, então, nem as estrelas nem os filhos terão importância, somente ele.

"Oh, Jesus, Mestre e Centro e Fim de tudo, quando a Glória será tua, aquela que te espera por tanto tempo? Hoje os seres humanos não pensam em ti; naquele dia, porém, não haverá lugar para nenhum outro pensamento. Hoje os homens são louvados; mas, naquele dia, ninguém se preocupará com os méritos de ninguém. Vem, vem, Glória do Céu, pega tua coroa, conquista o teu Reino, cativa tuas criaturas".

EPÍLOGO I

Novembro de 1958



Quase três anos se passaram desde aquela tarde de domingo. Estou sentada em uma cabana de sapê no rio Tiwanu, poucos quilômetros ao sudoeste de "Palm Beach". Em outra casa de sapê, apenas três metros distantes, estão dois dos sete homens que mataram meu marido. Gikita, um deles, acabou de ajudar Valerie, de três anos e meio, a assar uma banana. Dois de seus filhos embrenharam-se na floresta, empunhando zarabatanas, habilmente construídas, em busca de carne para alimentar os quinze ou vinte Auca reunidos nesta clareira.

Como isso aconteceu? Somente o Deus que fez um machado flutuar, o Sol parar, em cujas mãos se encontra o fôlego de todas as coisas vivas — somente *esse* Deus, que é o *nosso* Deus para todo o sempre, poderia ter feito uma coisa dessas.

Depois da morte dos cinco missionários, os pilotos da Missão Asas de Socorro continuaram a entrega de presentes aos Auca. A atitude amistosa dos indígenas parecia não ter mudado, mas agora

sabíamos que isso não era, nunca, base para julgarmos suas atitudes.

Rachel Saint, irmã de Nate, o piloto, continua estudando pacientemente o idioma Auca com a ajuda de Dayuma, que veio a conhecer o Senhor Jesus e, juntamente com milhares de outras pessoas, orava para que a Luz brilhasse em sua tribo.

Em um dia do mês de novembro de 1957, eu estava no antigo posto dos McCully, em Arajuno, quando dois índios Quíchua do rio Curaray chegaram dizendo que havia duas mulheres Auca na casa deles. Segui os homens imediatamente e ali, no vilarejo Quíchua, onde a equipe de resgate havia passado a noite, conheci Mankamu e Mintaka. Mintaka era a mais velha das duas mulheres que tinham ido a "Palm Beach".

Mais tarde, as duas mulheres voltaram comigo para Shandia, e comecei a estudar o idioma Auca, orando constantemente para que Deus nos levasse a trabalhar com eles. A resposta veio primeiro por intermédio de uma promessa feita em Neemias 9.19,24: "Tu não os abandonaste no deserto por causa da tua grande compaixão. De dia, a coluna de nuvem não deixou de guiá-los pelo caminho, nem, de noite, a coluna de fogo deixou de iluminar o caminho em que deveriam andar [...] Os filhos deles entraram e possuíram a terra. Tu subjugaste diante deles os moradores da terra [...] os entregaste nas suas mãos".

Quando Rachel e Dayuma retornaram de uma visita aos Estados Unidos, fomos visitá-las, e as três mulheres Auca — que não se viam há mais de doze anos — planejaram retornar juntas à tribo. E foi o que fizeram em 3 de setembro de 1958. Depois de passarem três semanas lá, falando aos amigos sobre os estrangeiros bondosos a quem aprenderam a amar, as três voltaram para Arajuno onde eu e Margareth Saint esperávamos por

elas. Outros sete Auca vieram com as mulheres e fizeram um convite para que eu e Rachel fôssemos viver na tribo.

Assim, no dia 8 de outubro de 1958, chegamos entre os Auca. A entrada tão aguardada aconteceu. Os Auca foram gentis e prestativos; receberam-nos como irmãs, construíram nossas casas e compartilharam seu alimento e plantação de mandioca. Explicaram que a única razão de terem matado os missionários foi por acharem que eram canibais. Basicamente foi o medo que os levou a fazer o que agora consideravam um erro.

No entanto, sabemos que não foi por acaso. Deus realiza tudo de acordo com seus próprios desejos. Os verdadeiros motivos por trás dos acontecimentos do dia 8 de janeiro de 1956 foram muito maiores do que aqueles que envolveram os cinco rapazes e suas famílias ou essa pequena tribo de "selvagens" nus. Cartas recebidas de vários países descreviam o que Deus estava fazendo com centenas de homens e mulheres, por meio do exemplo de cinco jovens que acreditavam literalmente que "o mundo passa, bem como seus desejos; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre".

Assim, com essa porta aberta, pedimos que aqueles que nos ajudaram em oração continuem a orar. Gostaríamos de lembrar a todos que foi apenas uma *porta* que se abriu. Além dos mais ou menos cinquenta Auca que contatamos, existe um "grupo rio abaixo" que é inimigo feroz deles. Será que Deus nos levará a essa "cidade forte"?

"Tu és digno [...] porque foste morto, e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, língua, povo e nação".



A partir da esquerda: Steve, Matt e Mike McCully quando foram visitar a mãe em junho de 1980, em Seattle, onde Marilou trabalhou mais de 17 anos na administração de um hospital.



Jerry, filho de Barbara e Roger Youderian, é auditor de um banco na Califórnia.



Barbara Youderian com a filha, Beth Kachikis, e a neta, Helena Marie, em 1980.





Margareth Saint Van Der Puy, conhecida como "mãe Saint", ao lado de seu segundo marido, Abe Van Der Puy. Margareth foi missionária durante mais de trinta anos e é uma colaboradora valiosa de seu marido, que foi presidente da Rádio HCBJ.
Abaixo:Kathy Saint Drown e seu marido, Ross, com os filhos Brent e Daron. Eles trabalham com a Missão Asas de Socorro em Honduras. Ross é filho do missionário que liderou a equipe de resgate que encontrou os corpos dos cinco mártires.



Phil (à esquerda) e Steve Saint (à direita) são vizinhos no estado de americano de Minnesota. Karla, esposa de Phil com o primogênito, Karl (dois meses em agosto de 1981); Ginny, esposa de Steve, com Stephenie (1), Jesse (3), Jaime (4) e Shaun (6).



Olive Fleming Liefeld com sua família. A partir da esquerda, temos: a filha Beverly, o marido Walter, ex-professor de seminário, o filho David, Olive e a filha caçula, Holly. Olive é a mais jovem das viúvas de Palm Beach. Ela continua aceitando compromissos para falar sobre os incidentes e conversar com pessoas cujas vidas foram mudadas por causa deles.



Elisabeth Elliot Gren, com o marido, Lars, foi quem escreveu a história da qual participou há 25 anos. Lars é o terceiro marido de Elisabeth; o segundo marido, Addison Leitch, morreu de câncer. Lars é agente e empresário de Elisabeth e também administrador de empresa.



Valerie Elliot Shepard e família em dezembro de 1979: no colo dela, a filha Elisabeth; seu esposo, Walter Jr., com o filho Walter III. Walter Jr. é pastor.

EPÍLOGO II

Janeiro de 1996



Desta vez não estou numa choupana de sapê no rio Tiwanu, mas em uma casa pequena com grandes janelas de vidro e paredes de verdade, na costa rodeada de penhascos do estado de Massachusetts, bem acima do Oceano Atlântico.

Da escrivaninha, observo as águas quase brancas do mar refletindo um céu claríssimo, sem o horizonte a dividi-los. O sol de inverno deixa um rasto pálido e bruxuleante nas águas calmas onde dois barcos flutuam enquanto os pescadores de lagosta puxam suas cestas. Estamos bem distantes da floresta.

Embora a trilha da minha vida tenha feito curvas inimagináveis desde que escrevi este meu primeiro livro, nunca me foi permitido esquecer a história. Nunca iria desejar esquecê-la, porém, às vezes, imaginei se outros não gostariam. Talvez tenham se cansado de ouvi-la. Deveria continuar repetindo como tantas vezes me pedem para fazer? Conversei sobre minha dúvida com Corrie ten Boom que, já de bastante idade e incansável, viaja o mundo repetindo sua história, contando que sua família deu refúgio aos judeus na

Holanda durante a Segunda Guerra, sobre a traição sofrida, o encarceramento em campos de concentração e a consequente morte de sua irmã e de seu pai idoso.

— Algumas vezes — ela me respondeu — reclamei: "Senhor,tenho de falar algo diferente. Não posso ficar repetindo uma história antiga. Deus, porém, me respondeu: 'Essa é a história que dei a você. Então, conte essa história'". Assim, Corrie me incentivou a prosseguir contando a minha história.

Os leitores gostariam de saber o que aconteceu com os personagens deste livro. É muito fácil sobre as viúvas. Duas delas continuam no Equador. Margareth Saint se casou com Abe Van Der Puy, ex-diretor da Rádio HCJB em Quito. O casal tem seis filhos, incluindo os de seus casamentos anteriores, e uma multidão impressionante de netos. Barbara Youderian gerenciou uma casa para missionários visitantes da Missão Evangélica Unida antes de voltar para Orlando, Flórida. Ela tem dois filhos casados, Beth e Jerry. Marilou McCully aposentou-se como supervisora financeira de um hospital e mora em Bonney Lake, no estado de Washington. Seus filhos são casados — Steve é professor, Matt é jornalista esportivo e Mike, o do meio, viaja pelo país trabalhando com cavalos de corrida. Olive Fleming casou-se com Walter Liefeld, agora aposentado como diretor do Departamento de Novo Testamento do Seminário Trinity, no estado de Illinois. O casal tem três filhos: David, Beverly e Holly.

Rachel Saint morreu de câncer em novembro de 1994 e foi enterrada no vilarejo Waorani onde viveu durante muitos anos.

Meu terceiro marido (o segundo morreu de câncer) chama-se Lars Gren. Quando não está "gerenciando" minha vida, nossas viagens e venda de livros, Lars trabalha para uma fundação

particular. Minha filha, Valerie, é mãe de vários filhos. Seu marido, Walter D. Shepard Jr., é pastor.

É difícil não correr atrás de emoções. A publicidade que cercou a morte dos cinco missionários pareceu, às vezes, ter dado atenção excessiva àquele pequeno grupo, em detrimento (muitos disseram) de outros trabalhos missionários importantíssimos. Sem dúvida nenhuma, a tragédia despertou muitos para a existência de "lavouras" desconhecidas. Centenas de pessoas foram sacudidas pelo sacrifício de cinco homens ainda jovens para quem obedecer ao Senhor era, de modo bem literal, questão de vida ou morte.

Numa civilização onde, para conservar a virilidade (ou, quem sabe, até a personalidade), os homens têm de lutar boxe, fazer musculação, jogar futebol, correr, praticar rapel ou pairar numa asa delta, foi surpreendente perceber que existia algo tão forte e tão completo como o compromisso espiritual, e, talvez, até mais exigente do que o fanatismo do bom condicionamento físico. Foi um choque saber que alguém se *importava* tanto com alguma coisa, especialmente com algo invisível.

Em 8 de janeiro de 1996, eu e meu marido, Lars Gren, minha filha Valerie, seu marido, Walt, e o filho mais velho, Walter, estivemos com o povo Waorani. Steve Saint, piloto e filho do piloto Nate, e Ginny, sua esposa, nos receberam carinhosamente em sua casa na floresta junto ao rio Curaray. Sentamos em redes, e os Waorani se acotovelaram para nos ver, para rir e exclamar sobre o quanto eu ("Gikari") e Valerie ("Mangari") tínhamos envelhecido. Eles se esforçaram para pronunciar "Lars", "Walt" e Walter" e receberam os três com muita festa, poderosos apertos de mão e profundo interesse.

Juntos relembramos os anos de 1958-1960, época em que eu e a Valerie moramos ali. Minkayi e Kimo, dois dos índios que lancetaram os cinco missionários, conversaram sem parar, contando o que havia acontecido nas décadas em que estive ausente. Eles são crentes agora. O Novo Testamento foi traduzido para o idioma deles.

O nome "Auca" é uma palavra Quíchua que significa "nu" ou "selvagem", e não é mais usado. Waorani é como se chamam agora. A história desse povo na época da morte dos cinco missionários, e mais tarde, quando vivi entre eles, e durante todos os anos em que a tenho contado e refletido nela à luz da minha própria história subsequente, revela uma coisa: Deus é Deus. Se ele é Deus, merece minha adoração e meu serviço. Não encontro paz em nenhum lugar a não ser na vontade de Deus, e sua vontade está infinita, imensurável e indizivelmente acima de meus conceitos mais profundos do que ele intenciona fazer.

É nesse contexto que o evento tem de ser entendido — como um acontecimento na história da humanidade. Acontecimento importante de certa maneira e importante para algumas pessoas, mas apenas um acontecimento. Deus é o Deus da história humana e ele trabalha de modo contínuo e misterioso, realizando seus propósitos eternos em nós, por nós e apesar de nós.

Existe sempre a tendência de simplificar, de avaliar com interpretações que não podem jamais cobrir todos os detalhes nem sobreviver a uma inspeção apurada. Sabemos, por exemplo, que, na história da igreja cristã, o sangue dos mártires foi derramado muitas vezes. Assim, somos tentados a pressupor uma equação simples aqui. Cinco homens morreram. Isso significa que um número tal de Waorani se tornarão cristãos.

Talvez sim. Talvez não. Causa e efeitos estão nas mãos de Deus. Não faz parte da fé simplesmente deixar que eles descansem lá? Deus é Deus. Se eu exigir que ele aja de modo a satisfazer minha ideia de justiça, estarei destronando-o. Este é o mesmo espírito que provocou a frase: "Se és Filho de Deus, desce da cruz". Existe descrença, até mesmo rebelião, no comportamento que afirma: "Deus não tinha o direito de fazer isso com os cinco homens, a não ser...".

Há muito tempo, aqueles homens tinham se entregado, sem reserva nenhuma, à vontade de Deus. Até onde entendiam, seriam missionários comuns — Roger entre os Atshuara; Jim, Ed e Pete entre os Quíchua; Nate, com seu avião, deveria servir aos postos na selva. Mas coisas insignificantes acontecem (Nate descobriu casas Waorani desocupadas). Decisões simples foram tomadas (ele contou ao Jim e Ed) que levaram a decisões importantes (eles começaram a orar com vigor renovado para que uma porta se abrisse naquele território) e, por último, as escolhas de um indivíduo se tornaram importantíssimas. Missionários simples, comuns, com esposas e filhos a quem amavam profundamente, viram-se diante de uma decisão de vida e morte. Não estavam em busca de algo extraordinário a ser realizado, e muito menos atrás de fama. A necessidade dos Waorani simplesmente tornou-se imperativa.

Para as viúvas dos missionários, a razão pela qual homens que confiaram em Deus como escudo e defensor terem sido mortos por lanças indígenas não seria respondida de modo fácil nem conclusivo em 1956, nem silenciado em 1996. Deus também não respondeu às questões de Jó. Esse homem estava vivendo um mistério — o mistério do propósito soberano de Deus —, e as perguntas que surgiram das profundezas desse mistério só foram

respondidas por um mistério mais profundo, o do próprio Deus. De um redemoinho, o Senhor respondeu a Jó:

> *Quem é este que obscurece o conselho com palavras sem conhecimento?*
>
> *Agora prepara-te como homem; porque te perguntarei, e tu me responderás.*
>
> *Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra? Conta-me, se tens entendimento.*
>
> *Quem lhe fixou as medidas, se é que o sabes?*
>
> (Jó 38.2-4)

As perguntas sem respostas continuaram, sufocando o homem no monte de cinzas com provas do controle, origem, geração, legislação, autoridade e sabedoria de Deus. A única resposta de Jó foi que ele não tinha resposta nenhuma. "Que te responderia? Pelo contrário, tapo a boca com as mãos" (40.4).

Mais uma vez Deus mandou que ele se preparasse, se comportasse como homem e respondesse. "Tu me submeterás a juízo? Haverás de condenar-me para te justificar?" (v. 8).

Jó passou no teste. Ele reconheceu quem Deus é. Ele "se derreteu", intercedeu por seus amigos e Deus lhe restituiu mais do que possuía antes.

Acredito de todo o coração que a História de Deus tem um final feliz. Julian de Norwich escreveu: "Tudo ficará bem e tudo ficará bem e todas as coisas ficarão bem".

Mas não agora, não necessariamente agora. É preciso fé para se manter firme diante do grande fardo da experiência, que parece provar o contrário. O que Deus quis dizer com felicidade e bondade é muito mais elevado do que podemos imaginar. John Oman disse que "a crença verdadeira na Providência não pode ser tida como uma confiança instintiva de que Deus é bom ou como uma inferência natural de que ele é benevolente, mas apenas como

a última e mais alta vitória da fé que conquistou uma visão da bondade verdadeira e presente, que não é deste mundo, mesmo quando as coisas do mundo se tornam uma nova criação para que a visão se realize" (*Grace and Personality* [Graça e Personalidade] p. 126ss).

O massacre foi uma realidade difícil, anunciada mundialmente na época, e, de modo surpreendente, ainda é relembrado nos dias de hoje por muita gente. Foi interpretado de acordo com a fé ou falta de fé da pessoa — cheio ou vazio de significado. Um triunfo ou uma tragédia. Um exemplo de obediência corajosa ou um caso de tolice incompreensível. O início de um grande trabalho, uma demonstração do poder de Deus. Um primeiro ato infeliz que poderia levar a um belo e previsível terceiro ato no qual todos os enigmas seriam resolvidos. Deus vingaria a si mesmo, os Waorani se converteriam, e todos no sentiríamos bem sobre nossa fé. Relatórios de progresso foram recebidos com alegria e até se ouviu alguns "Ah! Viu só!". Mas o perigo jaz em nos agarrarmos às respostas imediatas e que tanto almejamos, como se elas comprovassem a justiça de Deus. O perigo também está em nos esquivarmos habilmente de outras consequências, algumas inevitáveis, algumas simples resultado de um trabalho malfeito.

Resumindo, na história Waorani, como em outras histórias, somos consolados desde que não examinemos muito de perto o acontecimento desgostoso. Com essa evasão, continuamos prontos a falar do trabalho como "nosso", a nos apropriarmos de qualquer coisa que traga sucesso e a negar todo fracasso.

A fé mais saudável busca um ponto de referência longe da experiência humana, a estrela-do-norte que marca o curso dos eventos humanos, não esquecendo aquele impenetrável mistério da interação da vontade de Deus com a do homem (p. ex., "[Jesus]

não realizou muitos milagres ali, por causa da incredulidade do povo"; "[Jesus] foi entregue pelo conselho determinado"; "firmaste os meus pés num lugar seguro").

Ao me lembrar dos cinco missionários, recordo-me da agonia de Pete em decidir se iria ou não se juntar aos outros naquele projeto; do entusiasmo de Ed, ainda que Marilou estivesse grávida de oito meses, de sua certeza inabalável de que tudo daria certo; da depressão do Roger e do sentimento profundo de fracasso como missionário; do extremo cuidado e determinação de Nate; da exuberância quase desatenta de Jim.

Lembro-me das tensões que surgiram entre os que ficaram para "juntar os pedaços" do trabalho que os cinco deixaram para trás. Houve desentendimento entre as agências missionárias sobre o papel de cada uma no esforço para alcançar os Waorani.

Penso em como, quando a Rachel e eu finalmente chegamos à clareira na floresta dos Waorani, descobrimos que ela e Dayuma estavam usando palavras que não eram bem entendidas na língua desses indígenas. Dayuma havia esquecido muito de seu idioma, e, sem querer, misturou Waorani com Quíchua, uma pitada de espanhol e certa entonação do inglês para garantir. Aos poucos percebi, estarrecida, que a abordagem da Rachel à tarefa linguística, sua interpretação do que os indígenas faziam e diziam e os relatórios que ela enviava eram quase sempre bem diferentes dos meus.

Lembro-me dos indígenas — quanta surpresa, quanta inconveniência, quanta desorientação, quanta mudança, quantas doenças de verdade (pólio, por exemplo) eles sofreram porque, finalmente, os missionários chegaram até eles! Os incrédulos enfatizam com escárnio esses fatos ruins, e nós os enfrentamos de imediato, temendo qualquer avaliação do trabalho que possa

levantar suspeita quanto a, pelo menos, o nível de nossa espiritualidade, quando não à validade de nossa fé.

No entanto, somos pecadores. E somos fanfarrões. Lembro-me de uma vez no instituto bíblico quando quase caí na risada no meio de uma oração. Depois de uma longa reunião na qual um aluno após outro confessava seus pecados, reais ou imaginários, nosso diretor, L. E. Maxwell, levantou-se e trovejou: "Ó, Senhor, liberta-nos de nosso triste, doce e fedorento eu!".

Não devemos depender de nosso nível espiritual. É só em Deus e nada menos do que em Deus que nos firmamos, pois a obra é de Deus e o chamado é de Deus e tudo é realizado por ele e para seus propósitos: o cenário todo, a confusão toda, o pacote todo — nossa coragem e nossa covardia, nosso amor e nosso egoísmo, nossas forças e nossa fraqueza. O Deus que conseguiu tomar um assassino igual a Moisés e um adúltero igual a Davi e um traidor igual a Pedro e transformá-los em seus servos é um Deus que também pode salvar indígenas selvagens, usando como seus instrumentos de paz um conglomerado de pecadores que às vezes parecem heróis e às vezes vilões, pois "temos [...] esse tesouro em vasos de barro, para que o poder extraordinário seja de Deus e não nosso" (2Co 4.7).

Nem sempre sabemos onde o horizonte se situa. Se não fosse pela bruxuleante luz no oceano branco, não saberíamos onde termina o céu e onde começa o mar. Aquele que lançou o fundamento da terra e traçou suas dimensões sabe onde as linhas são desenhadas. Ele oferece toda a claridade de que precisamos para confiar e obedecer.

Glossário



ARAJUNO. Uma base abandonada da Shell na floresta ao leste do Equador. O posto onde os McCully trabalhavam; também foi a base de onde a equipe de resgate partiu.

ATSHUARA. Grupo de indígenas Jivaro entre os quais Roger Youderian estabeleceu um posto remoto.

AUCA. Grupo indígena que habitava a floresta ao leste do país. É um termo Quíchua que significa “cruel”.

CURARAY. O rio onde os cinco missionários estabeleceram sua “cabeça de ponte”.

DAYUMA. Uma mulher Auca que havia fugido de sua tribo há muitos anos. Ela supriu as informações que Jim Elliot usou em seu contato inicial.

JIVARO. Grupo indígena que vive nas florestas ao sudeste do Equador conhecido por sua antiga prática de encolher a cabeça do adversário.[1]

MACUMA. Base dos Youderian. Um posto na floresta entre os Jivaro.

PUYUPUNGU. Posto remoto criado pelos Elliot; mais tarde, tornou-se a casa dos Fleming.

QUÍCHUA. Nome usado para vários grupos indígenas do Equador que foram conquistados pelos Incas. Também é a língua falada por esses povos agora (imposta pelos conquistadores). É a ortografia equatoriana de kechua, ou quechua. Neste livro, Quíchua se refere aos Quíchua das planícies — que vivem nas florestas ao leste, entre os quais Jim Elliot, Ed McCully e Pete Fleming trabalharam.

QUITO. Capital do Equador.

SHANDIA. O posto onde Peter Fleming e Jim Elliot trabalharam assim que se embrenharam na floresta. A família McCully morou ali por um tempo; mais tarde, os Elliot moraram lá sozinhos.

SHELL MERA. A base de operações de Asas de Socorro no Equador, à margem da floresta. De Quito, tem-se acesso por terra. Moradia da família Saint.

[1] O povo Jivaro, do Equador, tinha o hábito de fazer encolher a cabeça dos adversários em um ritual chamado *tsantsa*. A cerimônia durava cerca de sete dias e tinha por objetivo evitar a revanche do inimigo. Só os cabelos ficavam intactos, para preservar a força da alma do morto. Disponível em: http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/so-para-os-intimos. (N. do E.) ↩

SUGESTÕES DE LEITURA

Amor andou entre nós, O: Aprendendo a amar como Jesus

Paul Miller

Em nenhum lugar a vida de Jesus está mais visível do que em seu amor, um amor como o mundo jamais viu igual. Compassivo, sincero, poderoso, humilde e sacrificial — Jesus é a própria personificação do amor, o amor que andou entre nós. Um exemplo como o dele não é banal. Mas como ele amava? Como podemos aprender a amar como ele?

Nesta obra Paul Miller convida o leitor a conhecer Jesus mais de perto, a observar sua vida e seu amor à medida que se desenrolam nas narrativas dos Evangelhos. As narrativas de Mateus, Marcos, Lucas e João — juntamente com histórias da vida do próprio autor — nos encorajarão a imitar o modo como Jesus ama as pessoas.

Colocando a Bíblia em ação: Como tornar a Bíblia relevante para todas as línguas e culturas

Harriet Hill - Margaret Hill

"Ide, fazei discípulos de todas as nações" (Mt 28.18). Para isso é preciso comunicar o evangelho em várias línguas e culturas. Mas como viver a unidade em Cristo em meio a essa diversidade toda? A presente obra se propõe a responder justamente perguntas

desse tipo. Os capítulos iniciais ajudam a identificar as dificuldades mais comuns encontradas no envolvimento com as Escrituras. Depois, a obra passa a analisar as bases teológicas para o crescimento da igreja e o emprego da Bíblia em determinado idioma, cultura e língua.

Como evangelizar sua família

Randy Newman

Por que parece mais fácil compartilhar o evangelho com estranhos do que com sua família?

Muitos cristãos "apanham" quando o assunto é evangelismo. Muitas vezes não sabem agir com naturalidade ou sentem-se derrotados por não ter coragem de evangelizar, sobretudo os parentes e as pessoas mais próximas.

Neste livro a reflexão teológica se mescla à prática. Em cada capítulo o leitor descobrirá: preciosos insights extraídos das Escrituras; histórias de pessoas que foram surpreendidas com a graça de Deus; passos concretos que o ajudarão a levar o evangelho para sua família.

O autor conhece bem as complexidades e consequências dessa tarefa tão importante. Como judeu messiânico, Randy Newman já levou muitos membros de sua família a Cristo.

Completando as aflições de Cristo: O custo de levar o evangelho para as nações na vida de William Tyndale, Adoniran Judson e John Paton

John Piper

William Tyndale, Adoniram Judson e John Paton foram embaixadores fiéis que enfrentaram aflições momentâneas e a morte,diariamente, para que outros pudessem colher a eternidade no céu. Que sua fidelidade e sacrifício possam intensificar sua paixão por tornar o amor e o mérito de Cristo conhecidos entre as nações.

Contextualização missionária: Desafios, questões e diretrizes

BARBARA BURNS, ED.

O que acontece quando o evangelho levado a outras culturas vem "embalado" nos padrões culturais do próprio missionário? Como evitar, por exemplo, a imposição de terno e gravata a pessoas de culturas em que todos usam túnica e turbante? Devemos esperar ouvir acordes de piano no louvor de povos indígenas?

Para responder perguntas como estas a missionária Barbara Burns reuniu várias autoridades da missiologia atual, entre elas Bernadete da Silva, Bertil Ekström, Joed Venturini de Souza,Kevin Bradford, Michael Dawson, Ronaldo Lidório e Silas de Lima. Juntos elucidam a história da discussão em torno de contextualização, bem como suas bases bíblicas, os diálogos acadêmicos relacionados e exemplos práticos do campo missionário.

Cristo e cultura: Uma releitura

D. A. CARSON

Esta obra trata de um tema de suma importância — como os cristãos devem interagir com a cultura em que vivem. O autor faz uma releitura da tipologia clássica de H. Richard Niebuhr e mostra

que as cinco opções de como cristãos devem se relacionar com a cultura, propostas por Niebuhr, são reducionistas e, na pior das hipóteses, antibíblicas. Carson propõe uma solução unificadora. Lançando mão dos pontos decisivos do enredo bíblico, como a queda, o chamado de Abraão, a vinda do Messias, sua morte, ressurreição e segunda vinda e a dádiva do Espírito Santo, o autor argumenta que somente quando todas as categorias bíblicas são consideradas simultaneamente é possível contribuir para o entendimento correto da cosmovisão cristã e suas implicações na relação diária do cristão com a política, as artes, a educação, e todas as demais áreas da cultura.

Introdução à antropologia missionária

RONALDO LIDÓRIO

Esta é uma obra que trata do importantíssimo papel da antropologia no contexto de missões. Em um mundo globalizado, onde a convivência entre diferentes culturas e subculturas é cada vez mais próxima e comum, a antropologia tem se mostrado uma ferramenta indispensável para todos os envolvidos na grande tarefa que Jesus colocou em nossas mãos. Por isso, o autor procura mostrar como aplicar o conhecimento antropológico ao contexto de missões e evangelização. Também propõe metodologias que ajudarão o missionário ou evangelista a estudar e conhecer melhor o segmento social com o qual trabalham, seja ele urbano, rural ou tribal, em seu próprio contexto ou em outra cultura.

Legado da alegria soberana, O: A graça triunfante de Deus na vida de Agostinho, Lutero e Calvino

John Piper

Este livro, que fala de Agostinho, Lutero e Calvino, é um livro sobre a glória da graça onipotente de Deus, não somente porque é um tema unificador em suas obras, mas também porque essa graça triunfou sobre as imperfeições da vida desses homens.

Missão do povo de Deus, A: Uma teologia bíblica da missão da igreja

Christopher J. H. Wright

Nesse livro, Wright demonstra como o plano de Deus, visto de uma perspectiva mais abrangente, dirige os propósitos do povo de Deus, a Igreja.

O autor enfatiza o que o Antigo Testamento ensina aos cristãos sobre ser o povo de Deus. Ele trata também de questões relativas a eclesiologia e missiologia.

Um estudo bíblico primoroso sobre missões, ao mesmo tempo em que trata de questões práticas relacionadas ao ministério no mundo de hoje.

Publicado em coedição com Instituto Bíblico Betel Brasileiro.

Sorriso escondido de Deus, O: O fruto da aflição na vida de John Bunyan, William Cowper e David Brainerd

John piper

Nas vidas de John Bunyan, William Cowper e David Brainerd, encontramos a força de alma que não somente suporta tempos difíceis, mas honra a Deus em meio a eles. John Piper o convida a ler a história deles, conhecer suas vidas e ser encorajado pelo fato de que nenhum esforço e nenhum sofrimento no caminho da obediência cristã é em vão.